

MEMÓRIAS

GENERAL VIEIRA DA ROSA

PARTICIPAÇÃO
NA GUERRA
DO CONTESTADO



MEMÓRIAS

GENERAL

VIEIRA

DA ROSA

PARTICIPAÇÃO NA GUERRA DO CONTESTADO

SÉRIE MEMÓRIA VIVA DE SANTA CATARINA - VOLUME I

Florianópolis

2012

MEMÓRIAS GENERAL VIEIRA DA ROSA

Organização editorial: Augusto César Zeferino, Gunter Axt e Helen Crystine Corrêa Sanches

Transcrição: Camilla Kieling

Revisão: Renato Deitos

Capa e editoração eletrônica: Comunicação Social do MP/SC

Foto da capa: General José Vieira da Rosa, acervo IHGSC

Mapas: Mapoteca do IHGSC

Direitos dos originais: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Projeto gráfico e editoração: Coordenadoria de Comunicação Social

Impressão: RB Digital Eirele

Tiragem: 1600 exemplares

M487 Memórias : General Vieira da Rosa : participação na Guerra do Contestado / [organização editorial Augusto César Zeferino, Gunter Axt, Helen Crystine Corrêa Sanches]. -- Florianópolis : MPSC, 2012. 219 p. -- (Memória Viva de Santa Catarina ; 1)

1. Santa Catarina – História. 2. Campanha do Contestado (1912-1916) - Memórias. I. Rosa, José Vieira da, 1869-1957. II. Zeferino, Augusto César. III. Axt, Gunter. IV. Sanches, Helen Crystine Corrêa. V. Série.

CDD 981.40

Catálogo Magda Daré CRB14/982

ISBN: 978-85-62615-05-4

MP SC
Estado de Santa Catarina
MINISTÉRIO PÚBLICO

Paço da Bocaiúva – R. Bocaiúva, 1.750
Centro – Florianópolis – SC
CEP 88015-904
(48) 3229.9194
memorial@mp.sc.gov.br
www.mp.sc.gov.br

ADMINISTRAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Procurador-Geral de Justiça

Lio Marcos Marin

Subprocurador-Geral de Justiça para Assuntos Administrativos

Antenor Chinato Ribeiro

Subprocurador-Geral de Justiça para Assuntos Jurídicos e Institucionais

José Galvani Alberton

Secretário-Geral do Ministério Público

Cid Luiz Ribeiro Schmitz

Assessoria do Procurador-Geral de Justiça

Walkyria Ruicir Danielski

Luciano Trierweiller Naschenweng

Abel Antunes de Mello

Fábio Strecker Schmitt

Havah Emília Piccinini de Araújo Mainhardt

Paulo Antonio Locatelli

Colégio de Procuradores de Justiça

Presidente: Lio Marcos Marin

Anselmo Agostinho da Silva

Paulo Antônio Günther

José Galvani Alberton

Robison Westphal

Odil José Cota

Paulo Roberto Speck

Raul Schaefer Filho

Pedro Sérgio Steil

José Eduardo Orofino da Luz Fontes

Humberto Francisco Scharf Vieira

Sérgio Antônio Rizelo

João Fernando Quagliarelli Borrelli

Hercília Regina Lemke

Mário Gemin

Gilberto Callado de Oliveira

Antenor Chinato Ribeiro

Narcísio Geraldino Rodrigues

Jacson Corrêa

Anselmo Jeronimo de Oliveira

Basílio Elias De Caro

Aurino Alves de Souza

Paulo Roberto de Carvalho Roberge

Tycho Brahe Fernandes

Guido Feuser

Plínio Cesar Moreira

Francisco Jose Fabiano

André Carvalho

Gladys Afonso

Paulo Ricardo da Silva

Vera Lúcia Ferreira Copetti

Lenir Roslindo Piffer

Paulo Cezar Ramos de Oliveira

Ricardo Francisco da Silveira

Gercino Gerson Gomes Neto

Francisco Bissoli Filho

Newton Henrique Trennepohl

Heloísa Crescenti Abdalla Freire

Fábio de Souza Trajano

Norival Acácio Engel

Carlos Eduardo Abreu Sá Fortes

Ivens José Thives de Carvalho

Walkyria Ruicir Danielski

Alexandre Herculano Abreu

Durval da Silva Amorim

Ernani Guetten de Almeida

Vânio Martins de Faria

Américo Bigaton

Eliana Volcato Nunes

Sandro José Neis

Mário Luiz de Melo - *Secretário*

Conselho Superior do Ministério Público

Membros Natos

Presidente: Lio Marcos Marin - *Procurador-Geral de Justiça*
Gladys Afonso - *Corregedora-Geral*

Representantes do Colégio de Procuradores

Humberto Francisco Scharf Vieira
Jacson Corrêa

Representantes da Primeira Instância

Pedro Sérgio Steil
Antenor Chinato Ribeiro
Narcísio Geraldino Rodrigues
Vera Lúcia Ferreira Copetti
Paulo Cezar Ramos de Oliveira
Secretário: Cid Luiz Ribeiro Schmitz

Corregedora-Geral do Ministério Público

Gladys Afonso

Subcorregedor-Geral

Newton Henrique Trennepohl

Promotora de Justiça Secretária da Corregedoria-Geral

Thais Cristina Scheffer

Promotores de Justiça Assessores do Corregedor-Geral

Amélia Regina da Silva
Rafael de Moraes Lima
Wilson Paulo Mendonça Neto
Alan Boettger

Coordenadoria de Recursos

Aurino Alves de Souza - Coordenador-Geral da área criminal
Fábio de Souza Trajano - Coordenador-Geral da área cível

Promotores Assessores do Coordenador de Recursos

Marcelo Gomes Silva
Gustavo Wiggers

Ouvidor

Guido Feuser

Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional

Helen Crystine Corrêa Sanches - Diretora

Centro de Apoio Operacional da Cidadania e Fundações

Caroline Moreira Suzin - Coordenadora

Centro de Apoio Operacional do Controle de Constitucionalidade

Walkyria Ruicir Danielski - Coordenadora-Geral
Maury Roberto Viviani - Coordenador

Centro de Apoio Operacional do Consumidor

Marcelo de Tarso Zanellato - Coordenador

Centro de Apoio Operacional Criminal

Onofre José Carvalho Agostini - Coordenador

Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude

Priscilla Linhares Albino - Coordenadora

Centro de Apoio Operacional de Informações e Pesquisas

Odil José Cota - Coordenador-Geral

Adalberto Exterkötter - Coordenador de Inteligência e Dados Estruturados

Alexandre Reynaldo de Oliveira Graziotin - Coordenador de Contraineligência e Segurança Institucional

Alexandre Reynaldo de Oliveira Graziotin - Coordenador do GAECO da Capital

Fabiano David Baldissarelli - Coordenador do GAECO de Chapecó

Marcelo Mengarda - Coordenador do GAECO de Joinville

Eduardo Paladino - Coordenador do GAECO de Criciúma

Joel Furtado Júnior - Coordenador do GAECO de Lages

Jean Michel Forest - Coordenador do GAECO de Itajaí

Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente

Júlio Fumo Fernandes - Coordenador

Centro de Apoio Operacional da Moralidade Administrativa

Vera Lúcia Ferreira Copetti - Coordenadora-Geral

Davi do Espírito Santo - Coordenador

Centro de Apoio Operacional da Ordem Tributária

Murilo Casemiro Mattos - Coordenador

DIRETORIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA (IHGSC): 2011 - 2013**Presidente**

Augusto César Zeferino

1º Vice-Presidente

Iza Vieira da Rosa Grisard

2º Vice-Presidente

Nereu do Vale Pereira

Secretário-Geral

Marly Ana Fortes Bustamante Mira

1º Secretário

Maura Soares

2º Secretário

Sara Regina Poyares dos Reis

1º Tesoureiro

Altair Wagner

2º Tesoureiro

José Isaac Pilati

Orador

Carlos Alberto Silveira Lenzi

Conselho Fiscal**Titulares:**

Gilberto Callado de Oliveira

José Carlos Pacheco

Max José Müller

Suplentes:

Maria Lúcia de Paula Hermann

Mário Belolli

Valberto Dirksen

SUMÁRIO

Apresentação	11
<i>Lio Marcos Marin</i>	
Palavra da Coordenação	13
<i>Helen Crystine Corrêa Sanches</i>	
Proêmio	17
<i>Augusto César Zeferino</i>	
Nota biográfica	23
<i>Paulo Gonçalves Weber Vieira da Rosa</i>	
Introdução	53
<i>Gunter Axt</i>	
Memórias revolucionárias - José Vieira da Rosa	69
Resumo histórico e memórias	71
A guerra dos fanáticos	104
A população sertaneja	108
Primeira fase	119

Segunda fase.....	131
O ataque de Taquaruçu.....	151
As revoluções	200
Em Florianópolis.....	216

APRESENTAÇÃO

A obra que o leitor segura em mãos é recheada de significados simbólicos que nos são muito caros. Com ela, o Memorial do Ministério Público de Santa Catarina consolida-se como um espaço de reflexão e de divulgação, não apenas da história do Ministério Público, mas também da essência identitária catarinense. Estando a proteção do patrimônio cultural dentre as atribuições do ente ministerial, mister se fazia que nos debruçássemos, com firmeza metodológica, sobre a nossa própria trajetória institucional, para que se pudesse efetivamente contribuir na sua sistematização. Mas também pareceu-nos pertinente irrigar um canal de comunicação com a comunidade, cujo foco repousa sobre o patrimônio histórico.

Não foi à toa que a Constituinte de 1988 comissionou o Ministério Público com tão importante atribuição. A salvaguarda do patrimônio histórico é também garantia de soberania de uma comunidade e de fortalecimento da cidadania. Isso porque o patrimônio preservado permite que as gerações hodiernas acessem modos, sentires e viveres do passado, assim compreendendo melhor a sua especificidade cultural num mundo em vertiginosa aceleração e cada vez mais padronizado pelas forças da globalização econômica. A correta preservação de marcos do passado, outrossim, não apenas faz convergir preciosos ensinamentos para ajudar a esclarecer dramáticos impasses da contemporaneidade, como ajuda a consolidar múltiplas narrativas. Esta polifonia é fundamental para o fortalecimento da democracia, sistema do qual o Ministério Público moderno emerge como guardião. De resto, cabe ainda sublinhar que a experiência de outras Nações, como os Estados Unidos e a França, evidencia

que o investimento em cultura, quando tecnicamente bem orientado, longe está de se constituir num pesado ônus para sociedades que encaram premências orçamentárias, as quais impõem a difícil opção por prioridades. Pelo contrário, este investimento retorna para a sociedade sob várias formas, desde a geração de renda e emprego – tendo na potente indústria do turismo cultural expressão contundente – até a ampliação dos horizontes conceituais de uma comunidade, contribuindo para o florescer da criatividade.

A nova série editorial que o Memorial do Ministério Público presentemente inaugura reflete tais estímulos. A sua realização foi possível graças ao convênio de cooperação que o Ministério Público de Santa Catarina assinou com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina em 25 de outubro de 2011, visando à mútua colaboração na confecção de obras de interesse historiográfico ou literário para a população de nosso estado, tais como documentos inéditos ou obras esgotadas. É, portanto, com grande alegria que chegamos ao lançamento deste livro.

Militar experimentado, sujeito de ação e sertanista calejado, o General José Vieira da Rosa, mais do que testemunha ocular da História, ajudou a forjá-la, e, por mais de uma vez, na ponta da baioneta. Homem erudito, versado em temas da alta cultura, mas também atento à sabedoria popular, senhor de um português escorreito, Vieira da Rosa afirma-se sem sombra de dúvidas como um observador privilegiado dos fatos do passado. Longe, porém, de configurar um endosso às ideias e interpretações professadas pelo General em suas memórias, cujo gênio impetuoso aflora a todo instante destas páginas, o que aqui se faz é enaltecer a emergência da diversidade de narrativas sobre um momento histórico tão absolutamente capital e tão profundamente determinante para o nosso futuro. Assim, o que aqui se divulga é uma versão, muito pessoal, dos fatos vividos. Mas uma versão que pode funcionar como um manancial para a consulta dos historiadores, artífices da nossa identidade. Uma narrativa saborosa e palpitante de grandes desafios e impasses do nosso passado comum. Um depoimento contundente, capaz de empolgar todos aqueles leitores atentos às lides da memória, independentemente das convicções de cada um.

Lio Marcos Marin

Procurador-Geral de Justiça

Ministério Público do Estado de Santa Catarina

PALAVRA DA COORDENAÇÃO

Com a publicação das Memórias do General Vieira da Rosa, o Memorial do Ministério Público de Santa Catarina chega ao seu segundo título, consolidando-se como projeto institucional para promoção da cultura, com foco no patrimônio histórico.

Os últimos meses têm sido profícuos para o Memorial. Paralelamente a toda a atividade de pesquisa que vem sendo executada – com ênfase para o Programa de História Oral, que já tem mais de trinta entrevistas coletadas, dez das quais publicadas; para o banco de dados dos membros inativos e para o banco de imagens –, trabalha-se com dedicação na interface com a comunidade.

Em julho de 2011, organizou-se no Auditório da Procuradoria-Geral de Justiça, em Florianópolis, o II Encontro Nacional dos Memoriais do Ministério Público e o I Seminário Ministério Público, Memória e Cidadania, com participantes de vários estados e instituições. Desse encontro resultou a Carta de Florianópolis, um protocolo de intenções e sugestões com vistas a estimular a organização de memoriais do Ministério Público em todo o Brasil, bem como contribuir na promoção de uma política comum para o setor. Pela sua importância, reproduzo-a em anexo ao final desta mensagem.

Em novembro do mesmo ano, o CEAF, o Memorial e o Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente do Ministério Público de Santa Catarina uniram-

se para constituir o Grupo de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural Catarinense, considerando a conveniência estratégica de direcionar para um grupo especializado a tarefa de fomentar medidas técnicas a serem empreendidas pelos órgãos de execução referentes às questões afetas à defesa do patrimônio. A iniciativa, além de contribuir na sistematização de informações acerca da questão, poderá colaborar para a integração de conhecimentos emanados de outras fontes, tais como entidades públicas ou privadas voltadas à defesa do patrimônio histórico e cultural catarinense, tendo por missão precípua o fortalecimento e a valorização de uma política ministerial para a matéria.

Concomitantemente, o Memorial passou a trabalhar, em parceria com outras instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, a Universidade Federal de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura, o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, dentre outras, na organização de um seminário em registro dos cem anos do chamado “Conflito do Contestado”. A escolha do tema não foi em vão. Trata-se de um evento histórico da mais alta relevância para a sociedade catarinense, com extraordinários desdobramentos políticos, econômicos e sociais ao longo do século XX. O desafio então é pensar o fenômeno do Contestado numa perspectiva científica e patrimonial, interiorizando o debate e, ao mesmo tempo, nacionalizando-o. Dentre as contribuições do Memorial do Ministério Público ao conjunto das atividades relacionadas ao Seminário está a edição do presente livro de memórias do General José Vieira da Rosa, a partir da sugestão do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Com esta edição, inaugura-se a série editorial Memória Viva de Santa Catarina, cujos conceitos foram delineados no Plano de Ação Estratégica que norteia tecnicamente as ações do Memorial desde a sua instalação. Repousando seu foco sobre a edição de fontes primárias, isto é, documentos de interesse cultural pouco conhecidos da historiografia, sobre obras de valor literário e historiográfico com edições esgotadas, ou sobre trabalhos historiográficos inéditos, a nova série pretende contribuir para aproximar os catarinenses de sua História e dos seus acervos, prestigiando as instituições empenhadas em sua guarda e conservação.

Homem de ação, militar experimentado, indianista pioneiro, geógrafo

precursor e desenhista de razoável talento, Vieira da Rosa foi espectador e artífice privilegiado da História, tomando parte ativa em muitos eventos importantes, com destaque, por certo, para a campanha do Contestado. Não nos cabe aqui celebrar ou rebater suas ideias, fruto muitas vezes de posições firmes e, não raro, polêmicas. Interessa-nos a valorização dos acervos documentais que cimentam a nossa identidade enquanto comunidade. Interessa-nos a salvaguarda do direito das gerações presentes e futuras de se debruçarem sobre o seu passado, encontrando o máximo possível de narrativas diversas, como a presente.

Helen Crystine Corrêa Sanches

*Promotora de Justiça - Coordenadora do CEAJ e do Memorial do
Ministério Público de Santa Catarina*

CARTA DE FLORIANÓPOLIS

Os dirigentes e servidores dos Memoriais dos Ministérios Públicos, reunidos nos dias 21 e 22 de julho de 2011, por ocasião do I Seminário Nacional Ministério Público, Memória e Cidadania e II Encontro Nacional de Memoriais dos Ministérios Públicos, no Auditório da Procuradoria-Geral de Justiça em Florianópolis (SC),

CONSIDERANDO que, há mais de dez anos, os Ministérios Públicos no Brasil vêm se mobilizando para garantir a implantação de seus Memoriais, reconhecendo a necessidade de sistematização da memória da Instituição e de reflexão sobre sua história e papel na sociedade brasileira contemporânea;

CONSIDERANDO a necessidade de estabelecer, no âmbito dos Ministérios Públicos, políticas internas de memória institucional, para a sistematização e preservação do seu acervo material e imaterial, contribuindo para consolidação da percepção identitária comum e para fortalecer a rede de solidariedade mútua entre seus Membros e Servidores, mediante a compreensão das lutas e dos desafios do passado;

CONSIDERANDO que a organização do acervo documental e imagético ajuda a preservar a memória da Instituição para as gerações futuras e traz benefícios imediatos, auxiliando na discussão interna sobre as visões estratégicas de desenvolvimento e na gestão da cultura organizacional;

CONSIDERANDO a atribuição do Ministério Público na defesa do patrimônio histórico e cultural e a necessidade de assessoramento especializado para identificação das especificidades teóricas e metodológicas próprias ao campo da gestão do patrimônio histórico, com ênfase na relação entre a sua gestão e o desenvolvimento econômico e social das comunidades;

CONSIDERANDO que o tratamento da memória institucional contribui para

transmitir à população, de maneira didática, o sentido das funções constitucionais da Instituição, transmitindo ao entorno social os valores e princípios éticos do Ministério Público, como o compromisso com a democracia e com a comunidade;

DEFENDEM e REAFIRMAM e necessidade de,

- estimular a divulgação e conscientização da função e da relevância dos Memoriais no âmbito interno dos Ministérios Públicos;
- conceber o Memorial como um espaço de reflexão crítica permanente acerca do Ministério Público, suas funções e objetivos institucionais;
- fomentar uma estratégia organizacional comum dentre os Ministérios Públicos quanto ao planejamento, gestão e preservação da memória institucional;
- contribuir na sistematização da história, refletindo criticamente sobre a identidade institucional do Ministério Público Brasileiro;
- impulsionar a compreensão do Memorial como instrumento auxiliar de visibilidade do Ministério Público em relação ao entorno comunitário, possibilitando o conhecimento da instituição pela sociedade, favorecendo a percepção social das diferentes formas de atuação do Ministério Público;
- promover o Memorial a partir de um plano de gestão que possibilite a sua permanência e continuidade, servindo como ferramenta útil ao planejamento estratégico institucional, com ênfase na gestão da cultura organizacional;
- conceber o Memorial em intercâmbio permanente com a gestão do acervo documental;
- estimular a criação do cargo de historiador no quadro funcional dos Ministérios Públicos, possibilitando o seu aproveitamento no planejamento e na gestão dos Memoriais, e assessoramento técnico aos demais órgãos da instituição;
- estimular a criação do cargo de arquivistas no quadro funcional dos Ministérios Públicos, auxiliando a gestão física e digital da documentação institucional;
- promover o intercâmbio do Memorial com os órgãos de preparação, aperfeiçoamento e apoio dos membros e servidores, com a inserção da história institucional do Ministério Público Brasileiro no conteúdo programático dos concursos de ingresso à carreira e quadros respectivos;
- estimular a pesquisa sobre a história do direito e do Ministério Público, incentivando a criação de banco de dados para consulta;
- prever a realização de Encontros Nacionais de Memoriais dos Ministérios Públicos, com periodicidade anual, para intercâmbio de experiências e busca de soluções visando à preservação da história institucional, com vistas à constituição de uma rede nacional permanente.

As propostas e sugestões serão encaminhadas às autoridades e aos órgãos competentes.

PROÊMIO

*TESTEMUNHA DA HISTÓRIA
a propósito da obra e do autor
General José Vieira da Rosa*

Como a instituição cultural e científica mais antiga do Estado de Santa Catarina, fundado que foi em 7 de setembro de 1896, o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - IHGSC tem envidado esforços no sentido de dar continuidade aos objetivos primeiros de seus fundadores, e para isso tem recebido significativo apoio, seja através do aporte financeiro do estado (SOL/FUNCULTURAL), seja através do trabalho voluntário de seus sócios e colaboradores, ou, ainda, através de convênios com outras instituições, levando ao otimismo quanto ao seu futuro.

A comemoração se justifica pelo esforço de sua Diretoria e de seus colaboradores, que, de maneira solícita e responsável, têm possibilitado ao Instituto cumprir um de seus papéis estatutários, o qual premia a transferência de seus resultados para a sociedade catarinense, mantenedora principal da Casa.

Em 2011, o IHGSC assinou convênio de cooperação com o Ministério Público de Santa Catarina, através do Memorial do MPSC, abrindo significativas

perspectivas para a Instituição em 2012, quando eventos e investimentos em seu acervo deverão ocorrer por conta do mesmo.

O convênio inaugurado entre as duas instituições reza, em sua Cláusula Segunda - Das finalidades: *A cooperação tem por finalidade a cessão comum de uso do acervo bibliográfico, historiográfico e fotográfico do IHGSC ao MPSC, visando à publicação de obras e produção documental conjunta, respeitados os direitos autorais, visando à futura distribuição à rede de escolas públicas e instituições ligadas à promoção cultural.*

Tal ato nos leva a crer no sucesso da parceria, pois neste momento já se inaugura a sua primeira concretude - o evento sobre o CONTESTADO e o lançamento da obra de autoria do General José Vieira da Rosa - um excepcional testemunho direto de participação na tão significativa Guerra do Contestado.

José Vieira da Rosa foi sócio efetivo do IHGSC (nº 053, desde 1902 até a sua morte, em 1957), com o qual cumpriu suas obrigações, mesmo estando alhures na maior parte do tempo por conta de suas atividades profissionais. O IHGSC, hoje, homenageia seu ilustre sócio com o prêmio "José Vieira da Rosa", de Geografia, dado aos autores de obras na área da geografia publicados sempre no ano anterior.

Sua produção maior - *Corografia de Santa Catarina* -, escrita quando ainda era alferes, é singular e um exemplo raro da produção intelectual sobre o nosso estado. Neste sentido, Arnaldo S. Thiago, ao escrever sobre a HISTÓRIA DA LITERATURA CATARINENSE (1955), diz: *notabilíssima foi a contribuição de Vieira da Rosa para exato conhecimento do seu estado natal e de outras regiões do país. Data de 1905 a importante obra de sua autoria COROGRAFIA DE SANTA CATARINA, quando ainda alferes. Apresentada ao Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em 1910, mereceu do Barão Homem de Melo conceituoso parecer em que se afirma ser a melhor obra sobre geografia escrita em português.*

Sua vida profissional foi dedicada às lides da carreira militar, pelo que é mais conhecido, e suas atividades intelectuais e de cientista eram exercidas sem prejuízo de suas funções militares! Fez, em 1893, a campanha contra os federalistas no sul do estado, e a do Contestado, de 1914 a 1918. Neste último evento foi aclamado paci-

ficador de Curitiba, Lajes e Campos Novos, prendendo os últimos jagunços chefiados por Adeodato. Em 1910, foi nomeado inspetor dos índios em Santa Catarina.

Foi incumbido pelo célebre General Dionísio Cerqueira de elaborar a carta itinerária de nosso estado, cuja comissão chefiou de 1909 a 1914, percorrendo todos os municípios no levantamento da carta.

Seu trabalho de fundo geográfico, pautado especialmente na realidade natural e humana de Santa Catarina, traz a marca dos grandes escritos, procurando sempre a perfeição do pensamento e dos resultados.

A visão científica que dá a seus escritos em *Corografia de Santa Catarina*, alcançando mais de 1.200 páginas em vários volumes, repletos de aquarelas ilustrativas da flora, da fauna e do ambiente construído, feitas pelo próprio autor, além das fotografias, o fazem responsável por um dos mais importantes e mais completos trabalhos dessa natureza já produzidos no Brasil. O renomado autor trabalhou com as ferramentas de então, e soube, mais do que qualquer outro que tenha se aventurado em propostas semelhantes, extrair da paisagem e da realidade humana um completo e profundo trabalho sobre a geografia de Santa Catarina.

O General José Vieira da Rosa nasceu e viveu num período marcado por movimentos científicos, econômicos e sociais que formaram a base para grandes transformações da sociedade humana no século XX, iniciando suas investidas no mundo da ciência em meio a um turbilhão de novas ideias e iniciativas.

A destacar, da parte da geografia, da qual foi estudioso e seguidor, temos a lembrar: a geografia passa, ao longo da história, por duas grandes gêneses, e a terra é estudada como objeto, forma, tempo, espaço de relacionamentos, fenômenos, processos e eventos.

A primeira gênese pega a Grécia dos séculos IV e V a.C., com Heródoto e Tucídides sendo seus inspiradores, tendo Sócrates como importante base filosófica.

Naquele momento ocorriam mudanças radicais na civilização grega, e para entender os “gregos” era preciso entender os outros. Essa procura por respostas levou os autores de então a estudarem outras terras, outros povos, e a geografia se colocou como importante base para tal iniciativa.

Heródoto chamava a atenção para o fato de a vitalidade camponesa/ artesã ser substituída pelo crescente prestígio da guerra.

Não era apenas raciocínio estratégico e nem produção de um conhecimento erudito sobre sociedade e natureza, mas uma autocrítica (Rússia, Ibéria e Egito já eram conhecidos). Isto é, buscava entender a crise da democracia ateniense pela indagação histórica. Análises comparativas, estudos de difusão de população e outros tantos nasceram ali, possibilitando aos gregos entenderem seu próprio mundo através do conhecimento de outras geografias.

A segunda gênese, conhecida como geografia moderna, tem início no século XIX, com os alemães.

A Alemanha é o palco de eventos excepcionais, e é ali que outras ciências também se manifestam com maior dose de sistematização (a setorização das ciências ocorre dos séculos XV a XVIII em relação ao conjunto dos conhecimentos humanos: política/Maquiavel, economia/Smith), e é ali que as relações entre os diversos agentes sociais da produção expõem suas mais significativas manifestações de conflito e questionamentos.

A geografia, repensada por Kant e Hegel, continua globalizadora, abrangendo campos que foram se setorizando (água, clima, economia, população etc.).

Humboldt, Ritter e Vidal de La Blache buscam a interdisciplinaridade, e essa busca acaba aprisionada (devido à composição social de suas lideranças), havendo aí uma preocupação com a totalidade e pela realização de estudos globais.

Humboldt e Ritter trabalham na tentativa de integrar natureza e sociedade (contributo da/à filosofia), tendo Kant e Hegel como baluartes pensadores, com uma visão ofensiva e geopolítica do mundo; a visão antropológico-cultural nutria o nacionalismo germânico, e a natureza era vista como potencial de recursos.

No Brasil, os pensamentos vindos do norte faziam escola, e o determinismo teve o seu espaço junto às instituições acadêmicas, científicas e também entre os militares. José Vieira da Rosa nasceu e viveu, também, em tempos

de determinismo. Como visto, o General atravessa um período de grandes iniciativas na ciência e na política, e suas ideias e ideais são forjados não somente pelo que a natureza física e humana oferecem, mas também pelo que a criatividade da mente humana produziu ao longo de sua história, em especial aquela surgida nos séculos em que José Vieira da Rosa nasce e se desenvolve como homem, como cidadão, como militar e como cientista.

E é nesse período que surge a grande obra científica de José Vieira da Rosa – *Corografia de Santa Catarina* –, embora outros trabalhos, na forma de artigos, ensaios e conferências tenham também sido produzidos.

Após sua morte, o mundo sofreu grandes transformações. Vem o fim da guerra fria e chega a globalização. Antigos inimigos tornam-se parceiros, e novos atores perturbam a paz mundial.

A geografia, como toda a ciência, parece não mais caber na cabeça de um só cientista de porte, como o foi José Vieira da Rosa, mas se reproduz em milhões de cabeças, e as informações não mais chegam em grossos volumes, mas através da internet, em trechos dispersos a serem emendados.

José Vieira da Rosa não compreenderia, por certo, que para escrever tantos volumes sobre Santa Catarina fosse necessária a contribuição de dezenas de pesquisadores e máquinas avançadas, pois sem tal aparato a ciência, hoje, já não mais pode caminhar.

Feliz o Estado de Santa Catarina e o Brasil, que tiveram a honra de contar com o valoroso trabalho de um militar e cientista que não mediu esforços para deixar invejável contribuição à terra que tanto amou.

A divulgação de seu escrito maior é um imperativo das instituições que primam pela ciência e pela cultura em nosso estado.

O General José Vieira da Rosa, a par de sua notoriedade como militar e de sua fascinante produção e prosa científicas, ainda esboçou, já no final da vida, um sonho de grande valor humano, típico dos sábios e daqueles que amam a vida na sua mais simples forma, intimamente entrelaçada com a natureza, e isso se encontra expresso em nota pessoal relativa à sua vontade de voltar a viver em Santa Catarina, na busca de uma nova geografia onde passar seus últimos anos.

Já provecto, escreveu o seguinte bilhete em 14 de dezembro de 1954:

“é possível, também, que me lembre de ficar em qualquer ponto do litoral catarinense, nos limites Pinheira-Armação da Piedade, por isso já me acho a indagar se é possível um aforamento da Praia do Leste; ou ilha das Companhas ou maciço Matadeiro, na ponta do Caraoatá. Também Naufragados até Caiacanga-açu não desagrada, como também o Pântano do Sul. Uma moradia bem isolada para um macróbio de 84 anos serve em qualquer ponto do costão, com uma hortazinha para cuidar. Há tantos pontos aceitáveis por aí afora que não lamentaria ficar um anacoreta com a vista do mar banzeiro como sói ser o que bate fragosamente nossos rochedos”.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em parceria com o Ministério Público de Santa Catarina, apresenta à sociedade catarinense o primeiro volume de uma série de outras publicações. Este, em especial, contempla parte do trabalho de um de seus mais ilustres filhos – José Vieira da Rosa, no qual dá seu testemunho vivo da Guerra do Contestado, o evento mais renomado e rememorado da história de Santa Catarina.

Florianópolis, março de 2012.

Augusto César Zeferino

Presidente

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC

JOSÉ VIEIRA DA ROSA

NOTA BIOGRÁFICA

Paulo Gonçalves Weber Vieira da Rosa¹

Lado paterno, em ordem direta

ANDRE VIEIRA DA ROSA, vindo da cidade de Horta, ilha do Fayal, Açores, para o Rio de Janeiro, com seu primo-irmão **Tomás Francisco da Costa**, pai do **Irmão Joaquim**, na primeira metade do século XVIII. Casou com **Ana de Souza Furtado**. Veio para Desterro e, enviuvando, casou com **Josepha da Silva** em 22/3/1768.

Manoel Vieira da Rosa, casado com **Mariana de Jesus**.

Francisco Vieira da Rosa, casado com **Maria Trindade**.

João Vieira da Rosa, casado com **Caetana Cândida da Conceição**, enviuvando, casou com **Anna Bernardina Ferreira de Mello**. Radicado em São José, SC, foi Chefe de Polícia e 1º presidente da Câmara Municipal de São José.

¹ Os conteúdos desta Nota Biográfica foram coligidos por Alice Vieira da Rosa Peluso, a partir dos arquivos de seu pai Paulo G. W. Vieira da Rosa. E os dados genealógicos tirados da "Carta Genealógica de Famílias Tradicionais de Santa Catarina, 1419-1986", de autoria de Iza Vieira da Rosa Grisard.

José Vieira da Rosa, casado com **Rita Flora Xavier de Oliveira Câmara**.

José Vieira da Rosa, casado com **Júlia Bárbara Weber**.

Lado materno, em ordem direta

O Morgado **Manoel Raposo da Câmara** saiu da ilha de São Miguel, nos Açores, para o Rio Grande do Norte (onde há forte ramo desse ilhéu). Isso deve ter se dado em fins do século XVII ou princípios do século XVIII, pois em 1719 já o Morgado fazia parte do Senado da Câmara de Natal. Casado com **Antonia da Silva**.

Vitorino Raposo da Câmara, casado com **Joana Maria de Jesus Monte**.

Antonio da Câmara, casado com **Anna Maria das Torres**

Joaquim José Câmara, casado com **Ana Maria de Oliveira**.

Francisco Xavier de Oliveira Câmara, casado com **Maria Benedita Cardoso**, tiveram 11 filhos, entre os quais:

Ana Ernestina Xavier de Oliveira Câmara, casada com **Antonio Luiz Ferreira de Mello** (bisavós de **Osvaldo** e **Ari Kardec Ferreira de Melo**).

João Pedro Xavier de Oliveira Câmara, casado com **Maria Emilia de Albuquerque**, fez a Guerra do Paraguai saindo capitão, e faleceu em 1922 como marechal do Exército, depois de ter sido chefe do Estado Maior do Exército.

Maria das Mercês Xavier de Oliveira Câmara, casada com **Francisco Tolentino Vieira de Souza**.

Rita Flora Xavier de Oliveira Câmara, casada com **José Vieira da Rosa** (este veio a falecer com apenas 36 anos, deixando sua esposa com um filho de cinco anos, uma filha de dois anos e grávida de outra.

Os filhos:

JOSÉ VIEIRA DA ROSA, CASADO COM **Júlia Bárbara Weber**

Rita Flora, casada com **João Tolentino de Souza**, e

Ana Maria.

JOSÉ VIEIRA DA ROSA nasceu em São José, Santa Catarina, em 1º de setembro de 1869. Perdeu o pai a 11 de março de 1875. Os primeiros anos, devido à pobreza, não foram fáceis, sem embargo da situação elevada da família, quer pelo lado Câmara, quer pelo lado dos Vieira da Rosa.

1887 – A 1º de fevereiro, assentou Praça na Companhia de Infantaria de Santa Catarina com destino ao 17º BI. A 25 de março, foi reconhecido cadete de 2ª classe por ter provado ser filho legítimo do Capitão da Guarda Nacional José Vieira da Rosa. A 18 de julho, apresentou-se ao 17º BI na cidade do Rio Grande, matriculando-se na Escola Regimental. Em setembro, foi transferido para o 13º BI em Porto Alegre, sendo incluído na 3ª Cia.

1888 – Matriculou-se na Escola Militar do Rio Grande do Sul. Em maio, foi mandado elogiar pela ordem do dia escolar por ter se comportado de modo digno no policiamento da Praça Pedro II.

1889 – A 12 de dezembro, foi nomeado sargenteante da 1ª Cia.

1891 – A 28 de maio, passou a empregado na Chefia Médica como Amanuense. A 30 de junho, foi transferido para o 25º BI.

1892 – Em 2 de fevereiro, seguiu para o Rio de Janeiro, a fim de se matricular na Escola Militar. A 20 de junho, passou a trabalhar na Secretaria do 5º Distrito Militar como coadjuvante.²

1893 – A 17 de julho, foi comissionado em alferes pelo Comando do 5º Distrito Militar, por ordem do Ministro da Guerra, sendo mandado nas forças da guarnição da fronteira do Estado de Santa Catarina.

A 29 de agosto, apresentou-se ao contingente do 22º BI, sob o comando do Capitão José Bonifácio de Andrade Vandeli, estacionado em Pedras Grandes. Perambulou pelo sul do estado à luta com os federalistas, de quem, aliás, seu futuro sogro, **Jacob Weber**, era simpatizante.

Em novembro, ficou fazendo parte do 25º BI e assumiu o comando da 3ª Cia.

No dia 1º, achando-se acampado à margem esquerda do rio Mampituba,

² ADENDO de **José Vieira da Rosa** aos seus assentamentos militares: “Estive na Escola Militar do Ceará impelido pela política do Rio Grande porque o General Rego achou que nos salvaria de loucuras”.

marchou com destino à cidade de Tubarão; a 3, no Passo da Lagoinha. A 5, levantou acampamento e acampou a 6 na margem direita do rio Araranguá. Tomou parte nos combates de 6 e 7 na mesma margem; a 10, transpôs aquele rio e acampou, levantando acampamento a 12, atingindo, a 16, a cidade de Tubarão, onde acampou, seguindo daí para Laguna, repelindo em combates e marchas forçadas os revoltosos que os ocupavam. A 8 de dezembro, levantou o acampamento, dirigindo-se para Araranguá, cujo rio transpôs a 12; a 16, transpôs o rio Mampituba, indo acampar em Torres, de onde seguiu com a Divisão sob o comando do General Artur Oscar de Andrade Guimarães para Porto Alegre, onde acampou.

O Tenente Firmino Lopes Rego, Comandante da Guarnição da Fronteira, atestou *“que cumprindo um dever de justiça declara que de conformidade com a sua parte de combate que, durante o tempo que serviu sob seu comando, procedeu sempre com critério, atividade e valor nas diversas comissões e destacamentos que lhe foram confiados, para serviço e reconhecimento e vanguarda nas marchas, como construção de estiva e serviço de exploração e renovação de obstáculos nas camisolas (vertentes) e passagens de picadas e rios, serviço este que também lhe foi confiado nas marchas de retirada, cobrindo a retaguarda, desempenhando-se de modo louvável, com incansável zelo e previdência. No combate de 6 e 7 de novembro em Araranguá, entre as forças da Divisão e os revoltosos e a guarnição do vapor Itapemirim, armado de guerra, que bombardeou o acampamento da Divisão a forçar a passagem do rio, portou-se com inalterável calma, coragem e muita bravura, dirigindo de pé o fogo de sua companhia, exposto à fuzilaria e metralha inimigas, quando houve ordem para conservar-se deitado devido à proximidade do inimigo que varava as barrancas do rio; indo depois com sua companhia, pela mesma barranca, por ordem superior, em proteção à ala esquerda do Batalhão”*.

1894 – A 20 de janeiro, passou a comandar a 1ª Cia cumulativamente com o comando da 3ª Cia. Em 19 de março, foi nomeado para responder pelo cargo de Quartel Mestre. A 20, deixou o cargo por ter sido nomeado escriturário do Deputado de Quartel Mestre General da Divisão. A 7 de abril, suspendeu acampamento, e, a 13, acampou na Xarqueada. Passou a comandar a 4ª Cia.

Em 9 de maio, deixou o comando da 4ª Cia e embarcou com o Batalhão para a margem do Taquari; a 11, acampou no Passo da Seringa; a 12, regressou para a cidade de Porto Alegre. Serviu no 37º BI, 7º BI.

Em 23 de agosto, seguiu em diligência para a cidade de Laguna.

Em 16 de outubro, obteve dois meses de licença para tratar de negócios de seu particular interesse. Casou-se a 20 de outubro em Pedras Grandes com Julia Barbara Weber³.

A 31 de dezembro, recolheu-se ao Batalhão.

1895 – A 2 de janeiro, foi *“louvado pelo proceder correto que teve mantendo a disciplina no destacamento sob seu comando”*, e, a 20, seguiu para Nova Veneza em diligência.

Em 4 de setembro, nasceu a primeira filha – IRACEMA RITA CRISTINA, apelidada de LOLA, que veio a falecer em dezembro.

1896 – Em 24 de julho, foi nomeado agenciador de voluntários.

1897 – A 22 de janeiro, nasceu o segundo filho, JOSÉ, natimorto. A 8 de março, foi nomeado ajudante de ordens do General Inspetor dos Corpos do 5º Distrito Militar.

1898 – Em 10 de janeiro, nasceu seu filho PAULO.

Em março, apresentou-se ao 37º BI e assumiu o comando da 2ª Cia. Durante licenças, dedicou-se ao esporte da caça e foi acumulando conhecimento como mateiro e sertanista.

A 8 de novembro, foi submetido a inspeção de saúde por ter requerido matrícula na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo. Foi louvado pelo comandante do Batalhão pelo auxílio que lhe prestou por ocasião dos festejos do dia 15, nono aniversário da proclamação da República.

1899 – Em janeiro, conseguiu licença de 90 dias para acompanhar sua esposa, adoentada, que a conselho médico tinha que passar um tempo na serra. Seguiu com ela, seu filho PAULO e sua cunhada Carolina, permanecendo em Bom Jardim, que nesse tempo só tinha a casa de Antonio Cachoeira do Amaral, numa altitude de 1.500m. Permaneceu um mês e, para agradecer a hospedagem, tornou-se professor primário de três netos, filhos de Prudente

³ Filha de Jacob Weber e Cristina Schmit. Ele, nascido em Speyer, Alto Baviera, ela, de Kreuznach, Rhen. Ambos alemães.

Vieira e D. Maria dos Prazeres Vieira, filha de D. Anna do Amaral. Perto da casa havia um açude para dessedentar o gado, e por todos os lados pinhais enormes com enormes araucárias, que davam tábuas de 1,50m de largura, o que corresponde a um diâmetro de 1,80m para o pinheiro que a forneceu; era a mesa de jantar do proprietário, sempre ocupada por meia dúzia de viajeros que ali tinham hospedagem gratuita.

Para a viagem a Bom Jardim serviram-se da famigerada Serra do Oratório, célebre pelo nome que lhe deram, proveniente pela forma bizarra de suas rochas trapeanas; célebre pela subida feita pelo leite seco de uma cachoeira de uma inclinação superior a 20 graus e que só permite passagem até o meio-dia, quando, invariavelmente, no verão começam as fortes trovoadas estivais que tornam o caminho numa caudal intransponível. Voltaram pelo mesmo caminho. Na viagem, certa noite, passaram-na sem dormir, junto à margem esquerda do rio das Vacas, afluente do rio Oratório, num ranchinho. Mais tarde, souberam que a família que os hospedara no ranchinho era de um assassino e ladrão ser-rano, refugiado ali e morto no mesmo ano pela escolta volante dos fazendeiros.

A 6 de abril, apresentou-se pronto para o serviço ao 37º BI. Em 13, foi louvado pelo comandante do BI por haver contribuído na medida de suas forças para o lisonjeiro estado de disciplina, instrução, asseio, ordem e arranjo interno do BI, conforme notou aquela autoridade por ocasião da visita que fez.

Entrou em licença e seguiu para Pedras Grandes, aproveitando para varar matas e serras, caçando com seu amigo Hugo Hesse.

1900 – Ficou viajando entre Florianópolis e Pedras Grandes. Voltou com a família para Florianópolis, onde se apresentou ao 37º BI e foi nomeado agente do Conselho Econômico. Moraram à Rua Saldanha Marinho.

1901 – Entre idas e vindas entre Florianópolis e Pedras Grandes, continuou na função de agente do Conselho Econômico.

1902 – Continuando no 37º BI e nas licenças, foi duas vezes com a família para a região serrana e uma vez para a ilha de Anhatomirim.

Em setembro, foi com a família para Florianópolis por ter sido destacado para a Fortaleza de Santa Cruz, na ilha de Anhatomirim, onde a sanha de Moreira César fuzilou Luiz Caldeira de Andrade (filho de Maria Vieira da

Rosa, tia de JOSÉ VIEIRA DA ROSA), o Capitão Romualdo Barros (irmão de tia Naninha, mãe do Cardeal D. Jaime Câmara), o Barão de Batovi e muitos outros.

Nessa ilha iriam passar três anos.⁴

Em novembro, ao realizar suas experiências feitas com a carabina Mannlicher, foi elogiado.

1903 – Este ano passaram quase integralmente em Anhatomirim. Esta ilha é uma joia posta à barra do norte, a onze milhas da capital, junto ao continente; pequena, mas repleta de construções, possuía um quartel antigo, de paredes espessas e salas soturnas, com porões altíssimos pelo barranco do quartel. As defesas se abriam para a barra, num vasto triângulo com as antigas fortalezas de Ponta Grossa, na ilha de Santa Catarina, e, Ratones, da ilha do mesmo nome, englobando a área de entrada da barra; ali, em duas baterias superpostas, escancaravam suas bocas os velhos Armstrongs, os “vovôs” famosos da guerra de então. Atrás se erguiam os quartéis e as residências. Para o lado NL, em conjunto separado, duas casas: a do comandante e a de JOSÉ VIEIRA DA ROSA, esta aberta para a enseada; aquela, para a barra. Para a barra sul da enseada a costa tinha um declive mais suave; ainda no alto, atrás da massa coberta do cume e dos quartéis, ficavam os paióis, ao lado dos quais, numa furna do barranco, foram enterrados os fuzilados de 1893.

O fuzilamento se deu na parte sul da ilha, na parte baixa; somente muito mais tarde JOSÉ VIEIRA DA ROSA transladou-os para o “viveiro”, local improvisado e bento pelo Padre Topp.

Comandava a ilha o Capitão Luiz dos Reis Cabral Teive.

A 8 de julho, nascia sua filha ARACY (Ceci), e foi batizada em Florianópolis em 2 de outubro pelo Padre Topp.

Em 8 de outubro, JOSÉ VIEIRA DA ROSA era promovido a 1º tenente.

1904 – Passaram este ano em Anhatomirim. Um ano quedo e enevoado, sem personalidade.

Apenas duas notícias de mortes na família: Francisco Tolentino de Sou-

⁴ ADENDO de JOSÉ VIEIRA DA ROSA: “O meu destacamento durou três anos e, porque naquele tempo não havia lei de acumulações, eu era o homem dos sete instrumentos”.

za, tio de JOSÉ VIEIRA DA ROSA, em 14 de fevereiro. E morre de ferimentos recebidos num conflito o Alferes em Comissão Manuel Herculano da Câmara, primogênito de Joaquim Xavier de Oliveira Câmara, em 7 de setembro.

1905 – Em abril, foram para Florianópolis⁵, e foi louvado pelos serviços prestados na Fortaleza de Santa Cruz nos cargos de ajudante interino e de instrutor de infantaria.

Em julho, foi destacado novamente para a Fortaleza, voltando em setembro.

1906 – Estando no 3º Batalhão em 11 de março, foi desligado por ter obtido permissão para se matricular na Escola Militar de Porto Alegre. Embarcaram no mesmo dia num dos navios da Cruzeiro do Sul. Também fora tirar esse curso Carlos Trompowsky Taulois.

Por ordem do Exército, em novembro foi transferido para Corumbá, mas conservou-se na Escola Militar.

1907 – Permaneceu na Escola Militar.

1908 – Na mesma Escola Militar.

1909 – Terminado o curso com aproveitamento, em 8 de janeiro embarcou com a família para o Rio de Janeiro. Chegaram em plena Feira Nacional, que tornava feérica a Praia Vermelha. Tornou-se ajudante de ordens de seu tio JOÃO PEDRO XAVIER DA CÂMARA (irmão de sua mãe RITA FLORA), então Marechal Chefe do Estado Maior.

JOSÉ VIEIRA DA ROSA, porém, estava bem longe de ter nascido para as funções de ajudante de ordens, daí ter recebido com agrado a Chefia da “Carta Itinerante de Santa Catarina”. Em julho, voltaram para Florianópolis, que seria a base da Carta Itinerante.

1910 – JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi nomeado **Inspetor dos Índios em Santa Catarina**. Em junho, a Comissão da Carta Itinerante acampara nas Caldas da Imperatriz, indo todas as famílias dos oficiais passarem as férias de São João com a Comissão.⁶

5 ADENDO: “Passou-me pela cabeça a aquisição de uma espingarda de três canos Saint-Etienne, de 1.400 francos de custo. Minha esposa JULIA, sacrificando-se, deu-me de presente esta espingarda, até hoje está como chegou”.

6 ADENDO de PAULO, seu filho (então com 12 anos): “Gostava de ficar à fogueira espanta mosquito, ou-

1911 – Passava a maior parte do tempo metido no interior com a sua comissão nos trabalhos de levantamento; parte do ano, porém, passava-o a desenhar em Florianópolis a Carta do Estado. Pouca mas seleta a gente da Carta Itinerária: como oficiais – o Tenente Helvécio Besouchet, Telêmaco de Paula Rodrigues e Arquias Rômulo Colônia; o Sargento Neversino Mauricio Wanderley e quinze soldados, como os praças Zé Freire, Horácio e outros.

A 15 de abril, o General Chefe do GEM (Grande Estado Maior) agradecia a JOSÉ VIEIRA DA ROSA pelos serviços prestados: *“Acuso o recebimento de vosso officio de 1º do mês corrente acompanhado do recenseamento dos animais bovinos e cavallares do município de Curitiba, por vossa ordem. Fico inteirado do vosso próximo regresso para o interior do Estado, bem como da marcha que vai tendo o serviço ao vosso cargo. Os dados estatísticos constantes do citado recenseamento com as referências que sobre o assunto fazeis nos vossos officiais, inclusive o tocante aos recursos em veículos existentes no município de Blumenau, causaram-me ótima impressão e, agradecendo tão valiosas e úteis informações, congratulo-me convosco pelo franco progresso que aqueles dados assinalam, relativamente à indústria pecuária de vosso Estado natal. Assinado: Caetano de Faria”*.

1913 – Em setembro recebeu ordem e foi classificado no 14º RI, 40º BI e 3ª Cia, sendo considerado não apresentado, pois continuava na Carta Itinerante.

A esse tempo, já a Serra começava a arder. Sucedendo a João Maria, o bom monge, aparecera um José Maria que reunira os “povos” e pregara a guerra. José Maria veio a morrer em Irani, Paraná, no encontro em que também morreu o Capitão João Gualberto de Sá, Comandante da Força Policial do Paraná. A semente, porém, ficara.

1914 – Em princípios de janeiro, o 54º BI, aquartelado em Florianópolis e digno sucessor do 37º BI, embarcou para atravessar a baía, pois ainda não fora construída a ponte; tocava-se para Lajes e Curitiba a fim de

vindo as espantosas histórias da superstição cabocla e, naturalmente, ia dormir mal embalado pela série imensa de monstregos gerados pelo fetichismo sul-africano de mistura com o nosso bugre. Foi ali que conheci a longa corte das Yaras, Sacys, Caiporas e demais ícones da credence, afinal, tão lendários quanto só das folhinhas católicas. A festa junina, hoje morta pelo cinema, era uma festa tradicional e boa. A fogueira enorme lançava ao ar vulcões de cinza e brasas, pontilhando a noite imensa da boca do mato de um jato de poeira luminosa; havia, nas silhuetas que cercavam o fogo, algo de duende saltitante e vago. Os pinhões estalavam e tracejavam o ar de uma réstia de fumo, espocando sobre as silhuetas como foguetões. Os rojões serpeavam pelo chão, doidos e furiosos, como em busca de quem ferir. Derreado o andaime de lenha num jato enorme de fagulhas cintilantes, começava a queima da batata-doce e a busca das pratas ocultas por toda a parte, na relva, nos roletes de cana... Foi coisa que sempre invejei essa vida itinerante de meu pai, varando serras, vendo mundos, sempre dentro da natureza surpreendente, majestática em todos os seus detalhes, bela no suave e bela no terrível e, sobretudo, mais sã, menos perigosa e mais tranqüila”.

combater os jagunços catarinenses. Todo o povo tomou parte da partida, enchendo a Praia de Fora.

JOSÉ VIEIRA DA ROSA, então Chefe da Casa Itinerária, apresentou-se ao Tenente-Coronel Duarte de Aleluia Pires, Comandante do Destacamento; esse destacamento entrara em Curitiba a 18 de janeiro. A 20, tendo JOSÉ VIEIRA DA ROSA como assistente, partiram para o Campo do Espinilho, onde se reuniram a 6 de fevereiro para atacar Taquaruçu, onde os fanáticos haviam constituído o mais forte reduto. De Espinilho marcharam, passando por Botiazinho e daí em Campo dos Vicente para atacar Taquaruçu. Explorando com uma pequena força o terreno, JOSÉ VIEIRA DA ROSA encontrou uma esplêndida elevação escarpada que dominava o reduto a menos de um quilômetro do mesmo, tendo morto ali dois jagunços que haviam resistido tenazmente. No dia 8, deixando o acampamento sob a guarda do esquadrão do 14º RC, o Destacamento marchou para o ataque tendo na ponta da vanguarda JOSÉ VIEIRA DA ROSA. A marcha foi demorada pelo terreno que obrigava a colunas a alongamentos incríveis, tal modo eram estreitos os trilhos. No local reconhecido na véspera foi encontrada uma forte resistência da jagunçada que se achava no reduto. Tomando posição na elevação citada a Artilharia e a base de fogos das metralhadoras, às 12 horas e 10 minutos se iniciava o ataque. O combate continuou pelo dia todo, e à noite foi passada em estreito contato sob um aguaceiro impertinente. Na manhã de 9, JOSÉ VIEIRA DA ROSA, em companhia do Aspirante Isaltino de Pinho e de 15 praças, avançou para o reduto, tendo sido alvejado pelos fanáticos que por dentro da mata fugiam em debandada. Tinha caído Taquaruçu, onde o bombardeio ocasionara séria devastação. Longe, porém, estava de terminar a campanha, pois, senhores do terreno que conheciam a palmo, os fanáticos apenas haviam retraído para outras localidades, como Caraguatá. O fim só lhe seria dado quando fossem cercados e aniquilados sem fuga; isso, porém, demandaria muito mais forças do que aquele pequeno Destacamento. Em 9 de fevereiro, JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi *“elogiado por ter tomado parte em todos os combates que se deram com as forças em operações contra os fanáticos de Taquaruçu, pelo arrojo que deu prova nessas emergências, demonstrando valor que chegou a ser temeridade, com o maior desapego pela vida, sua conduta figurará na sua já brilhante fé de ofício, atestada, digo, como confirmação da bravura com que adquiriu as divisas do primeiro posto de oficial, atestado com rigorosa justiça pelo valoroso oficial que foi o falecido Marechal Firmino Lopes Rego”*.

A 12 desse mês, o General Chefe do GEM, em telegrama passado ao Comandante da expedição de Taquaruçu, por intermédio do General Inspetor da 15ª Região, felicitou o CAPITÃO JOSÉ VIEIRA DA ROSA por ser encarregado do serviço de exploração.

No Boletim do Exército 243 de 10 de julho de 1919 encontra-se a parte do combate do Coronel Aleluia no Espinilho, que diz: *“As maiores honras da jornada cabem particularmente ao CAPITÃO JOSÉ VIEIRA DA ROSA, meu assistente, e ao Aspirante Isaltino de Pinho, comandante das metralhadoras da primeira coluna. Aos dois foi confiado, de véspera, o reconhecimento para a marcha de aproximação, serviço em que se houveram de modo a provocar os maiores encômios deste comando, ratificados pela maior admiração de todos os oficiais e praças da coluna. Aos dois coube ainda a verificação na manhã de hoje, de haver sido evacuado durante a noite o reduto dos fanáticos, além do serviço de cada um durante o combate e especialmente do CAPITÃO JOSÉ VIEIRA DA ROSA, a quem foi confiado o serviço da ponta da Vanguarda. Louvei-os pelo arrojo que deram provas nessas emergências demonstrando valor que chegou a ser temeridade, com o maior desapego pela vida”*.

Na Serra catarinense o drama continuava; fugidos de Taquaruçu, os fanáticos formaram o reduto de Caraguatá, e a expedição do Coronel Aleluia para lá se dirigiu para reduzi-lo. Era um reduto assaz forte, tal modo habitado que se matavam diariamente trinta rezes. Reunidas no Caçador a mais elementos, substituído o Coronel Aleluia que dera parte de doente pelo Coronel José Capitulino Gameiro, a nova expedição descansou enquanto o ex-deputado federal Correia de Freitas procurava em vão chamar pacificamente à ordem os fanáticos. Fracassadas as tentativas de paz, ocupada Perdizes a 8, tendo saído de Caçador a 6, no dia 9 as duas colunas investiram o reduto atravessando o grande vassoural que cerca Perdizes. JOSÉ VIEIRA DA ROSA, com a secção do Aspirante Isaltino e uma força formada por diversos contingentes, protegia a Artilharia. O ataque foi ferocíssimo, mas Caraguatá não caiu, para grande emulação aos fanáticos e verdadeiro desastre para a expedição. Ficava mais uma vez constatado que seriam necessárias forças muito maiores para terminar a sangueira serrana. Houve, nessa luta, episódios de valor bem como a morte do bravo Belísio, de que escapou Edgar Facó pela sua esgrima de espada. O próprio posto de socorro foi atacado, sendo os médicos obrigados a combater em defesa dos feridos. Luta acesa, pois o inimigo não dava quartel, picando a facção como fizeram com Belísio, os “pés-redondos”, como eles chamavam os soldados da legalidade.

No dia 10 de março, JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi elogiado pela sua ação no combate de Caraguatá.

No dia 11, a expedição Gameiro alcançava a estação de Calmon na ferrovia São Paulo-Rio Grande, abandonando aos fanáticos o terreno da luta. Ali ia ser formada a nova expedição; entretantes, deixava-se liberdade de ação ao fanatismo, que, apesar das perdas que tivera, julgava-se mais forte do que nunca pela retirada legal. A lição de Canudos pouco valera às nossas autoridades.

Em 20 de julho, JOSÉ VIEIRA DA ROSA, que pertencia ao 40º BI, foi transferido no 54º BI e 1ª Cia. O BI tinha voltado a Florianópolis, de onde remontou à Serra em outubro. A 3 de outubro, marchou, indo acantonar em Palhoça; a 4, acampou em Águas Mornas; a 5, acantonou no rio do Cedro; a 6, acampou nas Navalhas; a 7, no Barracão; a 8, no Bom Retiro; a 9, nas Caneleiras; a 10, no rio Canoas; a 11, no rio Bonito; a 12, nos Índios, e, a 13, acantonou em Lajes às 10 horas.

No dia 2, foi dispensado temporariamente pelo Boletim da Inspetoria do Departamento da Guerra do lugar de Chefe da Carta Itinerária de Santa Catarina e mandado se recolher ao seu corpo.

Em 26 de setembro, os fanáticos realizaram o velho ideal de vingança, insuflados pelo oposicionista Henrique de Almeida e seus asseclas, e tranquilos pela inércia do governo federal que evacuara o terreno da luta quase completamente. Nesse mês, afinal, o governo tomava medidas mais reais, formando uma verdadeira Divisão em operações sob o comando de Setembrino de Carvalho. Em 13 de outubro, o 54º BI ocupa Lajes e, a 29 de novembro, entra em Curitiba, o 58º BI vindo pelo vale do rio Itajaí. O cerco estava se apertando em torno de Santa Maria e não tardaria o esmagamento da força principal dos fanáticos. A 13 de novembro, com a sua 1ª Cia, JOSÉ VIEIRA DA ROSA expulsou da região lajiana os fanáticos. Na ordem do dia 19, foi público ter sido pelo General Setembrino de Carvalho, Inspetor desta Região, elogiado JOSÉ VIEIRA DA ROSA pela iniciativa e bravura no ataque levado aos fanáticos no dia 17. Por Ordem Regional, JOSÉ VIEIRA DA ROSA assumiu a fiscalização do Batalhão, deixando o comando de sua 1ª Cia.

Na Ordem Regional de 12, foi pelo Major Otávio Valgas Neves, Comandante Interino do Batalhão, louvado e agradecido por ter no reconhecimento e

busca, sob sua competente direção, na Fazenda do conhecido bandoleiro Ramiro de Andrade, distante da cidade Lajes seis léguas, pelo resultado profícuo que alcançou no desempenho desta missão. Por outra Ordem Regimental de 17, JOSÉ VIEIRA DA ROSA assumiu o comando de sua Cia, deixando a fiscalização do Batalhão. A 31 de dezembro foi nomeado tesoureiro para o primeiro trimestre de 1915.

1915 – A 13 de março, JOSÉ VIEIRA DA ROSA conseguiu uma permissão para ir a Florianópolis e para lá seguiu, voltando ao BI a 25 e assumindo a fiscalização deste. A 4 de abril, deixou a fiscalização e seguiu no mesmo dia para a Serra do Corisco em cumprimento à ordem do General Comandante da Divisão Provisória em Operações, levando sua Cia. Recebeu ordem para permanecer em Curitiba e assumir o comando das Forças ali existentes. O reduto de Santa Maria havia caído; a fase agora era de limpeza, impedindo que os fanáticos novamente se reunissem e recomeçassem a luta. Coube a JOSÉ VIEIRA DA ROSA, pelo seu merecimento e seu reconhecimento do terreno e das gentes revoltadas, essa missão.

Por Decreto de 16 de abril, JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi classificado na Infantaria.

Pela Ordem Regional de 1º de junho e em determinação do Ministro da Guerra, em nome do Presidente da República, declarado que se achando terminadas as operações nos Estados de Santa Catarina e Paraná se congratulam com o Exército Nacional, por este fato, louvando-o pela bravura e abnegação de que deu provas. O General Setembrino de Carvalho, ao despedir-se das tropas que teve a honra de comandar, assim louvado: *“O Senhor Capitão José Vieira da Rosa no decurso desta campanha tem prestado valiosos recursos, quer de arma na mão procurando, perseguindo o inimigo para denodadamente derrotá-lo, quer harmonizando os elementos políticos discordantes em Campos Novos de que espera imensas vantagens para a consolidação do Contestado. Em vários encontros o Senhor Capitão José Vieira da Rosa tem provado sua rara coragem, atilamento, extraordinária atividade e proficiência que o distingue como um dos mais brilhantes oficiais de sua arma e o recomenda à estima de seus Chefes, as referências mais encomiásticas e aos postos mais elevados da hierarquia militar”*, conforme consta da Ordem de 15 de maio, findo do Comandante da Divisão.

A 8 de julho, JOSÉ VIEIRA DA ROSA obteve permissão e seguiu para Florianópolis; deu-a o Comandante da 6ª Região Militar. Nessa mesma data, a Ordem Regional publicou o elogio dado pelo Coronel Antonio Sebastião Basílio Pirro, ao deixar o Comando da Circunscrição e Destacamento das três Armas no Contestado.

A 7 de agosto, JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi nomeado para a Guarnição de Florianópolis.

Saindo da Guarnição de Florianópolis, ficou de outubro a dezembro em Curitiba no comando de sua Cia e de outras Forças Federais que ali havia.

1916 – Em 4 de janeiro, o Ministro da Guerra deu por ultimadas as operações e mandou recolher as unidades, deixando apenas alguns Destacamentos. A Circunscrição fica reduzida ao Paraná. Nesse mês, o Presidente da República mandou louvar JOSÉ VIEIRA DA ROSA *“pela sua especial dedicação, bravura e capacidade militar que demonstrou, batendo os últimos grupos de fanáticos, perseguindo-os e prendendo em grande número, de combinação com a força civil do Estado de Santa Catarina”*. O Coronel João Emídio Ramalho, Comandante da Circunscrição Militar do Paraná, elogiou JOSÉ VIEIRA DA ROSA *“por ser o comandante da Força do 54º BC que tomava a ofensiva contra os jagunços, fazendo raids proveitosos, sempre em contínuo movimento, numa zona ingrata, desprovida de recursos, empenhava-se em vários encontros com os fanáticos, dos quais saía todas as vezes vencedor com suas Forças”*.

Por sua vez o Coronel Antonio Pereira Leite da Silva, cumprindo o ordenado, mandou elogiar *“esse BC pelos relevantes serviços prestados durante a inglória luta nos sertões dos Estados de Santa Catarina e Paraná, elogiou JOSÉ VIEIRA DA ROSA pela bravura comprovada e boa orientação que tem dado provas nos diferentes serviços que lhe estavam afetos à espinhosa missão que lhe fora confiada”*.

Em 24 de fevereiro, JOSÉ VIEIRA DA ROSA apresentou-se com sua Cia por ter vindo de Curitiba.

Em março, mudou-se para a Rua Blumenau, 10-A, onde ele adquiriu de Manoel Pedro da Silva a casa em que moraram até 1930 e que foi vendida muitos anos mais tarde. (A rua é atualmente a Victor Konder e a casa teve como último morador Lecien Slowinsky.)

Em 20 de março, foi restabelecida, sob sua direção, a Carta Itinerária de Santa Catarina.

Foi assinado o convênio do Contestado, pondo fim à secular questão de limites entre Paraná e Santa Catarina.

Por Decreto de 4 de novembro, foi promovido a Major por merecimento. Continuava, porém, na Chefia da Carta Itinerária.

1917 – JOSÉ VIEIRA DA ROSA passou-o todo na Carta do Estado, sendo-lhe entregue missão de paz na região contestada, visto ter havido pruridos de revolta por parte de elementos catarinenses.

Em junho, foi transferido do 14º para o 15º/5º RI, embora isso fosse somente ao papel, pois continuava na Carta Itinerária de Santa Catarina.

Com vivo aborrecimento, JOSÉ VIEIRA DA ROSA terminou a Comissão da Carta Itinerária em outubro. Achava-se ainda na Chefia quando recebeu o comando do Setor de Curitiba, por terem se revoltado os que não queriam a entrega do Contestado ao Paraná. Felizmente, a coisa foi rápida e sem consequências maiores.

Em 15 de novembro, nasceu mais um filho – ALDO.

1918 – JOSÉ VIEIRA DA ROSA terminara os trabalhos da Comissão e tornara às lides quarteleiras no 5º RI. A 3 de março, assumiu a fiscalização do 5º RI para deixá-la a 11 e voltar para seu Batalhão. O RI tinha um Batalhão em Florianópolis, um em Itajaí e outro em Joinville.

A 13 de junho, assumiu novamente a Fiscalização do RI e, a 5 de agosto, deixou-a e foi louvado e agradecido pelo Tenente-Coronel Otavio Valgas Neves, Comandante do RI.

A 24, foi pelo Coronel Comandante do RI **louvado com especial menção**, por ter, a 21, no lugar denominado Carvoeiras, no exercício de dupla ação do 15º Batalhão, ao tema escolhido pelo General Luiz Barbedo, Comandante da 6ª Região Militar, e com assistência da mesma autoridade, manifestando-se aquela autoridade plenamente satisfeita pelas provas apresentadas, pelo esforço e o trabalho na instrução do pessoal de campo.

Em outubro, JOSÉ VIEIRA DA ROSA pegou a gripe espanhola e também toda sua família. Gripe que a tantos matou, mas na família todos escaparam, apesar do sofrimento.

1919 – A 1º de fevereiro, JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi transferido do 15º/5º RI para o 14º RI.

Em Boletim Regional de 24 de junho, o General Comandante da 6ª RM declarou que elogiava JOSÉ VIEIRA DA ROSA *“por ter sido encarregado de organizar a estatística militar de Santa Catarina, sem prejuízo de suas funções, e ter dado em tempo relativamente curto cumprimento à sua missão, compreendendo-lhe a importância e revelando competência no assunto e dedicação no serviço que lhe fora confiado”*.

1920 – A 11 de julho, JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi promovido ao posto de Tenente-Coronel por merecimento e foi excluído do 14º BC a 19. Assim elogia o Comandante: *“Despedindo-me deste excelente e brioso auxiliar de meu comando, cumpro o indeclinável dever de louvá-lo, agradecendo-lhe a coadjuvação que me prestou, com bem acentuada dedicação pela profissão, na delicada função de Fiscal, estimulando a instrução, zelando pela disciplina e contribuindo eficazmente para que se mantivessem sempre inalteráveis as boas relações de camaradagem, felizmente existente, entre todos os nossos camaradas desta Guarnição. Espírito culto, afeito ao trabalho útil, o Senhor Tenente-Coronel VIEIRA DA ROSA irá fatalmente aumentar o número dos bons chefes de Infantaria que marcham na vanguarda do nosso aperfeiçoamento militar. Assim me expressando, penso interpretar fielmente o sentir unânime dos oficiais desta Guarnição, que certamente me acompanharão nos votos que faço para que cada vez seja mais brilhante a carreira militar deste distinto companheiro”*.

Em Decreto de 12 de agosto, JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi classificado no 8º RI em Cruz Alta.

A 8 de setembro, JOSÉ VIEIRA DA ROSA foi desligado de Adido, ficando em trânsito para seguir seu destino, visto ter terminado a missão de que se achava incumbido conforme relatório apresentado sobre o mesmo assunto.

Em outubro, seguiu JOSÉ VIEIRA DA ROSA com toda sua família para Cruz Alta, exceto seu filho PAULO, que estava na Escola Militar em Realengo/RJ.

1921 – No Boletim Regional de 28 de junho, saiu o seguinte: “Anexo ao Boletim nº 181 veio publicada a conferência proferida pelo Comandante da Unidade do 8º RI, Tenente-Coronel JOSÉ VIEIRA DA ROSA”: *“Esse excelente trabalho constitui um documento de real valor para o estudioso que desejar conhecer de perto a intitulada Campanha do Contestado. Seu autor, testemunha presencial dos fatos da pequena guerra que nela se desenrolaram, figurando em destaque entre seus mais notáveis combatentes, narrou o que viu, singelamente, sem grandes surtos de retórica incompatíveis com a seriedade do assunto, preocupado apenas com o dizer a verdade, com louvável desassombro. (...) Em crítica severa e sã, estigmatiza as faltas de toda a ordem que se deram no desenrolar da referida campanha. Como a sua terra e sua gente, ao proferir sua magnífica conferência dizem textualmente: ‘Pode ser que me torne passível de castigo, por expender lealmente, se bem que com rudeza, opinião que talvez fira suscetibilidades. Este comando conhece de perto o perigo que há entre nós, em dizer-se a verdade, sem procurar dourar pilulas para que as engula a excessiva vaidade que nos caracteriza’. Penso que o Senhor Tenente-Coronel JOSÉ VIEIRA DA ROSA, dizendo-a serenamente, expondo-se com fria coragem, a todas as consequências, é digno de louvor pelo que, com toda a justiça, o louvo pelo seu trabalho, que não é transcrito neste Boletim pelo seu grande desenvolvimento. À disposição dos senhores oficiais desta Guarnição fica o mesmo no Gabinete da Brigada. Aqueles que os lerem só terão a ganhar, adquirindo noções verdadeiras sobre a Campanha em questão”*.

Já no Boletim de 30 de junho, havia o seguinte: *“Acompanhando seu ofício 454 de 7 do corrente, enviou o Senhor Tenente-Coronel JOSÉ VIEIRA DA ROSA, digno Comandante do 8º RI, a este Comando vários trabalhos executados por seus esforçados e estudiosos oficiais que dão excelente ideia do modo altamente proveitoso pelo qual está sendo ministrada a instrução teórica profissional, na referida Unidade, mais do que por espírito de justiça, por trivial equidade, hei por dever louvar aquele Chefe pela admirável capacidade de ação, poderosa iniciativa, extremado zelo pelo serviço, altruística dedicação, alevantado critério, com que vai exercendo suas elevadas funções honrosíssimas. Lutando com toda a sorte de dificuldades, tem sabido levá-las de vencida com pertinácia notória, não se deixando abater ante os mais sérios embaraços de ordem moral e material, que deploráveis circunstâncias de momento lhe têm acarretado, quase que durante todas as horas de todos os dias. Este Comando sente-se perfeitamente à vontade, ao dar publicidade a estes conceitos louvatórios, sem receio de ser taxado de exagerado por quem quer que seja. Fugindo à forma banal de louvores, chilras que valem muito menos que prisões honrosas, rendem este preito de homenagem ao verdadeiro*

mérito. Por ser de inteira justiça, autorizo o Senhor Tenente-Coronel JOSÉ VIEIRA DA ROSA a transmitir àqueles de seus comandados que de tal se tenham tornado dignos merecedores os louvores que devem caber”.

Apreciando o programa dos futuros exercícios e marchas do 8º RI, o Comandante da 5ª Brigada I (Santa Maria) declara em Boletim de 29 de outubro: *“Deste documento se verifica a alta capacidade de comando do muito digno e distinto Chefe do 8º RI, Unidade modelar do nosso glorioso Exército. Transcrevendo-o este Comando rende ao Senhor Tenente-Coronel JOSÉ VIEIRA DA ROSA justificável homenagem ao seu mérito de oficial notável pelo valor na guerra, pela inteligência, saber e largo espírito de iniciativa na paz. Cada vez mais tão ilustre camarada se impõe à minha admiração e alto apreço, o que folgo proclamar. Louvo-o, bem como aos insígnies auxiliares de sua obra, a quem, nominalmente, transmitirá este elogio. É de justiça destacar entre esses o Senhor 1º Tenente Jocelin Carlos Franco de Souza, que alia à sua competência sobradamente comprovada vastíssima abnegação e extraordinário patriotismo. As palavras comoventes de seu antigo Comandante atrás estampada devem figurar em sua fé de ofício, ao lado desta apagada referência ao nome de tão nobre soldado e impecável cidadão”.*

1922 – JOSÉ VIEIRA DA ROSA morava com sua família em Cruz Alta/RS, à Rua General Osório, entrada de gado, mas rua larga e bonita, embora sem calçamento. A casa era boa e pertencia ao Tenente Barnewitz.

As manobras de 22 com que se firmou a Missão Francesa, que desde 1920 vinha reformando o Exército, começaram em março, na região de Saican. O 8º RI era parte, tendo embarcado sob o comando de JOSÉ VIEIRA DA ROSA, para a Corte, indo acampar próximo às lagoas do Potreiro Grande. A 15, deixou o 8º RI e assumiu o comando da 5ª Brigada I e marchou para Barro Vermelho; a 23, marchou com a Brigada para Capela, onde acampou com o PC no cemitério. Depois, marchou para Pedro Américo e, a 28, para Encruzilhada, Umbu e Humaitá, ficando com o PC no Quartel da Carta. Em abril, embarcou com o 8º RI.

A 2 de maio, houve uma reclassificação geral na Infantaria, e JOSÉ VIEIRA DA ROSA permaneceu na fiscalização do 8º RI onde, aliás, não deveria ficar muito tempo.

A 15 de junho, foi transferido do 8º para o 9º RI, mas tinha entrado em férias desde o dia 11.

Dia 30 de junho, embarcava com sua família para a cidade do Rio Grande, sede do 9º RI.

Assumiu, a 2 de agosto, o comando da 6ª Brigada I, em que permaneceria até setembro. Morava, agora, no próprio quartel-general da antiga Guarnição.

Em dezembro, VIEIRA DA ROSA chamava seu filho PAULO ao Sul; algo se tramava por lá e ele queria seu filho ao lado. VIEIRA DA ROSA estava na sede da 6ª Brigada I, que comandava e que comandou até 1º de janeiro de 1923. O QG estava instalado no Quartel da Companhia Motorizada, do 9º RI, atrás do Colégio Militar, a antiga Escola Militar de Porto Alegre. Estava em plena febre revolucionária. Conspirava-se quase abertamente e um vento rebelde e quente corria as campinas. As notícias chegaram ao Rio e o Presidente Arthur Bernardes manobrava já com a oposição ao regime republicano no Rio Grande do Sul.

Borges de Medeiros, o Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, percebera o perigo e o quis conjurar pelo recuo logo materializado pela negativa de passes livres aos emissários da conspirata contra o Presidente da República. Com isso houve um longo recuo dos elementos militares borgistas, que eram quase todos os conspiradores gaúchos.

O fracasso do novo movimento dava por terminada a estada de VIEIRA DA ROSA, que rumou para Rio Grande, via Pelotas, não sem ter ido, com o General Cipriano Ferreira, Comandante da Região, a São Leopoldo verificar as obras do novo Quartel do 8º BC.

Em Pelotas, VIEIRA DA ROSA deu nota ao Coronel Cantalice do fracasso da conspiração e seguiu para Rio Grande.

No dia 30 de dezembro, Bernardes promovia VIEIRA DA ROSA a Coronel por merecimento.

1923 – No dia 13 de janeiro, VIEIRA DA ROSA foi classificado no 3º BC em Vila Velha, Espírito Santo e, no dia 23, chegava com todos os seus no Rio de Janeiro.

Por Decreto de 9 de fevereiro, VIEIRA DA ROSA foi reformado por contar mais de 40 anos de serviço. Foi reformado como General de Divisão Graduado, tendo os vencimentos de General de Brigada.

Ia, pois, retornar aos seus pagos, onde viveria sem grandes aborrecimentos, se os acontecimentos políticos não viessem perturbar o país.

Em abril, explodiu o movimento oposicionista no Rio Grande do Sul.

No dia 22 de abril, VIEIRA DA ROSA voltava a Florianópolis.

No dia 31 de julho, casavam sua filha ARACY (CECI) com seu primo JACY TOLENTINO DE SOUZA.

1924 – No dia 30 de junho, nasceu o primeiro neto de VIEIRA DA ROSA – João Pedro, filho de Aracy e Jacy.

Parte do grande motim da Armada levantou-se; o encouraçado *São Paulo*, que ante o fracasso e o inferno no bojo, rompe a barra rumo ao Sul sem a menor hostilidade dos outros vasos e fortalezas. A reação se dera no próprio gigante e lá se ia a mole de aço, mar afora. Em Santa Catarina VIEIRA DA ROSA aguardava que o gigante surgisse à barra e com seus canhões impusesse a entrega do governo à rebeldia. Manifestos já tinham sido impressos e o Estado Maior rebelde (Artur Livramento, Mustafá Guarany da Silva, Colombo Pires, Petrarcha Calado, José Arruda da Silva, Porfírio Gonçalves, Antonio Barbosa e outros) estava a postos. Mas a gigantesca nave levava um ferimento mortal; as duas facções se digladiaram até aportar em Montevidéu, onde entregaram o barco. O movimento em Florianópolis, base para incendiar o Contestado e alargar as possibilidades dos revolucionários em Catanduvás, falhou. VIEIRA DA ROSA deu ordem para que se queimassem os manifestos já obsoletos e se lançou a outra aventura.

Em novembro, no Sul, espocaram levantes em vários lugares. Luís Carlos Prestes levantou o Batalhão de Engenharia de Santo Ângelo; João Alberto, Osvaldo Cordeiro de Farias e Renato Tavares da Cunha Melo revoltaram seu Corpo de Artilharia em São Gabriel. Desde logo, porém, faltou generalização ao movimento, apesar das adesões de chefes civis de 1923, como Honório Lemos e outros.

Em Santa Catarina, depois do fracasso da intervenção do encouraçado *São Paulo*, VIEIRA DA ROSA entrou em ligação com elementos da coluna Rondon que atacava os rebeldes em Catanduvás, principalmente com o Coronel Artur Cantalice, Comandante do 9º BC.

O plano, mais do que viável, traria um reforço material e moral para os revolucionários, permitindo que os elementos ainda indecisos tomassem o partido que a sua simpatia indicava. VIEIRA DA ROSA deveria incendiar toda a Serra catarinense e se apossar do eixo São Paulo-Rio Grande, não só ameaçando a retaguarda de Rondon como ligando os rebeldes gaúchos aos seus companheiros paulistas e permitindo que os simpatizantes como Cantalice aderissem ao novo movimento.

No dia 10 de novembro, varando para o Estreito, VIEIRA DA ROSA, com seu pequeno Estado Maior, instalou-se num automóvel e rompeu Serra acima, para dar começo ao levante. O motorista, meio assustado da cumplicidade da viagem com aquele bloco revolucionário, apelou para o velho truque da pane e deixou-os em Ranço Queimado, voltando a Florianópolis atrás de uma fantástica peça. Na Capital, a fim de desfazer qualquer dúvida policial quanto à sua cumplicidade, denunciou o raide rebelde e suas intenções.

A nova do raide já alcançara a cidade serrana, e seu chefe político, Coronel Vidal Ramos, temeu a responsabilidade de um incêndio do altiplano e tudo tentou para evitá-lo.

O tempo perdido, de qualquer modo, já vinha prejudicando o levante. Àquela hora, já estavam todos alertados e o fator surpresa não mais existia para o motim. Se isso não impediria o levante, prejudicaria seu desenvolvimento.

Após o almoço, meteu-se a comitiva pela estrada de Curitiba, onde uma primeira força, quatrocentos civis armados, já aguardava a hora H do motim. Iam pelas 13 horas e 30 minutos desse fatídico dia 11 de novembro, pouco antes de Correia Pinto, quando o auto sofreu forte derrapagem contra o barranco, jogando fora todos os passageiros. VIEIRA DA ROSA, que viajava ao lado do motorista, com um mosquetão entre as pernas, foi vítima na primeira derrapagem de violenta contusão no rosto; a arma feriu gravemente o nariz e a boca e fê-lo desmaiar, tornando-o indefeso para a segunda fase do desastre. Foi assim, inerte, quase sem vida, jogado violentamente fora, fraturando o crânio. Seus companheiros, afora ligeiras contusões, nada sofreram, mas ficaram apalermados com o desfecho imprevisto da viagem e aterrorizados com o estado de seu chefe.

Enquanto VIEIRA DA ROSA ficou aos cuidados do Dr. Berger, seus companheiros foram aprisionados e levados a Florianópolis pelo Capitão Colônia;

de lá foram para a Ilha Rasa, não demorando sua liberdade. Colônia atingira Correia Pinto, onde ficara dois dias, regressando devido ao estado de VIEIRA DA ROSA, que dava segurança contra qualquer rebelde. Um só companheiro ficara à cabeceira de VIEIRA DA ROSA, logo depois auxiliado por seu irmão Leogildo; José Procópio não se arredou de perto de seu chefe senão quando ele foi transportado para o Hospital de Lajes, já acompanhado por sua esposa JULIA BÁRBARA e sua cunhada Margarida.

Fora do Hospital formara-se o arraial do medo. Uma Força Policial e outra do Exército – esta comandada pelo Tenente Pedro Sebastião Carpes – vigiavam atentamente o local. Temiam a fuga ou o rapto daquele homem que tinha o estopim serrano à mão, embora essa mão estivesse inerte pelo desastre. Esse Tenente tentava, por vezes, levar VIEIRA DA ROSA, na esperança de um merecimento excelente para sua promoção, não se pejando desse ardor que excedia os deveres de oficial. Outros também, inclusive parentes, afastaram-se, provavelmente com medo.

Para compensar essas fraquezas, a chusma de visitas foi grande. Não se temiam os serranos ante o sítio de tão dispareas forças militares; rompiam-no em busca de novas, com ofertas corajosas. Choveram os Aristides Ramos, José Procópio, Dr. Berger, Walter Hoeschel, dentista Rosa, Leogildo Melo e muitos outros.

Aquiles Galotti, então Tenente Médico, veio a mando do governo inspecionar VIEIRA DA ROSA e fê-lo com afeição e delicadeza.

No dia 30 de novembro, VIEIRA DA ROSA voltou a si da longa letargia. Foram dezoito benéficos dias que a sapiência da natureza mergulhou em inércia tão necessária à reação orgânica contra a infecção daquelas portas escancaradas das feridas. Muito havia que fazer, entretanto. Não conhecia quem fosse; ignorava tudo, que era casado, que tinha filhos, quem eram os que o cercavam. Mais forte que a amnésia rompia aquela muralha protetora uma ideia fixa que expressava nitidamente seu sentimento de dignidade: proclamava que não podia ser preso por oficial de patente inferior. Era a hierarquia militar saltando do subconsciente.

A presença de VIEIRA DA ROSA na Serra, mesmo naquele estado, era, pois, uma tremenda dor de cabeça para o governo, sempre temeroso de um

incêndio no altiplano. Não ignorava o prestígio dele demasiadamente atestado pela corrente inesgotável de visitas. A própria permanência era um símbolo de rebeldia, um impulso ao motim, uma esperança de levante; um chefe ousado e oportuno poderia alçar essa bandeira e iniciar o movimento que VIEIRA DA ROSA ia promover.

Com o auxílio de amigos, de sua esposa e sua cunhada, foi levado escondido para Florianópolis, saindo de madrugada. Porém, no dia 28 de dezembro, mal havia chegado, militares do 14º BC invadiram sua casa e brutalmente levaram-no para o Batalhão, como prisioneiro.

1925 – VIEIRA DA ROSA, no 14º BC, não era maltratado, mas os oficiais não eram amigos solícitos. Há, porém, a exceção do Olympio Mourão Filho, Tenente-Coronel. Carlos Taulois, que se reformara, pedira como um último serviço levar VIEIRA DA ROSA a Curitiba; mostrava assim, o quanto era amigo dele.

VIEIRA DA ROSA foi preso para Curitiba em 5 de janeiro, sendo recolhido ao 9º RAM, onde ficaria até novembro, quando foi solto. O Comandante da Região era o General João Nepomuceno Costa, parente longínquo de VIEIRA DA ROSA. Chegou a Curitiba às 16 horas e 30 minutos do dia 6 de janeiro. VIEIRA DA ROSA recusou o automóvel que o General Nepomuceno Costa mandara e atirou-se a pé para o Quartel do 9º RAM, onde foi muito bem recebido.

A 2 de fevereiro, sua esposa JULIA embarcou para Curitiba, ficando até 26 de março, quando retornou a Florianópolis.

Em maio, retornou a Curitiba. Por várias vezes morou no Quartel com seu esposo.

Em 10 de setembro, sua esposa JULIA foi para Florianópolis, não mais voltando a Curitiba.

A 10 de outubro, VIEIRA DA ROSA foi libertado, tendo Curitiba como mensagem. O tratamento foi sempre ótimo, e o contato, quer com os oficiais do 9º RAM, quer com os elementos civis, foi sempre cordial e, em alguns casos, mesmo afetuoso. Nepomuceno Costa, Comandante da Região, o Antero Taulois de Mesquita, seu irmão Tony (Antônio Taulois de Mesquita) e Capitão Mateus Percin de Carvalho foram dedicadíssimos.

VIEIRA DA ROSA no Estado Maior do 9º RAM, levado pelo temperamento ativo, começou a gravar armários e portas com penas velhas. Iniciava, assim, uma arte em que viria a ser exímio. Mais tarde, já solto, foi se exercitando nesse ramo artístico e passou a se dedicar com fervor. Outro gênero de trabalho que o ajudou a passar os dias de clausura foi o de escritor. A *Gazeta* de Curitiba quase que diariamente publicava seus artigos.

No dia 26 de novembro, foi-lhe dada completa liberdade com permissão de voltar ao lar. Nenhum processo.

No dia 4 de dezembro, voltou àquela casa da Rua Blumenau.

1930 – VIEIRA DA ROSA mudou-se para o Rio e seu filho ALDO ingressaria na carreira militar. Seu filho PAULO voltaria ao Exército.

Voltando mais tarde a Florianópolis, VIEIRA DA ROSA retornaria ao Rio, com sua família, no navio *Carl Hoepke*.

1932 – VIEIRA DA ROSA morava com sua família na Rua Maria Quitéria, em Ipanema. Em abril, os jornais noticiaram que VIEIRA DA ROSA seria indicado para interventor, mas talvez não fosse aceito por várias razões: “*a probidade de VIEIRA DA ROSA e a sua franqueza são defeitos assustadores para os políticos de ontem e hoje. Ademais, todos os chefes politiquieiros, tanto os velhos como os novos, sabiam que VIEIRA DA ROSA não era ‘montável’*”.

A 13 de outubro, VIEIRA DA ROSA obteve permissão para visitar seu filho PAULO (então Tenente) no navio *D. Pedro I*, preso por ter participado da Revolução de 3 de outubro. Seria exilado para Portugal, o que não aconteceu, pois a Revolução sagrou-se vitoriosa.

1935 – VIEIRA DA ROSA entrou para a Ação Integralista Brasileira. Sempre fora militar, autoritário e profundamente nacionalista, sem a menor concessão internacionalista. Era o partido que lhe servia, por parecer uma tropa bem mais coesa, disciplinada e forte que o Exército de então.

1937 – No dia 8 de março, VIEIRA DA ROSA telegrafou para seu filho PAULO, que já morava em Florianópolis e pertencia ao 14º BC, avisando que chegaria no *Itagiba*.

Profundamente honesto em seus objetivos e meios, VIEIRA DA ROSA era, sem embargo, um impulsivo. Não soube nunca guardar conveniências para apontar erros e falhas, proferindo ataques frontais que bem poderiam ficar guardados.

Com tal fama, tal irracionalidade e tal material explosivo como o Integralismo, cuja intolerância extremista já crescia sensivelmente, naturalmente muitos aborrecimentos apareceriam. Em Rio do Sul quase o matam. Em Florianópolis, rasgou boletins ofensivos ao Integralismo e por toda parte inflamou-se na propaganda que andou fazendo pelo interior do Estado, como membro destacado da Câmara dos Quarenta, Senado Interno da Ação Integralista Brasileira. Em Lajes, pintaram as paredes com alusões a pseudofuzilamentos de fanáticos do Contestado, obra que se diz do Aspirante Berengowsky, o que constituiu calúnia, pois embora explosivo VIEIRA DA ROSA era boníssimo.

No dia 26, VIEIRA DA ROSA seguiu para Itajaí com Luiz de Souza e Laércio Caldeira, dando início à campanha integralista.

No dia 31, VIEIRA DA ROSA seguiu para o Rio do Sul, com o Chefe Provincial do Integralismo, Othon da Gama D'Eça, para assistir à posse de Mateus Conceição na Prefeitura.

No dia 3 de abril, estava de volta.

No dia 28, voltou para o Rio, no mesmo navio, *Itagiba*.

No dia 17 de julho, chegam a Florianópolis no *Itagiba* VIEIRA DA ROSA e sua esposa JULIA. Inaugurou-se a nova sede da Ação Integralista Brasileira, no velho edifício dos Gama D'Eça.

Dia 27, Alfredo Barbosa Born foi a Brusque para secretariar VIEIRA DA ROSA na campanha que ia fazer.

No dia 4 de agosto, Gama D'Eça fez um ofício ao presidente da Assembleia Legislativa sobre boatos de ataque integralista à mesma, atribuindo à oposição a intriga. Todos, situação e oposição, aproveitaram para malhar o integralismo.

Nesse dia, quase à vista de VIEIRA DA ROSA, o Sargento Eucario de Almeida, da Polícia Militar, mata o Chefe Integralista de Jaraguá, Gruenwalddt.

Dia 19 de setembro. Nessa noite houve a convenção regional da Ação Integralista Brasileira, que escolheu os candidatos a senador e deputados: Heráclito Carneiro Ribeiro para senador; Othon Gama D'Eça, Antonio Dib Mussi, José Ferreira da Silva, José de Carvalho Ramos, Josino Rocha Loures e seu filho PAULO. A seu filho indicavam a Região Serrana. Com grande surpresa para os presentes, ao caber sua palavra, seu filho PAULO disse *“não crer que chegássemos à eleição, que amargos dias nos esperavam e que muitos desertariam talvez ao primeiro choque”*. Profecia excelente! José Ferreira da Silva tornou-se o primeiro prefeito nomeado por Nereu Ramos, mal deflagrado o Estado Novo!

No dia 27, VIEIRA DA ROSA e sua esposa JULIA embarcaram no *Itagiba* para o Rio.

No dia 30, começaram a correr boatos sobre a decretação do Estado de Guerra.

No dia 1º de outubro, o governo pede a renovação do Estado de Guerra, e o Congresso o deu por 138 contra 52. Era a grande arma de que precisava Getúlio Vargas.

No dia 7 de outubro, houve um grande conclave integralista no Rio.

Finalmente, o dia 1º de novembro raia com o Estado Novo, que se prolongaria até 29 de outubro de 1945, quando Getúlio foi deposto.

A 1º de dezembro, Getúlio, ainda com receio da massa integralista, oferecia a Pasta de Educação a Plínio Salgado, alegando que nela poderia continuar sua edificação nacionalista. Era evidente, e o futuro o provou, Getúlio aplicava seu conhecido golpe de aniquilamento, dando um lugar ao seu lado, onde diluiria lentamente o adversário. Nesse mesmo dia, aliás, era, por decreto, proibido o uso das insígnias partidárias. No dia 3, novo decreto proibia a existência de partidos políticos, vedado o uso de uniformes, impedida a permanência de militares em partidos e outras medidas que feriram profundamente a Ação Integralista Brasileira, a quem se visava particularmente, pois era a única força política organizada.

No dia 18, tentando fugir ao aniquilamento, a Ação Integralista Brasileira passou a ser um movimento puramente cultural com o título de Associação Brasileira de Cultura, mas isso não o salvou da morte.

1940 – O Coronel Jaguaribe de Matos, que fora a Florianópolis para o Congresso de Geografia, disse que este pedira ao governo federal para imprimir a Corografia que VIEIRA DA ROSA apresentou ao citado conclave.

1945 – Já com 76 anos, chefiou, a pedido do Marechal Rondon, a expedição ao Tapirapé, afluente do Araguaia, na zona do Roncador

1946 – A 3 de abril, seu filho PAULO recebeu um exemplar da *Revista de Engenharia* onde VIEIRA DA ROSA narra, sucintamente, a expedição ao Roncador.

1947 – VIEIRA DA ROSA teve 3.713 votos para Senador dados pelo Partido de Representação Popular. Não se elegeu.

1951 – Viúvo, VIEIRA DA ROSA em abril escreveu a Jacob Villain pedindo uma casa até 70 contos em S. José, mas acabou permanecendo no Rio.

1952 – A 10 de abril, chegou a Florianópolis, pelo *Yaraporanga* da Cruzeiro do Sul, para conhecer o neto e batizá-lo.

Dia 12 de abril, VIEIRA DA ROSA esteve na cidade conversando com muita gente que o festejou. O Governador mandou o Tenente Piraguay Tavares visitá-lo.

A 27 de abril, VIEIRA DA ROSA decidiu ir embora. Longe das suas distrações entocadas na garagem, onde lê, escreve, desenha, pinta, grava e faz ginástica, sente-se já farto de Florianópolis.

Carta enviada por B. Braz, referindo-se a JOSÉ VIEIRA DA ROSA nesta viagem:

Trechos de uma carta enviada ao filho, nora e netos, em 1952:

“Eu falei em exceção, porque sou um exemplo vivo de recordações e, ou dotado de uma memória extra, ou de curta inteligência, mas muita força de vontade, tudo o que tentei consegui. As três Comissões exercidas não foram solicitadas, mas oferecidas, e por homens como Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, Cândido Mariano da Silva Rondon e Jaguaribe de Mattos. E teria eu produzido alguma coisa de bom? É de crer que não, porque a memória não acusa.

Já estou com 42 folhas escritas nesta máquina sobre a minha autobiografia, onde meu nome não se cita embora meus atos não possam ser esquecidos. Não há vaidade nenhuma na organização dessa biografia copiada da minha caderneta de campo, onde a verdade oficial é proferida sem preocupações subalternas.

Estou atacado com uma vontade poderosa de voltar a Santa Catarina incógnito, mas para recordar o Estado, no refazer as antigas caminhadas, mas é um impossível. Dizem por aqui que sou arcaico, o que quer dizer azoico, mas pleistocênico, ou talvez terciário sou-o, com alguns milhões de anos de existência. E é essa idade cristalina ou miocênica, ou que desejarem, que me faz não aceitar convites, porque meu temperamento especial até hoje não foi definido.

Hoje amanheceu um céu sem Aracê e sem Araci, e se por longe uma coaraciaba doura, picos rochosos, é só por um instantinho que se a vê. Para a melhoria do tempo não há Vida nem Gegê que possa algo fazer em melhoria do todo, desse índio velho já sem acangatará e sem timbêtá vai fazendo da novidade – engrossamento, ou ultra liberdade stalínica o que ele pensa ser um viver moderno. Vade retro Luzbel.

Agora mesmo estou a ver a chácara onde xácaras eram declamadas. Vejo o riacho em declive correndo do Oeste para Este. O terreno das duas margens, um tanto áspero pela aclividade desse areião que as enxurradas deixam ao arrastar o feldspatho já quase caulinizado. Ao sair da porta da cozinha e marchando ao Sul encontrava, ainda no Arachá, três gruchameiras colossais com colossal carga de grumichama, e no começo do declive três sapocaias e uma ameixeira. Era tudo tão bonito. Onde certos araçazeiros estavam de araçás maduros, eu era o sabiá ou sayaçu que os devorava. Na fonte de lavar roupa onde os sapos ainda eram anfíbios, as lavadeiras ou libélulas prestavam-nos verdadeiro serviço devorando as larvas de mosquitos. Também enxergava a cobra de água, que merecia tão respeito sendo colibriforme (sem veneno), quanto qualquer jararacuçu trigonephalo (venenosa). Aí nessa saudosa fonte começava o bananal com cafeeiros intermediários, e lá uma ou outra cabeludeira que, na sombra, pouco frutificava.

Antes de continuar com tanta bobagem, e isso porque vocês aí não pendem para o tupy-guarany, bem é que se definam termos ou vocábulos empregados. Usei do vocábulo – Aracê para traduzir Aurora; Aracy porque o sol é o imediato. Coaraciaba quer dizer Laura ou cabeça loira. Assim já vocês sabem que não forjei imagens – citei-as.

Agora estou preocupado com o preenchimento dessa lauda. Mas..., o que não se consegue em porfiando? O caráter porfioso que me caracteriza, tem me dado mais

de uma vitória. E tu sabes que: Quem porfia mata a caça. Embora a caça seja, para ti, a pesca. Quantas vezes, com a maré estacionada, águas imóveis, o peixe recusava beliscar, mas eu teimava, a maré repontava e, com pouco tempo já a canhanha vinha matar seu apetite, acompanhada de corocoroca, do aipi, da marimba, do bagrinho, a barana, do canguá, do saguá, do peixe-porco e de outros, e porfiando enchia o samburá, nunca voltando panema.

O tempo já começou a refrescar aí com a aproximação do primeiro minuano? Abril em outros tempos já tornava as bergamotas chupáveis, mas agora, porque tudo anda mudado, é possível que o verão abafado continue invadindo a propriedade alheia...

Outro trecho de uma carta:

“Ultimamente tenho piorado muito, não sabendo ao menos do mal que me atropela. Mas, o que fazer? Pensar nos erros governamentais ou de um modo geral administrativo seja no Catete, no Guanabara, em S. Joaquim ou simples choupana de pinho ou de feto arborescente, é tolice em que não caio. Entretanto, pensas acaso ou pensa o ilustre casal agora garantido por um madraço ou mandrião do feitio desse faialense ou madeirense que veio por último com o firme propósito de exigir mais dois que, naturalmente, tragam o queimado mouro ou caaboc, para evitar o dourado nórdico?

Já Peletan dizia: Le Monde marche, e ninguém de bom senso pode duvidar da sábia frase. Ele marcha sempre, desde o primeiro troglodita, que devia ser um pitheco antropro ou pithecoide, até o mais moderno europeu abobalhado pelo seu deslumbrante supor, ou pensar que uma frase lisonjeira dá-lhe valor inestimável.

Se fosse dado ao gênero Homo manter-se um dia por semana com a seriedade do seu conjunto físico, moral e intelectual, tudo seria melhor e diferente, mas... seria possível ao homem não raivar durante 6 dias decorridos?

Tudo que existe maduro já existiu cotilédone; tudo o que é já foi, segundo afirma o incomparável Goethe, e em sendo assim, o que o José era como embrião o é agora e não será adulto e muito menos como macróbio. Se eu sinto que não me pareço com aquele garoto ladrão de frutas e namorador de crioulas dos meus 14 anos, e que não sei o que vim a ser aos 17, também não serei aquele Alferes em Comissão ou aquele oficial de dois galões que tanto deu que falar pelos seus atos. E olhem vocês que pratiquei verdadeiras loucuras, não percebendo sibilos de balas nem o chocalhar da cascavel. Tudo muda e nada desaparece.

O sol desta manhã brilha coado pelas nuvens aquosas, mas brilha sem se Ademarear em argilas, mas dada a inconstância do tempo que tanto se parece com a firmeza política, de qualquer bacharel em Direito pretensioso que dirija qualquer dessas aglomerações que chamam partidos, porque inteiros mesmo não podem ser, provavelmente ou presumivelmente as bâtegas grossas de uma chuva tropical não demorará...”

1952 – Em outubro, VIEIRA DA ROSA passou a General de Divisão, deixando montepio de Marechal, após seu falecimento.

1955 – A 10 de julho, VIEIRA DA ROSA ficou acamado, sendo visitado pelo médico que atestou arteriosclerose cerebral, não sendo alarmante embora acentuada.

1956 – A 22 de agosto, o médico, no último exame, achou que o coração de VIEIRA DA ROSA estava enfraquecendo.

1957 – A 8 de fevereiro, falecia VIEIRA DA ROSA, em sua casa à Rua das Magnólias, nº 15, na Gávea, Rio de Janeiro, onde morava.

INTRODUÇÃO

Gunter Axt

Correspondências, diários, depoimentos e memórias têm sido há muito considerados pelos historiadores fonte privilegiada de estudo da História Social dos povos. Interessa aqui justamente o acento pessoal. São as opiniões e os afetos que chamam a atenção. Encanta a oportunidade que nos oferecem para acessarmos a história cotidiana e afetiva das comunidades, os comentários sobre o comportamento do clima, os hábitos, os costumes, ou as articulações de bastidores que, na política, dificilmente alcançaram os discursos oficiais e os relatórios administrativos.

Pois as memórias do General José Vieira da Rosa, aqui editadas, inscrevem-se exatamente neste precioso contexto. Aparecem originalmente como introdução ao seu volumoso estudo intitulado *Corografia do Estado de Santa Catarina*, manuscrito em cinco volumes e com mais de mil páginas que está sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina.

O título dialoga com a *Corografia Catarinense*, do Governador João Alberto de Miranda Ribeiro, escrita em 1797, mas somente publicada em 1959, e com a célebre *Corografia Brazilica*, de autoria do Padre Manuel Aires de Casal, de 1817, considerado o primeiro livro editado no Brasil. O termo, oriundo do

grego, hoje pouco empregado, foi encampado pelo latim com o sentido de descrição histórico-geográfica de um país ou de uma região. Diferentemente de Aires de Casal, que pretendia uma narrativa descritiva, desprovida de avaliações críticas, e escrevera seu livro sem jamais realizar viagens de estudo e de observação, Vieira da Rosa emite uma série de julgamentos, sobretudo no seu esboço introdutório, propondo um esforço descritivo amparado em sólido conhecimento de campo.

Militar responsável pela elaboração da Carta Itinerária de Santa Catarina e um aficionado por cinegética, a geografia e a caça são os temas centrais de sua obra. Há farta descrição dos cursos dos rios, da toponímia, do relevo, da vegetação, do comportamento dos animais silvestres, relatos pormenorizados do estado e traçado das estradas de rodagem e um bom apanhado de aquarelas de sua autoria, representando a fauna e a flora características da região.

A introdução, que aqui chamamos de “Memórias”, se constituía de cerca de 100 páginas datilografadas, as quais transcrevemos e atualizamos ortograficamente. José Vieira da Rosa começou a redigi-las antes mesmo da Campanha do Contestado, finalizando seu portentoso estudo em 1940, quando o submeteu à apreciação do IX Congresso de Geografia. Em 1917, na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, publicara já um artigo sobre a marcha da Divisão do Centro até Tubarão, durante a Revolução de 1893. Outro surgira em 1921, tematizando o Contestado.

Suas memórias compreendem vivências experimentadas como militar em diversos eventos importantes. Vieira da Rosa lutou ao lado dos legalistas na Revolução Federalista de 1893 (muito embora tenha declarado certa simpatia pelos federalistas), desempenhou papel de destaque na Campanha do Contestado, foi simpatizante da Reação Republicana de 1922 e envolveu-se, ainda que frustradamente, no movimento tenentista. Quando estourou a Revolução de 1930, pretendeu-se revolucionário de primeira hora, o que era coerente com sua simpatia pela inquietação tenentista dos anos 1920, mas, dado seu gênio inflamável e devido às inimizades políticas que acumulara, já se encontrava à margem do processo. Terminam aí seus relatos.

A nota biográfica que introduz esta edição remete complementarmente ao papel desempenhado na Aliança Integralista, nos anos 1930, bem como a sua adesão ao PRP, após a queda do Estado Novo varguista. Refere ainda a

sua expedição à zona do Roncador, acompanhando o curso de um afluente do rio Araguaia, a convite do Marechal Cândido Rondon, em 1945. Descreve, finalmente, seu exílio voluntário no Rio de Janeiro, onde faleceu, em 1957, aos 87 anos de idade.

Vieira da Rosa redige em grande medida animado pela ideia tradicional de que a História é um tribunal imparcial que julgará no futuro os homens e fatos do passado. Muito de seu texto tem, assim, tom de denúncia e desabafo. A História, certamente, sabemos-lo, não é um tribunal, mas graças a essa concepção, relativamente difundida na época, podemos hoje acessar informações sobre conflitos e divergências que animaram diferentes projetos de nação.

Assim, se para nosso autor a História é um tribunal, crucial se lhe faz a cerzidura de modelos positivos e negativos. Nesse sentido, Vieira da Rosa abraça a mística, hoje cada vez menos em voga, do herói. Para o General, Anita Garibaldi é de longe o personagem histórico que melhor preenche tais pré-requisitos: é a heroína que precisa ser conhecida e, sem dúvida, imitada.

Dispondo de modelos referenciais, a História Militar desponta como o fio condutor de sua narrativa. A temporalidade, portanto, para Vieira da Rosa, se mede pela sucessão de eventos revolucionários e marciais. Opiniático, porém, o General desvia-se vez ou outra dessa rota, tecendo considerações sobre aspectos socioeconômicos e culturais. Afinal, seu projeto era definitivamente mais ambicioso do que o de bosquejos castrenses.

O texto carrega razoável dose de autoelogio. Ao escrevê-lo, o General Rosinha, como era conhecido entre os amigos, dialogava implicitamente com desafetos e críticos, motivo pelo qual se municia de encômios e ordens do dia que documentam com destaque o seu próprio desempenho, alvo, mais tarde, de opróbios. Disso não decorre sentimento narcisista, pois derrama-se também em louvores a companheiros de farda que reputa valorosos. Em contrapartida, não se peja em apodar todos quantos desmerece, sem medir palavras e em acento não raro rancoroso e figadal.

Logo nas primeiras páginas, perceberá o leitor o exalar de espírito bairrista que anima o General. Vieira da Rosa dedica várias linhas a promover um elogio da colonização açoriana do litoral catarinense. A posição era recorrente entre intelectuais da época, como indicam os trabalhos de Alfredo Varela, Al-

cides Cruz, João Borges Fortes, Alcides Lima, antes de 1940, e Walter Spalding, Dante de Laytano e Guilhermino César, cujas obras foram publicadas entre os anos 1950 e 1970. Todos concordam em retratar o açoriano como exemplo de moralidade inquebrantável, obediência à fé, honradez, bravura, sobriedade, dedicação mourejada ao trabalho, hospitalidade, doçura e criatividade. Faziam coro à obra seminal de Gilberto Freyre, que, no seu *Casa Grande & Senzala*, de 1933, produziu um apaixonado e articulado elogio da colonização portuguesa.

Em que pese o vezo algo idealista de algumas dessas formulações, engajavam-se claramente numa espécie de movimento de reação aos preconceitos pseudocientíficos que então apostavam na condenação das chances de sucesso dos povos ibéricos. Comparava-se a trajetória histórica estado-unidense e brasileira, por exemplo, para se concluir perfunctoriamente residir a desgraça do Brasil subdesenvolvido no império de uma mestiçagem supostamente deletéria e na ausência de colonização anglo-saxã. Aqui, arrogância elitista, racismo e determinismo geográfico se combinavam para negar ao Brasil, aos mestiços e aos lusodescendentes chances de sucesso. Vieira da Rosa, a propósito, festeja sem vacilo a miscigenação brasileira, enfatizando a *assimilação* do negro e do índio.

Tal qual propôs Jacinto Antônio de Mattos em *Colonização do Estado de Santa Catarina: dados históricos e estatísticos*, publicado em 1917, Vieira da Rosa atribui a estagnação econômica de Florianópolis, região de “clima incomparável e de riquezas extraordinárias nos três reinos naturais”, ao abandono e à espoliação da Metrópole. Colocava assim o encantamento pela tradição açoriana bem acima do modelo de dominação lusa, ao qual reservava suas críticas.

Nesse diapasão, segue as pegadas do General João Borges Fortes, cuja conhecida obra sobre a colonização açórica no Sul do Brasil, publicada em 1932, lamenta estar o progresso material apagando a memória de sua herança. Apaixonado, Vieira da Rosa precipita-se em idealização do passado, assumindo atitude escapista e contrária à modernidade. Seu texto, assim, partilha nota melancólica semelhante à de Câmara Cascudo, célebre estudioso dos mitos e lendas populares potiguares. Isto é, o progresso e a modernidade, em sua concepção, destruiriam a autenticidade da cultura e os valores mais sóbrios dos povos.

Não obstante, se nacionalista e entusiasta da colonização açórica, Vieira da Rosa nem por isso esconde contradições. Ao tratar do caráter brasileiro,

atribui-lhe imprevidência e passividade: “o brasileiro é um dorminhoco. Dorme sobre louros, dorme sobre tudo”, sentencia macabúzio.

Seu libelo antimodernista por vezes claudica. Perfeitamente sintonizado com o repúdio ao universo da política, típico do pensamento autoritário que vicejou nas primeiras décadas do século XX em autores tais como Alberto Torres e Oliveira Vianna, seu texto revela passagens que falam de uma Humanidade que muda de rótulos, mas conserva sempre seu moral apodrecido. Então, quando fala da política, nem mesmo o passado avoengo pode ser invocado como modelo de virtudes.

Com efeito, o movimento tenentista dos anos 1920, ao qual Vieira da Rosa se vincularia, alimentava-se do idealismo de uma mocidade fardada que esgrimia a urgência da moralização dos costumes políticos, desfraldando o estandarte do soldado cidadão, isto é, interveniente na vida política da nação. Em que pese o apelo desse brado, era tênue o compromisso real dos tenentistas para com a democracia. Via de regra, estavam convencidos de ser o campo da política hegemônico pelas elites corruptas e carcomidas, enquanto entendiam que as classes populares, pela sua passividade congênita, nada fariam. Eis por que a via revolucionária se afigurava tão prestigiada entre eles. Muitos não escondiam o desejo de suprimir as instituições liberais de representação.

As narrativas de Vieira da Rosa iniciam-se pelos sucessos de 1893, quando explodiu no Rio Grande do Sul uma guerra civil que conflagrou três estados da Federação, promoveu um governo paralelo na então cidade do Desterro (hoje Florianópolis) e se estendeu por quase três anos. Ali, jogou-se o futuro da República recém-proclamada no Brasil. Os opositores do regime de Julio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, e Floriano Peixoto, na Capital Federal, queriam a volta de garantias liberais que vigiam no Império. Muitos defendiam o retorno do sistema parlamentarista de governo, e havia mesmo quem propugnasse a restauração monárquica. Todos se insurgiam contra o clima persecutório que se instalara nos primeiros anos da República, especialmente no Rio Grande do Sul, onde o minoritário Partido Republicano impunha seu domínio a ferro e fogo.

Então jovem alferes comissionado, Vieira da Rosa integrou a Divisão do Centro, sob o comando do temível General Arthur Oscar de Andrade Guimarães, que, em 1897, arrasaria o povoado de Canudos, no sertão baiano, pondo

fim, de forma sangrenta, a um levante popular que em muito se assemelhou ao Contestado. Por ironia da história, Arthur Oscar, ao destruir o vilarejo e degolar os prisioneiros, vingaria o Coronel Moreira César, morto na terceira e frustrada expedição militar a Canudos, o mesmo, enfim, que se notabilizara pelo macabro massacre dos prisioneiros revolucionários na fortaleza de Anhatomirim, no litoral de Florianópolis, quando muitos federalistas catarinenses foram impiedosamente justicados, ao ser retomada a Capital para o controle legalista. Homem de disciplina férrea, talvez seja sintomático que Vieira da Rosa incense o General Arthur Oscar, o qual, no comando da Divisão do Centro, notabilizou-se pela rigidez, que o levou, por exemplo, a mandar açoitar, ou pranchear, por vezes até a morte, soldados acusados de deserção, mesmo quando esta era motivada pelo desespero da fome, como ilustram as memórias do sargento José Carvalho Lima.

A memória do capítulo da guerra civil de 1893-1895 que se desenrolou no litoral sul de Santa Catarina pôde chegar aos nossos dias, como sublinha Coralio Cabeda em artigo sobre a Divisão do Centro, graças aos testemunhos de Carvalho Lima e de Vieira da Rosa. Em novembro de 1893, a Divisão do Centro chegou à cidade de Torres, na divisa entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com a missão de interceptar a penetração das colunas de Gumerindo Saraiva e do General Salgado pelo território de Santa Catarina. Ainda em Torres se deu a junção com um destacamento comandado pelo Major Firmino Lopes Rêgo, que viera do Rio de Janeiro para organizar a defesa de Santa Catarina, acompanhado de um contingente do 22º Batalhão de Infantaria e de um pelotão de cavalaria. Entre os oficiais que o acompanhavam estava o então Alferes José Vieira da Rosa. Mas com a capitulação do Governo no Desterro, ante a esquadra rebelada, o Major Firmino ficou isolado no litoral sul, motivo pelo qual se uniu a Arthur Oscar em Torres. Juntos, marcharam para Tubarão, onde se deixaram permanecer por algumas semanas, obstando o avanço dos revolucionários, que ficaram em Laguna. No artigo de 1917, Vieira da Rosa disse ter ficado mal impressionado com os gaúchos comandados por Arthur Oscar, por quem, também, não ocultou, então, a pouca simpatia.

Mas é no relato dos sucessos da Campanha do Contestado que emerge o melhor de suas memórias. Tratou-se o Contestado de um conflito com múltiplos desdobramentos e cuja eclosão já se preparava há alguns anos. Em 1904, o Supremo Tribunal Federal decidiu a favor de Santa Catarina numa disputa de

divisas com o Paraná, iniciada em 1900. A discussão vinha de longe e envolvia a chamada zona do Contestado, com 40.000km², então com cerca de 40 mil habitantes, que compreendia os atuais municípios de Lajes, Curitiba, Porto União, Itaiópolis, Rio Negro, União da Vitória, Campos Novos, entre outros. A presença do poder público nesta região de campos e florestas era precária, a propriedade fundiária mal regularizada, figurando a madeira e a erva-mate dentre as principais riquezas.

O Paraná invocou o direito de posse e não acatou a decisão do Tribunal. Interpostos embargos, em dezembro de 1909 de novo decidia o Supremo em favor de Santa Catarina. Houve protestos. No Rio de Janeiro, a imprensa chegou a repercutir a tese do perigo alemão, sustentando a ideia de que, em função da colonização teuta, Santa Catarina seria um enclave estrangeiro no Brasil. Julgando novos embargos, em julho de 1910 o Supremo manteve o acórdão. O juiz seccional foi designado para executar a sentença, procedendo à marcação. Não conseguindo levar a efeito a tarefa, foi pronunciado por crime de responsabilidade junto ao Supremo, que, em 1913, o condenou a nove meses de suspensão do cargo e multa.

Entrementes, explodia na região em litígio a insatisfação popular. A companhia concessionária da estrada de ferro que estava em construção, ligada a um conglomerado estado-unidense, pertencente ao Grupo Farquhar, desalojara grande quantidade de moradores. Empresas de colonização e serrarias, que vieram na esteira da estrada de ferro, também expulsavam sistematicamente os nativos desde 1911. Em 1905 e em 1909 já haviam acontecido pequenos levantes na área fronteira. Em 1912, o descontentamento sertanejo, que não encontrava eco junto aos tribunais, atingiu o ápice e seria catalisado por um monge pregador ali surgido. A lembrança de Canudos ainda estava viva. Em outubro de 1912, deu-se um primeiro choque armado entre os sertanejos e as forças paranaenses, no Irani, no qual, aliás, morreu o Monge José Maria. José Maria era o terceiro dos monges a pontificarem na região, tendo sucedido a dois João Maria. Mas o levante prosseguiu, agregando marginalizados – posseiros destituídos, caboclos perseguidos, operários demitidos pela estrada de ferro.

Nessa região erma e desassistida, movimentos messiânicos eram conhecidos, sendo não raro reprimidos com extrema violência. O messianismo do Contestado adquiriu musculatura, organizando-se militarmente, com o apoio

inicial de alguns fazendeiros e madeireiros, igualmente incomodados com a ação da companhia construtora da estrada de ferro e exploradora das reservas florestais, mediante concessão federal. A República brasileira, instalada em 1889, foi percebida pelas lideranças dos caboclos como a origem dos males que afligiam a população, e o movimento adquiriu feições restauradoras. Havia convívio e interlocução com ex-combatentes derrotados da Revolução Federalista.

Em dezembro de 1913, depois de um enfrentamento com as forças catarinenses, cerca de 10 mil pessoas se embrenharam nas florestas. Em setembro de 1914, os Governos dos dois estados solicitaram uma intervenção federal. A essa altura, fazendeiros da região sentiam-se premidos pela ação dos caboclos, que passaram a operar saques e roubar gado das propriedades próximas. Forças do Exército foram então lançadas contra os fanáticos, cujo reduto foi inteiramente destruído em abril de 1915, pondo fim à fase mais aguda da campanha. Estima-se que as forças unidas do Exército Brasileiro e dos Estados do Paraná e de Santa Catarina somaram 8 mil homens. Pela primeira vez, na América do Sul, se tentou usar aviões em combate – para reconhecimento do terreno.

Em 1915, depois de uma malograda conferência entre os governadores promovida pelo Presidente da República Venceslau Brás, novos embargos foram interpostos pelo Paraná contra a execução da sentença. Novo impasse. Em outubro de 1916, o Presidente Venceslau Brás conseguiu que os governadores assinassem um acordo, o qual foi ratificado pelo Congresso Nacional em 5 de agosto de 1917.

A guerra do Contestado teve seu auge em 1915 e se estendeu de 1912 a 1916. Calcula-se que os mortos no conflito tenham chegado a 9 mil pessoas, sendo a maioria de caboclos. O Contestado prolongou-se por mais tempo e numa disputa muito mais sangrenta do que a Guerra dos Canudos, desferida entre 1896 e 1897.

Não obstante sua condição de militar em luta contra o inimigo – um inimigo que respeita e que combate sem dar quartel, como indica, por exemplo, sua disposição em se referir às regiões pacificadas após o conflito como áreas *limpas* –, Vieira da Rosa responsabiliza as solertes oligarquias pela tragédia que se desenrolou no remoto Oeste catarinense. Sustenta, inclusive, que o massacre poderia ter sido evitado. Para ele, o conflito adquiriu tais proporções por conta da intolerância e do fanatismo, não apenas dos caboclos, mas, sobretudo, de

parte das elites urbanas. Vieira da Rosa revela aqui, inclusive, traços de anticlericalismo. Para ele, em nada diferia o fanatismo de um caboclo do daquele de um padre católico.

Com efeito, o anticlericalismo foi abraçado por alguns militares nos albores da República, sob influência do credo positivista. Mas não é a essa corrente que Vieira da Rosa declara adesão, e sim à Maçonaria, que, em Santa Catarina, efetivamente chocou-se em certos momentos com a Igreja. Em todo o caso, não deixava de ser corajosa a tomada de posição, sobretudo em um estado conhecido pelo forte apego à doutrina cristã e onde os padres, em especial, figuravam como autoridades respeitadíssimas nas comunidades.

Vieira da Rosa promove um desagravo aos caboclos. Diz que seu fanatismo, pacífico no início, tornou-se criminoso em reação às perseguições injustas contra eles movidas. Embora ignorantes, os caboclos de Vieira da Rosa não eram subversivos, como se quis na época. Claro estaria que mal sabiam diferenciar república de monarquia. Eram pessoas pobres e abandonadas agarrando-se a crenças que lhes ofereciam alento, tentando sobreviver em um ambiente francamente hostil. E coloca o dedo em outra ferida, investindo contra as indecorosas concessões de terras que estariam espoliando os posseiros brasileiros em benefício do estrangeiro recém-chegado.

Naqueles tempos, com efeito, militares e engenheiros positivistas estiveram entre os poucos que questionaram o avanço do processo colonizatório no Noroeste gaúcho e Oeste catarinense, operado à custa do desalojamento das populações autóctones ali fixadas há séculos. Para que se tenha uma ideia, em 1931, ninguém menos do que o incensado “Pai dos Pobres”, Getúlio Dornelles Vargas, já à frente do Governo Provisório como líder máximo da vitoriosa Revolução de 1930, acertou-se com o cônsul alemão no Brasil para a construção de um porto de mar em Torres, constituindo-se o pagamento pelas obras, além de uma concessão de exploração dos serviços por 40 anos, uma concessão de um milhão de hectares na zona serrana gaúcha para uma companhia de colonização teuta que expulsaria assim cerca de 70 mil posseiros, gerando, se concretizada, uma convulsão social sem precedentes.

Outros testemunhos permitem captar a complexidade social que permeou os levantes na região Oeste do Sul do Brasil. Uma consulta ao diário de Ângelo Dourado, *Voluntários do martírio*, revela a adesão de contingentes

populares à coluna de Gumercindo Saraiva, que em dado momento, durante a Revolução de 1893, chegou a contar com cerca de 6 mil homens, seguidos por cerca de até 2 mil mulheres e crianças. Essa massa de gente se deslocando por três diferentes estados da Federação sugere um fenômeno social complexo. Dourado, assim como Prestes Guimarães, oferece indícios de que os bugres, posseiros e ervateiros da Serra incorporaram-se às colunas revolucionárias. Pobres e analfabetos, esses indivíduos deixaram-nos poucos registros de suas visões de mundo, como sublinha Lourdes Ardenghi. Porém, se relacionarmos este momento com o Contestado e com a emergência de lideranças populares em 1923, tais como Leonel Rocha, percebe-se uma recorrência, cuja explicação pode justamente residir na resposta dessas populações marginalizadas à expulsão – em decorrência do processo de colonização do Oeste, seja por meio da construção de linhas férreas, da chegada de imigrantes europeus ou da formação de novos latifúndios – das terras que ocupavam. Aliás, o então Major Leonel Rocha já figurava na Revolução de 1893, incorporado à coluna Prestes Guimarães e contribuindo na comunicação com a coluna de Gumercindo Saraiva.

Vieira da Rosa despreza os fazendeiros da região, que se comportariam de forma pusilânime, ostentando poderes de verdadeiros senhores feudais. Princípio de todo incompatível com o caboclo, que guardaria de seus ancestrais indígenas o amor pela liberdade. E foi além: “eu sou pelo caboclo”, afirma com convicção, “sei-o muito superior a muitos habitantes da cidade no que concerne à moralidade, à hospitalidade, à robustez psíquica e à riqueza de costumes”.

Aqui, Vieira da Rosa filia-se à tradição inaugurada por Euclides da Cunha. No monumental *Os Sertões*, de 1902, sobre a Guerra de Canudos, Euclides traça um perfil generoso e altivo do caboclo sertanejo: depositário fiel da essência da alma brasileira, em oposição à elite urbano-litorânea que vivia de costas para o seu próprio país, macaqueando as últimas modas de Paris. A oposição entre sertão e litoral, povo e elite, autenticidade e frivolidade constituiu-se, desde Euclides da Cunha, num dos mais poderosos ferramentais interpretativos da brasilidade, bastando registrar que é ela que está na origem da justificativa pela interiorização da Capital Federal e a construção de Brasília, nos anos 1950.

Vieira da Rosa não é mais condescendente para com os companheiros de farda, especialmente os responsáveis pelos postos de comando. Cotejando o Contestado com Canudos e com a revolta dos Mucker, na década de 1870,

no interior de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, denuncia a inépcia das forças armadas, a covardia dos chefes militares e o despreparo profissional. O Contestado, dispara, escancarou que os ensinamentos colhidos nos conflitos anteriores não se enraizaram, e o que se viu foi ignorância com relação à topografia da região e notável incapacidade de sufocar uma revolta de caboclos mal armados. Militares aferrados a conhecimentos teóricos, importados da Europa, totalmente ignorantes da realidade do ínvio sertão, onde viceja a guerra de movimento, de guerrilhas, de emboscadas, porque, como sublinha, “no mato a mobilidade é o nervo da guerra”.

Em suas investidas contra as mazelas castrenses, Vieira da Rosa cuidou de poupar a soldadesca. Denuncia a arrogância dos comandantes, que submeteram os praças a desumanas marchas forçadas por terrenos inóspitos e sem equipamento e logística adequados: “nenhum chefe de bom senso fatigaria uma tropa destinada a combater”. Responsabiliza os comandantes pelo despreparo dos soldados. Registra ainda que o povo não perdeu o recrutamento forçado dos tempos da Guerra do Paraguai, motivo pelo qual não nutria confiança pelo Exército.

Tal percepção é coerente com outros testemunhos das revoltas e insurreições havidas no Sul do Brasil entre fins do século XIX e princípios do século XX. Em seus *Diários da Revolução de 1893*, o General Joca Tavares e seu irmão Francisco não faziam juízo edificante do desempenho dos oficiais do Exército e da Armada imperiais – Wandenkolk, Custódio de Mello, Salgado e Piragibe – ao lado dos revoltosos, no que eram acompanhados pelo Conselheiro Gaspar Martins e pelo Almirante Saldanha da Gama. Erros e vacilações decorrentes da falta de têmpera, da arrogância e da ignorância com relação ao meio se sucederam. É reveladora do choque cultural entre oficiais das forças regulares e civis militarizados uma frase do General Luís Alves Leite de Oliveira Salgado, reproduzida nos *Diários* de Joca, dita em maio de 1893 logo após a promoção de Gumercindo Saraiva a General, em reconhecimento pela qualidade do desempenho militar: ao ser convidado por Gumercindo para formar uma única e poderosa coluna rebelde, o que talvez tivesse mudado os rumos da Revolução, Salgado respondeu “que não era nenhum aventureiro para andar gauchando pelas estâncias”, numa clara referência ao desprezo elitista pela guerra de movimento, que era, enfim, a única possível naquele meio.

Os problemas de logística apontados por Vieira da Rosa eram recorrentes. Municiamento precário, abastecimento deficiente, carência de tudo. Durante a Revolução de 1893, como registra Coralio Cabeda em *Nossas Guerras*, a temerária invasão de Santa Catarina pela Divisão do Norte sem planejamento mais detido só não resultou em tragédia maior porque seguia no encalço de um inimigo – a Coluna Gumercindo Saraiva – que amargava condições logísticas ainda mais túbias. Naqueles sertões catarinenses, sob chuvas inclementes e atravessando região desprovida de gado, cujo abate aplacaria a fome de muitos, houve quem comesse, como testemunha Albino José Ferreira Coutinho, “pedaços de couro seco amolecidos na água fervendo”, então conhecido como “guisado de maneador”. Padecimentos similares estão descritos nas memórias do médico Ângelo Dourado, engajado na Coluna Gumercindo Saraiva, e do sargento José Carvalho Lima. Dourado indica que a carniça, o pinhão, o palmito e o milho de algum roçado humilde serviam para enganar o estômago na incursão pelos ermos. Já Carvalho Lima, descrevendo a precipitada retirada da Divisão do Centro, comandada por Arthur Oscar, por Araranguá, em novembro de 1893, por terreno árido e calcinado, testemunha que muitos soldados aplacavam o desespero da sede com a própria urina! Como aponta Cabeda, trinta anos depois, quando a Brigada Militar gaúcha voltaria a incursionar pelo Oeste catarinense para dar combate aos militares rebelados sob o comando de Isidoro Dias Lopes e Luís Carlos Prestes, que se adunavam em Foz do Iguaçu, no Paraná, repetir-se-iam agruras semelhantes àquelas da Revolução Federalista.

A modernização e a profissionalização do Exército brasileiro tomariam algum impulso com a chegada da Missão Militar Francesa, em 1919, parceira na organização das primeiras manobras militares do Saicã, no Rio Grande do Sul, 1922, evento do qual Vieira da Rosa tomou parte.

O texto disponibiliza ainda ao leitor algumas belas descrições da paisagem no Oeste catarinense, em especial da região de Lajes e Curitibaanos, onde então se estendiam vastíssimos pinhais. Há, também, referências interessantes aos costumes dos caboclos, tais como a dieta baseada em leite dormido em guampa com farinha de milho do monjolo – máquina tradicional, movida a água, composta de uma haste de madeira suspensa, que suporta numa das extremidades um pau de pilão sobre um cocho, produzindo uma farinha de qualidade espessa.

Após o término do conflito do Contestado, Vieira da Rosa concluiu sua comissão junto à Carta Itinerária de Santa Catarina com vivo aborrecimento. Já, então, acumulava desafetos. Teve negados pedidos de financiamento ao Ministro da Guerra, tornando-se então crítico feroz do General Setembrino de Carvalho, com quem convivera na Campanha do Contestado.

Em 1921, estalou a chamada Reação Republicana, nome pelo qual ficou conhecida a chapa de oposição, apoiada pelos Estados da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, lançada contra o candidato à Presidência da República Arthur Bernardes, apoiado por Minas Gerais e São Paulo, os dois estados mais poderosos e populosos da Federação. A cisão evidenciou a instabilidade do regime oligárquico, expondo contradições cada vez mais gritantes. A par dos problemas de representação política, num modelo viciado pelo cortejo de fraudes eleitorais e corrupção, oligarquias dissidentes sentiam-se prejudicadas pela política econômica que privilegiava o equilíbrio das finanças e protegia prioritariamente o setor cafeeiro.

A vitória de Bernardes em 1922 trouxe intranquilidade aos quartéis, sobretudo após o rumoroso episódio das Cartas Falsas – documentos epistolares fraudados e vazados à imprensa nos quais Bernardes criticaria as forças armadas. Mas o movimento de rebeldia acabou sendo obstado pelo recuo do líder gaúcho, Borges de Medeiros, que passou a temer a aliança dos oposicionistas de seu estado com o presidente recém-eleito. Com efeito, em 1923 rebentou no Rio Grande do Sul a revolta assisista, que se insurgia contra uma nova reeleição de Borges ao Governo do estado. A rebelião contou com apoio velado das forças federais lá estacionadas.

Vieira da Rosa, que então estava no Rio Grande do Sul, testemunha em suas memórias ter se reunido entre os entusiastas da Reação Republicana, sendo, entretanto, colhido pela retirada estratégica de Borges de Medeiros. O malogro do movimento, ao que tudo indica, precipitou seu pedido de aposentadoria e seu retorno para Florianópolis.

Quando, em 1924, rebentou o movimento em São Paulo, capitaneado pelo General Isidoro Dias Lopes, conhecido como “Segundo 5 de Julho”, o segundo levante tenentista, Vieira da Rosa aderiu aos revoltosos. Mais uma vez, a reabilitação dos hábitos políticos era a bandeira desfraldada. Já contava o movimento também com apoio crescente entre as classes médias urbanas.

Os rebeldes controlaram a cidade de São Paulo por 23 dias, forçando a saída do presidente do estado e atraindo feroz bombardeio lançado pelas forças legalistas, que utilizaram inclusive aviões.

Sem poderio militar equivalente ao das forças federais, superiores estas na artilharia e dispendo da aviação, os rebeldes retiraram-se para o interior, associando-se em Foz do Iguaçu, no Paraná, à célebre Coluna comandada por Luís Carlos Prestes, que se mobilizara no Rio Grande do Sul. O país incendiava-se. Vieira da Rosa rumou para o Oeste, com a missão de sublevá-lo, pois conhecia a zona como a palma da mão. Mas seus planos foram obstados por um acidente de automóvel e pela prisão.

Os revolucionários de 1924 a 1926, derrotados e anatematizados pelo regime da época, foram anistiados pela vitoriosa revolução de 3 de outubro de 1930. Vieira da Rosa, entretanto, esteve entre aqueles militares que, embora sintonizados com as ideias tenentistas, acabaram voltando-se contra a Revolução de 1930, por discordarem dos rumos tomados e se sentirem traídos. Com efeito, no momento em que a dinastia Ramos emergia em Santa Catarina como a principal força política associada à Revolução, Vieira da Rosa conflitara-se severamente com Vidal e Nereu Ramos. Dali em diante, seu ostracismo político estaria conformado.

Referências

ARDENGGHI, Lurdes Grolli. *Caboclos, Ervateiros e Coronéis. Lutas e Resistência no Norte do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2003.

AXT, Gunter. *Gênese do Estado Moderno no Rio Grande do Sul (1889-1929)*. Porto Alegre: Ed. Paiol, 2011.

BARCELOS, Rubens. *Estudos rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1955.

CABEDA, Coralio Bragança Pardo. A Brigada Portugal e a Divisão do Centro em Operações no Litoral (1893/94). *Revista do IHGRGS* n° 135. Porto Alegre: 2000.

CABEDA, Coralio Bragança Pardo; MEIRA, Antônio Gonçalves. *Nossas Guerras. Considerações históricas dos seus recursos*. Porto Alegre: Edigal, 2009.

CASAL, Manuel Aires. *Corografia Brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1976.

CESAR, Guilhermino. Raízes históricas do Rio Grande do Sul. In: *Rio Grande do Sul. Terra e Povo*. Porto Alegre: Globo, 1964.

CRUZ, Alcides. *Vida de Raphael Pinto Bandeira*. Porto Alegre: Typographia da Livraria Americana, 1906.

DOURADO, Ângelo. *Voluntários do martírio. Narrativa da Revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1977.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FORTES, Gen. João Borges. *Casaes*. Rio de Janeiro: Ed. do Centenário Farroupilha, 1932.

GUIMARÃES, Antônio Ferreira Prestes. *A Revolução Federalista em Cima da Serra. Diário de Campanha*. Porto Alegre: Ed. Martins Livreiro, 1987.

GRABOWSKI, Francisco. *Memórias da revolução brasileira de 1893-1894*, s/ed., s/d.

KUJAWA, Henrique Aniceto. *Cultura e religiosidade cabocla. Movimento dos monges barbudos no Rio Grande do Sul – 1938*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2001.

LAYTANO, Dante de. *Arquipélago dos Açores*. Porto Alegre: EST, 1978.

_____. *Corografia de Santa Catarina. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 245, 1959, p. 158-9.

LIMA, Alcides. *História popular do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1935.

LIMA, José Carvalho. *Narrativas Militares da Revolução no Rio Grande do Sul. Período de 1893 a 1895*. Belém do Pará: Typografia da Casa Editora Pinto Barbosa, 1906.

MATTOS, Jacinto Antônio de. *Colonização do Estado de Santa Catarina. Dados históricos e estatísticos (1640-1916)*. Florianópolis: Tipografia d'O Dia, 1917.

MEIRINHO, Jali. *República e Oligarquias. Subsídios para a história catari-nense. 1889-1930*. Florianópolis: Insular, 1997.

MURICY, Gen. José Cândido da Silva. *A Revolução de 1893 nos Estados de Santa Catarina e Paraná (memórias)*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2ª ed., 1946.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal*. 4 v. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1991.

ROSA, José Vieira da. Combate dos Conventos. Marcha da Divisão do Centro até Tubarão (subsídios para a história). *Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 1º e 2º trimestres de 1917. Florianópolis.

SPALDING, Walter. *Gênese do Brasil-Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1953.

TAVARES, Francisco da Silva; TAVARES, Joca. *Diários da Revolução de 1893*. AXT, Gunter; CABEDA, Corálio Bragança Pardo; SEELIG, Ricardo Vaz (Orgs.) Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul/ PGJ, 2004.

VARELLA, Alfredo. *Rio Grande do Sul: descrição física, histórica e econômica*. Porto Alegre: Echenique, 1897.

MEMÓRIAS REVOLUCIONÁRIAS GENERAL DE DIVISÃO JOSÉ VIEIRA DA ROSA

COROGRAFIA DE SANTA CATARINA, José Vieira da Rosa.
Florianópolis, 1940, manuscrito – 3 vol.

Obs.: inclui “Parecer nº 31 do IX Congresso de Geografia, de 14 de julho de 1940”, e parecer do “1º Congresso de História Catarinense, de 12 de outubro de 1948”.

Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Parecer nº 31 do IX Congresso de Geografia, de 14 de julho de 1940

Cópia-parecer sobre a corografia do Sr. General José Vieira da Rosa: Santa Catarina.

Nome assaz conhecido, o Sr. General Vieira da Rosa, especialmente no que respeita a Santa Catarina, não pode ser contestado. Seu trabalho, todo ele produto de estudos pessoalmente feitos *in loco*, na parte corográfica, merece todos os aplausos.

Trabalho de tal monta só nos cabe acatar, pois o General Vieira da Rosa, examinando de perto todos os problemas geográficos de Santa Catarina, estuda, também, e critica quantos se abalancharam a falar dessa magnífica e empolgante região brasileira.

A monografia do Sr. General Vieira da Rosa, nas suas mil duzentas e poucas páginas, trata de tudo que interessar possa à GEOGRAFIA sob todos os seus aspectos, além de trazer alentado resumo histórico.

Não há como criticar essa obra que podemos classificar de notável, e que será, futuramente, manancial inesgotável em que se irão abeberar todos os estudiosos. Além disso, é a obra ilustrada pelo próprio autor e em grande parte contém nítidas aquarelas, algumas de valor artístico até.

Somos, portanto, de parecer seja a "COROGRAFIA DE SANTA CATARINA", do Sr. General Vieira da Rosa, recomendada ao Governo de Santa Catarina para sua vulgarização, inserindo o IX Congresso um voto de louvor ao ilustrado autor.

Sala das sessões da 8ª Comissão, Florianópolis, 12/9/1940.

Walter Spalding, Delegado do Município de Porto Alegre e Representante do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul.

Nota minha ao passar a limpo, para tornar legível.

Apesar deste parecer, indagando do Presidente do IX Congresso o General Raul Correia Bandeira de Mello da razão por que deixava de ser publicada, ao menos na revista da Sociedade de Geografia, S. Exa. teve como resposta: *Porque é grande demais e porque é geografia antiga.*

Mas... eu tive a lealdade de declarar na organização da comissão que não mandaria ao Congresso um livro, mas notas de minhas explorações geográficas, cinegéticas e de História Natural. Não tenho culpa do parecer do Representante do Rio Grande do Sul, que não conheço.

Como brasileiro que ama sua terra nos seus menores detalhes cumpro o meu dever, e se não se publica este trabalho é porque quando os rancores

existem ficam inexistentes os próprios sentimentos de honra, que antigamente era uma herança sagrada nas famílias brasileiras.

Rio de Janeiro, 15/11/1946

General de Divisão
José Vieira da Rosa

RESUMO HISTÓRICO E MEMÓRIAS

Neste resumo procurarei usar o mais completo laconismo, porque o Estado de Santa Catarina, nos excelentes trabalhos já editados de Lucas, Henrique e José Boiteux, assim como nos do não menos ilustre barriga-verde Affonso de Taunay, possui já bastante luz que evidencia o seu passado.

Futuramente, quando o sangue-frio dos historiadores estiver em condições de bem apreciar, com a imparcialidade indispensável, os sucessos da nossa atualidade, se não tiverem para alicerce de sua obra senão as gazetas dos nossos dias, ver-se-ão bem embaraçados para publicar a verdade, e isso porque o jornal A, propriedade do Governo, só sabe entoar loas aos seus atos, porque o jornal B, de um partido oposicionista, negará tudo ao adversário, e endeusará seus correligionários.

Como extrair a Verdade do amontoado de mentiras? E a Verdade está ali, pois que muitas vezes uma grande mentira encerra uma pequena verdade, mas sacá-la é difícil, senão impossível.

É bem pesado o trabalho de um historiador, pois que sobre o cansaço físico recai a fadiga intelectual e a labuta do caráter. Necessariamente repugnará imenso a um homem de bem dizer mentiras, ficando na dúvida se as disse, por não confiar nos documentos consultados.

É meu propósito, neste artigo, transcrever alguma coisa do Passado, e se os autores citados erraram, com eles tenho de errar. Até 1893, pois, limitar-

-me-ei às pequenas transcrições, mas dessa data em diante só escreverei o que presenciei, para não errar.

De 1515 até 1554, foi a Ilha de Santa Catarina, então conhecida por Juremirim, Jurumirim ou Juraramirim, visitada por diversas frotas castelhanas, e dizem os historiadores que o seu descobridor foi Dias Solis, que a chamou dos Patos, talvez porque abundassem nas duas baías os nossos cisnes de duas espécies, aves a que o povo chama pato arminho.

Em 1712, a 31 de março, visitou-a o francês Frésier; em 1719, abordou-a Jorge Shelrocke; D. Pernetti o fez em 1753; La Perousse esteve ali em 1783; Krusenstern em 1808 e Lesson em 1822.

Nos trabalhos de Affonso de Taunay encontram-se muitas referências feitas à Ilha de Santa Catarina pelos navegadores citados.

No tempo de Solis, quatrocentos e dezenove anos passados, os navegadores não tinham a missão de povoamento, e de sua passagem por aqui quase nenhum vestígio ficou, ou ficou somente o nome Ratonés, dado às duas ilhas da Barra do Norte.

O paulista Francisco Dias Velho Monteiro foi o iniciador do povoamento da Ilha. Esse laborioso e valente bandeirante viera de Santos com sua família e quinhentos índios. Estabeleceu-se, parece, no local em que se localiza Florianópolis, naturalmente em plena mata virgem. Erigiu uma modesta capela, porque naqueles tempos de fé viva era isso uma das maiores necessidades, porque o homem muito religioso de antanho, podendo suportar todos os sofrimentos físicos, não descurava o pasto espiritual.

Progredia a colônia, o que não podia deixar de ser em clima tão benigno e em terras tão férteis, quando Monteiro soube que o pirata holandês Lewis arribara a Canasvieiras.

Armando sua gente, Monteiro atacou o pirata incauto, obrigou-o a embarcar e tomou-lhe a prataria, fruto das rapinas do Pacífico. Lewis voltou e foi novamente batido, e Monteiro, julgando que o pirata de uma vez se fizera ao mar, dispersou seus índios e julgou-os em segurança.

O pirata, porém, matreira raposa, desembarcou novamente e veio à socapa aprisionar Monteiro e sua família.

Naqueles tempos, a condição do prisioneiro de guerra era pior do que a do escravo, por isso foram atrozmente insultados, e Monteiro, correndo em socorro dos seus, foi alvejado e morto por um tiro de pistola.

O trágico sucesso fez desaparecer a colonização nascente.

Após Monteiro, veio também de Santos um certo Brito Peixoto, povoador da Enseada de Brito, freguesia assente na fralda oriental da Serra Cambirela, e que hoje ainda ali se vê alvejando suas casinhas num belo recôncavo da Bahia do Sul.

Com Brito Peixoto vieram muitos índios que desde logo hostilizaram os da Ilha, parecendo-nos que essa briga motivasse a transferência de Brito para Laguna, donde partiram os povoadores do Rio Grande do Sul, como se vê dos excelentes trabalhos históricos do General João Borges Fortes.

Em 1666, Antonio Afonso e seus seis companheiros e famílias colocaram-se na Ilha e no Continente, tendo obtido sesmarias dentro das 40 léguas que se estendiam até a lagoa Piraquera ou Ibiraquera. Em 1698, chegou o Capitão Antonio Bicudo Camacho, que se apossou do Campo Araçatuba. Na Ilha, ele e seu sobrinho padre Matheus Leão obtiveram outras terras.

Esses moradores progrediam sensivelmente nas terras ubérrimas, cultivando com vantagem o trigo, o linho e a oliveira.

De São Paulo lhes foram enviados mais índios para reforçar a população, vindo entre eles Salvador de Souza, capitão-mor.

Por mandado do Conde de Sarzedas, Antonio Luiz de Távora, veio em dezembro de 1735 Francisco Dias de Mello, sargento da Praça de Santos, nomeado Mestre de Campo *ad honorem*, com o soldo de soldado, comandar a Ilha, da qual passou para Laguna, sucedendo-o no comando a Sebastião Rodrigues Bragança, outro sargento que antes viera da mesma Praça, com igual patente e soldo (Almeida Coelho - Memória Histórica).

Tendo morrido Salvador de Souza, o General Antonio da Silva Caldeira Pimentel nomeou Bragança para o seu lugar.

Durante o governo de Bragança, chegaram à Ilha alguns desertores espanhóis que foram recebidos e fizeram desde então parte da população, constituíram aí família e foram em tudo bons cidadãos.

No dia 26 de março de 1726, foi a povoação existente elevada à categoria de Vila com o nome de Nossa Senhora do Desterro.

Em 1737, veio da Praça de Santos comandar a nova vila e seu termo o Capitão de primeira linha Antonio de Oliveira Bastos.

Em 7 de março de 1739, tomou posse do governo o Brigadeiro José da Silva Paes, que organizou, com o pessoal que trouxera, as repartições públicas.

Esse Brigadeiro Paes tratou de organizar a defesa do litoral, e dizem ter sido ele quem aconselhou o governo da Metrópole a introduzir aqui colonos açoritais e madeirenses.

Como adiante veremos, de madeirenses e açorianos se compôs a colonização de Santa Catarina, provindo deles o modo de falar cantado, que torna o catarinense litorâneo conhecido em qualquer ponto em que se ache, pois é o único no Brasil. E desses ancestrais herdou a habilidade conhecida para confecção de rendas e flores, a valentia para o mar e a coragem sem estardalhaços que o fez notável nas campanhas cisplatinas, com o seu heroico regimento de linha denominado BARRIGA-VERDE.

O maquinário introduzido para fins artísticos tem feito desaparecer os antigos trabalhos de flores de escama, de cavacos, de pele, de ovo e asas de rubis, e morrer completamente as belíssimas caminhas de penas de garça com colunas de pedra-ume. O modernismo, porém, absolutamente não modificou o caráter da raça, que se conserva o mesmo dos tempos idos, pelo menos fora das cidades, onde não chega a influência deletéria de certos elementos civilizados. O falar do ilhéu e o dos habitantes da orla litorânea, com exclusão de Paraty, São Francisco e Joinville, não só conserva a terminologia do Faial, mas a sua música tão original. Ainda se ouve: “Menino, aonde ides?”, pergunta a matrona; “Eu vou pelo pai”, responde-lhe o garoto.

Não é um modo de falar antigo, mas puro? E não será também uma herança de açoritais à hospitalidade, à bondade, à mansidão sem subserviência, que tornou na Ilha desconhecido o assassinato, que fez mais desconhecido o roubo?

Pretendem alguns autores que vamos consultando, que no ano de 1622 viera João Felix Antunes com 260 açoritas para Santa Catarina, e que no ano de 1723, por mandado de El-rei D. João V, viera mais gente dos Açores. Nós, porém, tributando-lhes todo o crédito, algumas razões se nos oferecem para crer que, se vieram esses povoadores para Santa Catarina, os transportes tocando em outros portos, por aí os deixaram, porquanto nenhum indício ou documento achamos na Província que nos forneça a mais leve notícia da chegada desses colonos.

Temos mais em auxílio de nossa opinião que no ano de 1692 a Ilha de Santa Catarina (e terras adjacentes até a Lagoa Piraquera) fazia parte das terras do domínio do Marquês de Cascaes, e que, sendo a Vila de Paranaguá a cabeça da comarca, é muito natural que por ali ficassem, quiçá eles viessem dos Açores a convite e ajuste do donatário.

Do ano de 1723 também nenhum documento encontramos que nos assegure providência alguma de El-rei D. João V sobre a povoação da Ilha de Santa Catarina. Apenas chegou ao nosso conhecimento aquela que íamos referir.

Pela provisão do Conselho Ultramarino de nove de agosto de 1747, mandou El-rei D. João V transportar 4.000 casais dos Açores e Madeira para serem divididos por esta e pela Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Esta provisão patenteia bastante o interesse de que era animado o governo daquele monarca, tanto pelo aumento e prosperidade desta parte do Brasil como pelo cômodo e facilidade dos que vinham povoá-la.

Nela se participava ao governador e capitão general da Capitania do Rio de Janeiro que, tendo pedido a El-rei os moradores da Ilha dos Açores mandasse tirar dela o número de casais que parecesse conveniente para serem transportados para a América, tinha El-rei resolvido em resolução de 8 de agosto de 1746, e 26 de junho do ano seguinte, tomada sob consultas do sobredito Conselho Ultramarino, mandar alistar na Ilha dos Açores e Madeira a gente que se oferecesse para se transportar a Santa Catarina, por onde pareceu conveniente começar a introdução dos casais para se estabelecerem assim na Ilha, “como na terra firme e seu contorno; concedendo para o mesmo fim que pudessem também vir casais estrangeiros, contanto que fossem católicos romanos ou súditos de soberanos que não tivessem domínio na América ao que se pudessem passar, que os artifícios, assim nacionais como estrangeiros, se pudessem dar à chegada ao Brasil uma ajuda de custo segundo a sua perícia, que

não excedesse de 7.200 reais cada um; e conforme outras providências insertas no edital mandado afixar naquelas ilhas, determinava ao mesmo capitão general e ao governador da Ilha de Santa Catarina, além do arranjo de quartelamento, e das rações para o primeiro ano aos colonos na razão de um arrátel de carne ou peixe por dia, das três quartas de alqueire de terra de farinha por mês a cada pessoa de ambos os sexos maiores de 14 anos; metade desta ração aos de 11 até 7 anos e da terça parte aos de 7 aos 3 anos; que se pusesse todo o cuidado em que eles fossem bem tratados e agasalhados; que se escolhesse assim na Ilha como nas terras adjacentes desde o rio de São Francisco (Babitonga) até a Serra São Miguel, e no sertão correspondente a este distrito (com atenção a que não se motivasse queixas da parte dos espanhóis) os sítios mais próximos para se fundar lugares ou povoações, delineando-se a largura das ruas, praças e logradouros públicos em cada uma das quais povoações se estabelecessem 60 casais, pouco mais ou menos, que a cada um dos casais, assim situado, se desse um quarto de légua quadrado para principiar sua cultura, duas vacas e uma égua, tiradas das estâncias reais; a cada povoação em comum quatro touros, e dois cavalos, e a cada casal no tempo próprio, dois alqueires de sementes para fazer a sua sementeira, uma espingarda, uma foice roçadeira, e a mais ferramentas, que tudo viria nos mesmos navios que os transportassem; que em cada uma das sobreditas povoações se fizesse levantar logo uma companhia de ordenanças, nomeando-se-lhes oficiais, no caso de não virem nomeados de Portugal alguns capitães; que se fizesse construir logo em cada uma dessas povoações juizes na forma das ordenações; que se informasse a El-rei sobre a conveniência de estabelecer-se em algumas das povoações algum ouvidor, separando-se a administração da justiça da Ouvidoria de Paranaguá; que em cada uma das indicadas povoações se levantasse logo uma igreja de estrutura que bastasse para aqueles primeiros estabelecimentos, pois que em cada navio se remeteria o necessário para fornecimento e exercício do culto divino de cada uma das igrejas; que ao bispo de São Paulo, a cuja diocese pertencia então a igreja de Santa Catarina, mandaria avisar pela Mesa da Consciência, de que se constituiria em cada uma daquelas igrejas um vigário, aos quais no primeiro ano se daria o sustento e mais cômodos como aos outros colonos e que teriam sessenta mil reais de cõngrua, um quarto de légua em quadro para passal da sua igreja, e dez mil reais para a fábrica e guisamento da mesma; que pela sobredita mesa se avisava aos bispos de Funchal e Angra que convidassem alguns clérigos daquelas ilhas, para acompanharem os mesmos casais, a

fim de que não se experimentasse a princípio falta de sacerdotes; que a esses se desse, à sua chegada, dez mil reais de ajuda de custa, tendo o brigadeiro governador da Ilha particular cuidado em que se não apartassem das igrejas em que fossem postos; que ao provincial da Companhia de Jesus se escrevia também para mandar dois missionários; que findo o contrato então existente da comarca de São Paulo, no qual se incluíam os dízimos dos distritos de Santa Catarina, se fizesse ramo a parte, pertencendo a arrecadação do rendimento à Provedoria do Rio de Janeiro para de ela se pagar a cômputo dos vigários, e aos missionários; que, finalmente, o capitão general e o brigadeiro governador informassem quantos casais conviria que viessem para Santa Catarina, e que para que partes outras conviria repartir o número de 4 mil que nessa ocasião se mandavam vir”.

Tão sábias providências surtiram os efeitos desejados, pois logo por cartas do Corregedor da comarca das Ilhas dos Açores, João Alves de Carvalho, datadas de Angra de 17 de setembro de 1747 (cujos originais sob números 135, 136 e 137 se acham no arquivo da Secretaria do Governador da Província, bem como a provisão de que tratamos e outros documentos), foi participado a El-rei a inscrição de 2.585 pessoas e a saber: da Ilha de São Miguel, 141 casais e 73 solteiros, fazendo ao todo o número de 706 pessoas. Da Ilha Graciosa, 62 casais, que com alguns solteiros faziam 373 pessoas; da Ilha de São Jorge, 245 casais, contendo 1.433 pessoas. Por virtude da provisão datada de 9 de agosto, a câmara da cidade de Angra, apurados os indivíduos que na Ilha de São Miguel se inscreveram capazes de pegar em armas, dividiu-os em quatro companhias de ordenanças: a câmara da Vila de Santa Cruz da Ilha Graciosa dividiu os seus em outras quatro companhias e a da Vila de Velas da Ilha de São Jorge formou das suas, dez companhias: propondo cada uma das ditas câmaras, os respectivos capitães, alferes e sargentos, como tudo consta da cópia das propostas anexas às sobreditas cartas do corregedor da câmara dos Açores.

Contratado o transporte de 4.000 colonos com Francisco de Souza Fagundes, negociante rico da Praça de Lisboa, este verificou a condução dos mesmos, em quatro viagens, a saber: a primeira no governo do Brigadeiro José da Silva Paes em 1748, composta de 461 pessoas como se vê da provisão de 20 de novembro de 1742, dirigida ao seu sucessor, o Coronel Manuel Escudeiro Ferreira de Souza; a segunda em 1749, a terceira em 1750, e a quarta, que findou em 1752, por faltarem alguns na última viagem para preencher o número

em que tinha sido lotado um dos navios de transporte por invocação *N. S. da Conceição e Porto Seguro*; cujo excesso foi mandado satisfazer pela provisão do conselho ultramarino de 15 de março do dito ano de 1752, montando ao todo 4.024 pessoas.

Desde a chegada desses colonos começou a Ilha a prosperar em habitantes, em agricultura e mesmo em indústria manufatureira, apesar de terem sido mal cumpridas as determinações do governo de Portugal, assim a respeito da repartição de terras, como do tratamento prescrito nas sobreditas provisões, resultando daí abandonarem muitos colonos o país e outros se arrependem de ter vindo. Todavia, principiaram a aparecer os tecidos de algodão e linho, dos quais a bem dizer se serviam todas as famílias, e não pequena foi a exportação, principalmente para o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, e de que hoje apenas há vestígios por algum carcomido tear que ainda se ouve bater descompassadamente numa ou noutra choupana dos sítios. Entretanto, o luxo dos panos estrangeiros, de mistura com a necessidade e pobreza, habita esses lugares de antiga simplicidade, da indústria e da abundância (Almeida Coelho).

Ainda se fazia ouvir no tempo de Almeida Coelho alguns teares que produziam tecidos de linho. Eu mesmo alcancei ainda algumas belas colchas adamascadas de linho e muitos outros tecidos de algodão da indústria primitiva, mas hoje... que progresso!!! Só vestimos o que o estrangeiro nos manda, enquanto que das muitas fábricas de Joinville, Blumenau e Brusque os outros Estados se vestem. Por que será que Florianópolis está segregada do comércio do próprio Estado? Por que será que, localizando-se na Pérola do Atlântico Sul, dispondo de clima incomparável, de riquezas extraordinárias nos três reinos naturais, estacionou de um modo tão completo? Será apenas uma questão de educação do povo ou de inferioridade racial?

Hoje já se não encontram olivais, linhares, trigais na Ilha, porque a Metrópole, vendo no Sul do Brasil um competidor respeitável, queimou teares, derrubou olivais, cortou trigais e proibiu a cultura de qualquer vegetal que Portugal produzia e exportava.

Segundo as determinações da corte, uma porção desses ilhéus foi embarcada em 1753 em duas sumacas para serem transportados ao Rio Grande. Uma tempestade os fez dar à costa na barra do Sul da Ilha, no lugar que, desde então, é conhecido pelo nome de Ponta dos Naufragados, escapando unica-

mente 77 pessoas, as quais, tendo-lhes sido livre, por ordem do governador Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, a escolha da situação e domicílio, alguns quiseram seguir para o Rio Grande, outros ficaram na Ilha, e uma porção deles foi estabelecer-se na Freguesia de Santana, chamada Vila Nova, distrito da Vila de Laguna (Almeida Coelho).

Pelo que acabamos de transcrever, vê-se que não houve descuido da parte de Portugal no povoamento da Ilha, mas torna-se patente, também, que já naqueles tempos as coisas não se faziam como as determinavam as autoridades, mas à vontade dos empregados subalternos.

Esta humanidade muda de pelo, mas não muda de hábitos.

Que o empregado ou empreiteiro daqueles tempos, como os de hoje, tratava do seu eu de preferência, é coisa que não se discute. Não deve, pois, agora, a ninguém surpreender o que vemos de patifaria, de desonesto, que impera e a tudo se subjugava, porque o que é da nossa época é apenas o refinamento de costumes passados. Como diz Almeida Coelho e como afirmam outros autores, as nossas terras produziam o linho, o cânhamo, o trigo, a oliva, a uva, que davam para o consumo local e chegava para a exportação. Nada mais existe que lembre aquele formoso passado, e só agora, depois de 300 anos, se animam alguns ao plantio do trigo na Região Serrana, e nas colônias italianas a uva. Quanto aos olivais que existiram aqui na Ilha, nem ao menos um tronco torcido de vetustez há mais. Tudo tem existido aqui, subsistido nada. É sorte.

Trataremos no artigo Agricultura deste assunto com mais detalhes.

A fatalidade perseguiu muito esta terrinha tão digna de melhor sorte, e o maior dos seus males reside na ignorância completa das suas riquezas naturais, em qualquer dos três reinos. E nem se diga que somos atrasados porque provimos de portugueses, porque justamente no tempo do florescimento desta Terrinha os seus habitantes eram lusos.

Deixemos, porém, a digressãozinha que fizemos e, consultando autores, continuemos a História resumida do mais belo pedaço do Brasil e da América, porque se o é do Brasil também o é do Continente.

Os padres da Companhia de Jesus catequizaram os índios Patos e entre eles figura Leonardo Nunes.

É de crer, porém, que não tivessem encontrado grandes dificuldades porque os índios desta parte do Brasil eram os de índole mais pacífica e únicos não antropófagos. Foi, contudo, um serviço bem importante, e ninguém por certo negará a sua influência civilizadora.

Medravam as povoações de Santa Catarina, quando, chocada a Espanha em seu orgulho pelos brilhantes sucessos portugueses na conquista do Rio Grande do Sul, em 1776 fez aprontar e largar do porto de Cádiz, no dia 13 de novembro desse ano, uma forte esquadra, disposta em três divisões e composta das naus *Poderoso*, *Monarca*, *São José*, *São Damásio*, *Septemtrião*, *América*, as quatro primeiras de 70 canhões, a quinta de 64 e a sexta de 60; das fragatas *Chaveque*, *Santa Margarida*, *Santa Clara*, *Lebre*, *Nunes* e *Santa Rosa*, a primeira de 30 canhões, as quatro outras de 26 e a última de 20; das corvetas e embarcações pequenas *Júpiter*, *Marte*, de 16 canhões, *Cornizo*, de 14, *Jop*, de 10, *Santa Cacilda*, *Santa Eulália*, *Santana*, de 8; 96 transportes maiores e menores; 9.383 praças de desembarque, apetrechos e munições correspondentes vindo por almirante o Marquês de Casa Tily, e com o mando superior o General D. Pedro de Cevallos Cortes e Calderón. A Ilha da Trindade foi o ponto destinado para a reunião das embarcações (que dispersaram), e onde chegaram a 17 de janeiro com falta de 24 velas, inclusive a fragata *Vênus* e o bergantim *Jop*, e 2 brulotes, dos quais se lhes incorporaram 13, compreendendo *Vênus*. Nesta altura se acordou sobre a maneira de render e apoderar-se da Ilha de Santa Catarina, para onde se aprobeu a 29 do referido mês, não obstante a diminuição por diversas causas de muitos homens da tropa, de penúria de água, e às cegas, sem noções do país. A 6 e 7 de fevereiro, aprisionaram três embarcações portuguesas, pelas quais certificaram-se de que por um aviso chegado do Rio de Janeiro com 37 dias, já ali constava a saída da esquadra da Europa. Encontraram nas embarcações 86 pesos fortes em moeda de prata e ouro, e o carregamento de azeite de baleia na que navegava do Rio de Janeiro para Lisboa; mais interessante, porém, foi o achado de uma correspondência oficial, informando o estado miserável das praças do Brasil, com especialidade de Santa Catarina. Convocou o general um conselho de generais, brigadeiros e coronéis, e, consertado o plano de ataque, apresentou Cevallos, no dia 14, a real Cédula de 8 de agosto de 1776, pela qual se fez reconhecer vice-rei e capitão general das Províncias do Rio da Prata.

No dia seguinte, 15, avistaram a Ilha, e, virando de bordo em razão dos ventos contrários, deram fé de 12 velas a barlavento. Era a esquadra portu-

guesa ao mando do Almirante A. Duall (composta de 4 naus de linha e de 8 pequenos navios de guerra), o qual ao segundo dia já mal aparecia. Afirma-se que o almirante quisera combater a esquadra espanhola, e que dessa opinião fora o conselho de oficiais que convocara, mas que se cingindo as instruções do Vice-Rei Marques do Lavradio, de não arriscar a esquadra, como única empregada na defesa do Estado do Brasil, revirara de bordo e fora ancorar na Enseada das Garoupas dentro da pequena angra denominada Caixa de Aço, de onde seguira para o Rio de Janeiro.

A 20 de fevereiro, favorecida a esquadra espanhola de uma forte brisa, aproou para Santa Catarina, e fundeou livremente na enseada de Canasvieiras, junto à Ponta do Norte. Na noite de 23 para 24, efetuou-se o desembarque sem a mínima oposição, pois que a gente de um forte (São Caetano), que existia com 6 peças, e com as quais podia varrer toda a praia, e causar ao inimigo grande perda, retirou-se para a fortaleza de Ponta Grossa, sita a 5 quilômetros ao Sudoeste de Canasvieiras (donde acabava de fugir para o inimigo o tenente de artilharia do Rio de Janeiro, José Henriques, sem disparar um tiro). Às 4 horas da madrugada, marchou o exército em colunas pela praia de Canasvieiras, e alojou-se pouco distante da referida fortaleza. No dia seguinte (25), foram guarnecidas de tropas espanholas, tanto esta fortaleza e a de Ratoles, que se encontravam desamparadas pelas guarnições, como a de Santa Cruz, depois da intimação feita ao governador, que ficou prisioneiro de guerra com toda a guarnição, à exceção única de um oficial que trouxera a resposta do general português (que ainda estava na Ilha, sobre a parte que lhe deu o governador da fortaleza, da intimação que lhe fizera o general espanhol). Com igual rapidez se abandonaram todos os demais fortes, uns por ordem do português, outros aterrados com as ameaças do espanhol, de que não se lhes daria quartel se resistissem.

Compunha-se a guarnição da Ilha de um regimento da terra (com mais de 700 homens) e os corpos auxiliares de cavalaria e infantaria, montando a tropa de linha ou regular a 2 mil homens mais ou menos. Achavam-se os armazéns e depósitos bem providos de víveres e munições de guerra, e a tesouraria em estado de animar uma vigorosa defesa.

Desde o princípio do ano de 1775, confiara a corte de Portugal a defesa ao Marechal de Campo Antonio Carlos Furtado de Mendonça, fazendo-o transferir

para Santa Catarina, do governo de Goiás onde se achava, para desempenhar tão importante missão, e parecia descansar no valor e capacidade deste oficial. Desde 5 de setembro deste mesmo ano o vice-rei do Estado do Brasil, Marquês do Lavradio, também confiara o governo civil da Província ao Coronel Pedro Antonio da Gama Freitas (munido de patente régia), devendo cessar a sua autoridade de governador logo que sucedesse algum motivo de guerra, mas, entrando estes dois militares em conflito de jurisdição, nasceu também entre eles e vários chefes uma grave desarmonia da qual resultou muita insubordinação nos corpos militares e nenhuma oposição ao desembarque da tropa espanhola, e a ocupação e o domínio de toda a Ilha. Bem informado (talvez) desta discórdia e desarmonia, Cevallos fez seguir o Marechal de Campo D. Miguel ou Guilherme Vaughan à testa de 2 mil homens a apoderar-se da capital, o que conseguiu sem encontrar obstáculo algum, no mesmo dia 25 de fevereiro. Não podemos negar ao general português as providências que tomara para defender a Ilha, e que antes de a abandonar repeliu com denodo a intimação de render-se que lhe fizera Cevallos, mas persuadido pelo Brigadeiro José Custódio de Sá Faria de não ser o lugar usado para a defensiva, depois de ter levantado nova estacada na Praia de Fora, capacitado de que ali seria o desembarque, de fazer desamparar todas as fortalezas, e concentrar as forças naquele único ponto, repetidas exagerações de força numérica o fizeram adotar o plano de transferir-se para o continente fronteiro, donde teria segura retirada para a Serra até reunir-se com o exército estacionado no Rio Grande, e assim, atarantado, alucinado, levado de lance em lance até o abismo de abandonar a Ilha à disposição do inimigo, sem dar um tiro de fuzil, se retirou, passando, pois, com espantosa precipitação para a terra firme com a tropa, e marchando pela Freguesia de São José, acompanhado de inumerável povo, que aterrado e cheio de susto abandonou seus domicílios e fortuna, foi fazer alto na margem esquerda do Cubatão. Vem daí o nome de Guarda do Cubatão que esse local tem hoje.

Frequentes conselhos de guerra se fizeram nos seis dias que ali se conservaram; três vezes foi mandado o Brigadeiro José Custódio parlamentar com o general inimigo, e voltou afinal com o ultimato de ser rejeitada toda a capitulação que não fosse o renderem-se dos oficiais para seguirem em navios espanhóis para o Rio de Janeiro, e as demais praças, outro destino, na esquadra como prisioneiros de guerra, e consequentemente bandeiras, depósitos, armamentos, a própria tesouraria etc...

Difícil é pintar os assomos de desesperação geral. Na tropa alguns oficiais recusaram-se formalmente a se submeter a um ato tão infame e vergonhoso, e excederam-se em acres arguições e injúrias contra seus superiores, e refere-se que o alferes do regimento de Pernambuco José Correia da Silva quebrara a haste da bandeira do seu regimento, enrolara na cintura, se atirara pelos ser-tões, e fora levá-la a Pernambuco, no fim de seis meses, preferindo antes sofrer todos os trabalhos e a própria morte, que a deixar servindo de troféu para o inimigo. No passar dos anos se manifestava incrível horror ao jugo espanhol. Desatinados embrenhavam-se pelos matos, onde muitos pereceram extenuados de fadiga e fome. Um simples iate de registro fundeado na barra do Sul deu motivos divulgar-se que estava cortada a passagem para o rio Embaú, o que aumentou a consternação. Apesar de veementes protestos de oficiais briosos, o general português rendeu-se covardemente. (Almeida C.)

Muitos desses oficiais e mais 500 praças preferiram fugir para as brenhas, lavrando assim solene protesto contra a desonrosa capitulação. Os capitulados foram levados ao Rio de Janeiro e ali presos em diversas fortalezas.

Pretenderão, talvez, alguns juízes de mesa de café justificar o abandono da Ilha pelo fato de serem os espanhóis cinco vezes mais numerosos, mas se levarmos em conta a posição ocupada pela guarnição da Ilha, e a falta de conhecimento exato da estrada de marcha que seguia o inimigo (30 quilômetros de picadas), a ignorância dos recursos no terreno a percorrer; se atendermos mais que nem toda a força de Cevallos atacou, mas um número igual ao da guarnição da Ilha, chegamos à seguinte conclusão: a resistência era possível, com facilidades de sortidas pelo mato e quem sabe se a vitória não estaria garantida, se houvesse um chefe a Nuno Álvares?

A História, fria e imparcialmente, nos mostra o que foram os descendentes de Viriato nas suas lides guerreiras, em que legiões e mais legiões comandadas por experimentados generais foram vencidas por um punhado de lusitanos sem organização militar como a de que dispunham as forças romanas, vencedoras por toda parte.

Aponta-nos o cruzar de montantes e lanças nos Campos de São Mamede para a independência de Portugal, patenteai-nos a epopeia das descobertas e, para o caso que nos prende, a jornada de Aljubarrota, onde o castelhano aliado do Navarrez apresentou-se de culpado que eram os portugueses. Mas ali

estavam Nuno Álvares e o Mestre de Avis, e, se bem que desarmonia também houvesse entre portugueses, a vitória foi do português bem dirigido. Aqui a raça era a mesma, mas não eram os mesmos os chefes. A covardia ou a politicagem transformou heróis em pusilânimes, e o espanhol dominou. O português foi sempre bravo desde antes de godos e árabes, nunca vencido pelo sarraceno, também não o foi por outro povo. O revés experimentado em Santa Catarina não passa de um episódio triste para dois chefes e não para a sua tropa. Veremos em breve que assim foi.

Jamais foi vencido, repito, o descendente de Viriato. Mouros, castelhanos, aragoneses e galegos experimentaram o frio de seus montantes; suas caravelas e naus sulcaram todos os mares, e o seu canhão troou na África, na Ásia, na América e na Europa, fez-se ouvir na Oceania e deu-nos varões como Vasco e Nuno da Gama, Pacheco, Albuquerque e Magalhães. Os feitos portugueses ofuscaram os feitos de outros povos, as maravilhas lusitanas deixaram na penumbra as maravilhas de outras gentes.

Os dois chefes da Ilha de Santa Catarina, porém, não possuíam a coragem, a bravura, a valentia e o valor dos seus ancestrais; a indisciplina, como consequência das brigas entre chefes, imperava, o soldado já não devia obediência aos superiores hierárquicos, e sem disciplina, dizia Hoche, não há soldado. Cevallos, desejoso de conquistar o Rio Grande, deixou o Brigadeiro D. Guilherme Vaughan à frente da força que lhe pareceu bastar para assegurar a fácil conquista da Ilha, e suspendendo âncora se foi ao Sul, indo surgir na Colônia do Sacramento.

O General Bohm, do Rio Grande, fez seguir um oficial com 14 companheiros para reconhecer a posição exata do inimigo, chegando à cidade da Laguna a 15 de abril de 1777.

Laguna achava-se sem habitantes ou quase sem eles, e o oficial em ali chegando retirou mais para o Sul o armamento que achou, inutilizou o que não pôde carregar e convocou o povo para que se lhe reunisse. Tendo arranjado mais vinte companheiros, dirigiu-se corajosamente para Araçatuba, campo situado na barra do Sul da Capital.

Nesse reconhecimento teve o oficial ocasião de hostilizar alguns espanhóis e, depois de bem certificado de tudo que vira, voltou rédeas para Laguna.

Pouco depois, era intimada a população a ir prestar juramento ao rei castelhano. O primeiro acesso de pavor passara já. Um certo Capitão Cardoso de Barros, à testa de 16 companheiros tão atrevidos como ele, penetrou na madrugada de 25 em Vila Nova, lugar marcado pelos espanhóis para a solenidade do juramento que exigiam dos habitantes. Os espanhóis tinham desembarcado, e, como sempre, vencedores (sem combater), até então, não podiam pensar em ser atacados. Cardoso de Barros caiu sobre eles na ocasião que pretendiam retirar-se e fez 12 prisioneiros. A embarcação jogava sua artilharia sobre os assaltantes, mas improficuamente, pois não pôde impedir a derrota dos seus. À vista de tão insólito ataque arrefeceu o ardor dos castelhanos, e se tal derrota era motivo de sustos para eles, serviu de incentivo aos portugueses. Cardoso tratou então desde logo da defesa, já montando a pouca artilharia que possuía, já arrecadando o armamento portátil que existia disperso.

Alguns foragidos da Ilha, antigos soldados daquela guarnição, foram-se lhes juntando. Muitas sortidas fez, sendo que numa delas aprisionou um condestável e um cadete. Cardoso foi ganhando fama merecida que ninguém lhe contestava.

Iam assim mudando-se as cenas. Os atacados eram agora os atacantes, o que prova não ter sido a falta de coragem dos soldados e oficiais que motivou a vergonhosa capitulação, mas a covardia de chefes em conflito de jurisdição.

Com a morte de El-rei, Dom José passou o governo de Portugal à sua filha Maria I, que, apenas tomou posse, tratou da paz com a Espanha, conseguindo-a, e como consequência a retirada das tropas espanholas de Santa Catarina.

Para receber das mãos de Vaughan a Ilha, foi nomeado o Coronel Francisco Antonio da Veiga Cabral, que tomou posse do governo no dia 1º de maio, no distrito de São Miguel.

Depois dos sucessos que vimos de citar, e durante a administração de sete governos que se seguiram, nada mais que mereça a atenção sucedeu na Província, e mesmo depois que se deu a independência do Brasil e a capitania foi elevada à categoria de Província, fato mais importante foi a revolução dos farrapos, em 1835, no Rio Grande, que se alastrou até nossa terra.

David Canabarro com algumas centenas de homens invadiu Santa Catarina pelo litoral. Acompanhava-o Garibaldi, o herói dos dois Mundos. Foi

na cidade Juliana, Laguna, que o *condotiere* conheceu Anita, a heroína, hoje depreciada por um deputado catarinense que, não podendo disputar brios, chama-a de vagabunda. Sim, ela o foi, a vagabunda do heroísmo. Foi maior que Joana Darc porque, enquanto esta defendia um rei e em nome da voz que a aconselhava em sonhos, Anita pelejou com bravura pelo ideal da liberdade.

E sobre Canabarro vem a propósito sua escolha para chefe da invasão, parecendo que, por ser Santa Catarina a terra de seu nascimento, cabia-lhe o comando. E por que avanço à proposição que qualquer rio-grandense procurará contestar? Porque entre os papéis do dr. Livramento encontrava-se um que dizia: Nasci no Córrego Grande, terra do já célebre revolucionário David Martins, e embora se afirme que nasceu no Rio Grande, fica sempre a dúvida.

Manda o patriotismo que não silenciemos sobre Anita, e para não fazê-lo, socorramo-nos do livro do Marechal José Vicente Leite de Castro, meu primeiro instrutor de artilharia na Escola Militar de Porto Alegre em 1888.

Era Anita, bela catarinense, que na ocasião em que ele se dirigia para a cidade (Laguna) tirava água de uma fonte vizinha de sua casa, para uso de sua família.

Seu pai chamava-se Bento Ribeiro da Silva e sua mãe Maria Antonia de Jesus, ambos naturais da Vila de Morrinhos, terra em que nasceu também Anita, situada perto de Tubarão.

Seus pais eram pobres, mas souberam, pela instrução e educação, dar-lhe sentimentos que mais tarde a glorificariam.

Bento Ribeiro da Silva era altivo imperialista ou legalista, e só este fato era bastante para se tornar Garibaldi um obstáculo terrível a vencer, à vista das crenças políticas apostas.

Entretanto, a força do destino fez Garibaldi aproveitar os rápidos momentos em que Anita tirava água, para fazer-lhe sua declaração de amor e a sua manifestação sobre seu destino, ligado ao dela por toda a vida. Pareceu que o mesmo destino o iluminava e nela via a criatura que, pelo casamento, se havia de tornar uma fonte de onde havia de jorrar perene felicidade.

Havendo sido correspondido, foi, como era de seu dever, à casa dos pais,

onde apresentou-lhes o seu pedido, de cuja realização viria a se considerar o mais feliz dos mortais.

De fato Anita era uma formosa mulher cheia de doçuras e graças, tinha lindos olhos negros e ternos, cabelos sedosos, um porte de suprema elegância, tez delicada, morena, e pois bem americana, tendo-se tornado por tudo como dizem os poetas uma peregrina beleza; era enfim um conjunto harmonioso, uma perfeição, um encanto, enquanto Garibaldi era um jovem robusto, alto, tinha a barba também sedosa, cabelos negros e anelados, e uns olhos pretos em que se divisava o seu temperamento resoluto, com uma vivaz inteligência aureolada por boa instrução.

Tudo indicava que esse homem intemerato, que havia de ser um bravo nas lidas guerreiras, capaz de praticar estupendas façanhas nas mais arriscadas situações.

Realmente, o amor que Garibaldi logo sentiu quando viu Anita, fez-lhe por algum tempo esquecer o amor que constantemente sentia por sua pátria e por sua mãe, porque tornou-se força suprema de sua alma.

Quando Anita entrou no navio, Garibaldi apresentou-a aos seus comandados como a eleita de seu coração, tendo recomendado a todos que lhe tributassem um culto de estima e consideração, por ter constituído a sua maior felicidade.

A lua de mel dos dois heróis foi de curta duração, ou melhor, não fruíram como mereciam, por haver sido anteposto cruel destino.

Convicto da necessidade de acelerarem-se as operações, por ter-se sabido que os imperialistas estavam acumulando recursos com destino a Santa Catarina, David Canabarro determinou a Garibaldi que saísse barra afora com os seus três navios, a fim de atacar na costa do Rio de Janeiro, se lhe fosse possível, as embarcações imperiais que porventura avistasse.

Tal era a deficiência de práticos nacionais que Garibaldi teve que dar o comando do *Caçapava* ao seu valente companheiro de sempre, chamado Grigs, marinheiro experimentado, e o do *Seival* ao seu compatriota Lourenço, tendo ficado com o do *Rio Pardo*.

Em suas memórias, referindo-se à Anita, ele assim se pronunciou: “Ela tornou-se desde logo a companheira de toda a minha vida e, por conseguinte, de todos os meus perigos”.

Favorecida pelo tempo e pela sorte, a memorável expedição conseguiu fazer proezas, tendo navegado até perto do porto do Rio de Janeiro, e mesmo a dar combates sem resultado, tendo depois voltado para Imbituba, porto de mar de Santa Catarina, a aí ficado a esperar instruções superiores.

O perpassar dos tempos em inação deu lugar a que a pequena esquadilha viesse a ser atacada por uma superior esquadra imperial, depois de ter passado a ancorar no porto da Laguna, mais abrigado e por isso prestando-se a melhor defesa por mar e por terra, visto que deste lado seria auxiliada por artilharia convenientemente colocada em diversos lugares.

Apesar de haver colhido melhores vantagens com tal dispositivo, todavia a superioridade não só do número de unidades imperiais, como de suas guarnições, fez prever que em qualquer combate a sorte se inclinaria a favor destes. De fato, logo após realizou-se a primeira batalha naval dos imperiais contra os farrapos.

Pela madrugada poderosos navios apareceram, e antes de dar-lhes combate, Garibaldi, prevendo que seria terrível, sanguinário, quis que Anita desembarcasse a fim de poupar sua vida, mas ela recusou-se a atendê-lo, pois estimaria mais morrer ao seu lado.

Eis o que ele disse em suas memórias: “Eu quis descer Anita à terra, mas ela se recusou, e como no fundo de seu coração eu admirava a sua coragem e por isso estava altivo, não quis forçar sua vontade. De fato, logo após travou-se renhido combate, tendo troado fortemente a artilharia de parte a parte”.

Devido à inferioridade da força de Garibaldi, tornou-se crescido o número de feridos e mortos da sua guarnição, mas apesar disso disposta a ser antes exterminada do que se tornar prisioneira do inimigo.

Foi então que mais do que nunca se tornou resplendente o valor da heroína catarinense, valor nunca igualado pelo de nenhuma outra mulher, nem mesmo pela heroína francesa Joana Darc, que teve estátuas por toda a parte da

França, que foi recentemente canonizada e agora é chamada, como já se disse, a Santa das santas.

Garibaldi disse a respeito o seguinte: “Estávamos dispostos a morrer à vista da conduta da amazona brasileira que tínhamos a bordo.

“Não só Anita, como eu disse, não quis desembarcar, porém ainda, de carabina em punho tomou parte no combate.

“Eu tive durante a ação uma das mais vivas e cruéis emoções da minha vida. Enquanto que Anita animava meus companheiros, sempre com o sabre na mão, uma bala de artilharia derrubou-a com dois deles. Corri para ela, julgando não mais ver senão como cadáver, mas ela se levantou salva e sorrindo; os dois homens, porém, estavam mortos.

“Eu então lhe roguei para descer do tombadilho e ela assim se pronunciou: ‘Sim, vou descer, porém é para fazer sair os poltrões que se ocultaram’.

“Com efeito ela desceu e saiu-se bem porquanto trouxe diante de si três marinheiros que se envergonharam de ser menos bravos do que uma mulher.”

A índole deste trabalho não comporta descrições pormenorizadas da vida de Anita, a barriga-verde heroica que espantou o Mundo e que possui estátuas na Itália.

Que a modesta barriga-verde de Laguna (Morrinhos em 1839 pertencia ainda ao município da Laguna) sirva de modelo às mulheres brasileiras, que nossas matronas e nossas virgens saibam que o valor, a valentia, a bravura, a dedicação heroica não são um privilégio do sexo forte, ou que se apregoa de forte para enganar incautos, por isso que por milhares se tem mostrado nas pugnas verdadeiros covardes, mormente na atualidade.

Aos irmãos Boiteux, especialmente ao Almirante Henrique, Mar e Guerra Lucas e Bacharel José, deve-se quase tudo que se ignorava da vida de Anita.

Não podendo tratar aqui de sua biografia completa, recomendamos aos que se interessarem pela História Pátria tudo que os irmãos Boiteux publicaram. É necessário que conheçamos os que se foram para que os possamos imitar. Que o brasileiro lembre-se de Joana Darc, festejada sempre, depois de quei-

mada pelos que mais tarde haviam de canonizá-la. Lembrem-se os brasileiros que Anita fez mais que Joana Darc, pois que o Marechal Leite de Castro, que o afirma, não era um catarinense. Não se pode ter o elogio que fez à nossa conterrânea como uma manifestação de bairrismo.

Depois dos combates navais de Laguna e Imbituba, a nossa heroica compatriota mostrou na fuga que empreendeu das margens do Marombas, onde se achava prisioneira de guerra, para Lajes, um valor e uma resistência física até então nunca vistos. Basta dizer que estava no seu oitavo mês de gravidez e percorreu num cavalo em pelo as 15 léguas de sertão que a separavam do exército revolucionário.

Quando da minha demorada estada naqueles sítios curitibanenses onde se lutava e com o fanático do Contestado, passava pelo Marombas e tinha dificuldade de transpô-lo, lembrava sempre do que seriam aqueles ermos no tempo dos farrapos, e à minha memória vinha sempre a imagem de Anita, encarnação da valentia e do Amor. Viajar de aquele passo perigoso pelos campos e pinhais dos municípios serranos, numa época em que abundavam os perigos das selvas e mais os perigos dos homens, quando não havia estrada, mas caminho, picada e azinhagas, de dia, era perigoso e exaustivo. Ainda hoje o é. Nossa conterrânea viajou por ali de noite, afrontou inúmeros perigos, mas chegou ao porto em salvamento, encontrando seu amado em Lajes.

O tempo decorrido de 1845 até 1864 foi de plena paz para Santa Catarina, mas o Paraguai fez com que muitos dos nossos conterrâneos lá fossem levar suas vidas. Ali apareceram vultos como o general Jacinto Machado Bittencurt, que em Lombas Valentinas mereceu grandes elogios do maior dos generais sul-americanos, o imortal Caxias. Fernando Machado de Souza, herói de Itororó; Marechal Guilherme Xavier de Souza, que comandou em chefe, Polydoro Quintanilha, que também o fez; Álvaro de Carvalho, o valente marinheiro, irmão do maior construtor naval de seu tempo, Trajano de Carvalho, os almirantes Alvim, Costa Lamego; os generais Resin, os dois marechais Frota, o Marechal Francisco Carlos da Luz, Almirante Pinto da Luz, Jerônimo Coelho, Hipólito Ribeiro, Batovi, Saycan e, mais modernamente, os marechais Vir da Câmara, Barbedo, Joaquim Lourenço e outros.

Na coluna comemorativa erigida na praça de Florianópolis há 51 nomes de oficiais catarinenses que fizeram a campanha do Paraguai.

Citamos os mortos. Citemos os vivos e recém-mortos. No mundo das letras, no das ciências e no das artes podemos apresentar os generais Jerônimo Coelho, Trompowsky, Lauro Muller, Luiz Delfino, Cruz e Souza, Santos Lostada, José Johany, Firmino Costa, Juvêncio de Araújo Figueiredo, Brasília, Adolpho Mello, Tolentino, Theotônio da Costa e muitos outros.

Em 1893, o Estado também se agitou. A revolução rio-grandense não podia deixar de atingir-nos.

O governador do Estado, Tenente de Cavalaria Manoel Joaquim Machado, que era um homem de bem, fora deposto do governo pela revolução de 31 de julho. Reposto logo depois, aderiu à revolução federalista e à revolta da esquadra. Aqueles, os federalistas, tinham um ideal conhecido - o Parlamentarismo. Estes se revoltaram ninguém sabia por que, mas concluindo-se do manifesto de Saldanha da Gama que tentavam a restauração monárquica.

Na margem direita do rio Araranguá, na base arenítica do Morro dos Conventos, feriu-se um combate entre o vapor *Itapemirim* e as forças da Divisão do Centro, esta comandada pelo General Arthur Oscar de Andrade Guimarães, e aquele pelo Tenente Filinto Pery.

No dia 1º de agosto de 1893, o autor deste trabalho, então alferes em comissão, seguiu para a cidade da Laguna a fim de incorporar-se às forças da Guarnição da Fronteira sob o comando do então major Firmino Lopes Rego, o bravo, valente, valoroso, e generoso.

Os fatos que se seguem pertencem à História Catarinense, por isso, e por ter sido eu testemunha presencial do seu desenrolar, não os omitirei.

A 2 de agosto achava-me já reunido à força de infantaria do 22 de linha, sob o comando do bravo e erudito Capitão José Bonifácio de Andrade Vandelli.

Coincidiu a minha chegada àquela cidade com a greve da estrada de ferro Thereza Christina, que os trabalhadores faziam pelo aumento das diárias. A greve interrompeu o tráfico, de maneira que não pudemos desde logo seguir para Pedras Grandes, no município de Tubarão, acertadamente escolhida para base de operações.

Tocou-me a incumbência de acabar com a greve e parti, a pé, de Laguna para Imbituba, onde cheguei na madrugada de 3 de agosto, tendo percorrido

os trinta quilômetros em menos de uma noite. De chegada, ainda bem escuro, no meio de numerosos carros e locomotivas, encontrei um homem que se arriava em grosso e nodoso cacete. Chamei-o, indaguei dos motivos da greve, quais as intenções que alimentavam e, só tendo ouvido queixas justas, entrei desde logo como advogado nacional na defesa de nacionais contra a ganância e autoridade inglesa de Brown, Timmes, Legrand e Adams e, justiça lhes seja feita, em nenhum desses cavaleiros encontrei tropeços, má vontade, tudo se tendo resolvido a contento das partes. Assim consegui o comboio que precisava para nosso transporte para Pedras Grandes que demora 85 quilômetros para o interior.

Em Pedras Grandes permanecemos um mês, e tendo partido para Araranguá o comandante Firmino, soube lá de sucessos que o obrigaram a fazer-me marchar com parte do destacamento pelo litoral e o alferes João Gualberto Felix de Mello pelas linhas coloniais a fim de, descrevendo dois grandes arcos de quase cem quilômetros cada um, fôssemos os convergir para a Vila de Campinas. Executamos as ordens dadas. Fui encontrar o comandante sozinho, tendo despachado o Tenente de Cavalaria Horácio Soares de Oliveira para Torres, dez léguas ao Sul, a sindicarem dos fatos ali ocorridos.

A posição da pequena força comandada por Firmino seria, em 1893, se permanecesse no Araranguá, assaz crítica. Cento e vinte infantes de linha, trinta cavalarianos e cerca de quarenta civis contratados não poderiam, está claro, defender com eficácia uma vila como a de Campinas, para onde, por entre matas, convergiam seis caminhos. A retirada impunha-se, e para isso recebera o comandante ordem direta do Ministro da Guerra que se achava em Porto Alegre, marechal Francisco Antonio de Moura. Em Araranguá estávamos sob ameaça do bravo marinheiro Felinto Perry que, a bordo do paquete *Itapemirim* armado em guerra, poderia facilmente transpor a barra e atacar-nos com vantagem por todos os lados porque lhe seria fácil desembarcar gente ao jusante da nossa posição e tomar os caminhos que partem do rio Negro pela Lagoa da Serra para envolver-nos, enquanto o paquete artilhado e bem guarnecido nos atacaria de frente.

Não podíamos ignorar o perigo que corríamos porque, poucos dias antes, um tal Dr. Jacaré, austríaco e a serviço da revolução, nos fora levar um ofício do comandante Pery intimando-nos à rendição. Nesse documento o valente marinheiro mostrava as forças de que dispunha e que somavam 500 homens.

A nossa munição não ia além de quatro mil cartuchos comblain, de modo que era impossível manter-nos na Vila. Além disso, tomadas que fossem as estradas pelas forças atacantes, nos viriam a faltar logo os gêneros de primeira necessidade. O Comandante resolveu a retirada, mas antes disso ordenou-me que mascarasse a nossa saída, construindo ligeiras obras de terra e madeira à margem do rio, na alta barranca, para fazer crer ao inimigo que estávamos na trincheira aguardando a sua chegada.

Logo ao cair da noite retiramos pelo caminho da Lagoa da Serra e Campo do Araranguá e o fizemos em perfeita ordem. Coube-me fazer a retaguarda com 12 homens escolhidos. Já a esse tempo de nossa passagem pela Lagoa da Serra o inimigo desembarcara na Vila, com infinitas precauções, devido às trincheiras falsas que fiz. A marcha foi feita sem o menor incidente até a Vila de São Domingos das Torres, no Rio Grande do Sul, nosso limite meridional, no litoral. Passamos a fazer parte da Divisão do Centro sob o comando de Arthur Oscar de Andrade Guimarães.

Durante o trajeto de 60 quilômetros, da Vila de Campinas até Torres, tive ocasião de ver pela primeira vez como se fazia o serviço de segurança em marcha e em estacionamento. Vi também a fortaleza de ânimo, abnegação, moralidade, bravura sem estardalhaços desse soldado modelo, meu mestre, comandante e amigo, homem que reuniu todas as qualidades morais de um soldado a Frederico o Grande. Vi a sua inteligência e prática da vida, a sua humanidade, energia de seus atos, disciplina severa, enfim, conheci o melhor soldado do meu tempo.

Sempre considerei como elevada honra o ter militado sob as ordens diretas de Firmino Lopes Rego, militar completo, coração magnânimo, valente com as armas. Um elogio dado por um tal chefe era sempre justa apreciação de serviços prestados pelo subordinado, e eu o mereci como poucos o mereceram no Exército.

Referindo-me assim ao varão ilustre que já descansa no seio do Misericordioso, nada mais faço que mostrar aos meus coestadanos quem foi Firmino Lopes Rego, paulistano de nascimento, mas barriga-verde três vezes por ter esposado três ilustres senhoras catarinenses. Referindo-me ao bravo que nunca se manchou civil e militarmente, mostro a minha gratidão pelo chefe incomparável, pelo comandante justiceiro, amigo leal e coração de leão, qualidades

que hoje, para infelicidade nossa, está muito difícil de achar na chefia de qualquer serviço militar ou não. Quem compara os brasileiros que se foram com os brasileiros atuais, nota logo o espaço moral que os separa, talvez devido à modernidade que tudo nega.

Nos combates dos dias 6 e 7 de novembro de 1893, na base do Morro dos Conventos e margem direita do Araranguá, feridos entre as forças da Divisão do Centro e pacote *Itapemirim*, tivemos toda ocasião especial para avaliar o valor moral, calma e bravura do Comandante da 3ª Brigada de Infantaria, Firmino Lopes Rego.

S. Exa. desde muito vinha se impondo à gratidão dos catarinenses pelas qualidades que o exornavam. Seu nome achava-se gravado em todos os corações pelo ato de coragem inigualável, dominando, com apenas onze cadetes, a revolta do batalhão 25, que não quis aceitar as novas instituições. A nós, camaradas e comandados, não surpreendeu o procedimento de Firmino, mas eletrizou-nos, seja-nos permitida a expressão. Bem se diz que o valor de uma tropa é dependência do valor do chefe.

Firmino Rego, depois de distribuir suas unidades, ficou exposto no cômodo mais alto, donde lhe era possível inspecionar sua gente e a força inimiga. Com a mão esquerda apoiada no punho da espada e tendo na direita um binóculo, chamava a atenção dos comandados, emprestando a coragem necessária aos que tinham naquele combate seu batismo de fogo. As granadas que passavam por sobre sua simpática e expressiva cabeça de velho romano, explodiam ali próximo, no arenito do Convento ou no areal movediço das dunas. E olhávamos com entusiasmo aquele vulto imponente, que ainda mais nos fascinava por sabermos-lo único ali, nessa demonstração de coragem sem jactância, que tanto faltava aos outros chefes. O sibilar dos pequenos projéteis de fuzil e o rumor característico dos graúdos projéteis de artilharia nenhuma comoção produziam naquele soberbo soldado. Seu olhar calmo incidia por vezes sobre nós, e com aquele sorriso bem gaulês que o caracterizava, ia de nós para aqueles que, com antecipação de trinta e tantos anos, já se acomodavam em abrigados PC, que se julgava criação de 1914.

Foi quando o vapor *Itapemirim* bravamente já havia forçado a passagem a menos de 200 metros das 800 carabinas e dois canhões que se achavam na

barranca, que Firmino gritou: “Alferes Rosa, conduza sua companhia a reforçar a ala direita”. E fui bem-sucedido.

Não convém dizer aqui certas coisinhas que vi da oficialidade do 4º de Infantaria, porque lá diz o ditado: Roupa suja lava-se em casa.

Há fatos que, por insignificantes que sejam ou pareçam ser, ficam gravados em nossa memória de um modo indelével. Outros há que, com aparência transcendental ou que de fato alto valor possuem, varre-se-nos da memória com a facilidade da ventania que toca a cerração. Na memória de um velho perdura a lembrança do que observou na primeira infância, enquanto que acontecimentos de ontem são olvidados em vinte e quatro horas. E eu creio que todos os dramas e comédias a que assistimos nesta vida de bons atores estão gravados na nossa memória, fita impressionada que carece do ácido revelador, uma conversa ou discussão hidroquinônica que nos garanta o positivo. E a não ser assim, por que motivo tenho bem fresca a lembrança do enterro de meu Pai, quando eu tinha apenas cinco anos, e não me lembro do que me sucedeu ontem?

Há quarenta e cinco anos, quase meio século, achava-se o autor deste trabalho com alguns soldados numa guarda avançada à margem direita do Araranguá, na estrada que leva de Campinas à cidade Juliana ou Laguna. Tresnoitados andavam os poucos comandados do bravo Firmino Rego, por serem continuadas as vigílias que o serviço de cobertura exigia, e bem rudes pelo negrume das noites e pelos últimos frios que o minuano trazia.

Com um chefe que era o primeiro na brecha, o primeiro a curtir agruras, quem poderia, em sendo homem de bem e soldado brioso, deixar de levar até extremos sacrifícios físicos, para poder irmanar seus atos com os do benemérito soldado?

O exemplo de bravura, abnegação, severidade, bondade de coração e honradez partia dele, e assim, custando muito, com ingentes sacrifícios, todos porfiavam em imitá-lo.

O ponto escolhido pelo comandante da referida guarda avançada estava oculto pelo arvoredo ribeirinho que ali era bem basto, e enfiava com seus fogos uma longa tangente do caminho. Era um rancho de abrigar canoas, e a igara que serviu para o comandante dormir um pouco achava-se cheia de

feijão ainda por debulhar, o que não era colchão de penas de pato ou ganso, mas que tinha a dureza de pedregulhos já experimentados pelo magro corpo. Entretanto, parece-me, nenhum soldado do referido posto deixaria de desejar que tudo aquilo estivesse bem cozido com cabeça, orelheira e pernil de porco de vinha d'alhos.

Não cochilara ainda dez minutos quando o brado da sentinela avançada ou perdida de “Quem vem lá?” o veio arrancar da feijoada em casca. Ouvira o tropel de alguns cavalos ou de outros quaisquer animais de grande talhe, e, decorridos três ou quatro minutos, apareceram seis cidadãos, três dos quais foram de pronto reconhecidos. Eram Francisco Bittencourt Machado, Perroni e Garcia, três únicos republicanos da Capital que, roubando uma canoinha, iludiram a vigilância dos dominadores, e passando o estreito se dirigiram por mais de uma centena de quilômetros até Braço do Norte e Tubarão, onde se lhes agregaram mais três destemidos que os levaram até Campinas.

O procedimento desses moços, hoje falecidos, foi considerado pelo comandante Firmino como o mais digno daqueles tempos, porque enquanto eles, civis, arrostavam inúmeras dificuldades e perigos pelos seus ideais, aqueles que, pela profissão que abraçaram deviam ser o exemplo vivo da honra, humilhavam-se, transigiam e ficavam escarnecidos pelo adversário de ontem, porque este sabia que se ama a traição desprezando-se o traidor. Sempre se aprecia mais o inimigo denodado do que o subserviente, que tudo aceita para salvar a carcaça. Jamais me saiu da memória o momento daquele encontro, pois tudo podia esperar, menos a chegada, de tão longe, de três legítimos e destemidos barrigas-verdes. Parece-me ainda sentir a sensação desagradável produzida pelos feijões que forravam a canoa, e parece até que, como protesto, a ilustre leguminosa entrou a fermentar e a chamar gorgulhos que nos picavam sem piedade.

Desde esse dia, os recém-vindos ficaram incorporados à nossa força, tendo recebido armamento e combateram em Conventos, passando comigo o rio Araranguá para a margem esquerda. Um episódio interessante, do qual foi protagonista o falecido Luiz Gelosa, fê-los abandonar as forças da Divisão para, adiantando-se, caírem prisioneiros dos federalistas na cidade de Tubarão.

A passagem para a margem esquerda do Araranguá tocou em primeiro lugar à 3ª companhia do 25º de Infantaria, sob meu comando, passagem feita

num pequeno batelão que mal suportava dois soldados. Foi demorada e perigosa, porque, se do outro lado estivesse uma força emboscada, fuzilava-nos à vontade. Fomos felizes, passamos sem novidade.

Apoderamo-nos da casa de um tal Sr. Brígido, onde encontramos víveres, e ali estava uma grande gamela dessas que servem para amassar pão, mas bem lambida por porcos e cães. Havia farinha de trigo com abundância, porém, para a confecção dos saudosos pães, carecíamos de fermento. Gelosa, então, fez ver que os restos, diminutos embora, existentes nos bordos da gamela, bem raspados dariam o fermento indispensável. Fez-nos sentir com bastante espírito que não havia falta de asseio no aproveitamento dos restos deixados pelos animais, porquanto estávamos acostumados a comer os próprios animais. E fez belos e grandes pães alourados, aromáticos, apetitosos, qualidades assaz simpáticas aos que como nós desde três meses não víamos um só, mesmo sem cor e bem duro.

Gelosa, porém, já estava alegre em demasia, e por que lhe roubasse por pândega o Capitão Vandelli um pão, zangou, arrastou consigo Machado, Perroni e Garcia, dirigindo-se para sua moradia em Pedra Grande, onde caiu nas mãos dos fuzileiros de Perry. Seus companheiros ficaram na cidade de Tubarão, e ali, perseguidos, caíram também prisioneiros. Machado, que se escapara para a margem esquerda do rio Tubarão, foi alvejado por muitas descargas ou fogo de salva das terríveis koropatchecs da marinha, mas era por Deus protegido e não foi atingido.

Escrevendo deste modo, teria certeza que severas críticas seriam feitas, se dado me fosse publicar este trabalho. E quantos pronomes não achariam os críticos deslocados, e que ridículo não atirariam sobre mim! A culpa é só minha e não me queixo, pois a ousadia de escrever para quem apenas sabe soletrar, num meio tão erudito e de moral tão elevado como o do meu povo, dá aos super-homens o direito de me chamarem topeira ou camelo, o que, de fato, sou, pois, por muitos motivos reconheci valer menos que qualquer daqueles bichos; porque enquanto um é a barca dos desertos arenosos e dá-nos lâ, o outro sabe cavar ótimas galerias, muito em voga nos exércitos modernos. Ora, eu não posso, pois que estou cansado e velho, conduzir fardos pesados pelo intérmino Sahara para ganhar um punhado de tâmaras; não posso abrir galerias em busca de algumas minhocas, logo, se a nenhum desses serviços presto, coloco-me em plano inferior.

Mas, o que vem a ser o escrever? Não será o transportar ao papel o que se sente e o que se viu? E não pode cada um pensar como quer, sem sujeitar-se aos rigores de uma disciplina qualquer? Claro, porque se assim não acontecesse, que sem sabedoria no mundo das letras! Tudo seria monótono sob regra única.

Cumpro um dever de gratidão referindo aqueles que procederam como homens numa ocasião em que, pelo lado moral, qualquer pitecoide se envergonharia de assemelhar-se ao homem. Não faço, pois, mais que um dever, para que no futuro se conheça o nosso presente, dizendo quem foi Firmino Lopes Rego. Os homens de caráter como ele honram uma Pátria, e de Firminos precisamos agora muito mais do que nunca e cada vez mais os desejamos, ou mais deles necessitamos, desejo e necessidade que crescem na razão direta do avacalhamento que por aí afora vai, político e social.

A ocupação da cidade de Tubarão (como se fosse possível haver piedade num tubarão), em 1893, pelas forças do General Arthur Oscar de Andrade Guimarães durou 15 dias. Esse general, reconhecidamente valente desde a Guerra do Paraguai, possuía além daquela qualidade a de um chefe cuidadoso e perfeito conhecedor dos serviços de campanha, por tropa bem organizada e excelentemente disciplinada.

Lembro-me perfeitamente da nossa marcha de aproximação e já são decorridos tantos anos. Havíamos feito um alto horário junto à casa do Sr. João Medeiros da Caipora, a fim de se preparar a coluna para a marcha de combate, tomando todos os dispositivos de segurança, precaução que nunca foi descurada, mesmo longe do inimigo, e que ali então se impunha, por terem nos anunciado os esculcas a presença do inimigo no outro lado do banhado.

Entre o alto em que se localizava a casa do Sr. Medeiros e o outro lado do alagadiço, havia uma estiva, a do Cubículo, de 1.200 metros de comprimento por dois de largura, e que se achava assaz arruinada pelo perpassar contínuo de tropas de bois, muares e pedestres e pelo avassalar das águas que com as chuvaradas rolavam da morraria, invadindo a planura ao nível de um metro.

Eu fui escalado pelo comando para tornar o passo mais fácil aos carros de bois, aos 600 cavalarianos e aos 1.800 infantes. Com trabalho insano, com vinte homens à frente para garantir-nos o terreno, ataquei o serviço com os exíguos recursos de que dispúnhamos.

Este bruto serviço extenuava minha gente, pois não é fácil nem leve cortar e arrastar palmeiras jerivá, único material ali existente, para colocá-las em estiva numa regular extensão. Aquele ligeiro reparo permitiu a passagem dos 1.800 soldados da Divisão, mas sob medonha trovoadas que despejava chuva a cântaros e faíscas com abundância sobre os planos horizontais daquela região, contrariando assim a lei das pontas, pois de que baionetas e lanças não faltavam e não foram atingidas.

Nesse mesmo dia fomos acampar já nas proximidades da cidade, numa outra estiva menor, penso que chamada o Patoral⁷. O 25º de Infantaria fazia o centro da coluna nesse dia, mas por ser um batalhão recém-organizado, sem música, sem bandeira, sem tambores, recebeu ordem de seguir para a vanguarda, para que os soldados do 11º e do 4º ficassem, porque tinham música, bandeira, tambores, abrigados pelo menos dos tiros do engajamento. Desde então fiquei convencido de que essa tal coisa denominada regulamento, leis, códigos e constituições foram feitos para inglês ver, como se exprime o povo na gíria de cá. Há sempre e sempre houve, e mais do que nunca para o futuro haverá dessas injustiças, desse desrespeito ao que está escrito, ao que está preceituado e que às vezes redundam em descrédito para os desrespeitados e elevam o nome do desrespeitado ou vítima dos desrespeitos. Afinal, à força de assistirmos os desmandos, também os desmandamos. O hábito, disse não sei que escritor, é uma segunda natureza, e porque o brasileiro já se habituou com as bandalheiras, estranha indignado que apareça, no meio do naufrágio moral que mata as sociedades, um pobre diabo que procura salvar-se numa tabuazinha dos antigos tempos, tábua moral que já hoje se acha relegada para os museus de raridade como qualquer dente ou costela secundária, terciária ou quaternária, que pertenceram a esses broncos bichos que nem por isso deixam de ser nossos ancestrais.

No dia seguinte, à frente de um forte esquadrão de cavalaria, o nosso comandante Firmino tomou a ponta da vanguarda e penetrou na cidade de Tubarão, onde por um triz não aprisionou o General Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado, digno comandante das forças federalistas.

Levou mesmo o heroico e pundonoroso soldado o seu reconhecimento

7 Nota do autor: Patoral é o nome que se dá em Santa Catarina aos lugares invadidos pelas grandes marés, confinando com os mangues. Não encontro em nenhum dicionário este nome, mas penso que a abundância dos nossos cisnes nesses lugares o justifica, significando a palavra - Abundância de patos.

a quatro quilômetros além da cidade, ao ponto em que o rio Tubarão é atravessado por uma ponte da via férrea.

Inutilizou a ponte o bastante para não dar passagem aos trens por pouco tempo.

Quando voltava da perigosa expedição, já o 25º entrava em colunas de seções, e, encontrando-o, fez por sua ordem meia-volta e foi ocupar o alto do talude do Sobrado, visto constar-lhe haver para o montante do rio um trem com tropa inimiga. A Divisão só entrou na tarde desse dia, de modo que, se tivesse havido um combate sério, os 170 soldados do 25º e o esquadrão de cavalaria seriam derrotados, porque a Divisão, apesar de ser bem feito o serviço de ligação, estava tão longe que, mesmo à marcha não chegaria a tempo, e se chegasse seria como se não chegasse, porque soldado extenuado não combate.

O inimigo, forte o bastante, retirara para a cidade da Laguna, donde vinha de vez em quando com seus reconhecimentos até a ponte. Outras vezes, eram os nossos piquetes que levavam reconhecimentos até bem longe, indo até Tapado, onde João Manoel Cardoso, da brigada de Portugal, bateu as forças de Caetano Neves.

Agora, antes de prosseguir, tenho necessidade de apresentar provas da minha presença na Divisão do Centro e posteriormente nas forças em operações de guerra contra os fanáticos do Contestado, e para isso, que melhor documento de prova poderia conseguir do que as ordens do dia dos comandantes?

Apresentou-se ao contingente do 22 de infantaria, sob o comando do Capitão José Bonifácio de Andrade Vandelli, estacionado em Pedras Grandes. Novembro de 1893 - Em virtude do telegrama do Ministro da Guerra, de 27 de outubro e ordem do dia do comando da guarnição e fronteira do Estado de Santa Catarina, de primeiro, que mandou reorganizar o 25º batalhão de infantaria, ficou fazendo parte do mesmo e assumiu o comando da 3ª companhia. Achando-se acampado na margem esquerda do Mampituba, marchou ainda a primeiro com destino à cidade de Tubarão, acampando a 3 no Passo da Lagoinha, levantando acampamento a 5 e acampando a 6 na margem direita do rio Araranguá. Tomou parte nos combates de 6 e 7 na mesma margem. A 10, transpôs aquele rio e acampou. Levantou acampamento a 12 e a 16 acampou na referida cidade de Tubarão. Levantou acampamento de volta para o Sul, repelindo em combates e marchas forçadas os revoltosos que ocupavam esses lugares. Já em dezembro, levantou de novo acampamento, a 12 transpôs o rio Araranguá. A 16, o

rio Mampituba. Acampou na Vila de Torres e dali seguiu com a Divisão para Porto Alegre, onde acampou.

O Sr. Tenente-Coronel Firmino Lopes Rego, comandante da guarnição da fronteira, declarou que, cumprindo um dever de justiça e de conformidade com a sua parte de combate, durante o tempo em que o alferes José Vieira da Rosa serviu sob seu comando, procedeu sempre com critério, atividade e valor nas diversas comissões e destacamentos que lhe foram confiados para os serviços de reconhecimentos e vanguarda nas marchas, como também construção de estivas e serviço de exploração e remoção de obstáculos nos caminhos e passagens de rios, serviços estes que também lhe foram confiados na marcha de retirada, cobrindo a retaguarda, desempenhando-se de modo louvável, com incansável zelo e previdência. Nos combates de 6 e 7, em Araranguá, entre as forças da Divisão, com os revoltosos e guarnição do vapor *Itapemirim* armado em guerra, que bombardeou o acampamento da Divisão e forçou a passagem do rio, portou-se o alferes José Vieira da Rosa com inalterável calma, coragem e muita bravura, dirigindo de pé o fogo de sua companhia, exposto à fuzilaria e metralha inimigas, quando houvera ordem para o pessoal conservar-se deitado, devido à proximidade do inimigo que varria a barranca do rio, indo depois com a sua companhia, pela mesma barranca, por ordem superior, em proteção da ala esquerda do batalhão (Assinado: Firmino Rego, Tenente-Coronel Comandante).

Penso que esta ordem do dia basta para provar a minha presença, para mostrar que combati, não carecendo, por isso, de escrever por informações.

E como tenho que me referir à luta do Contestado, é justo que transcreva outros documentos que provam também a minha presença ali.

1914 - Conforme consta da ordem do dia nº 14 de 9 de fevereiro foi elogiado por ter tomado parte em todos os combates que se deram com as forças em operação contra os fanáticos de Taquaruçu, pelo arrojo que deu prova nessa emergência, demonstrando valor que chegou a ser temeridade, com o maior desprezo pela vida. Sua conduta figurará na sua brilhante fé de ofício, como confirmação da bravura com que adquiriu as divisas do primeiro posto, declarado com rigorosa justiça pelo valoroso oficial que foi o falecido Marechal Firmino Lopes Rego.

Esta ordem do dia, que não transcrevo na íntegra, prova, parece-me, que estive no combate de Taquaruçu, mas pode ser que algum general de café público ache que lá não me achei e, tenho de convencer-me de que meus chefes sonhavam e que nesse sonho me viram à frente de uma vanguarda a receber os primeiros disparos das formidáveis Winchester 44.

A 12 de fevereiro de 1914, o Sr. General Chefe do Grande Estado-Maior, em telegrama passado ao comandante da expedição de Taquaruçu, por intermédio do general comandante da Região, felicitou o Capitão José Vieira da Rosa, por ser o encarregado do serviço de exploração. A 10 de março foi elogiado por ter tomado parte no ataque de Caraguatá, onde com dez homens apenas protegera o posto de socorro atacado pelo jagunço.

Estará provado que ali estive?

O General Fernando Setembrino de Carvalho, em telegrama de 18 de outubro de 1914, elogiou-o pela sua iniciativa e bravura no ataque levado aos fanáticos no dia 17. Na mesma data o comandante do batalhão, Coronel Allilúia Pires, em ordem do dia, fez suas as palavras do General Setembrino, dizendo em acréscimo que a competência tática e bravura do Capitão José Vieira da Rosa já lhe eram conhecidos desde o ataque de Taquaruçu.

O Sr. General Setembrino, inspetor da 11ª Região, em seu boletim de 25 do mês findo elogiou-o pela coragem, inteligência e habilidade com que dirigiu o ataque de 17 do mês findo os soldados, conseguindo o desbarato do inimigo sem perda de um só camarada, conforme publicou a ordem do dia regimental nº 5.

Por uma outra ordem do dia regimental foi, pelo comandante inteiro do batalhão louvado e agradecido por ter, no reconhecimento e busca sob sua competente direção, na fazenda do reconhecido bandoleiro Ramiro de Andrada, distante da cidade de Lajes 6 léguas pelo resultado proficuo que alcançou no desempenho dessa missão.

O Coronel Allilúia Pires, ao deixar o comando do batalhão por efeito de reforma, agradeceu-lhe e louvou-o pela dedicação e interesse que teve pela instrução e disciplina dos inferiores e praças de sua unidade, conjugando esforços para que fosse sempre esta unidade considerada disciplinada e instruída, o que várias vezes foi posto em destaque pelos superiores que sabiam avaliar com justiça o seu grau de preparo e disciplina, conforme publicou a ordem do dia regimental de 77.

Pela ordem do dia regimental de primeiro, em cumprimento ao determinado na ordem do dia do General Comandante da Divisão Provisória em operações, sob número 50 de 14 de maio, foi pelo Sr. Ministro da Guerra em aviso 614 de 23 de abril do corrente ano, declarado em nome do Sr. Presidente da República que, achando-se terminadas as operações de guerra nos Estados de Santa Catarina e Paraná, se congratula com o Exército Nacional por este fato, louvando o Capitão José Vieira da Rosa pela bravura e abnegação de que deu provas.

Pela ordem do dia regimental ainda de 1º, foi pelo Sr. General Fernando Setembrino de Carvalho, ao despedir-se das tropas que teve a honra de comandar, elogiado o Capitão José Vieira da Rosa, que no decurso desta campanha prestou valiosos serviços, quer

de arma na mão, procurando, perseguindo o inimigo para denotadamente derrotá-lo, quer harmonizando os elementos políticos discordantes em Curitiba, de que espera imensas vantagens para a consolidação da paz no Contestado. Em vários encontros, o Sr. Capitão Vieira da Rosa tem provado sua rara coragem, atilamento, extraordinária atividade e proficiência que o distinguem como um dos mais brilhantes oficiais de sua arma e o recomendam à estima dos chefes, às referências mais encomiásticas e aos postos mais elevados da hierarquia militar.

O Coronel Antonio Sebastião Basilio Pyrrho, ao deixar o comando da circunscrição e destacamento das três armas, no Contestado, em sua ordem do dia nº 35 de 25 de julho, louvou e agradeceu o Capitão José Vieira da Rosa pela nítida compreensão no desempenho que está dando à comissão que lhe está confiada, mostrando muita capacidade.

Em 1916 - Janeiro - O Sr. Presidente da República mandou louvar o Capitão José Vieira da Rosa pela especial dedicação, bravura e capacidade militar que mostrou, batendo os últimos grupos de fanáticos, perseguindo-os e prendendo-os em grande número.

O Sr. General comandante da Região também louvou-o pela especial dedicação, bravura e capacidade militar que mostrou, batendo os últimos grupos de fanáticos, perseguindo-os e prendendo-os em grande número.

O Sr. Coronel João Emigdio Ramalho, comandante da circunscrição militar do Paraná em sua ordem do dia nº 8 de 16 do corrente, elogiou-o por ser o comandante da força do 54º de Caçadores que tomou a ofensiva contra os fanáticos, fazendo raides proveitosos, sempre em contínuo movimento, numa zona ingrata e desprovida de recursos, empenhando-se em vários encontros com os jagunços dos quais sempre saiu vencedor.

O Sr. Tenente-Coronel Antonio Pereira Leitão da Silva, comandante do batalhão, em cumprimento ao determinado em aviso de 4 do corrente, do Sr. Ministro da Guerra, que mandou elogiar este batalhão pelos relevantes serviços prestados durante a luta inglória nos sertões de Santa Catarina e Paraná, elogiou o Capitão José Vieira da Rosa pela bravura comprovada e boa orientação de que deu prova nos diferentes serviços que lhe estavam afetos, na espinhosa comissão que lhe fora confiada, o que tudo publicou a ordem do dia regimental nº 31.

As referências feitas pelas ordens do dia acima transcritas parecem provar que o autor destas notas esteve desde 1914 até 1917 nos sertões revolucionados e, descrevendo mesmo sem grandes surtos de retórica o que viu durante aqueles mil e cinquenta dias, fê-lo sem paixão e sem mentira, muito embora pareça aos patriotas de café que não passa de um cabotino. O que fazer? As apreciações são livres e o caluniar libérrimo.

Agora, provada a nossa permanência lá em cima, suportando os grandes frios de geadas e nevadas, comendo às vezes o que cá embaixo, no litoral, que significa fartura, repugnava a qualquer estômago, descrevamos o que vimos.

A GUERRA DOS FANÁTICOS

O erro dos governos, das religiões, das sociedades e o das simples individualidades tem sido em todos os tempos a intolerância. Ela fez, faz e fará derramar muito sangue.

Tenho para mim que não há maior incentivo para a propaganda de um ideal do que a perseguição, filha da intolerância. Os romanos atiraram aos leões milhares de cristãos, mas o cristianismo venceu, e depois de trezentos anos de sofrimentos, os perseguidos passaram a perseguidores, apareceram inquisidores e reis que em nome do Filho de Maria atearam fogo em muita lenha, e as ideias novas venceram.

Atualmente, fala-se muito em altruísmo, filantropia e em outras coisas bonitas e fáceis de dizer, pretendendo disfarçar com suas belas figuras retóricas o lutulento do seu verdadeiro sentir. A prova, formidável paradoxo! Quanto mais democrata é uma constituição escrita, mais autocrata o é na prática de governar, de praticá-la. A Humanidade muda de rótulo, conservando sempre o moral apodrecido.

A nossa magna carta e todos esses bilhetinhos estaduais estão pejados de coisas bonitas, mas...

O governo da República, pelo menos na constituição escrita, compõe-se de três poderes autônomos, mas harmônicos entre si, o que seria, de fato, sólida garantia para o povo, se fossem cumpridos seus artigos. Na prática, porém, os poderes Judiciário e Legislativo nada valem porque só manda o Executivo. Engraçada esta coisa que se chama República e que é verdadeiramente uma re-pública.

Questão atávica, não podemos reclamar contra anomalias. Costumado ao poder único durante séculos, os povos têm tolerado toda sorte de atrocidades, e se um belo dia alçam o colo, e como um ciclone tudo devastam, como esse

flagelo que faz tanta desgraça no mar das Antilhas, procedem inconscientemente. A liberdade mal entendida dos franceses de 1789 foi substituída pela prepotência napoleônica, que fez mais mal, derramou mais sangue nos seus quinze anos do que todos esses capetos, valois e bourbons que vinham desde antes das cruzadas.

As rússias suportaram durante séculos o poder absoluto dos czares, o *knout* patriótico, dispondo o povo de um código admirável pelo seu laconismo: Alma a Deus, Cabeça ao Czar, Dorso ao *knout* do Senhor e a Terra a mim. Sibéria logo após o *knout*, quando o *knout* deixava um resquício de vida. O povo russo levantou a cabeça poderosa depois de muitos séculos de subserviência, e a explosão foi medonha, fez sofrer aos perseguidores de antanho males muito piores que os sofridos pela plebe. Ficou estabelecido o bolchevismo e... onde a liberdade prometida?

É quase o nosso caso. A nossa constituição garante a liberdade de consciência, separou a Igreja do Estado, mas não tolera liberdade à Imprensa, que representa o sentir do povo, e permite que o clero tudo avassale com suas falas mentirosas e hipocrisia refinada. E hoje, apesar da separação da Igreja do Estado, o clero tem mais garantias, goza de mais regalias do que no tempo das cômputas e soldo ao Santo Antônio.

O religioso fanatiza porque vai nisso a sua força; seus representantes chegam a pregar e escrever imoralidades, como no caso do célebre livrinho *Maná*, que tanto scandalizou a gente de bem e tão entusiasmados deixou o pessoal de sobrepeliz. Certas mulheres fanatizam porque são prepostos do religioso, e ainda hoje, em pleno século que esses refinados tratantes chamam das Luzes quando é apenas lutulento, vemos nas ruas as procissões, ouve-se o padre dizer afrontas do alto púlpito, pregar moralidade, mas a que ele pratica e, no entanto, porque um grupo de caboclos manda rezar pelas devesas, nas encruzilhadas das estradas sertanejas, fazendo-o, entretanto, sem prejuízo da Moral e sem prejuízo de ninguém, manda-se-o espingardear em nome da Lei, em nome de uma Constituição que garante a liberdade religiosa.

O lar ou pelo menos muitos lares refletem as imoralidades da Igreja. Os homens ou a maioria deles a do estômago, e com o estômago não se brinca.

Conseguiu a sociedade atual uma coisa difícil: impedir que os rostos, ou

antes as caras, sofram aquele rubor que o sangue traz, quando a alma se sente envergonhada ou ofendida. Mas... se o sem-vergonhismo já é coisa aceita como modernismo, coisa louvável.

Voltando ao pobre *caa-boc*, diremos ou dizemos que não é agradável presenciar manifestações de fanatismo, seja de que espécie for, religioso, artístico ou político, mas onde a diferença do fanatismo do *caa-boc* que reza pelo seu rosário, do fanatismo da moça bonita que reza pelo seu rosário? O do caboclo é de carocinho de quamirim; finge pérola a conta do rosário da moça bonita. Não é a qualidade da conta que influi, que diferencia rosários sertanejos dos rosários citadinos. A diferença existe e grande, e consiste na lealdade do caboclo que reza lá ao seu Zé Maria, defendendo-o com convicção e entusiasmo, enquanto que aqui, o que sente, o que é convicto, não vai ouvir o que prega um padre.

O caboclo não tinha como não tem no que ele chama seu reduto a confissão auricular, a terrível arma do Clero católico romano, e os fiéis de João Maria, que nunca deixaram de ser crentes cristãos, tinham e têm a coragem bravia do árabe combatendo pelo Alcorão.

Se uma dada seita merece punição por ter-se oposto ao que estatuem nossas leis vá lá que se a castigue, mas que se pratique a equidade, que se equipare o crime do civilizado ou que se diz civilizado ao do caboclo ignorante, pois que as leis da República não criaram distinções entre os habitantes. Eu acho, porém, e posso estar errado, mas bem intencionado, que um mesmo crime, o do roubo ou assassinato praticado por um homem da cidade, por exemplo, é mais horrendo e por isso passível de maior penalidade do que o praticado pelo sertanejo que tudo ignora, porque neste impera ainda a animalidade e naquele devia prevalecer a intelectualidade que evita os crimes, desenvolvendo a moral.

Mas não é assim, pois que vemos assassinos e ladrões da alta roda espaiarecerem pelas avenidas e parques, afrontando a sociedade, e atirado ao presídio o pobre diabo que por muitas vezes sofre um erro judiciário ou uma calúnia. Mas... se já se dizia há séculos: Quem rouba muito é barão, quem rouba pouco é ladrão...

E o que resultou da intervenção armada em Canudos? O que sucedeu anteriormente com os Muckers em São Leopoldo? O que se viu do Contestado? Viu-se um derramar de torrentes de sangue patricio, a confissão de inépcia

de nossas forças armadas, a covardia de chefes militares e a falta de preparo profissional; viu-se que se ignorava a nossa topografia, e a confissão de que o país estava incapaz de acabar de vez e com prontidão uma revolta de caboclos mal armados.

Se em vez de atacar com forças armadas os governos tivessem procedido de outro modo mais humano, as lutas teriam tido pequena duração. Bastava que deixassem o povo ver irrealizados os milagres anunciados pelos monges.

Uma ação corresponde a uma reação, e sem a ação injusta do governo não teria havido a reação justa do fanático. E fez-se do fanático um criminoso, mas quem lá em cima da Serra poderia atirar-lhe a primeira pedra? Ah! que se fôssemos punir os fanáticos de todas as espécies que pululam por aí afora, o encarregado dessa função teria que passá-la a outrem, para ser punido por sua vez.

Não se diga que o fanatismo do caboclo do Contestado era criminoso. Não o era em seus princípios, tornou-se depois criminoso, premido pelas perseguições movidas.

Os fanáticos eram rezadores que acreditavam, sem sair do credo cristão, num enviado de Deus, um novo santo que tinha por missão levá-los ao lugar da Salvação. Tinham absoluto respeito pela crença alheia, não procurando impor a sua, e só depois de hostilizados militarmente entraram a se armar para a defesa comum e para a de seus ideais.

Anunciaram-nos como subversivos da ordem pública, mas não havia razão séria para isso porque, até a primeira expedição contra eles, nenhuma queixa havia de que eles roubassem ou assassinassem. Cada lavrador ou pequeno criador que os seguia, levava em seus cargueiros os meios de subsistência. Depois, agredidos por toda a parte, começaram as vinditas e, quando as vitórias por eles alcançadas fizeram crer nos milagres de José Maria, o número de adeptos aumentou consideravelmente e, forçados pela necessidade de darem comida a milhares de pessoas, entraram a roubar os fazendeiros.

Agora sim, já se justificava uma intervenção armada.

O fato de terem sempre se recusado entrar em acordo com o governo para acabarem com as suas reuniões não explicava o espingardeamento da

expedição Gualberto, ordenada pelo governo do Paraná, porque até essa data nenhum crime os caboclos haviam cometido.

Uma prova de que eles não desejavam a luta está bem patente na sua retirada de Curitiba para Irany, onde permaneceriam a rezar, fora do nosso nefasto e ultracivilizador contato, até que as falhas constantes de José Maria os tornassem descrentes da sua infalibilidade.

Infalibilidade de José Maria de Agostinho, sucessor de João Maria, o velho monge! O que há de mais em tal crença, se se admite a do Papa? E não são homens cultos que a admitem? Não será o Papa um homem tão homem como um caboclo que se mete a papa?

Ninguém quis ver o jagunço pelo prisma mais simpático. Ele era, na opinião dos dirigentes da Nação e do estado, um bandido sem fé nem lei, passível das penas mais severas. Entretanto, os ladrões e assassinos vivem à tripa forra e cinicamente rindo nas bochechas dos homens de bem, cumprimentados pelos graúdos do poder, se em vez de ladrãozinho se apresenta ladrãozão.

A POPULAÇÃO SERTANEJA

A Guerra do Contestado não teve até hoje o seu Euclides da Cunha, mesmo porque um Euclides da Cunha não se encontra sempre. Nem mesmo entre tantos que têm escrito sobre a tragédia dos pinhais há um só que tenha aspirado tornar-se célebre, como pelos seus méritos se tornou o autor de *Os Sertões*? Não, e o que há por aí publicado peca pela parcialidade e pelas inverdades, sendo que de todos os trabalhos publicados o melhor é o do Coronel José Octaviano Pinto Soares, que o fez quando tenente.

Eu também procurarei não almejar celebridade, mas não escrevo senão verdades, referentes ao setor que ocupei e limpei.

A população serrana compõe-se de fazendeiros e seus agregados, empregados na deambulação dos gados e nas coivaras para o milho, para o trigo, para o feijão. O fazendeiro era da escola do *far west*, um potentado, um homem que se julgava superior ao pobre pária, se bem que, moral e intelectualmente,

valesse tanto como ele. Os pobres homens dependentes do fazendeiro eram uma coisa, um sudra e não um homem, e nada mais natural que uma sova de rabo de tatu por dá cá aquela palha. Também não admira que ele o fizesse, pois a Rússia, na supercivilizada Europa, não substituiu o czar pelo bolchevismo que adaptou coisa muito mais prática? O regime das fazendas era uma coisa semelhante ao dos senhores feudais, que dispunham a seu talante da vida de seus vassalos, que iam ao cutelo ou ao machado como qualquer destinada ao açougue.

Ai do desgraçado caboclo que, para evitar a morte de seus filhinhos por inanição, fosse pego em flagrância de um roubo de ovelha ou cabrito: a escolta volante, a soldo dos fazendeiros, fazia-o desaparecer num desses itambés sem fundo onde nem urubu chega.

O nosso caboclo, porém, por uma lei muito conhecida, guarda de seus ancestrais tupis o amor de uma Liberdade livre, e não dessa Liberdade escravizada da nossa constituição.

Um dia faria erupção um movimento de raiva. Também os vulcões dormem durante séculos para despertarem furiosos, como fez o Fujiama depois de 500 anos de sono.

Para o jagunço faltava um condutor e este apareceu. Falar a esses broncos filhos dos ermos em direito constitucional era clamar no deserto; levá-los aos perigos pelo maravilhoso, fácilimo. E não sucedeu outra coisa.

Atrasado, como disse Euclides da Cunha, cerca de 500 anos de civilização, ingênuo crendeiro, tendo muito ainda do tupi seu ancestral, facilmente se deixou levar pelos ensinamentos de João Maria, velho que, seja dito com justiça, não fanatizava, chegando mesmo a proibir que o acompanhassem em grupos. Pobre, possuindo nada de seu, nem mesmo o terreno que desbravou e povoou, no tempo em que o branco puro não se animava trilhar os sertões, facilmente se locomovia esse pioneiro rude, valente, sóbrio, modesto, rijo e inteligente, embora de pequena cultura.

Não era o seu pouco preparo por culpa própria, pois nunca passou pela mente dos governantes de ontem, como não passa pela mente dos atuais, dar ao pobre e simples caboclo uma instrução razoável. Verdade é que, mesmo que algum novo Caio Cilnio apareça, não bastará sua vontade para resolver



CARTA DO ESTADO DE SANTA CATHARINA

ESCALA 1:1000000

CONFECCIONADA PELA DIRECTORIA
DE VIAÇÃO TERRAS E OBRAS PUBLICAS
Sendo Governador
O CORONEL GUSTAVO RICHARD

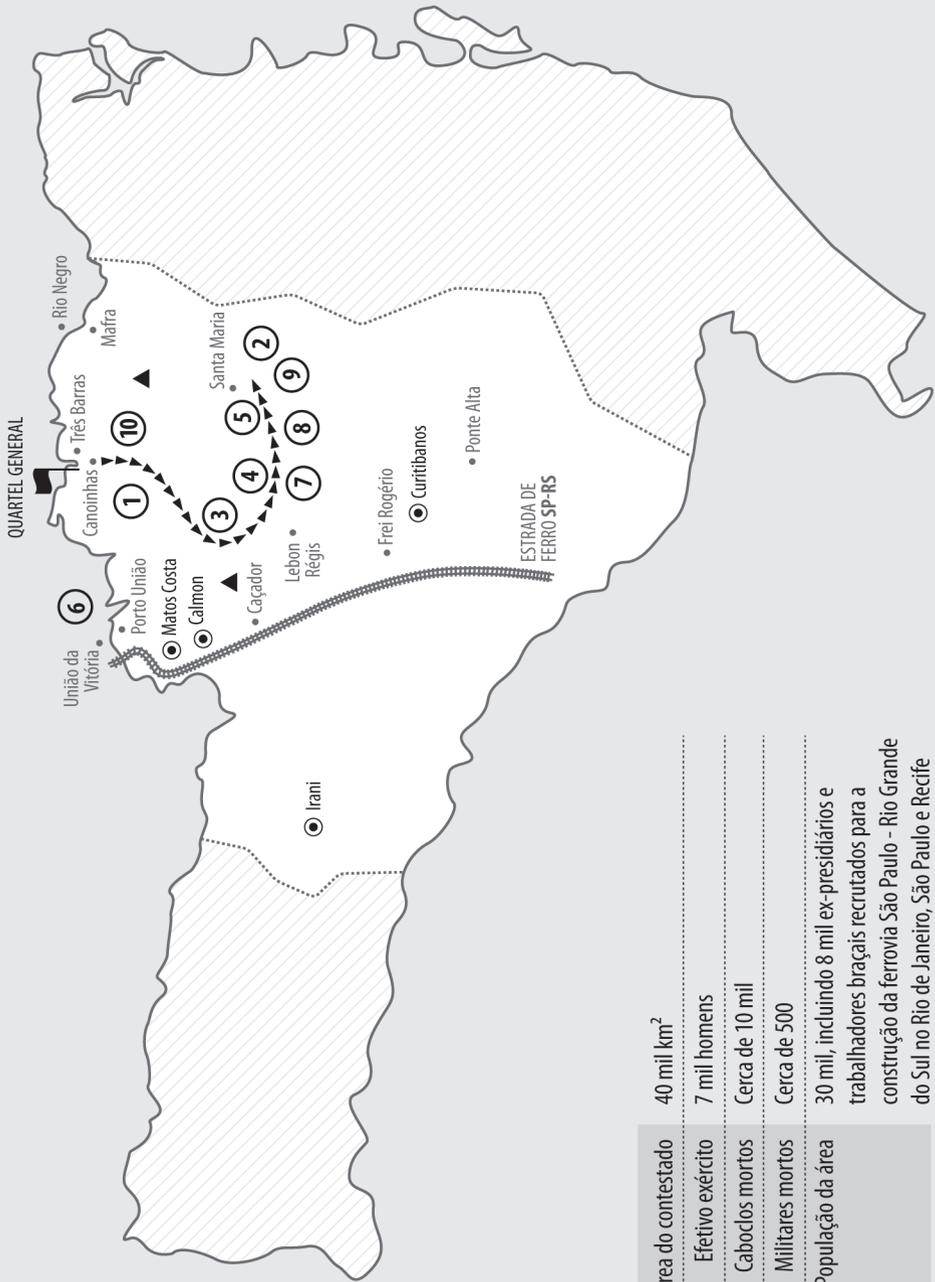
1907

- CONVENÇÕES
- CIDADES
 - POVOAÇÕES
 - POVOAÇÕES
 - ESTRADAS em Tráfego
 - DE FERRO em Construção
 - ESTRADAS de Rodagem
 - CAMINHOS de Carretão

QUESTÃO DE LIMITES
 ENTRE
PARANÁ E SANTA CATHARINA

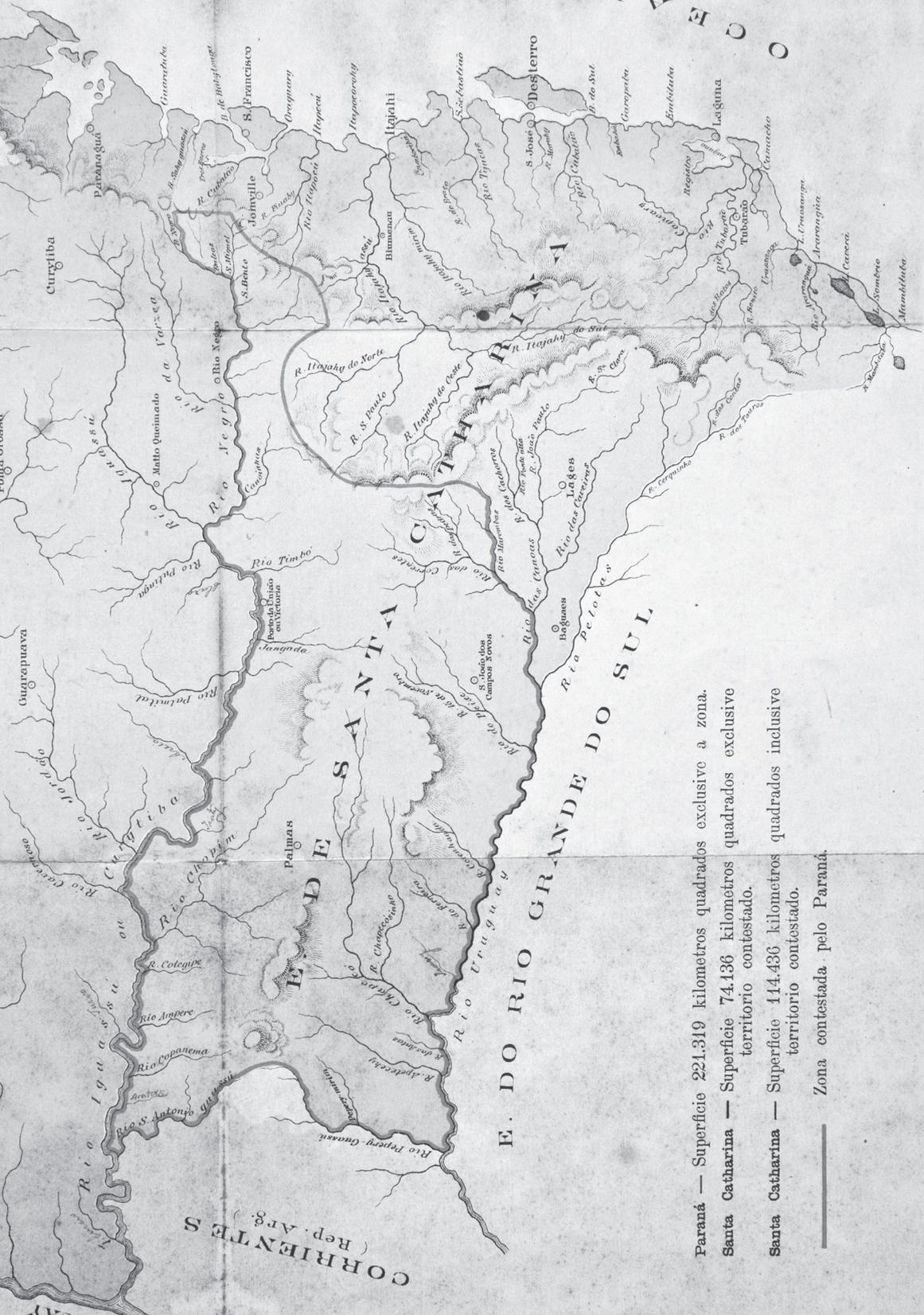


Paraná — Superfície 221.319 kilometros quadrados exclusive a zona.
 Santa Catharina — Superfície 74.136 kilometros quadrados exclusive territorio contestado.
 Santa Catharina — Superfície 114.436 kilometros quadrados inclusive territorio contestado.
 ——— Zona contestada pelo Paraná.



LEGENDA

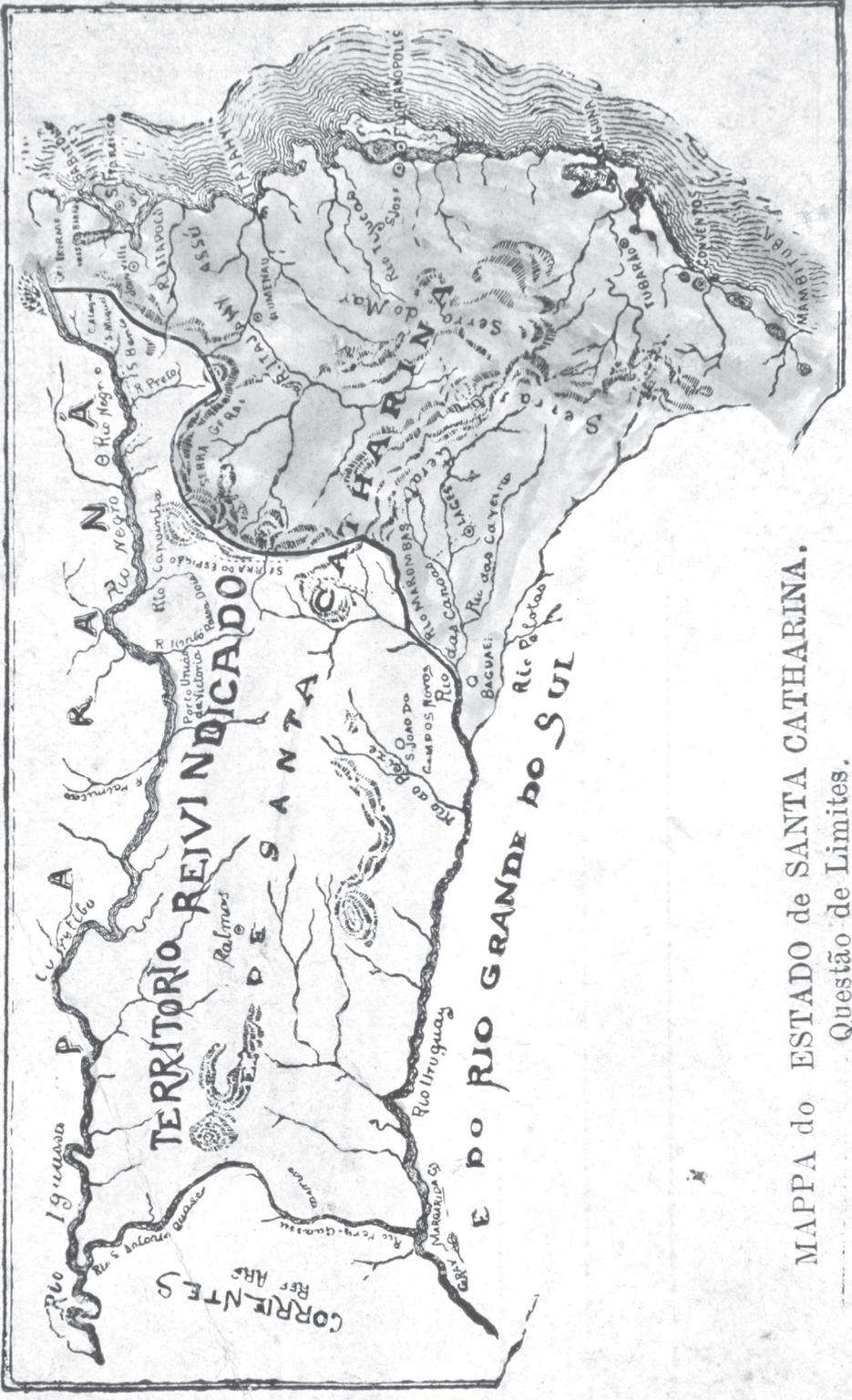
- ▲ **Serraria Lumber**
 - ▶▶ *23 de março a 3 de abril de 1915*
Deslocamento de dez dias da tropa especial comandada pelo capitão Potyguara.
 - **Irani**
22 de outubro de 1912
1º combate entre a força de Segurança do Paraná e os caboclos ocorreu em Irani. Morreram o monge José Maria e o coronel João Gualberto.
 - **Calmon**
setembro de 1914
Caboclos incendeiam a serraria da Lumber e a estação ferroviária de Calmon.
 - **Matos Costa**
5 de setembro de 1914
Morte do capitão Matos Costa em São João dos Pobres, atual cidade de Matos Costa.
 - **Curitibanos**
26 de setembro de 1914
Ataque de caboclos a Curitibanos.
-
- ① *Dezembro de 1914*
O general Setembrino de Carvalho decide bloquear o acesso de armas e alimentos para os redutos.
 - ② *Janeiro de 1915*
Caboclos se concentram no reduto de Santa Maria. Aumento da população da "cidade-santa".
 - ③ *Janeiro de 1915*
Queda do reduto de Tavares.
 - ④ *3 de fevereiro de 1915*
Queda do reduto de Santo Antônio.
 - ⑤ *4 de fevereiro de 1915*
Queda do reduto de Tamanduá.
 - ⑥ *1º de março de 1915*
Cai avião do tenente Ricardo Kirk, em General Carneiro, Paraná.
-
- ⑦ *1º de abril de 1915*
Combate no Rio Caçador Grande, que resulta na morte de cem caboclos e seis militares. Morre a "virgem" Maria Rosa e dezenas de mulheres.
 - ⑧ *2 de abril de 1915*
Queda do reduto de Aleixo.
 - ⑨ *3 e 4 de abril de 1915*
Entrada dos militares e destruição do reduto de Santa Maria. É o fim da guerra na visão dos militares.
 - ⑩ *6 de abril de 1915*
Setembrino ordena perseguição ao líder caboclo Adeodato Ramos, que só é capturado em agosto de 1916. Surgem os novos redutos de São Pedro e Pedras Brancas. São formados campos de prisioneiros nas cidades da região.



Paraná — Superfície 221.319 quilômetros quadrados exclusivo a zona.
 Santa Catharina — Superfície 74.136 quilômetros quadrados exclusivo território contestado.

Santa Catharina — Superfície 114.436 quilômetros quadrados inclusive território contestado.

— Zona contestada pelo Paraná.



um problema de tanta transcendência, por isso que as populações estão muito disseminadas pelos matos, e tanto que seria impossível estabelecer escolas para seu uso, e professores ambulantes por envios sertões acabariam por ser, como os popes russos, encarregados da educação dos lapões, tão lapões como eles.

Entretanto, se isso serve de sério argumento, se é um pretexto para não educar o povo do mato, porque conservá-lo bruto pode trazer vantagens aos satrapinhas municipais, também é verdade que nos pequenos núcleos de população bem poderiam existir escolas primárias, e não existem. Culpa há, portanto, da parte dos dirigentes. Mas esses governadores e dirigentes correm de escota amarrada e bem se sabe que, não havendo tempo para soltá-la quando vem a rajada por entre morros, a embarcação emborça.

Todos reconhecem isso, mesmo porque não há quem possa, a não ser esses de grande estômago e nenhum coração, e que por indecorosas concessões de terras, espoliam o brasileiro em proveito do estrangeiro, negar o que afirmamos.

E enquanto o país paga as passagens para colonos europeus, dá-lhes casa e comida durante o primeiro ano, não os atropelando pelo pagamento do lote, tira-se do caboclo aquilo que lhe pertence há mais de setenta anos, sob o pretexto de que ele não beneficia o terreno, não será um crime o desrespeito do usucapião?

Abandonados a si mesmos, enquanto que às populações urbanas tudo se facilita, querem os pais da Pátria que os infelizes estejam em pé de igualdade com os que vivem nos centros civilizados. Entregues às endemias, sujeitos às epidemias que os depauperam, tempo virá, e talvez bem próximo estejamos desse tempo, em que esta raça soberba pelas qualidades morais e afetivas desapareça como o pele-vermelha. Na verdade, parece, há uma secreta vontade de que todos desapareçam, para reverter em benefício de adventícios as posses por eles mantidas de avós a netos desde tempos imemoriais.

Eu sou pelo caboclo. Convivi com ele. Sei-o muito superior a muitos habitantes das cidades no que concerne à moralidade, à hospitalidade, à robustez psíquica, à valentia e à pureza de costumes. Haverá quem me ouse contestar? Para isso seria preciso discutir, para fazer discursos seria preciso conhecer nossos sertões, e não posso crer que um moço adaptado aos costumes urbanos, das grandes cidades, se arrisque aos incômodos de toda a natureza, tais

como mosquitos, mutucas, jararacas, sapos horripilantes, calangos valentes, carrapatos por sangue sedentos, espinhos, sede, fome e mais belezas naturais das matas, dos campos, dos almargeais, das lezírias e areias, e pedregais. O caboclo, nome que ficou para o nosso matuto, mas uma corruptela de *caa-boc*, que quer dizer no tupi “homem da mata”, vive nesses ermos, arborizados ou não, com fartura ou sem ela, sempre calmo, sempre resistente à fome, que mata muitas vezes com um palmito de butiá, à sede que ele faz desaparecer com a água da taquara ou com a seiva do grande cipó, e mesmo com a que fica nos caragatás, o *caa-boc*, para ser estudado, preciso é que se o vá procurar na região da fartura ou na zona da miséria, oferecendo ao hóspede o que possui. O almofadinho que o quiser estudar, sujeitar-se-á acaso aos maus bocados que um estômago vazio ocasiona?

Eu senti até onde vai a hospitalidade do nosso sertanejo, que abandona a cama ao hóspede e vai passar a noite, com mulher e filhos, ao redor da fogueira, sem dormir; eu sei bem até onde chega a sua bondade, sacrificando dos poucos animais que possui um leitão ou uma galinha, para que o hóspede não sinta fome, enquanto que ele se contenta com a especada de pinhões, se de inverno; eu vi mandar-se pelo café um filho a mais de légua de distância, para que o hóspede não saia de sua choupana sem o aparado indispensável, o mata-bicho matinal.

Direis: Mas o fazendeiro também pratica a hospitalidade.

Não há dúvida que ele o faz e fá-lo prazenteiramente, porque a condição de ser hospitaleiro e esmoler é herança bem portuguesa e geral nos sertões brasileiros, mas o que o fazendeiro faz neste sentido é o dinheiro do fariseu, ao passo que semelhante ao óbolo da viúva é o que nos dá o pobre posteiro, o humilde lavrador. O que é a hospitalidade de uma noite para o rico que gasta um quilo de carne que está para o número de quilos de carne fornecida pelo rebanho como um está para trezentos mil? Nada, mas nem por isso fica-se menos agradecido, porque o agasalho de uma noite foi dado de coração. O que significa para o caboclo que só possui meia dúzia de bácoros o sacrifício de um deles para obsequiar o forasteiro? Muito, pois que dá a metade de sua fortuna.

Não estou fazendo romance e nem tenho jeito para tal. O *caa-boc* é exatamente como o pinto, desde as lindes do Norte até nossos confins ao Sul, desde qualquer do nosso litoral a qualquer linde do Ocidente. A raça é a mesma, o

coração é o mesmo, o indivíduo é o mesmo, quer galope nas coxilhas de São Joaquim do Rio Branco, olhando o vizinho pretensioso e sobrepujando-o em qualidades afetivas, quer caracolem nas coxilhas sulinas, nos campos serranos dos Estados do Sul, quer percorram as matas do sertão, as caatingas do Nordeste ou saltem sobre as ondas em frágeis canoas, admirando o Mundo com a ousadia portuguesa de suas viagens em botes ou jangadas. O brasileiro é o mesmo, um tanto indiferente às convenções sociais, parecendo, por isso, sem patriotismo, porque para muita gente gritaria, arruaças significam amor da Pátria, mas verdadeiros heróis se tem chefes valentes para conduzi-lo a Guararapes, a Tabocas, para Lombas Valentinas ou Itororó. E o que eu chamo *caa-boc* não é a raça tupi, que cobriu a América do Sul no lado atlântico, não, este nome cabe aos habitantes do sertão, de qualquer raça radicada aqui.

Caboclo é o branco genuíno de qualquer origem, que se adaptou aos nossos costumes e que da pátria de seus pais nada sabem; é o mameluco, é o cafuzo, é o crioulo de qualidades excepcionais, são todos esses fatores da nossa nacionalidade. Foi esta mistura do sertão que fez Canudos e que fez a guerra do Contestado, e porque desejo que meus netos venham a conhecer a História de seu povo, aí ficam minhas notas.

Não irão eivadas de falsidades, de partido tomado por esse ou aquele combatente, como acontece com duas ou três obras escritas a respeito da luta, por escritores que ali estiveram pouco tempo e escreveram por informações suspeitíssimas. Eu vi, mas não enxerguei tudo, e sobre o que não vi não escrevo, mas sobre o que observei direi a verdade nua e crua, como deve ser a Verdade.

E posso fazê-lo, pois permanecia na guerra desde o segundo disparo até o último, só abandonando o teatro de tristes operações um ano mais tarde que todas as unidades que combateram ali.

No correr deste trabalho farei crítica justa, mas não encobrirei misérias para mostrar-me amável a esse ou aquele camarada. Direi a Verdade, embora ela doa como espinho de mangangá, mesmo porque costume verberar os que dizem: Nem todas as verdades devem ser proferidas, ditado o mais hipócrita de quantos usam por aqui, porque, se não se deve proferir a verdade, não faz mal dizer-se a mentira. Firo suscetibilidades? Paciência, que se envergonhem os netos com as covardias de seus avós; que se ufanem aqueles que de seus antepassados só podem recordar atos de benemerência...

PRIMEIRA FASE

Desde muitos anos percorria os sertões dos três Estados do Sul um velho chamado Monge João Maria. Era um taumaturgo. Bom homem, dizia-se, nunca aconselhou senão a prática do Bem. Passava por adivinho porque, possuindo alguma cultura, lia os almanaques que anunciavam os eclipses, as pragas de gafanhoto, os males que afligiam os gados e as plantas em determinadas épocas. Religioso, falava por parábolas, imitando Cristo, e talvez procurassem, eles e seus adeptos, imitar sinceramente os atos do filho de Maria. Sabe-se que era veterinário prático e usava o vegetarianismo. Gostava da vida em pleno ar, não aceitando por isso hospedagem em casas. Dia a dia criava fama pelos milagres que fazia e pelos conselhos que dava. Preservava as vivendas da ação demoníaca, plantando uma cruz de cedro no terreiro de casa e, se o cedro brotasse, o que quase certo, nada poderia o Demo contra os moradores, mas se a cruz murchasse, era então a vitória de Lúcifer.

Foi este o primeiro monge, e que deixou muitos partidários nos sertões não se pode duvidar, pois que é bem grande o número de pessoas com o nome João Maria.

Ele pregava: Depois da minha morte aparecerá alguém para fazer muito mal ao povo. Desapareceu! Que fim teria tido? Talvez a sombra dos pinhais ou das imbuías assistisse ao seu último suspiro, e quem sabe se seu corpo não serviu de pasto aos porcos alçados aos aguarachains, aos abutres? Jamais foi visto, mas seu nome e seus ensinamentos perduram na memória dos caboclos do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande.

Passaram-se anos. Um dia, lá para os confins de Campos Novos, os moradores viram evolar-se o fumo azul da lenha queimada, como bruma cobalto das manhãs de inverno, do denso pinhal. Chamou a atenção do *caa-boc* sempre curioso e desconfiado, pois que, podendo ser a fumaça de algum melador, podia também provir da fogueira que prepara o churrasco de qualquer ladrão de gado, que os há tão ousados ou provocadores que assam a rês no próprio local em que a abateram, próximo mesmo das vivendas...

A fumaça fez afluir àquele ponto muitos curiosos, encontrando ali um velho robusto e que, pelo seu psico e suas maneiras, impunha-se à primeira

vista, tal a bizzarria do seu aspecto. Desde logo se soube que este era aquele anunciado por João Maria, e ele mesmo se dizia irmão de João Maria e dava pelo nome de José Maria de Agustinho.

Anunciava-se um santo e milagroso médico de almas e corpos, e o *caa-boc*, que sempre esperou seu Messias, acreditou logo no que dizia o recém-chegado. A fama de suas miraculosas curas voou, cercand-o desde logo muitos doentes e muitos curiosos.

Começou a fama, teve começo o prestígio. Apareceram os discípulos. Afirma-se que por instâncias de gente de Curitiba, e que muito particularmente a convite de Henrique Paes de Almeida, o célebre Henriquinho, assassino de Albuquerque, o monge trasladou-se para Taquaruçu, local escolhido para a edificação de uma cidade que ele dizia ser a Terra Prometida, uma Jerusalém nova e não menos fanática.

O caboclo nunca ouviu falar em tal coisa, mas faz como o bom católico romano, aceita sem protestos os maiores absurdos votados nos concílios como dogmas. As falas de José Maria não podiam ser compreendidas pelo caboclo bronco e talvez mesmo que José Maria não entendesse também, mas se há tanto padre que não pode traduzir a missa!

O *caa-boc* não discutia nem podia fazê-lo se quisesse, por causa da sua crassa ignorância, e os melhores homens dali, intelectualmente também não discutiam, primeiro porque temiam a grande aglomeração de adeptos da nova doutrina, segundo porque eles próprios iam no arrastão do fanatismo.

Afluíam de todos os lados homens, mulheres e crianças ao Taquaruçu, em busca de remédios para seus males, e para todos os sofrimentos o monge tinha um remédio único, que não variava a fórmula. Eram as setecentas grammas de cada erva, de cada droga, todas misturadas com cachaça, e como o número dessas ervas era grande, segue-se que o desgraçado doente tinha de beber alguns litros da mistura que só podia agravar males. A romaria cada vez maior fez com que o monge desejasse possuir uma bem sortida farmácia ou pelo menos uma ambulância. Para consegui-la cogitou de uma subscrição popular que daria o resultado desejado, pois ninguém se recusaria, por medo ao facão ou por conveniência própria, a concorrer com alguns mil réis que, afinal, redundaria em benefício da coletividade, segundo a crença dos caboclos. Dizem

que a lista de subscritores chegou até a Vila de Curitibaanos, onde contavam completá-la, mas o intendente municipal, que era homem inteligente e sério, vendo que aquilo era um mau começo, rasgou-a.

Fez bem o Coronel Albuquerque em proceder assim? Fez mal o Intendente Municipal em assim fazer? Não sabemos, mas parece-me que o mal deve ser cortado pela raiz, de modo que os brotos não possam vir. Mas parece também que isso poderia parecer ao jagunço uma provocação, uma luva lançada à sua face, afronta que eles vingariam.

Corriam notícias bem alarmantes, e porque o ajuntamento de Taquaruçu fosse já bem grande, encheram-se de medo aqueles que não queriam acompanhar o movimento religioso. É certo, porém, que tais notícias foram exageradas, pois pessoas de bastante crédito garantiam que os jagunços, nome que os fanáticos logo receberam, nada fariam de mal. O medo ou a prudência fez com que se pedisse ao Governo as providências julgadas necessárias. Entretanto, justamente nessas medidas requisitadas estava o verdadeiro perigo.

As sedições religiosas são sempre perigosas, por diferirem das sedições políticas em que, enquanto estas só interessam aos chefes que levam a massa a combater à força de promessas de coisas materiais que não cumprem, aquela tem em cada combatente um homem fanático pelos seus ideais e sabedor de que o prêmio que lhe há de tocar só na outra vida obterá. Foi o que vimos em São Leopoldo, foi o que assistimos em Canudos, e como veremos, no correr desta narrativa, o que aconteceu com os caboclos do Contestado.

A intolerância é sempre um mal, e o transigir um pouco em tais emergências, não acarreta para ninguém. Bem se podia, antes de uma ação policial militar, ter-se esperado um pouco, a ver em que dava tal reboiço. As medidas requisitadas, a força armada foram tomadas com presteza, coisa que quase nunca nos sucede, porque neste abençoado país de sol sempre quente dorme-se muito e tem-se corpo mole e espírito ainda mais fraco.

José Maria não desejava a luta, porém tinha sua guarda de corpo, os 12 Pares de França representados por 24 homens dos mais robustos e decididos, porque, lá diziam eles, um par tem duas coisas. Bem armados de carabina Winchester, revólver Smith 38, um grande e temperado terçado e a célebre bandeira

branca de cruz verde. Terrível uma luta corpo a corpo, no interior da mata, com caboclos armados deste jeito e dispostos a se passarem, porque não morriam.

Evitando a luta nos sertões de Curitiba, retirou-se acompanhado de 30 catarinenses, seus pares de França e nobres cavalheiros de São Sebastião, para o sertão do Irany.

Irany é um dos grandes afluentes do Uruguai. Nasce no Morro do Facão a 26°58' de Latitude por 51°30' de Longitude W. Grw. Corre com um ângulo muito agudo com o seu suserano, em ser tão nemoroso com campestres entremeados. Ali naqueles ermos, quer nos parecer, nenhum mal esses caboclos fariam, visto se acharem perfeitamente segregados dos núcleos civilizados, ou que se dizem civilizados, e era de toda justiça que os deixassem rezar ao seu Deus especial. A missão para trazê-los, já não digo ao bom caminho, mas à disciplina dos padres, devia ser entregue a um sacerdote corajoso e dedicado como foram Nóbrega e Anchieta, e não às carabinas da força armada, porque aquele, se homem de bem, se fiel discípulo de Cristo, persuade, convence, ao passo que estas, quando não matam, irritam, provocam.

Nas matas e ravinas do Irany a defesa não lhes seria difícil, e se entendessem alguma coisa da arte da guerra, ou pelo menos se tivessem uma ideia segura das vantagens da pequena guerra ou guerra de emboscadas, nenhuma força regular chegaria a tiro, das suas posições, tal a natureza do terreno a percorrer.

Eram, porém, rudes caboclos, o que equivale dizer desleixados.

O Governo do Paraná, pelo fato de se haver formado o primeiro grupo de fanáticos em território catarinense nunca contestado, atribuiu de boa-fé ou de excelente política intuições contrárias aos seus interesses, chegando mesmo, pelos seus melhores órgãos de publicidade, a anunciar que aquele movimento era preparado pelo governo catarinense para entrar na posse do terreno litigioso. Organizou, não se pode jurar contra o jagunço, mas seguramente contra Santa Catarina que havia invadido a mão armada o território sagrado da Pátria Paranaense, uma expedição comandada pelo Capitão do exército e Coronel de polícia João Gualberto Gomes de Mattos.

Também aqui em Santa Catarina, digamos sem paixão, mesmo para não parecer que agredimos o Paraná de então, muita gente dizia que o jagunço nada mais era do que bandido armado pelo Estado do Paraná para obter pela

violência o que perdera em três acórdãos do Supremo Tribunal. Tanto no que pensava o Paraná como no que se dizia por aqui, só havia erros ou perversidade de um grupinho, porque nem o Paraná nem Santa Catarina fez o que se lhes atribuía.

Os espíritos são dos dois estados, não podem ser responsabilizados pelos disse que disse dos frequentadores de café.

Afirma-se que, naquela ocasião, e eu não creio que um oficial tão distinto como Gualberto o fizesse, ele havia declarado que levava consigo arreatas de couro cru, boçaletes e cordas para trazer amarrados até Curitiba os barrigas-verdes que encontrasse. Era valente esse oficial, mas parece que ignorava como se fazia a guerra de mato.

Parece muito fácil, assim visto de longe, amarrar caboclos e negros foragidos, mas quando o caboclo se revolta e o negro organiza quilombos como o de Palmares, os valentes que os queriam amarrar esfriam o ânimo ou morrem. Levar uma força de infantaria pelo ínvio sertão, sem contar com um remuniciamento de guerra e boca, já não se admite. O chefe não tem que ser simplesmente um bravo com exclusão da prudência, sem a qual não se pode responsabilizar pela vida de seus comandados. Dar combate é coisa que deve ser fácil para o chefe militar que tenha competência, é o ofício militar. Conduzir a tropa com prudência, sem que ao soldado venha a faltar o que não pode psicologicamente dispensar, por que sem o relativo conforto o homem perde energia psíquica, que asfixia a moral, é mais difícil do que atacar ou recuar em combate. Cumprir ordens absurdas é outro crime e grande crime, porque um chefe deve estar em condições de cernir, de saber o que vai fazer e não comer, como se diz, pela mão de outrem ou subordinar-se às injunções alheias.

Ordens emanadas de um governo civil que não dispunha de um competente Chefe de Estado-Maior, e que tenham a pretensão de dirigir ao longe operações de guerra, não podem ser obedecidas, mas refutadas. Compete ao chefe militar dizer-lhe o que convém fazer para obter bom resultado de campanha, e só ele, esse chefe, por achar-se à frente da tropa, tem competência para ordenar. Vai já longe o tempo do “cumpra a ordem e depois reclame”.

Atacar o inimigo de efetivo conhecido e de lugar conhecido é coisa muito diferente do que se passa nas nossas guerras, onde nunca sabemos do lugar

exato ocupado pelo adversário que, sendo manobrista e ativo, nunca estará num ponto mais que o tempo que julgar necessário para uma operação, porque no mató a mobilidade é o nervo da guerra.

A polícia do Paraná teve que fazer marchas forçadas por caminhos maus, pois, segundo se dizia, Gualberto não observou o que está estabelecido nos regulamentos de campanha, onde se recomenda o máximo cuidado nas marchas. Exigir que soldados em ordem de marcha naturalmente mal alimentados, porque nossos soldados em campanha sempre o são, caminhem mais do que está determinado, é exigência absurda. Sabe-se que essa força de polícia, que bem conduzida teria abafado o movimento, atingiu a posição inimiga quase em debandada ou em perfeita dispersão. Atacou e, epílogo: a morte de José Maria e a morte de Gualberto.

Tal desastre comoveu a todos porque era de Gualberto uma vida preciosa que desaparecia e era o início de terríveis desgraças, de uma luta que duraria três anos nos sertões catarinenses de Curitibanos, Canoinhas e Lajes, pois que a maldita ocupou quase toda Região Serrana da Terra de Anita.

O monge morrera combatendo, mas antes, talvez prevendo seu fim próximo, nas conversas que tinha com os seus, fizera-os crentes de que ressuscitaria em Taquaruçu, onde, então, os exércitos celestiais postos sob seu comando expulsariam os pés-redondos e acabariam de vez com a miserável República que, lá no ver dele, só servia para infelicitar o país.

Claro está que o jagunço não sabia diferenciar república de monarquia, mas a monarquia era lei de José Maria, e José Maria era a Monarquia.

À vista dos sangrentos resultados da expedição Gualberto, o Governo Federal tomou a sério a questão, mas, como é costume nosso colocarmos tranças depois de portas arrombadas, tais providências chegavam sempre tarde.

Houve movimento de forças, uma ostentação supérflua, pois os companheiros de José Maria haviam já debandado para todos os lados, assim como bando de urubus levantado pelo perdigueiro. Só havia vaga notícia da presença de alguns deles em Curitibanos.

Uma das providências tomadas pelo Ministro da Guerra foi fazer marchar o 54º de Caçadores. O caminho a percorrer até os sertões era de 400 quilômetros,

admitindo que a unidade 3 tivesse de marchar até Irany; de 300 quilômetros até Curitiba, 270 se apenas fossem até Lajes. Vê-se que chegaria extenuada a qualquer desses pontos, não só pelo alongamento da caminhada, como pela caprichosa topografia da estrada. E bem que digamos algo sobre o que ela era nos tempos desses sucessos, pois é provável que para o futuro, em seu lugar corra alguma via férrea em boas condições, ou algum outro modo mais fácil de locomoção.

Creemos que de aqui a 50 anos os nossos netos ouçam falar das famosas estradas de rodagem do nosso tempo como coisa inacreditável, e que disporão, senão de uma navegação aérea perfeita, ao menos veículos outros, terrestres, que o gênio humano terá criado e que não nos é possível avaliar.

A estrada que ligava o Estreito à Região Serrana, isto é, o litoral à Região Serrana, no município de Lajes, era chamada de rodagem, não tanto porque pelo seu leito corresse carros e automóveis, mas para justificar uma despesa colossal, porque nestes brasis nunca se fez qualquer obra em que três quartos da verba votada não fosse desviada para o bolso do empreiteiro. Mancomunados... com quem?

Do Estreito, ponto inicial, até Aririú (Rere-y), a estrada seguia mais ou menos paralela à costa do mar, mas ali pelo quilômetro 18 inflectia para Sudoeste e dirigia-se ao Sertão, sem mais avistar o Oceano. No quilômetro 30 começava o terreno a dobrar, porém as altitudes não passavam de 150 metros. Também não mais as diminuía, subindo por socalcos em Águas Mornas (km 34), para atingir Vargem Grande e, mais ou menos no mesmo nível até Teresópolis (km 48). Deste ponto, conservando-se na mesma altitude até Rio de Cedro, subia o Morro do Cedro até 900 metros sobre o nível do mar no Rancho Queimado (km 60), descendo um pouco para o rio das Antas e subir de novo até Morro Chato, de onde com rápida descida ia até o rio Bonito, que é o Tijucas Grande em suas nascentes. Da bifurcação da estrada geral com a que vem de Angelina pelo Rancho de Taboa, seguia com rampa de um por cento até Navalhas, no quilômetro 84, onde começava a última subida para Boa Vista, que é a Serra do Mar, no quilômetro 88. Nesse ponto segue contornando o Campo da Boa Vista pelo sopé arenítico do enorme paredão, e assim até o quilômetro 90. Declina pela encosta do Quebra Dente, passa o Adaga, penetra na Picada, atravessa o Lessa no quilômetro 105, transpõe os últimos afloramentos graníticos do

quilômetro 107, atinge Barracão no quilômetro 115, Caite no 117, Lomba Alta no 126, Trombudo no 130 e a 1.050 metros, desde 200 metros ao penetrar no Campo do Bom Retiro cujas dobras atravessa para chegar à várzea do Matador, subir o João Paulo ou Santa Clara, descer para o rio João Paulo, galgar as coxilhas de Caneleira e Copim, para subir Irapuã, que está a 1.150 metros. Desde do Irapuã para o Canoas, atravessa-o em sólida ponte, percorre as pequenas elevações dos Dois Irmãos e chega à célebre Bocaina, toda de grés pardo, mas de forma bizarra. Desce para Piurras e vai chegar ao rio Bonito no quilômetro 218, seguindo pelo Matto dos Índios, passa o Pessegueiro, Três Armas, Macacos, Palmeiras, Cipó e chega a Lajes com 270 quilômetros e numa altitude de 900 metros. É esta estrada um desfiladeiro com pontos defensáveis numerosos.

Estradas acidentadas como são as nossas, cujos leitos de argila, com as chuvas e o trânsito continuado de veículos diversos e inúmeras tropas de bovinos e muares, tornam-se cheias de atoleiros, e são difíceis de trilhar. E o cálculo feito da despesa em quilômetros que cada soldado equipado em ordem de marcha faz fica muito aquém da verdade. O dispêndio de forças é quase duplo se o não é triplo, porque, em ladeiras escorregadias e planos horizontais atolações, o infante fatiga-se rápido. Acresce a este inconveniente o de não terem pois o confortável os pobres soldados. Onde terminava a etapa, o toque de alto e depois o de armar barracas marcava o acampamento num chão encharcado pela chuva impertinente que nos perseguia, desde o início da marcha. Assim, como seria possível evitar as diversas moléstias ocasionadas pela umidade?

O 54º BC marchou, pois, no ano de 1912 a partir do Estreito, e percorreu os 270 quilômetros de péssimas estradas em dez dias. Desde a primeira até a última etapa foi sempre sob fortes chuvas, o que não abalou seu ânimo. Perguntar-se-á naturalmente por que, tendo-se dado o desastre de Gualberto no Irany e havendo uma estrada de ferro que de São Francisco passa pelo rio do Peixe, próximo do lugar do desastre, se obrigou a marcha por Lajes?

Tal marcha e em tal emergência constituiu uma falta, um erro e, não exageramos chamando-a de crime militar e humano, pois se sabe que nenhum chefe de bom senso fatigaria uma tropa destinada a combater, dispondo de meios fáceis de locomoção, que a conduziria a seu objetivo descansada e bem alimentada. O mistério, porém, não demoraria a aclarar-se: o comandante do distrito militar era um bom paranaense e pouco se lhe dava de maltratar um

batalhão barriga-verde. Ele mesmo declarou sentimento de ódio que podia ficar bem a um paranaense ou um barriga-verde que não estivesse na posição oficial que ele ocupava, porém nunca a um chefe superior militar que se achando, como não podia deixar de achar-se ao par da marcha que o 54º acabava de fazer, declarou que esta unidade a fizera num mês, quando as etapas foram de 27 quilômetros, que é o que se pode exigir de uma tropa de infantaria em estradas de rodagem, mas que é excessiva nos caminhos como o que o batalhão palmilhou. A pequena unidade, exclusivamente de catarinenses, dispunha de um pessoal de *pret* excelente, que poderíamos chamar de elite do exército. Nada reclamou, sofreu com calma e manteve-se correto, apesar de seu comandante, com a velha mania de economias, não lançar mão do quantitativo destinado às despesas da marcha em benefício das praças.

Houve um tempo no nosso Exército que o mais recomendável proceder consistia nas economias, porque constituía isso merecimento para promoções, mas essas economias, com raras exceções, nada mais eram que um roubo feito ao soldado que, comendo mal, muitas vezes sofria das cólicas que denunciam a fome. Anunciar saldos, eis a suprema glória, a ambição criminosa. Esses saldos ou economias eram recolhidos à repartição arrecadadora, a uma Delegacia Fiscal, se na capital, a qualquer coletoria federal, se no interior. Logo após seguia a cartinha ao representante do Estado em qualquer das câmaras, fazendo-lhe ver que dera uma economia de tantos contos no ano tal.

O soldado tinha, pelos regulamentos de campanha, uma etapa reforçada, via-a, parece incrível, reduzida ao mínimo! Este Brasil sempre foi o país das coisas invertidas. Salvo seja.

O que está acima sucedeu com o 54º. Tendo o comandante recebido não sei quantos contos de réis para despesas de viagem, gastou apenas cinquenta mil réis. Entretanto, a marcha que, feita em carretas, gastaria quatro dias, foi feita em mais seis. Quatro dias em carretas pressupõe chegar com saúde e sem fadiga; dez dias no calcante significa cansaço e doença. Andou mal porque não conhecia a fórmula para calcular a despesa de um homem por marcha? Andou assim porque desejasse ser promovido por merecimento ao posto imediato?

Temos plena certeza de que o comandante era e sempre foi homem honrado, mas não tinha o dom de agradar. É verdade que essa qualidade só a possui Osório, Câmara, Firmino Rego e outros que ponham o bem-estar e o

direito de seus comandados acima de suas próprias conveniências. Um chefe pode, sem que sua autoridade periclite, mostrar-se amável e bom para seus subordinados. Basta proceder com justiça.

O nosso quase conterrâneo General Osório, de cuja valentia e caráter jamais alguém ousou duvidar, era um democrata. Mais de uma vez apeou-se para tomar um chimarrão com um cavalariano patricio! Napoleão nunca deixou de ser um camarada, e é bem conhecido o caso das batatas que certo granadeiro assava e que o Imperador desejou comer...

O nosso comandante isolava-se por completo, e a não ser o seu amigo particular Capitão Nestor Passos, mais nenhum oficial tinha a honra de seu afeto. Questão de soberba? Não, parecia antes ser uma questão partidária, pois que ambos haviam sido revolucionários de 1893, enquanto que os outros oficiais do 54º tinham combatido por Floriano.

Acima disse que o General era quase nosso conterrâneo. Filho de um sargento do heroico Regimento de Barrigas-Verdes, catarinenses dos mais genuínos, merece que se o chame meio barriga-verde, de modo que ele sendo uma glória sul-americana, é meia glória rio-grandense e meia glória catarinense, para ser glória inteira brasileira.

O 54º permaneceu em Lajes um mês. Não continuou a marcha para Irany porque, de chegada à cidade serrana, soube-se que os fanáticos tinham debandado. O Governo dava por terminado o conflito.

Ficamos de observação numa cidade onde parecia não haver nenhuma simpatia por nós, pois que a única prova de consideração recebida pelo batalhão foi promovida por João Grumiché, que não é lageano. Não fora o churrasco que se comeu sob frondosas macieiras carregadas de frutas verdes, não fora uma mesa de doces oferecida por Alcydes Antunes, sairíamos da cidade como entramos, completamente despercebidos. O fato talvez possa ser explicado pela ausência absoluta de militares naquela zona desde 1894, mas explica-se também pela origem paulistana daquela gente, que tem dois primitivos povoadores a soberba, a pretensão e o falar. Também se pode aceitar como explicação, e talvez isso tenha mais força, por se acharem os fanáticos muito longe ainda de seus campos e não ameaçarem seus gados. Quando mais tarde eles cercaram a cidade, por ter-se acentuado o medo dos desprezadores de

antanho, nasceram simpatias que desapareceram logo que os jagunços foram enxotados da vizinhança. Não sei que outros motivos ocultos existam. Quem sabe se em outros tempos os meus camaradas não procederam de modo a chamar contra si, senão o ódio, pelo menos a prevenção e a antipatia do povo serrano? Por vezes têm aparecido militares que, não procedendo como deviam ou como exigia a honra da classe e da civilização, cometeram toda a sorte de tropelias, desacreditando-se e desonrando o Exército, e chamando contra nós a malquerença, aliás justificada.

Eu sei de muitos homens de colarinho em pé ou gravata lavada, como se dizia antigamente na massa popular, que, em questão de moral estão muito longe dos meus perdigueiros e do meu maltês, mas felizmente na oficialidade e porque não dizê-lo nos soldados do 54º de Caçadores não havia dessas degenerescências. O 54º não possuía um oficial que não fosse correto cidadão e excelente chefe de família, e o seu procedimento durante os trinta dias de estada na Rainha da Serra devia ter impressionado bem.

Talvez datem desse tempo umas tantas coisas que vimos posteriormente, quando pela terceira vez ali estivemos.

A massa da população serrana provém de antigos bandeirantes paulistas. Dizem que os patrícios de José Bonifácio são muito desconfiados, e o lajiano o é mais, provando não haver degenerado. Sem dúvida, essa qualidade paulistana herdada pelos serranos dos três estados do Sul, foi herdada pelos paulistanos do tupi, porque o selvagem, pelas dificuldades da vida, para salvar-se das emboscadas de toda a espécie que homens e feras lhe armam, tem de adquirir hábitos de segurança individual, receando tudo e em tudo vendo sério perigo que deve desviar. De aí o conservarem a voz tão baixa que dificilmente se percebe o que dizem, e isso para que o ouvido esteja sempre alerta. E não tivessem procedido assim a raça estaria extinta.

Ficou no Brasil toda a fama dos recrutadores de soldados para a Guerra do Paraguai, esse minotauro cor de cobre que tantas dezenas de mil homens devorou, e o povo não perdoou o voluntariado a pau e corda que o governo promovia. Eram os soldados, porém, que deviam acarretar as odiosidades que cabiam ao governo intangível, como são todos eles, sejam monárquicos, aristocráticos, republicanos ou comunistas. O povo não indagava donde emanavam as ordens, odiando somente o executor. Para muita gente ainda hoje os

exércitos são os responsáveis pela guerra, quando na verdade são os militares que menos a desejam, pelo menos entre nós que não temos exército de casta, mas de cidadãos. E atribui-se ao militar a coisa nefasta e inexplicável para o século em que vivemos, mas saúda-se o negociante, o industrial, que são os mais interessados na venda de seus produtos de aço.

Ninguém mais do que nós, justamente por assistirmos às barbaridades de uma guerra, deseja a paz. Responsabilize-se o vendedor de armas e os provocadores de conflitos, mas poupe-se o militar que, pelo simples soldo que desfruta, tem o nome de sanguessuga da Nação, dado pela corja de bacharéis e de plutocratas indecorosos.

A Guerra é a história do homem desde do tempo em que, ainda antropeide, batia as matas em busca de fêmea, ou antes das nações desde que se constituíram. É o *struggle for life* a que ninguém, a quem nada escapa. Desde que o homem pôde armar-se de uma clava declarou-se a guerra. As nações depois, pela posse de terras ou pela posse de fêmeas, como se deu com as sabinas, e mesmo por questiúnculas sem importância, viveram sempre em luta.

Apesar de ser lei geral, apesar da sua universalidade, pois que o nosso mundo já lutava quando ainda não passava de uma nebulosa, luta entre a força centrípeta e a centrífuga das moléculas, depois dos micro-organismos, dos grandes organismos, dos antropoides e para sempre do homem, humanamente ela não se justifica agora.

Uma única nacionalidade, orgulhemo-nos, o Brasil, na sua lei básica, proíbe a guerra de conquistas. E para prová-lo estão aí essas questões de limites que resolvemos de um modo desconhecido na Velha Europa que no entanto ainda se inculca de mestra da moral.

Sim, na carta se proíbe a guerra de conquistas. Mel pelo beijo dos papalvos, porque enquanto se faz apresentar ao Mundo como altruísta e magnânimo, vai o Sr. Bernardes mandando para a Trindade e Clevelândia os homens de brio que estiveram de armas na mão para defesa da moralidade do Brasil. Não se conquista o estrangeiro. Mata-se o nacional.

SEGUNDA FASE

O brasileiro é um dorminhoco. Dorme sobre louros, dorme sobre tudo.

Certo, pois que o próprio Governo anunciava que o perigo passara, fez recolher as forças à caserna, quando, para segurança futura, devia conservar um corpo de ocupação, capaz de impedir qualquer pretensão de revolta da caboclada fanatizada.

O 54º voltou como tinha ido, sem falta de um homem, sem que ninguém perdesse a saúde, o que era um prazer. Mal sabia, então, que dentro de breve tempo teria que palmilhar novamente a mesma estrada, prolongada até Curitibaanos, até encontrar o famigerado reduto.

Pouco tempo depois de sua chegada a Florianópolis, fizeram-se ouvir surdos rumores lá para os confins de Curitibaanos. Eram os rezadores que, chefiados por Eusébio e sua mulher Querubina, estabeleciam-se às margens do rio Taquaruçu, um dos afluentes do Correntes, que o era do Marombas que corre para o Canoas. Esse já imortal Taquaruçu é o limite entre os municípios de Campos Novos e Curitibaanos. Impõe-se esta noticiazinha do Taquaruçu porque no estado abundam Corrente e Taquaruçu, em vários municípios.

Os rezadores reuniam-se não mais para assistir impassíveis às provocações da força armada, e se estava em seus princípios não tomar e ofensiva, a lembrança de Irany punha-os acautelados, bem armados de ânimo e de utensílios de guerra. Dizemos bem armados porque, no sertão, onde a guerra só pode ser a de emboscadas, a Winchester calibre 44 e o Smith and Wesson calibre 38 são armas de primeira ordem, muito mais portáteis do que o nosso armamento regulamentar, e por isso menos fatigantes e de remuniamento fácil.

Na mata não se tem necessidade de alças para o tiro, porque é feito sempre a queimar bucha. Era uma vantagem decidida, e adicionando a valentia do caboclo fanatizado, bem se pode avaliar as dificuldades encontradas pelas forças do governo nessa campanha.

A aglomeração de vadios em Taquaruçu não podia passar despercebida nem deixava de assustar aqueles que, tendo de seu o que perder, não podiam

seguir o movimento religioso. Esses eram os fazendeiros abastados, que entraram em clamar, chamando a atenção do chefe municipal. O pedido por este feito ao Governo do Estado foi transmitido ao Federal, organizando-se desde logo uma expedição para exterminar os fanáticos.

Eram forças federais e forças policiais. Duas companhias de infantaria de linha com suas metralhadoras e uma de polícia com setenta civis agregados. Um batalhão, portanto. A polícia seguiu pela estrada de Lajes para Curitiba, a companhia do 6º Regimento de Infantaria comandada por Adalberto de Menezes pela Liberata, partindo da estação do rio Caçador. A companhia do Capitão Esperidião por Campos Novos. Combinaram atacar o reduto por três lados, mas, há planos bem concertados que são mal executados e há péssimos planos gerais que, devido à influência de um subalterno brioso e competente, têm o melhor êxito.

O plano de atacar Taquaruçu por três lados era medíocre, mas, se tivesse sido bem executado, podia não dar um desastre. Medíocre porque, sendo Taquaruçu uma pequena vila num basto pinhal e numa bacia de recepção pluvial, precisava um cerco completo. Quatro são os caminhos da mata que ali vão ter: o de Curitiba pelo Correntes; o de Perdizes pelo Butiá Verde, Caapiá e Liberata, o de Campos Novos por Espinilho e Timbesinho; o dos Vicente pelo Espinilho e rio das Pedras. A posição não era tática, pois a povoação estava num vale dominado pelas coxilhas nemorosas por três lados e pelo samambaijal bem cerrado dos Vicente. A seiscentos metros longe desse samambaijal o reduto ficava bem visível e dominado, mas... digamos com franqueza, o medo que o atacante tinha ao jagunço tornava essa minúscula Sedan inexpugnável.

Houve um tempo em que no Exército Brasileiro o homem de caráter e de brios, e por essas qualidades um valente, dominava em absoluto algum elemento pusilânime. Todos timbravam em ir para frente. Hoje já não é assim, é um puxar para trás que não se explica senão pela degenerescência da raça. O armamento moderno, modernizando a tática, criou buracos de tatus, os PC a que o soldado jocosamente dá vários nomes. E à imitação dos seus chefes, também arranjam seus buraquinhos de mulitas...

Escrevi tudo isso logo ao terminar a campanha, mas são decorridos 20 anos e a campanha de 32 mostrou que tinha havido um ressurgimento de vergonha, muito conhecimento tático e boa vontade de dominar o inimigo.

Prosseguindo na minha narrativa, não alterarei o que escrevi, referentemente à guerra do Contestado. E explica-se esta digressãozinha pela necessidade que tive de passar a limpo o trabalho de 1917.

Diziam os medrosos: numa luta de irmãos não pode existir entusiasmo. De acordo, de pleno acordo, se esse sentimento fraterno para o qual apelavam em tais circunstâncias fosse de fato o existente, mas não era. Não desenvolvia entusiasmos, negavam-se, como veremos mais adiante, a prestar serviços duros e perigosos, mas, tanto não existia o sentimento de fraternidade, de amor ao próximo, que passavam pelo gume de facões ou pelo fuzil magotes de prisioneiros. Estas considerações são provocadas pelo primeiro ataque de Taquaruçu.

Quem mais tarde tiver ocasião de ler as partes de combate ou relatórios da primeira expedição, ficará entusiasmado com a disciplina e as valentias dos chefes que a dirigiram. Entretanto nunca houve, em exército algum, tanta vergonha e covardia.

Dizia a ordem de combate que a força que primeiro chegasse romperia o fogo. Vejo aí um erro numa guerra de mato. Forças que atacam devem ter calculado com precisão a sua marcha de aproximação e de combate, de modo que a ação se desenvolva com os planos preconcebidos e a ordem de ataque. Ora, os planos só podem ser organizados com o conhecimento pleno das estradas, da topografia do teatro das operações, explorações que mostrem o serviço de segurança do inimigo, os seus recursos em reservas etc... Se havia necessidade de engajamento num dos flancos, com o fim de divertir a atenção do inimigo para atacá-lo por um ponto que ele tivesse enfraquecido, uma força destacada para essa manobra devia chegar primeiro, mas para tal precisava-se de um serviço perfeito de segurança em marcha, não de inteiro acordo com o que ensinam mestres europeus, mas observando os meios sertanejos. Nada disso se fez, e a simples vanguarda, sem ligação entre seus elementos e com o grosso, em vez de ser uma medida útil, podia ser de grande perigo para o atacante porque nada impedia que o inimigo, cortando a última fração da ponta, da testa e do grosso, lançasse o pânico na coluna inteira, composta de soldados bisonhos, que nunca tinham ouvido o sibilar de uma bala.

Erros e mais erros cometeram. O leitor apreciá-los-á no correr deste trabalho. Erros táticos, erros políticos e erros humanos.

Erro militar, porque, na força de Adalberto de Menezes, a que já se tinha incorporado a polícia do estado, o comboio de munição fora levado na ocasião do ataque para a vanguarda, o que denota supina ignorância dos princípios mais rudimentares da segurança em marcha e dos regulamentos de combate. Os caboclos conhecem medidas de prudência, mas não as queria conhecer Adalberto. O mais simples raciocínio devia ter demonstrado a esse capitão ou a esses dirigentes, que uma tropa de muares serranos, que nunca tinham ouvido um barulho de combate, fugiria aos corcovos mal soasse o primeiro toque da corneta. Espalhar-se-iam as mulas pelos pinhais, e foi o que sucedeu. Mal começou o tiroteio os animais fugiram, estabelecendo-se uma balbúrdia de todos os diabos, e levando ao jagunço o armamento e a munição de que eles careciam.

Esses pobres animais, recebendo tiros pela frente, levaram pela mata os cunhetes de munição, estabeleceram a desordem nas fileiras e a dispersão começou, porque muito combatente, a pretexto de apanharem as mulas, deitaram a fugir, procurando socorro na bandeira verde. Foi assim que dos 70 civis apenas oito ou dez permaneceram firmes. A força organizada achou mais prudente retroceder, e a outra, que devia secundar o ataque, como fora ordenado, apesar de ouvir a fuzilaria, retirou sem ao menos fazer um disparo. No examinar os cadáveres acharam vazias oito heroicas garrafas de conhaque.

Pobre Exército daquele tempo. Desgraçado Brasil.

O ânimo da nossa raça enfraqueceu? Não seremos os descendentes dos que, pequenos e em tempos difíceis dominaram o Mundo, descobrindo-o? Ou tudo que se tem escrito, desde tempos imemoriais, não passa de romance?

Seja qual for a causa, o que é fato é que as vergonhas experimentadas durante a guerra do Contestado são numerosas. No relatório do comando em chefe consta uma relação colossal de oficiais que deram parte de doente a fim de se furtarem ao serviço.

Um capitão chamado Alfredo Fonseca chegou a pedir reforma, e mais tarde, apesar do veto de Epitácio Pessoa, reverteu ao exército como coronel. E porque devesse tal favor ao governo de Bernardes, tornou-se espião e perseguidor.

O ataque levado aos jagunços pelas forças reunidas do Estado e do Exército foi um desastre, pois veio dar coragem aos fanáticos. Esses, à vista

de um acontecimento que não esperavam e que foi a fuga dos atacantes, ficou mais crente nos milagres de José Maria. Com a proteção desse santo, quem os venceria?

Os telegramas do chefe de polícia do estado, elogiando Adalberto, para quem não poupava o epíteto de bravo, valente, valoroso; os de Adalberto, elevando a bravura e a sabedoria do chefe de polícia e de sua gente aos cornos da lua encham folhas e mais folhas de relatórios do governador. Esse, como paisano ignorante e pretensioso que era, e falso ou traidor como agora se sabe, acreditou nas fanfarronadas combinadas e publicou-as. Sabe-se, entretanto, o que Adalberto portou-se como poltrão e cachaceiro, que sua gente podia portar-se como ele, porque uma força é sempre o reflexo do chefe. Sabe-se que o chefe de polícia portou-se do mesmíssimo modo, com medo e com álcool.

A corrida que os atacantes levaram, tomados de pânico, sem mesmo saberem por que, fora das que não podem ser esquecidas. Bem se pode dizer agora: *Deu às de Taquaruçu*, para substituir o célebre *Deu às de Vila-Diogo*⁸.

É necessário que retrocedamos até a marcha da força catarinense. Vamos ficar com ela um momento na fazenda de Henriquinho de Almeida, nesse tempo amigo, se bem que urso, do Coronel Albuquerque. Saberemos nesse grande alto da polícia barriga-verde notícias bem interessantes, mas que não interessaram ao chefe de polícia.

Tendo-se interrogado um prisioneiro de nome Cyrino Chato, tido mais tarde como um dos assassinos de Albuquerque, ingenuamente confessou que na estrada de Taquaruçu estavam armadas trinta emboscadas. Disse também que Henriquinho sabia disso e que nada se resolvia no reduto sem o beneplácito de Henriquinho. Esse traidor e bandido, porque afetasse ainda ser amigo de Albuquerque e de Leogildo Mello, insistiu muito com este último para que não seguisse com a tropa, que voltassem para a Vila. Não aceitou seus conselhos, e surpreso com tanta insistência, entrou em desconfiar.

O interrogatório provocou a confissão de Cyrino Chato, e por essa confissão provada a conivência de Henriquinho com os jagunços, dos quais esperava o auxílio que derrubaria Albuquerque. Em qualquer país policiado, de moralidade não duvidosa, ou de coragem cívica, Henriquinho seria logo

8 Nota do organizador: expressão popular portuguesa que significa fuga apressada, precipitada.

preso e processado como instigador da luta no Contestado, mas o chefe de polícia, por falta de coragem ou em obediência às ordens de Vidal Ramos que era o governador, nada procedeu contra o mais perverso dos habitantes de Curitiba, Henriquinho de Almeida, para diferenciá-lo do velho Henrique de Almeida, seu pai.

A única providência tomada, ao saberem das emboscadas, foi modificarem a marcha, fazendo uma grande volta pelo rio dos Patos para ir ao Butiá Verde, quando a primitiva picada escolhida atravessava o Correntes no seu primeiro salto e ia diretamente ao reduto.

O desastre experimentado pelos atacantes repercutiu tristemente, e mais para os militares, na sua dupla qualidade de cidadão e soldado. Era uma manifestação de covardia e incompetência ou, o que também era bem perigoso, uma prova do valor jagunço, que se levantava lá de seus pinhais, por entre samambaias e xaxins, tudo esmagando em nome da Monarquia que era o José Maria.

Toda essa marcha feita assim, com o mais alto grau de relaxamento, era espiada de perto pelo jagunço sagaz e atrevido, que muitas vezes era o próprio baqueano da coluna.

Era natural que, desde o interrogatório feito os jagunços estivessem de sobreaviso porque, nesse mesmo dia do interrogatório, Henrique de Almeida mandou avisar o pessoal do reduto.

O autor deste trabalho, então diretor do serviço geográfico do Estado-Maior na construção da carta itinerária do estado e Inspetor de Índios ou de Proteção aos Índios no Estado de Santa Catarina, achava-se em palácio quando chegaram os telegramas mentirosos, preparados para armar efeito, encobrendo covardias para salientar falsas valentias. Dizia um desses despachos – *Depois de duas horas de fogo tivemos que retirar*. O comandante do 54º de Caçadores, ao ler, disse: “Bello, duas horas de fogo!”. O que me obrigou a, pulando por sobre conveniências, dizer: “Muito triste, porque uma força militar, bem organizada, bem comandada e valente, depois de duas horas de fogo feito por matutos sem disciplina, vai ver o inimigo de perto, vencendo-o em definitivo à força de baioneta”.

Fiz então notar ao governador (hoje necessariamente tudo isso se nega com o desplante característico dos cínicos chefes políticos) que a derrota do

atacante era para trazer como resultado um recrudescimento de fanatismo, e que não tardaríamos em vê-los em Curitiba e Lajes, nas sedes, para provar a força de José Maria.

Ora, o recrudescimento a que me refiro, como se viu posteriormente, data precisamente do ataque referido.

A força estadual na retirada que fez, seguindo muito diferente caminho daquele que a levava a Taquaruçu, porque o medo empolgava-a, seguia em debandada, pois que o capitão que a comandava extraviou-se com alguns soldados, indo pelo Fachinal e Santa Cecília em procura da estrada de Curitiba-Canoinhas. Esse Capitão Euclides de Castro seria um bom soldado se bem dirigido, mas um trêfego e dotado da astúcia de matuto, na travessia salvadora que empreendeu, ou antes, na vergonhosa fuga, fazia grandes elogios aos jagunços em cada rancho ou casa em que parasse, temeroso de que o hospedeiro pertencesse também aos fanáticos. Para conquistar suas simpatias presenteava-os com bentinhos e mandava-os também aos jagunços. *Ab uno disce omnes*⁹.

Essas misérias todas eu as narro sem paixão, somente para que de futuro se saiba dos sucessos reais e para que nossos netos não laborem em erros. Não crede, oh pósteros, na maioria dos elogios oficiais porque no maior das vezes foi o ajudante de ordens que fez o seu próprio elogio, mirando futuras recompensas. Podia dizer tanta coisa a respeito, mas para quê? Já fede o sujo saído da roupa que se lavou acima.

No Reduto Taquaruçu era Praxedes o homem mais influente e que até a infeliz expedição não se envolvera de todo no movimento. Ignorante, porém, como todos que lá habitavam, não podia, com o tempo e a vista dos felizes sucessos de seus conterrâneos, deixar de tomar parte ativa na luta. Por esse tempo, esperava ele um sortimento que mandara fazer no litoral para sua casa comercial, sortimento em que decerto figurariam rifles e munições, e tendo coincidido a sua chegada, de passagem pela Vila, com os movimentos que vimos de narrar, foi esse sortimento, por ordem do chefe de polícia, apreendido como boa presa e depositado em lugar seguro, pois, justiça seja feita, então fora sempre observada a maior honradez pelas autoridades estaduais. Depois da derrota de Taquaruçu, Praxedes, que estava, como diz o povo, com caixas

9 Nota do organizador: expressão latina, que significa “aprendam todos vocês de um”.

encouradas, manifestou todo o seu entusiasmo belicoso e, tomando uns trinta companheiros decididos, veio à Vila pelo que lhe pertencia, mas veio em ar de guerra. Contava o audaz caboclo, talvez, que a polícia ainda não estivesse de volta, percorrendo a corda do grande arco caminhado por Euclides de Castro, mas chegou tarde, pois a força já estava na Vila. Chegou o jagunço e intimou que lhe fosse entregue a carga e os muares que a conduziram, não aceitando parlamentares.

Albuquerque, a quem nunca faltou honradez e coragem, aproximou-se de Praxedes com o propósito de aconselhá-lo, como seu amigo e compadre. Para isso levantou o braço desarmado para dar-lhe o abraço de boa vinda, muito usado em toda a região serrana, mas Praxedes, excitado pelo fanatismo e por injunções de Henriquinho de Almeida, desviou o corpo do abraço e sacou de um revólver. Nesta ocasião, rompeu o fogo que feriu gravemente Praxedes, parecendo milagre não ter sido Albuquerque também ferido. Mais dois jagunços foram mortos, fugindo os outros covardemente, abandonando seu heroico chefe.

Praxedes, gravemente alcançado por diversos tiros, não admitindo junto a si senão Leogídio Mello, de quem era amigo, e seu filho Joca, ao entrar na agonia, exclamava: “Ah! Henriquinho, Henriquinho”. Esta exclamação e mais a declaração de Cyrino Chato na Fazenda de Henrique de Almeida seriam o bastante para meter na enxovia um tal chefe, mas não o quis o chefe de polícia, e, dizem, o próprio Albuquerque não cria na culpabilidade de Henrique.

O que há, porém, de verdade, se foi medo ou conveniência política, é o que não sabemos, pois os políticos quando erram, silenciam. Só publicam o que lhes parece bom e útil, encobrindo com o maior cuidado seus crimes e faltas.

Se em vez de impunidade tivesse havido um ato de justiça, quem sabe se não teria ficado a luta limitada ao caso Praxedes? A ambição do poder era forte em Henriquinho de Almeida, e a oposição ao Albuquerque apareceu com o fanatismo de Taquaruçu. Sabe-se que por si somente não agiu Henriquinho, porque a sua coragem, o seu preparo intelectual e sua inteligência não poderiam nunca ultrapassar os limites de um rodeio mal parado.

Começou, acoroçado por alguém, que por detrás de grossa cortina adamascada se escondia, a contrariar um chefe de real prestígio. Mas... não abreviemos. A época é ainda a do governo Vidal Ramos, lajiano (...). Este go-

vernador, aterrorizado pelos fatos que vimos de narrar, e que conformavam já, pelo menos em parte, a minha vidência, fez o que a emergência requeria: pediu socorro à força federal, certo, o que era um engano, de quem com os próprios recursos não poderia debelar o mal.

A União atendeu e uma nova expedição foi organizada, aproveitando-se em parte, mas infelizmente, algumas forças já desmoralizadas.

Eu nessa época nada tinha que ver com as forças do distrito militar, pois o batalhão a que pertencia estacionava em Mato Grosso. Não pude sofrer, porém, que os camaradas marchassem sem mim, e acompanhei-os espontaneamente, tendo pedido permissão ao meu Chefe do Estado-Maior.

Abramos um parênteses para poder explicar o que se havia dado no espaço de tempo que mediou entre a primeira marcha e a segunda.

Eu havia prestado serviços de castrametação que mereceram francos elogios do comandante, elogios que não figuram na minha fé de ofício, primeiro porque nunca liguei grande importância a essas coisas, segundo porque, não pertencendo ao 54º, não podia figurar nas ordens do dia daquela unidade.

Em novembro, um mês depois de descer de Lajes, fui em serviço da Carta Itinerária ao Rio de Janeiro e, falando com o atual ministro da guerra, Marechal Fernando Setembrino de Carvalho, a fim de que fosse fornecido certo material indispensável, S. Exa., então chefe do Gabinete do Ministro Vespasiano de Albuquerque, por entre elogios, disse-me que voltasse em janeiro, porque nessa época tudo se me daria.

Voltei em janeiro, e qual não foi a minha surpresa quando o mesmo senhor me recebeu com quatro pedras na mão, dizendo que nada me daria, visto estar informado de que eu não trabalhava e vivia pelos cafés a perambular, a flunar pelas ruas da capital. Chamou-me em muito boas palavras de mendigo, escorado nos galões de coronel da arma de engenharia e na posição de ministrinho. Como homem, somente lhe teria feito engrossar um pouco mais as beiçolas denunciantes de certa origem não caucásica. Não podia atinar com a razão de tais desaforos. Não sabia se essa malcriada agressão era devida à versatilidade do caráter de S. Exa., bem conhecida aliás, ou se algum inimigo gratuito me havia caluniado, fazendo-lhe crer que realmente eu não trabalhava. E isso se deu no ano em que eu mais trabalhei, fazendo 900 quilômetros de levantamento de estradas.

Quando, desanimado, profundamente desgostoso, saía do Gabinete, o Major Innocencio Pederneiras, também ali empregado, disse-me que conseguisse do Chefe do Grande Estado-Maior os trabalhos já executados pela comissão e que os mostrasse ao ministro, para que ele não estivesse persuadido, como o seu chefe de gabinete, da minha incúria ou preguiça. Fiz o que esse senhor me aconselhou e, mostrando mapas e relatórios ao Ministro, esse me elogiou francamente. Convidei o Coronel Setembrino para também ver os trabalhos, mas grosseiramente escusou-se, alegando achar-se ocupado.

Eu sabia já das misérias dos gabinetes, mas nunca pensei que um coronel descesse a picuinhas como essas.

Esse Pederneiras, que nessa ocasião achava que eu trabalhava bem, foi mais tarde o principal inimigo que tive, conluiado com Lobo Vianna, um detratador reles que, acompanhado pelo competente, mas neurastênico, Abrilino Bandeira, hoje general de brigada do Corpo de Intendentes, assinou-me um diploma de incompetente.

Eu sabia das misérias de meus companheiros, esses que tudo diziam de mim e da comissão que chefiava, pelo simples fato de não ter uma carta de engenheiro militar, mas que não se ofereciam, eles os científicos, para me substituírem numa comissão sem verba especial nem diárias gordas... Eu sabia-os uns miseráveis, caluniadores infrenes e caloteiros sem igual. Pois bem, contrariando a opinião que urbes e orbes contra a minha pessoa eles gratuitamente queriam criar, mal viram o ministro examinar os mapas e relatórios, começaram a imitá-lo; mal ouviram o elogio do ministro, vieram logo cumprimentar-me com falas macias de raposas adestradas, pelos serviços que estava prestando.

Adulões cínicos, zoilos alcaïotes, eis os títulos que mereceis, patifes.

Mais tarde foi-me possível esclarecer esse negócio devido à intervenção do falecido Dr. Silvério, médico de quarta classe, que me afirmou haver lido uma carta de Allilua ao chefe do Gabinete do Ministro, denunciando-me. A denúncia foi imediatamente após os elogios que ele próprio me havia dado, de maneira que o agradecimento desse comandante, por haver eu prestado à tropa de seu comando serviços inestimáveis, foi a denúncia caluniosa, sim, caluniosa, porque ao tempo em que ela foi dada a comissão tinha três anos de

serviços de campo e já havia apresentado dois mil e oitocentos quilômetros de levantamento de estradas, costões do oceano e lagoas.

O procedimento do meu caluniador não moldou o meu, porém deixou-me precavido, avisado. Diz o povo que um homem prevenido vale por dez. Não creio que seja assim, e tenho certeza que um homem prevenido vale outro homem. Em todo o caso, de tocaia fica-se sempre mais seguro contra as alcateias desses lobos humanos que tanto abundam. Os lobos, quando querem devorar fartamente, caçam de alcateia, mas eu, que presumo ser Homo, fico de tocaia.

Creio que ciúmadadas ou intrigas motivassem o procedimento de um homem que me parecia correto em todos os atos de sua vida, pois nenhum motivo, a não ser as antigas divergências políticas, que não deviam agora prevalecer, havia para justificar tão feio ato ainda mesmo que fosse verdadeira a acusação, pois não vai bem a ninguém o papel de denunciante ou espião. E se a calúnia foi acrescida da ingratidão...

Fechemos este parênteses. Quando este trabalho for lido, se algum dia pode ser impresso, a paz reinará entre todos os protagonistas da tragédia de 1915. E é de crer que nesse longínquo futuro todos nós estaremos nos fossos, alimentando plantinhas e vermes. Os ossos entre si não brigarão.

Remontemo-nos agora à segunda marcha do 54º BC.

Havia já me esquecido do ato indigno do comandante quando o batalhão recebeu nova ordem de marcha. Esqueço em 24 horas uma afronta se só a mim diz respeito, e desde que não fira a minha honra de homem e de soldado. A de Alliluvia não posso dizer que me ofendesse, pois parece-me que ele ofendeu foi a si próprio, porque, como diz o povo na sua sabedoria, as boas ações são para quem as pratica. Todavia, se bem que eu não o odiasse, também não podia fingir de amigo, apresentando-me todo risonho como esses vis caluniadores que frequentam os cafés públicos, onde atassalham a honra alheia, mas que, em apenas aparecendo-lhe o caluniado, correm com sabujos ou fraldiqueiros a lambar-lhe as mãos e os pés, se não no fundo da *chorda dorsalis*, num servilismo próprio de políticos.

Educado na minha primeira praça por soldados como Firmino Lopes Rego, Marechal João Pedro Xavier da Camara, Barreto Leite e Tompson Flores,

homens que grandemente honraram o exército nacional, naturalmente no tempo em que havia ainda exército, tinha o espírito de camaradagem bem desenvolvido. Devido a esse sentimento, marchei como *Freiwillig*, isto é, franco atirador, com a espontaneidade da primeira vez. Era meu intento o trabalhar por mim mesmo, prestando particularmente aos meus camaradas algum serviço valioso.

Ao chegar à cidade de Lajes, porém, não tendo me apresentado a ninguém porque de ninguém dependia militarmente ali, prestando obediência tão somente ao Chefe do Grande Estado-Maior do Exército a que estava subordinado, disseram-me os camaradas que, por delicadeza tão só, devia apresentar-me. Relutei, mas pensando maduramente resolvi fazê-lo para não parecer que desejava criar dificuldade antes das dificuldades que íamos afrontar. Apresentei-me ao Coronel Allilúia e fui bem recebido e convidado para o cargo de assistente, o que aceitei sob a condição de ser também comandante da vanguarda. Não sou nem nunca fui um cabotino, não devendo os que me lerem, ante esta declaração, crer que desejasse aparecer e fazer merecimento, quando meu intento era, como caçador e mateiro, proporcionar aos camaradas o que se pode proporcionar de bom em tal emergência. Como caçador que sempre fui, possuía uma grande prática da vida dos de Anhangá, e porque a pesca é um complemento da caça, entendia também do anzol ou pinda, de redes e tarrafa. Tudo isso, esses conhecimentos práticos da vida sertaneja ou da vida do mar têm um valor inestimável em certas ocasiões. De todos os meus colegas da *Columna*, quer me parecer que só Huascar Vianna podia acompanhar-me na cinegética, e assim, dos 32 oficiais, só ele podia prescindir da minha prática. O lugar de vanguardeiro estava, pois, com quem devia estar.

Estou escrevendo para o futuro. Não temo ser prolixo porque este meu canhenho não pode ser publicado. Seria de dispusesse do *money* indispensável, mas também para que o faria quando não se lê neste país coisas sem sal, descabidas como são estes assuntos de guerra e corografia.

E se no futuro algum crítico quiser surrar-me pela prolixidade da obra, que o faça sem medo a uma réplica. Comprometo-me a não ligar grande importância ao caso, porque em se tratando de remoto futuro, não estarei presente, e se estiver não me lembrarei do que se passou nesta encarnação.

Vendo os fatos passados pelos trabalhos presentes, achamos muitas vezes que um dado livro peca por omissão. Antes pecar por prolixo, porque a

prolixidade esclarece e a omissão escurece. É verdade que pode ser também; prolixidade-indigestão; omissão-fome.

A História Geral apresenta-nos fatos gerais, e esses mesmos eivados de dúvidas, omissões e erros. Fizeram de Nero uma fera, como fizeram de Calígula e outros, mas a história desses imperadores foi escrita pelo perseguido e... por mais que se deseje, já não há ideal que faça esquecer afronta senão aparentemente. Hoje já aparecem escritores que procuram justificar Nero, inocentar Calígula. Pois se mesmo entre nós há quem desculpe Lopes e o coloque a par de super-homens!

Não sei se o advogado de Nero tem razão, pois pode muito bem ser que ele seja fiel de Vênus e Baco, e enxergue no Ahenobarba o pontífice máximo do interessante par. A história nos apresenta o marido de Popea como refinado devasso, o imperador das bambochatas, das orgias, da devassidão, qualidade que a modernidade conserva e a que talvez o advogado esteja filiado.

Dando dos sucessos da minha época uma notícia detalhada, não deixarei dúvidas aos estudiosos do futuro. O mal do Passado está em não ter havido fartura de escritores sérios, que não procurassem baralhar o estudo no Futuro. Tem-se que aceitar o que escreveram porque *magister dicit*. Ou temos que recusar porque não nos merecem fé.

Sou uma testemunha ocular dos fatos que estou narrando, e quando digo: vi, sei, fiz, foi porque vi, porque sei e porque fiz, porque me considero homem de bem, e mesmo para salvar-me de um perigo não mentirei. Será cabotismo o expressar-me assim?

Há hoje, também, quase na totalidade dos homens da Imprensa, falta absoluta de lealdade e coragem. De aí o aparecer tudo cor-de-rosa, quando o Governo tem bom pulso, como no caso catarinense, onde o medo ao chicote de Hercílio, que foi um equivalente do *knout* russo ou do gato de nove rabos da supercivilizada Inglaterra, faz com que a miserável Imprensa estipendiada entoe epinícios à besta fera ou aos iconoclastas. Mas... estudando bem o que se passa, quem sabe se não é preferível uma chicotada que faz raivar a uma tolerância que produz desmoralização?

A recepção feita ainda nesta segunda marcha pelos lajianos ao batalhão, foi de uma frialdade de paralelo 70°. Estivemos em Lajes apenas um dia, tendo

o pobre batalhão que acantonar, com sua oficialidade, nas baías do Posto Zootécnico, cedidas pelo diretor, um belga chamado Vincent, que dizem ser um especulador sem escrúpulos, que muito trabalha para si, mas em detrimento do Povo e do Governo. Tivemos a honra insigne de ficarmos nas condições de cavalos, pelo menos nas 24 horas da nossa estada ali, tendo sido tratado pelos lajianos como cavalos, e nem merecíamos outro tratamento. Pois se marchávamos em defesa deles, por que motivo havíamos de ser bem tratados? *O Tempora! O mores!*¹⁰

É verdade que se tratava de um belga, embora de psico muito antipático e educação muito *walon*, de moral duvidosa, por isso que, segundo se afirmava então, tendo abandonado esposa e filhos na Europa, vivia com uma alemã que trouxera de Annitapolis. Não sei se é verdade, mas afirmava-se. Ora, um belga, súdito do Rei Alberto, que a nossa bugrada engrossou e enriqueceu, merece todas as considerações e curvaturas da *chorda dorsalis* do pobre-diabo brasileiro, que considera as reverências feitas ao Rei por tabela.

E rolando, que não caminhando, por esses caminhos de antanho, lá fomos na primeira etapa de 30 quilômetros até Correia Pinto, lugar onde chegava já a fama dos fanáticos, envolvida na lenda inseparável. Ali no Bom Jesus, hoje chamado pelo nome do fundador de Lajes, mandava a prudência que começássemos com o serviço de segurança em estacionamento, porém não as tomamos, mesmo porque é bem do nosso caráter só cuidarmos do perigo depois que ele passou. No segundo dia, fomos bivacar no Estreito, à margem do riacho e na base da Serrinha, contraforte da Serra Geral que vai até a margem do Canoas. Serrinha era uma passagem forçada e facilmente defensável, um desfiladeiro absoluto, constando com visos de verdade já ter aparecido por ali um grupo de fanáticos. Felizmente, tal notícia não passava de um desses disse que disse tão comuns em tempo de guerra, onde as mentiras são como terra. A terceira etapa levou-nos à Vila de Curitibaanos, que demora a 12 léguas de más estradas ao Noroeste de Lajes, o que quer dizer que fizemos as etapas de 4 léguas excelentes para uma marcha de infantaria em caminhos maus. Não se o espírito de humanidade ou esse danado do medo ditou aos dirigentes uma norma de conduta que, se aos comodistas e medrosos podia parecer justa, parecia aos dignos, aos briosos, uma ignomínia: solicitar do jagunço, chegando quase a implorar que se desarmassem, era fazer-lhes crer que a fraqueza do Governo

¹⁰ Nota do organizador: famosa frase de Cícero, significando “que tempos, que costumes, os nossos!”.

estava receosa de levar a luta por diante. O jagunço, certo de que era invencível, não cederia, como não cedeu.

A basbaquice dos chefes chegou ao ponto de confiar aos jagunços missões importantes com o fim de trazer os combatentes da selva a bom caminho, mas isso era desconhecer a psicologia do povo sertanejo, mormente do sertanejo fanatizado. Um desses emissários foi um certo João Maria Sampaio, um dos mais fanatizados e mais perigosos. Foi nosso vaqueano, e assim, inocentemente ia a fraqueza do governo por esses caminhos afora.

Em Curitiba nos fomos achar tudo diferente do que se anunciava por fora. A propaganda feita por João Sampaio e Henrique de Almeida, aquele comborço consciente de Albuquerque, este o tipo mais bem acabado que já existiu sobre a Terra, tinha já dado alguns frutos. Prevenidíssimos contra esse chefe político de prestígio, chegamos à Vila. Os fatos nos mostrariam muito breve se havia razão no que diziam os inimigos de Albuquerque.

A única acusação contra esse chefe estribava-se no fato de haver a mulher de Sampaio, a célebre Sinhana, se tomado de amores por Albuquerque, e, dizia-se lá, não sei se com razão ou sem razão, com o consentimento do marido. Sabe-se que João Sampaio tinha adoração por Albuquerque, imitando-o em tudo. Se aquele chefe comprava bota ou sapato, Sampaio adquiria-os iguais, se usasse um poncho ou pala novo, Sampaio usava-o também e assim podia se encontrar dois Albuquerques em Curitiba, isto é, roupas e hábitos de um Albuquerque em dois homens. Um dia constou a Sampaio que Albuquerque havia tirado o bigode. Apareceu-nos logo um Sampaio desbigodado. Sabe-se mais: logo que as viuvinhas e tico-ticos começavam seus discursos, quando Phebo já fazia anunciar-se pelo rosado das nuvens de Este, Sampaio cangava os bois e saía pelos campos a catar bosta de rezes para sua estrumeira, mas depois de ter convidado Albuquerque a vir saborear seu aparado matutino. Depois ficava o compadre com a comadre a rirem-se, sem dúvida, da bondade de coração de Sampaio.

Sampaio, segundo se afirma ali, não ligava importância a essas coisas de honra, nem sabia o que isso vinha a ser, mas instigado pelos amigos que desejavam um escândalo, mandou o genro, um tal José Knoll, dar um tiro em Albuquerque, começando assim a propaganda de descrédito contra o homem que adorava, propaganda que mirava o desprestígio político de Albuquerque em proveito de Henrique Rup e Henrique de Almeida.

Os amigos falsos do infeliz idiota João Sampaio não se contentaram com a propaganda feita no município, mesmo porque ali seria de nenhum efeito, e ninguém ligaria importância ao propagandista. Houve reação, é certo, mas não foi contra Albuquerque, mas contra Sampaio, que queria parecer vítima quando todos os curitibanenses sabiam-no comborço consciente ou, para melhor ficar ao alcance do vulgo, formidável ovino de apêndices retorcidos.

Cerca de seiscentos homens bem montados pretenderam vingar Albuquerque, mas a pedido deles foi evitado o linchamento que se preparava.

Andava depois disso Sampaio pelos hotéis de Florianópolis a pregar suas desditas a todos os ouvidos, penalizando muita gente que o julgava um anjo enganado por Judas serrano. E acreditou-se nas infâmias de Albuquerque, infâmias inventadas por Sampaio, o que fez algum mal ao chefe serrano, tido e havido, depois da cínica propaganda, como um fauno sem escrúpulos.

Com o correr do tempo, Henrique de Almeida, conselheiro de Sampaio e quem sabe lá se mais alguma coisa, o instigador mais interessado na desmoralização de Albuquerque, tirou a máscara, não porque ele a soubesse tirar, mas porque seu Mentor achou que já era tempo de fazê-lo. Quando passamos em Curitiba ainda ele se dizia amigo de Albuquerque, e o velho Sampaio, pai de João, outro espécime bem acabado de bandido do Paraná, bicho que chora quando quer, mas lágrimas de crocodilo.

Fomos obrigados a descer a tão nojentos detalhes porque necessitávamos mostrar a origem da oposição política de Curitiba, e o que fica consignado, neguem-no embora os caçadores de votos, é a expressão mais clara da puríssima Verdade.

Durante os poucos dias de descanso na Vila, foram enviados emissários aos jagunços em nome do Governo, convidando-os, como já ficou dito, a deixarem as armas.

Enquanto esperávamos a resposta, não pense o leitor que o comandante da expedição fizesse outra coisa que não fosse o comer e dormir. Outra, no entanto, devia ser a norma de conduta de um comandante de força regular. Próximo do antro do fanatismo cerca de 7 léguas, bem era que tivesse feito reconhecimento ou ao menos exercícios, a fim de trazer a tropa preparada. Devia convencer seus camaradas que a luta era desigual, estando toda a van-

tagem com a força legal. Nada se fez, e no espírito do soldado, parecesse que se infiltrava já a convicção de que o jagunço era um ente invulnerável. Afinal de contas, o nosso batalhão era composto de gente que poderia adotar a crença jagunça, ficar tão fanatizada como os jagunços mesmos. O espírito de sacrifício da oficialidade não era também coisa que desse muito na vista, porque e muito naturalmente se dariam melhor, mais calmos, sentados à mesa do Café do David a riscar o mármore com os seus planos estratégicos e táticos.

Um dia correu pela riba uma nova singular... Deixemos a poesia de Taveira, que era bonita, esse “Ranchinho do Sertão” que tanto se recitava em Porto Alegre em 1890, e narremos os fatos em prosa, mesmo com pronomes deslocados.

Um dia correu a notícia de que os jagunços se aproximavam da Vila. Foi um alvoroço dos meus pecados, e não podia ser por menos, visto estar a tropa acompanhada, sem o serviço de segurança em estacionamento, medida que qualquer chefe toma, que se impõe e que são impostos pelos regulamentos de campanha e, digamos sem pretensão de ridicularizar ninguém: que até os selvagens tomam, que os próprios macacos tomam quando vão pelo milho às roçadas.

Se o jagunço fosse ousado como era valente, se tivesse a iniciativa de atacar-nos de surpresa, lançaria com certeza a desordem no seio da tropa bisonha que conduzíamos, ou mesmo em qualquer corpo francês ou alemão, apesar do rigor de sua disciplina e da observância exata de seus regulamentos.

Deu-se o alarma, mas, se não tivesse o assistente tomado a providência que o caso requeria, lançando mão do pelotão que fazia a ponta da vanguarda, para ir até cinco quilômetros do acampamento fazer um reconhecimento, ainda hoje, passados tantos anos, estariam os soldados de armas na mão esperando que o inimigo o atacasse. Nada havia, alarme falso partido dalgum cérebro doentio ou mais provavelmente dos partidários de Almeida. Nenhum jagunço do reduto pensou em atacar a força, mas pensaram os jagunços da Vila que era bom ir caçando os soldados com notícias falsas. E não era uma má tática, deixem lá.

Ao voltar do reconhecimento, soube que certo oficial que se jactava de valente ficou tão emocionado e nervoso que começou a vomitar como mulher grávida, com que se parecia pelo volume do ventre.

Este trabalho que chamo meu Canhenho não se destina somente mostrar as riquezas naturais do Estado e sua História, é também um cáustico que se aplica em certas nucas, para livrar de algum ataque de cabeça. Sei que seria imensamente criticado pelos puros da atualidade se tivesse a ousadia, ou antes, se dispusesse de dinheiro para publicá-lo. Não temam, senhores causticados, não verão este monstrengo à luz da publicidade.

A resposta ou antes as respostas vindas do reduto convenceram-nos de que só pela luta armada poderíamos acabar com o fanatismo, e por isso prosseguimos na nossa marcha, indo acampar na fazenda de Francisco de Almeida, 9 quilômetros ao Sudoeste de Curitiba, na estrada que leva a Campos Novos. Esta marcha tão curta patenteia a pouca vontade de termos contato com o inimigo, porque pelo menos até além de Marombas ela devia ter sido feita. Os 19 quilômetros de caminho entre a Vila e o referido Marombas não era uma etapa exagerada, ficando muito aquém da regulamentar. No dia seguinte, não fizemos mais de 4 quilômetros, mas esta pequena etapa está justificada pelas dificuldades oferecidas pelo rio das Marombas. O caminho que se devia fazer em três dias consumiu seis. Um dia para chegar aos campos de Francisco de Almeida; um dia para o passo do Marombas; um dia para atingirmos a fazenda Osório Fagundes, um para chegar aos campos de João Ribeiro, no Espinilho, outro para atingirmos o Passo do Butiazinho e outro para chegar aos Vicente.

Convém que descrevamos, perfunctoriamente embora, o caminho que pisamos de Lajes até Taquaruçu.

Ao sair da cidade de Lajes, o caminho seguia pelo Amola Faca, passava por Bandeirinhas, Corrêa Pinto e atravessava o majestoso Canoas cinco léguas ao Noroeste. O terreno atravessado é todo de campo nativo, de altas coxilhas loiras ou lilás, se verdes ou se maduras as espigas da gramínea que o povoava... Sua formação geognóstica é de antigos e muito antigos sedimentos, apresentando o grés variado, diques de diabase e algum basalto, rochas eruptivas zebrando o lençol de depósitos. Também aparece algum folhelho e xisto betuminosos.

Atravessando-se o Canoas, o que se faz em balsa, achamo-nos já no município de Curitiba, no seu extremo sul, e as condições geognósticas se modificam um tanto, e se bem conserve o grés ou arenito como rocha principal, até a vertente oriental de Serrinha, todavia esta rocha é mais compacta em alguns pontos e oferece maior número de diques de rocha intrusiva básica.

Do cimo de Serrinha para Oeste o terreno é todo cristalino, aparecendo uma única rocha, que é a diabase muito carregada de ferro magnético e de geodes onde se notam belos cristais de rocha. A vegetação é variável. Ora a estrada atravessa a mata rica de pinhais e imbuias, ora corta campestres onde o guamirim, uma praga inextinguível, marcela do campo e butiás aparecem. Curitibaanos tem maior extensão de matas do que de campos. As matas que se encostam mais para a linha de cumiadas da Serra Geral têm um caráter muito diferente dos capões que, quais ilhas verde-negro em oceano verde-claro, fazem supor oásis de tamareiras em areais amarelos.

Sob essas arcadas vegetais coleiam os arroios cristalinos que desalteram o gado e fertilizam as ribas. Nas matas que ficam ao Nascente de Curitibaanos há sempre bastos taquarais, de duas ou três espécies dessa gramínea colossal, enormes e numerosos xaxins que lembram matas da idade secundária, samambaias, avencas e muito papuã ao lado da putinga. O terreno é podre, expressão serrana, forma os campos dos Pires, o Ilheo e o dos Buracos, cobertos de uma vegetação rasteira de ervas e gramíneas, não comuns aos campos ocidentais do mesmo município. Os capões, não sei se devido ao gado que neles procura refúgio contra as nevadas, geadas e minuano, no inverno, e que no verão se socorre dele contra a canícula, não possuem esse trançado de lianas e vegetais rasteiros característicos das matas virgens de subtropical e também das altas latitudes geladas, mas, como se um parque inglês fossem, nos mostra um veado que tranquilo se deita à sua sombra, para remoer seu almoço, em distância não permitida numa mata tropical.

Em Curitibaanos o pinhal nasce diariamente. Os terrenos circundantes da Vila foram conhecidos como campo limpo por pessoas que ainda existem, e hoje estão cobertos de pinheiros que já em 1916 frutificavam abundantemente. Dizem que as gralhas, sem nenhum curso agrônômico, são as encarregadas do plantio.

Acima usei da expressão podre, referindo-me ao terreno. O serrano denomina assim uma espécie de massapê, terra negra afofada, dos campos. Parece uma mistura de argila e húmus, em que este predomine. Formam atoladores perigosos.

Curitibaanos é o município mais central do estado. Não é o mais afastado. Está entre Lajes, Bom Retiro, Blumenau, Canoinhas, Porto União, Cruzeiro e

Campos Novos. Entre 26°34' e 27°35' de Latitude Sul, entre 50°4' e 51°2' de Longitude W. de Greenwich. Rico de terras, porém mal servido de estradas, não se desenvolveu como merece. Hoje já tem uma estrada de rodagem que o liga a Lajes e aos municípios litorâneos, de 300 quilômetros. É por ela que seguem, bem ou mal, automóveis e carretas. Como já dissemos, o município é mais nemorense do que campesino. Ali existem os campos de Guarda-mor, Cadeia, Estância Velha, Estância Nova, Roseira, Cabaçais, Duvida, Caapiá, Campina Velha, Faxinal das Águas, Butiá Verde, Trombudo, Barra, Ilhas, Campo Areião, Campo Alto, Perdizinhas, Perdizes, Cachoeirinha e outros. Alguns destes campos são formados de coxilhões limpos, bordados de pinhais, outros estão tomados pelo vassoural, guamirinzal e samambaial. São quase perdidos devido à incúria do proprietário. O terreno é muito acidentado: cochilhas, riachos, rios, ravinas, pedreiras e banhados. Está todo ele na região diabásica, e os rios têm sempre seus saltos formados por diques de rocha eruptiva. Seguindo-se das fozes desses rios para o seu montante, os saltos vão nos mostrando uma escada de gigantes, pois que, sendo muitos os saltos em planos diferentes, cada estirão do rio é um degrau da escada. A terra arável, formada pela desintegração da diábase, oferece pouca coesão, de modo que nos declives as águas selvagens acarretam-na para longe a formar planos horizontais de uma fertilidade espantosa. Os regos a que o caboclo chama caminho fundo, e que eram outras tantas trincheiras naturais para seu uso, são também formação das chuvaradas. Este terreno tem espessura variável de um a quatro metros, mas é todo ele aproveitável para o trigo e outros produtos agrícolas, porque a decomposição da diábase garante carbonato de cal, fosfato de cal, ferro e outros elementos indispensáveis a uma boa terra de cultura.

Como se pode ver da orientação que tomei na fatura deste canhenho, não tive ideia de fazer um livro, mas tomar notas. E precisamente por isso que não obedeco regras de organização, como se usa em livros didáticos. O que desejo somente é consignar tudo que vi.

Há alguma coisa que possa parecer mau gosto, como a descrição da geognosia das estradas em tratando de fração do estado, por ter já me estendido muito sobre este assunto no artigo especial "Geognosia". Não faz mal, pois que abunda, e o que abunda não prejudica (*Quod abundat non nocet*).

O ATAQUE DE TAQUARUÇU

A marcha levou-nos, como já ficou escrito, até a Fazenda dos Vicente, nas proximidades do Reduto. Antes, nos Campos do Espinilho, onde encontramos as forças vindas de Campos Novos, comandadas por Nestor Passos; do Paraná, sob o comando de Pinto e Adalberto, este que fora o primeiro a correr de Taquaruçu; mais dois canhões de dorso do 20º grupo, seis metralhadoras Maxim e um esquadrão de cavalaria sob o comando de Zaluar, ficou organizada a coluna de ataque, constituída por três corpos.

Aí mostrou-se a pequena vontade do comandante de seguir para diante. Arranjou o pretexto de falta de numerário para contratar cargueiros. Estivemos ameaçados, pois, de ficarmos eternamente no espinilho, por isso que, se havia falta de dinheiro para prosseguir, necessariamente havia para retroceder. O medo não deixava o raciocínio. O socorro veio de Gustavo Schmidt, comandante da polícia do estado e irmão do governador.

A sua ação, garantindo por conta do estado o transporte da bagagem da força federal, foi um digno gesto inesperado.

Nesse tempo ainda se usava fazer a marcha com toques de corneta para transmitir ordens. Quando a vanguarda fazia alto, o corneteiro dava o sinal que tanto era ouvido pela coluna em marcha como pelo inimigo emboscado. Não acudiu a inteligência daqueles dirigentes a regulação dos relógios para os altos, nem tampouco a necessidade desses altos. Era a marcha de uma bandeira que pede esmola para a construção de qualquer capela votiva.

Chegamos aos Vicente às onze horas da manhã. Perguntei logo, na minha qualidade de assistente e comandante da vanguarda, em cuja ponta sempre me achei, se devia proceder a um reconhecimento que evitasse desgostos no dia da aproximação. O comandante nada me respondeu e arregalou os olhos desmedidamente; considerando que quem cala consente, tomei seis homens de confiança e o aspirante Isaltino de Pinho, deixei-me guiar pelo vaqueano João Possidônio e fui pela mata virgem, que se supunha ser de uns dois quilômetros, mas que era de sete, até seiscentos metros do reduto.

A mata percorrida por nós era assaz fechada de taquaris e xaxins, e tão cerrada que não seria possível lobrigar um homem a dez metros de distância. Em tais condições não há perigo das tocaias. Depois de meia hora de marcha precavida, o terreno, que se mantivera pouco dobrado, entrou a descer. Alcançáramos já a vertente do Taquaruçu. Pouco depois, à meia ladeira, por entre os colossos vegetais dessa região soberba, vimos uma casa na vertente oposta e a oitocentos metros aproximados da nossa posição. Garantiram os vaqueanos que era a moradia de Chico Ventura (Francisco Paes de Faria), um dos mais terríveis fanáticos daquele ajuntamento, homem honrado e valente. Descendo a ladeira e já à margem direita do arroio Taquaruçu, deparei uma picada que bifurcava com a que eu seguia, e sabendo que havia ali um perigo para a retaguarda, deixei emboscados o Cabo João Custódio e o Anspeçada Luiz Bispo dos Santos, dois bravos e bons rapazes com quem podia contar num caso crítico. Prossegui com o honrado e bravo Sargento Geraldino, Cabo Gualberto de Lima, Anspeçada Luiz Gomes, Soldado Moura, Aspirante Isaltino e os vaqueanos. Sem dúvida alguma que era temerária a empresa, mas eu havia tomado compromisso com a minha consciência fazer o reconhecimento que julgava e que de fato era indispensável, e nada desta vida me faria desistir de uma exploração cheia de riscos. Vi desde o começo da marcha que seria facilímo para o jagunço valente, são e robusto, tolher o passo da coluna onde lhe desse na veneta fazê-lo. Sem a minha iniciativa, e não há cabotinismo afirmá-lo, no dia seguinte a coluna de ataque marcharia como cego em cidade, quando não possuem um menino ou um cachorrinho condutor, de modo que os pontos táticos que os jagunços podiam a seu talante ocupar e o lugar apropriado para o posto de socorro médico seriam desconhecidos e... a bordoadada seria fácil de vibrar pelos jagunços e... a debandada seria fatal.

Cerca de um quilômetro ou pouco mais da bifurcação referida, os morros marginais do Taquaruçu se afastam um pouco em arco para a direita e para a esquerda, formando à margem do rio pequena chã arborizada. Aí encontramos uma espada de rijo guamirim ainda verde, dessas que o fanatismo adotou como invencíveis. Tomei maiores precauções para o reconhecimento. No ponto terminal da várzea, aparecia um samambaial no limite da mata, ladeando o caminho que agora continuava descoberto e em aclave. Já, então, se enxergavam algumas casas do reduto, e a distância que nos separava dele não ia além de 600 metros. Foi precisamente quando atingíamos o alto do samambaial ou da coxilha

que ele cobria, e quando o reduto se nos apresentava em toda a sua extensão, que de repente nos surgiu pela frente um robusto caboclo. Ainda hoje minha retina mantém sua imagem. Alto, membrudo, calças arregaçadas, um paletó ao ombro à guisa de manto de *hussard*, armas que lhe brilhavam na cintura, fita branca no chapéu largo de feltro. Intimidado à fala, respondeu com um gesto muito significativo, e ao meu apelo: *venha amigo conversar comigo* – apontou-me o revólver. Não desfechou porque eu, mais rápido, visei-o e fiz fogo. Caiu sobre um lado, mas sempre apontando-nos a arma, sem força para detoná-la. Nisso partem outros tiros, e tão perto me passou uma bala que, posso supô-la, tangente à minha cabeça. Virando-me para Geraldino: “Não atire assim tão junto que me pode pisar”, e o bravo me respondeu: “Não, Sr. Capitão, quem nos atirou foi um jagunço aqui da esquerda”, que se emboscara no samambaia a uns dez metros de distância do nosso grupo. Ora aí está como aparecem os milagres. O jagunço estava acostumado a derribar as pinhas pelo pé, a matar com o fuzil papagaios na grimpada dos pinheiros e no entanto errava um grupo de seis homens a menos de dez metros. Como se explica?

Tendo feito o reconhecimento de que espontaneamente me incumbira, tendo escolhido a posição que o posto de socorro devia ocupar no dia seguinte, tendo experimentado o ânimo da caboclada, voltei celeremente ao acampamento, dando parte do ocorrido ao comandante. Esse me recebeu bem espantado, de olhos esbugalhados, não porque o fossem de seu natural, mas porque o medo quase que o fizeram sair das órbitas. Disseram-me, então, que a minha demora estava afligindo a tropa, mas tanto isso não é verdade que, se o fosse, teriam mandado pelo menos um pelotão que me sustentasse. Calculo, porém, o número de pragas que o oficial encarregado de socorrer-me rogaria. E tinha razão, pois que eu e meus homens seríamos a causa dele deixar o doce sossego da barraca, para aventurar-se por esse mato afora, para proteger tão pequena pessoa como sou.

Eu conheço muito bem a psicologia de certa gente agaloada, muito valente de língua. Nesse dia podia ter sucedido um desastre que inutilizaria dois homens: a mim e ao comandante. Eis por quê. Depois de ter ouvido a minha parte oficial sobre o reconhecimento, S.S. chamou o paisano vaqueano para perguntar-lhe se era verdadeira a minha parte. Conheci a afronta e dirigi-me à sua barraca para surrá-lo, tal era a minha cólera. Salvou-o a presença de Nestor

Passos, que ainda a esse tempo todos supunham ser um homem sério e oficial valente, e que eu pensava ser meu amigo.

Quando depois do combate entre as duas tribos montanhesas o heroico Schmidt ficou ferido e caído, convidou-o Douglas para seu serviço, trocando-lhe o avental de ferreiro pelo cinto de cavaleiro. Agradeceu-lhe o armeiro a honraria, o que motivou a célebre frase: “O barril sempre cheira a azeite. Se lhe corresse nas veias uma só gota de sangue nobre, o convite que lhe faço faria fugir das garras da morte para receber as honras que lhe proponho. É verdade, por mais que se lave, o continente sempre cheira a conteúdo”.

Nestor Passos era em Florianópolis, na sua meninice um pobrezinho. Mulato dos mais bem caracterizados, filho de um remendão de Santa Catarina, conseguiu matricular-se na Escola Militar do Rio de Janeiro. Talentoso como poucos, sensato, aplicado aos estudos, conseguiu fazer todos os cursos com brilhantismo tanto mais notável, quando era sabido que ele não podia contar com a proteção de quem quer que fosse. Saiu assim alferes aluno, tendo se imposto aos camaradas pelo talento e preparo. Em companhia de Julio Canarim, Nicanor, Enéas Pires e outros, todos inteligentes, todos estudiosos, deixou-se levar pelo álcool. Revoltou-se com Wandenkolkh, foi aprisionado a bordo do *Itália* e condenado a 14 anos, comutado depois para dois. Era amigo e correligionário de Alliluia, outro, como ele, de origem obscura. Homem de bem, não rancoroso, não era todavia talhado para afrontar perigos de qualquer espécie. Ligou-se muito a Nestor, porque este soube saber-se impor pela inteligência, era seu amigo político.

Eu também era amigo de Nestor, pensando, ingênuo que eu era, ser correspondido. Posteriormente, os acontecimentos provaram que Nestor só é amigo de si mesmo.

Este então Capitão Nestor, tendo o comandante se fingido doente, assumiu particularmente o comando da coluna de ataque. De véspera eu havia combinado com o comandante o ataque para a manhã de 8 de fevereiro. Levantei-me ao toque de alvorada para providenciar sobre a marcha de aproximação, mas já eram seis horas e o comandante não se movia. Nenhuma ordem fora dada para demolição de uma taipa que barrava a passagem para a artilharia. Esperei e, vendo que nenhuma resolução se tomava, mandei pela minha gente da vanguarda que o serviço se fizesse. Perguntei, então, se se marchava ou não.

Na noite precedente eu propusera levar uma coluna às onze horas ou meia-noite, para chegar ao reduto às duas da madrugada, e cercá-lo. O comandante me respondeu que não se combatia de noite. Nada mais fácil, no entanto, que a execução da manobra proposta. O resultado seria melhor, porque ao amanhecer, quando os jagunços se vissem completamente cercados, só tinham o recurso de uma rendição. Como efeito moral essa manobra seria extraordinária, convencendo o caboclo de que tinha de haver-se com gente disposta a combater, e não como das outras expedições.

Tocava-me como sempre a ponta da vanguarda, mas o meu lugar era na extrema ponta, pois o comandante deve ver, deve ouvir, deve tudo saber. Quem marcha no grosso ou na retaguarda pode ver de modo diferente, por isso que nem todos sabem dar uma parte escrita ou transmitir verbalmente uma ordem com clareza precisa.

Segui pelo único caminho que levava ao Reduto. Tinha eu a vantagem de conhecê-lo de véspera, e nenhum de seus acidentes topográficos se me varrera ainda da memória. Ao chegar à bifurcação a que me referi, e que tanto me chamara a atenção no reconhecimento do dia 7, achei que me devia emboscar para dar tempo que a vanguarda e o grosso se aproximassem, e fiz bem. Tinha o pressentimento de que o jagunço não desprezaria aquele local que seria de importância tática. Sem demora de um minuto aproximou-se um magote de fanáticos. Foram recebidos a tiros de fuzil. Mandei carregar a baioneta para tentar o aprisionamento de alguns, pela conveniência de ter-se um informante da posição inimiga, mas o fogo do grosso da vanguarda sobre a ponta foi tão intenso que desistimos do intento. A falta de disciplina de fogo foi sempre o mal principal da nossa tropa. Não havia meios de fazê-la compreender as vantagens de um fogo com pontaria e poupança de munições. O que ela queria era barulho, muito barulho que atordoe. Os jagunços, surpreendidos pelos que eles pretendiam surpreender, debandaram, disparando alguns tiros. Deixaram no local um saco cheio de excelente pêssegos, carne de porco e feijão, do que se concluía a intenção de fazer uma tocaia demorada.

À vista do sucedido, segui em acelerado para a frente, a fim de prevenir alguma emboscada, pois estava certo de que o magote que debandara fa-la-ia com vantagem ou, o que me parece mais natural, o pessoal do reduto a faria, fazendo-se forte nalgum ponto da mata que atravessávamos. Eu tinha que

percorrer um grande arco cuja corda o inimigo seguia e isso sobre ser mais fatigante era mais perigoso. Atingindo aquele samambaial da emboscada de véspera, fomos recebidos a tiros, o que justificava a minha suposição, o meu pressentimento.

Respondidos os tiros que vitimaram um cabo da polícia do estado de nome Deodato, mandei carregar baionetas e levei o grupo atacante até a margem do Taquaruçu. Voltando ao cimo da coxilha e olhando o reduto que demorava seiscentos metros da minha posição, vi que a multidão corria pelo gramado da praça do reduto em busca de seus postos de combate, sitos na margem do arroio que deu nome à Região. Mande fazer algumas descargas, mas vendo que dispunha apenas de 88 homens, e notando que um forte grupo inimigo se dirigia para a minha direita, ameaçando o nosso flanco direito, mandei que o civil Salvador Carneiro, vulgo Dente de Ouro, atendesse aquele setor, enquanto o que eu ordenava ao corneteiro Maranduba que tocasse artilharia e metralhadoras avançar. Pode parecer anômala uma tal ordem dada por um comandante de vanguarda, mas os fins justificam os meios, e hoje já se aconselha a iniciativa como coisa louvável. E que a iniciativa vale muito ver-se da batalha de Sadowa, quando o Kronprinz, que tinha recebido ordem de ocupar certa posição, não o fez para atender ao canhão que troava ao longe. E chegou a tempo de ajudar a vitória de seu pai.

As forças foram chegando ao lugar do engajamento, mas atropeladamente, com aquela indisciplina de fogo a que me referi acima. Foi uma balbúrdia. Esses 800 soldados gastaram mais munição em quatro horas de fogo do que gastaria uma brigada bem disciplinada.

É que os soldados não possuíam a disciplina de fogo, é que durante a paz os oficiais e sargentos pouco se importaram com a instrução da tropa, limitando-se às preleções sobre princípios de balísticas, que o próprio sargento ignorava e que muitos oficiais apenas decoravam. O atirador se consegue com o muito atirar em alvos diversos e móveis e não com os quarenta tiros de um ano. Pensa-se geralmente que o saber atirar, isto é, visar, é tudo. Sem dúvida que é muito, mas está longe de ser tudo. A prática do tiro real, na caça, facultando-se ao soldado um número razoável de cartuchos, pode produzir excelentes atiradores, mas nos tiros de instrução, a três cartuchos por praça, não.

O tiroteio, iniciado às dez horas da manhã com os meus primeiros disparos, prolongou-se até às quatro da tarde, tendo-se disparado 175 tiros de *schnapnells* e um sem-número de fitas de metralhadoras. O comandante provisório da coluna, Capitão Nestor Passos, que não tivera a lealdade de dizer-nos que o comandante ficara no acampamento, doente, havia combinado o assalto para o centésimo disparo de canhão. Como vimos, quase o dobro do estipulado havia sido disparado e não se cogitava de atacar. Às 4 horas recebi ordem de fazer a aproximação. Devia ser apoiado pela coluna de Adalberto de Menezes. Segui com a minha gente e postei-me a quatrocentos metros da posição inimiga, onde tirei à vontade. Esperei a ordem de prosseguimento, mas esperei em vão. Depois de muito tempo apareceram-me Gustavo Schmidt e Antenor Taulois de Mesquita, aquele como simples curioso, este para prevenir-me que o assalto não se faria mais.

A coluna marchara do acampamento às oito da manhã. Nenhuma providência fora dada para o rancho das praças e dos oficiais, de maneira que, até a hora em que cessou o tiroteio, os soldados estavam com o café da madrugada. Não murmuravam porque o soldado brasileiro, ao assentar praça, sabe que o passar fome numa campanha faz parte do compromisso que tomou, mas se não reclamavam, nem por isso deixavam de enfraquecer psicologicamente.

Estávamos a 8 de fevereiro. Mês das trovoadas. Nesse dia sobreveio uma, e bem grande que foi ela, que nos encharcou até a medula. Apesar do mês de verão que era, o frio *irrigelava-nos*, obrigando-nos, arriscando-se a segurança do bivaque, a fazer fogueiras para aquecer-nos.

Qualquer pessoa que em tarde de estio, na comodidade de sua residência, olha uma trovoada, teme a ação elétrica, que despeja raios e coriscos. Há quem se deixe possuir de verdadeiro pânico, e com razão, porque o raio é projétil de canhão que ninguém sabe para onde faz a visada. Imagine-se agora o que será uma terrível tempestade, cheia de ribombos e relâmpagos, em plena mata, sob árvores colossais, sem abrigo de qualquer espécie, no ânimo de um nervoso que ouve em cada trovão a voz ameaçadora de Jeová, em cada fuzil uma granada jogada pelo Diabo. E nessa tarde de 8 de fevereiro, ao Sudoeste apareceram, ali por uma hora da tarde, cúmulos que se apresentavam bizarramente, ora apresentando a forma de enormes edifícios ameçados, com canhoneiras e bastões, ora formidáveis dragões que lembram a terciária

da Terra, e também elegantes perfis. Por entre troncos de pinheiros e imbuias esse amontoado alvadio afigurava-se-nos fantasmas evocados pelo jagunço crendeiro, exércitos de espíritos em que eles criam piamente como enviados por Deus, sob o comando direto de São Sebastião.

O amarelado quase branco das referidas nuvens foi pouco a pouco escurecendo, tomando formas mais nítidas, majestosas, de desenhos mais firmes. Passou do sépia claro ao negro da ardósia, e sem grande demora os fuzis rasgavam-se em direções diferentes, zebrando-as de ouro, precedendo o trovão que, imponente, rolou pelo espaço sua voz poderosa.

Chuva torrencial, dessas que dizemos no Sul, a cântaros, caiu sobre o bivaque.

Juntava-se, então, a fome ao frio, mas, justiça seja feita, nenhuma voz se elevou para reclamar. Caiu água a noite inteira. Às oito horas da noite chegou alguma comida para os soldados.

Distribuído o serviço de segurança para a noite, ficamos de pé, à espera ao menos de uma estiada. O que se faria no dia seguinte?

Nestor Passos não obrara por medo, não era um covarde, foi apenas um amigo, mas a sua dedicação ao comandante custou-lhe má reputação. Alguns oficiais, e entre eles Benjamin da Costa Ribeiro, foram impiedosos na apreciação de um ato que aparentemente era uma covardia. Nestor, para justificar seu procedimento, mostrou-me uma carta do comandante, na qual ele dava os jagunços como suficientemente castigados, ordenando-lhes a retirada para o amanhecer de 9. Lembro-me bem que Gustavo Schmidt era de parecer que dali se marchasse para Caraguatá. Devia ter sido este, de fato, o procedimento da coluna, se disposta e pelejar. Na manhã seguinte, antes de amanhecer, procuramos, auxiliados pelos nossos binóculos, ver o que se passava no reduto. O movimento durante a noite fora grande lá dentro. Víamos pequenas luzes que se moviam em todos os sentidos, ouvíamos latido de cães e vozear de povo. Tudo isso me fez prevenir: os jagunços recebem reforço ou tratam da retirada.

O dia nado, tudo visível, pudemos lobrigar uma linha de atiradores deitados defronte das trincheiras. Vimos também cães que trotavam com as caudas entre as pernas e porcos que fossavam qualquer coisa. Propus que se fizesse um disparo de artilharia para sabermos que homens eram aqueles que

se conservavam imóveis no gramado. Respondeu-me que não, porque ia retirar. Nessa ocasião também o considerei covarde.

Estava já formada a coluna para vergenhosamente fazer a retirada, quando vi um soldado de quepe vermelho, que devia ser de artilharia, que se dirigia para os lados da povoação. Tomando isso como pretexto, montei meu cavalinho periquito e segui-o. A trezentos metros da tropa, quando atingi a orla do mato, apeei-me, amarrei o cavalo a uma árvore e, armado de revólver, fui tentar fazer aquilo que a coluna, ou antes, comandante e oficiais não se atreviam praticar: um simples reconhecimento da posição.

Eu me achava naturalmente de nervos excitados, primeiro porque a retirada era uma vergonha, segundo porque não podia saber o que me esperava além do Taquaruçu. Preferia, porém, sofrer um desastre a deixar sem protesto o ato injustificável do comandante da tropa. Diremos, também, da oficialidade, porque se fosse dotada do fogo sagrado, unida num só pensamento, impediria que se levasse avante um ato de tanta pusilanimidade.

Felizmente para mim e para o Exército, os soldados e o Aspirante Isaltino de Pinho acompanharam-me. Eram a princípio 15, os meus dedicados e valentes comandados da vanguarda. Recebia a solidariedade de alguns homens, o que provava não ser o meu ato uma imprudência. Chegando à margem do Taquaruçu, verifiquei que ali vinha ter a estrada de Campos Novos. Deixei sete soldados guarnecendo-a e passei o rio com oito. A margem esquerda estava bem entrincheirada, mas desguarnecida, trincheiras com grossos rachões de pinheiro e terra, os frondosos galhos da mata ribeirinha. Ao chegar na margem oposta, estavam comigo cerca de 150 soldados, e ao desembocar na praça do reduto, dispunha de quatrocentos homens de boa vontade. Eram todos voluntários, nenhum oficial os dirigia. Seria que os rudes sentissem nos rostos bronzeados aquele calorzinho que os virtuosos sentem quando ofendidos os seus brios? Estariam anêmicos os oficiais?

Ao irromper no largo do reduto, mandei assaltar as casas. A fúria dos soldados foi esplêndida. Nenhuma porta resistiu, apesar de termos sido recebidos por alguns tiros espaçados. A resolução dos nossos soldados demonstrada nesse assalto convenceu-me de que, se tivéssemos engajado a luta a arma branca, os jagunços não resistiriam. Mais tarde convenci-me completamente disso.

Logo que nos apoderamos da posição, o corneta Maranduba, espontaneamente, fez o toque de vitória. Os oficiais começaram a movimentar-se de suas posições no alto da coxilha e vieram cá embaixo assumir ou reassumir seus comandos. Quase que me abafaram e ao Isaltino com seus entusiásticos amplexos. Correu o tempo implacável, mas na época em que escrevo não se tem decorrido um decênio. Hoje, quem ouviu certos oficiais daquela luta contarem suas proezas guerreiras, quem os ouviu dizer que na jornada de Taquaruçu ninguém devia ser elogiado ou deviam sê-lo todos, equiparando meus serviços e os de Isaltino com os deles, julga que fizeram coisa mais perigosa do que uma simples marcha de aproximação.

Em Taquaruçu foi somente a ponta da vanguarda que experimentou fogo inimigo em distância mínima. Os outros, os que chegaram depois de tomado o alto samambaiá, o que fizeram foi atirar a esmo para dentro do reduto, de Mauser, maxins e canhões. Os tiros de Winchester calibre 44 não podiam atingir a nossa posição, porque ela estava fora das 600 jardas da sua alça de mira.

Chamou-se de Combate de Taquaruçu mas... combate verdadeiramente não foi senão com a ponta da vanguarda, em poucos minutos apenas. O que houve foi um ataque de forças regulares a uma posição civil quase desarmada. Esses inimigos não podiam atingir-nos, como vimos, e o homem morto que tivemos, parece, o foi por um tiro nosso, pois os soldados, sem ordem, atiravam uns sobre os outros, na sofreguidão de chegar ao inimigo ou na ânsia de gastar a munição, que lhe pesava na patrona.

Combate haveria decerto se tivéssemos assaltado no dia 8. O jagunço, que se sustentou nas trincheiras sob uma verdadeira abóboda de balas, foi porque estava bem disposto a brigar. Se tivéssemos colocado a força ao alcance de suas alças, nossas baixas seriam notáveis. Supunha-se e supúnhamos erradamente que o jagunço, ao ouvir pela primeira vez a voz da artilharia, abandonaria covardemente o reduto. Contrariamente sucedeu, não só não abandonou a posição como mostrou heroísmo que só o fanatismo produz. A cada arrebentamento de *schrappnell* ou de granada sobre suas cabeças, ouvíamos distintamente os vivas que davam a José Maria, à Monarquia e à bandeira brasileira. Jagunço viu que sustentou garbo sua bravura, digna de melhor sorte, mostrando-se descoberto, exposto ao fogo de 800 fuzis, de dois canhões e seis metralhadoras, que não poupavam munições. Uma jagunça veio por duas

vezes fechar a porta da capela que o explodir dos *shrapnell* abria, mostrando essa mulher uma calma e uma coragem sobre-humanas. Foram broncos, mas heroicos. Ao penetrarmos no reduto, pudemos apreciar o resultado do fogo: 53 cadáveres de combatentes encontramos defronte as trincheiras. Haviam sido colocados ali astuciosamente para mascararem a retirada, pois que ainda na mancha desse dia, ao vermos aqueles homens no gramado, não o supúnhamos cadáveres. Não faltava inteligência a esses caboclos.

Contrariamente ao que se anunciou aleivosamente, poucas e até bem poucas foram as mulheres que morreram no combate. Só vi quatro dentro da capela. Grande devia ter sido o número de feridos. Pelo menos devia ser superior ao de mortos, embora não possamos aceitar nas guerras regulares, entre o número de mortos e o de feridos. Um mês mais tarde veremos que essas regras europeias falham nas nossas guerras do mato. Encontramos as casas cheias de gêneros de primeira necessidade, mas não os quis o comandante.

Esses gêneros e casas foram queimados por ordem do comandante, não sei se com razão ou sem ela. Eu teria aproveitado toucinho, carne seca, feijão, milho e fumo para os soldados que não passavam à farta.

Depois que todos, soldados e civis, visitaram o reduto, a coluna recebeu ordem de retirar. Eu ia, como sempre, na ponta da vanguarda. Encontrei, nas proximidades do posto médico, o comandante, que, ao ver-me, apeou e disse: “Muito lhe devo”. Esta expressão, sem dúvida, era muito significativa. Também Nestor, que ao penetrar eu no Reduto ficara, mais Gustavo Schmidt a ameaçar-me de prisão e a tornar-me perante a oficialidade responsável pelo que sucedesse, recebeu-me abraçando-me e declarando: “O dia é seu”.

Não sei se fiz um ato de bravura. De loucura estou bem certo que fiz. Fui feliz. Deus protegeu-me e ao Isaltino, nessa campanha. Em todo o caso, parece, no momento todos se entusiasmaram. A notícia do meu gesto chegou até o Rio de Janeiro, pois que o Chefe do Grande Estado-Maior, em telegrama especial me felicitava. Só mais tarde, quando o medo cessasse e o perigo passara, achavam todos que aquilo que eu fiz era coisa muito fácil. Sempre o ovo de Colombo. Não havia mais ninguém no reduto quando o Rosa entrou, afirmavam. É falso, alguém havia, pois que fomos alvejados. Admitamos, porém, que ninguém mais ali existisse. Por que, então, não se animou a coluna a fazer o reconhecimento que se impunha? Por que ia abandonar a

posição sem ver o efeito dos seus fogos? Que conta teria dado o comandante da coluna aos seus superiores, se nada pudesse afirmar relativamente ao fim levado pelos jagunços atacados? Ainda mais, se não tinha nenhum valor o meu ato, por que tantos abraços no momento, e por que no elogio o comandante declara que a minha bravura chegou a ser temeridade? E por que se nega agora aquilo que se me deu sem que eu exigisse de ninguém quer que fosse uma referência qualquer?

Haveria maior vergonha para uma força do Exército do que essa retirada, praticada pelos representantes de uma classe de responsabilidades morais no passado, no presente e no futuro, classe herdeira de glórias verdadeiras? Eu não responsabilizo a oficialidade na sua totalidade. Ali estavam briosos oficiais mas... não esmiucemos. Poderá parecer que estou cheio de paixões e despeito. Não, nunca mantive tanta isenção de ânimo como na apreciação dos fatos passados e minha vista. Dizer a verdade, eu o sei bem, é hoje um crime ou malcriação, mas a verdade eu digo apesar de apreciações tolas dessa gente muito pura que todos conhecemos.

Foi na ocasião da retirada que Gustavo Schmidt propôs a marcha para Caraguatá, proposta que o comandante achou disparatada, e que, no entanto, era bem sensata e aceitável. Impunha-se uma perseguição, a fim de obstar se reunissem em novo reduto. Foi um erro dos mais graves sob o ponto de vista militar. Erros, afinal, a campanha do Contestado mostrou uma série interminável. O Estado, empenhado ainda, ou ainda iludido sobre a possibilidade de Paz sem sangue, enviou Lebon Regis a Curitibanos, a fim de tentar a pacificação. Na vila sertaneja aquele senhor recebeu duzentos e tantos jagunços desarmados, alimentou-os e mandou-os em liberdade para seus lares. Se Lebon tivesse prática da vida do caboclo, perguntaria a esses fanáticos pelo armamento que usaram. O jagunço dispunha de muito oco de imbuia para escondê-lo preservado das intempéries. O que aconteceu com a ação de Lebon foi o seguinte: os caboclos, uma vez nutridos, tornaram ao reduto, reforçando Caraguatá. Digamos sem reboços: ante as asneiras praticadas eles não podiam proceder de outra forma. No correr deste trabalho o leitor encontrará sempre a força do governo empenhada em abandonar a luta, pois que, mal terminava um ataque, o primeiro ato do comandante, por injunções de parte da oficialidade, que achava meios de impressionar o chefe fraco, pedia logo a retirada, dando por finda a sua missão. Veremos que assim sucedeu em todas as expedições. Parece incrível

que o caboclo boçal pudesse enfrentar com vantagens as forças militares de um governo, isso parece, mas, para nós, infelizmente, enfrentaram.

Vejam se é possível, em parte, justificar a ação do Exército, classe que muito amamos e a que pertenci durante 42 anos de serviço ativo. Para isso, porém, visto que a minha qualidade de soldado não exclui a de cidadão brasileiro em pleno gozo de seus direitos políticos, tenho que usar de forte cáustico que são a Verdade e a Justiça. O Mal da nossa querida Pátria está justamente na mentira oficial, na fraqueza, na hipocrisia dos políticos e no sórdido interesse pessoal, que sobrepuja o interesse da honra coletiva. Interesse pessoal, eis a única preocupação do governante, pois que além dos interesses da sua oligarquia não há interesses. E quando se contrata uma obra que dizem ser para bem público, não cuidam senão dos proventos em dinheiro ou votos eleitorais. Governadores houve, honestos individualmente, porém transigentes com tudo que os cabos eleitorais desejassem. E esses governadores, com raras exceções, só desejam engordar.

A primeira dificuldade em nossas operações de guerra estava no sertão invio. Era real dificuldade, grandíssima e quase insuperável. Uma coluna de tropa de mil homens tem necessidade de um comboio, para condução de munições de guerra e boca, de 300 muares, para três dias. De mais de três dias seria sempre uma marcha de ida e volta, mesmo com a base de operações no Planalto. Imagine-se o número de cargueiros necessários para a manutenção da mesma tropa durante um mês. As forças que operaram sob o comando do General Setembrino foram divididas em colunas. Cada uma precisava, está bem claro, de grande número de muares. As condições mesológicas influíam grandemente sobre o êxito das operações de guerra.

A segunda causa dos fracassos experimentados pelas forças regulares está no fato de terem os proprietários medo de vender fiado a um governo caloteiro. Um pobre comandante via-se em palpos de aranha se, das economias lícitas da sua unidade, não possuísse o numerário necessário para atender despesas. O governo nunca cogitou dessas coisas, mas dava ordens lá do Rio de Janeiro, e ordens absurdas.

A terceira causa estava na má vontade do quadro de oficiais. Quase cinquenta anos de paz com o estrangeiro fizeram amortecer grandemente o ânimo da Nacionalidade. As revoluções durante esse meio século pouco valor

militar tiveram, todavia, ainda em 94 e em Canudos um resto de nossas energias ficou patente. Era já notável, porém, o desleixo do governo, que mandava ao açougue do sertão baiano milhares de soldados, sem ter cogitado de um serviço geral de intendência, sem mesmo conhecer a topografia sertaneja e o recurso da sua lavoura e pecuária.

O quarto motivo estava na inépcia e covardia de alguns chefes. A ação desses coronéis encheu-nos muitas vezes de indignação e vergonha.

O ataque de Taquaruçu foi a 9 de fevereiro de 1914. No dia 10, já a coluna estava de retirada, acampada novamente no Espinilho. O comandante telegrafara ao comandante do Distrito, dando por terminado o conflito e solicitando a retirada. O general respondeu que não, que a coluna tinha de bater o novo reduto de Caraguatá e só depois se veria o que fazer.

A nova não agradou.

Do Espinilho, pelo rio das Pedras, dirigimo-nos para a estação do rio Caçador, escolhida para a nova base de operações. Como assistente da coluna, tocou-me conduzir ao novo acampamento parte da tropa. Eram seus comandantes os capitães Pinto, Adalberto de Menezes e Cavalcanti.

Foi-me necessário muita prudência e sobretudo muita paciência para suportar as impertinências desses três infelizes alcoólicos despeitados. Já não me viam com bons olhos pelo fato de, com o meu esforço, ficar patente sua covardia. E sempre foi assim. No momento do perigo, receoso ainda pelo que lhes pudesse suceder, festejaram-me. Agora, julgando terminados os trabalhos, como odres intumescidos, arrotando fanfarronadas, pretendiam desconhecer a minha autoridade de segunda pessoa da coluna.

Que fazer? Brigar com essa gente? Dar parte do seu procedimento ao comandante que não tinha moralidade para punir? Nada fiz, procurando esquecer tais desbriados.

Já disse que a campanha do Contestado foi uma série ininterrompida de erros. Um deles, o principal, foi a permanência da tropa no Caçador durante um mês.

Logo de chegada a essa nova base de operações o comandante retirou-se para Florianópolis e solicitou reforma. Foi substituído por José Capitolino Freire

Gameiro, e como era natural e usado pedir demissão do cargo que exercia junto do outro comando, fi-lo. O novo comandante pediu-me para ficar no cargo e eu relutei, acabando por aceitar devido à insistência do comandante, e parece até que a respeito dirigiu-se ao comandante do Distrito, porque este, em telegrama, dizia duvidar que o Capitão Rosa abandonasse as operações de guerra.

Abramos agora um parênteses necessário.

A nossa marcha, a partir de Caçador, teve a primeira etapa até a fazenda dos Paióis Velhos. Aí ficamos uma noite e soubemos que os jagunços costumavam reunir-se, e que naquela ocasião o faziam, na casa de Xandoca, cerca de três léguas do nosso bivaque. Manifestei o desejo de surpreendê-los ali, tendo, desta vez, não só o aplauso da oficialidade, como até seu oferecimento para acompanharem-me na perigosa empreitada. Penso que o meu procedimento em Taquaruçu foi o fator principal dessa confiança agora manifestada pelos meus camaradas.

Quando já estava preparada a expedição, soubemos que os jagunços já estavam prevenidos, ficando assim sem efeito o projeto que traria feliz resultado. Mas... como diabo souberam os fanáticos da nossa resolução? Naturalmente, entre nós havia algum espião seu muito esperto e que, ao inteirar-se do que pretendíamos, tocou-se a preveni-los.

No dia seguinte, cedo, marchamos para Cachoeirinha, levando quase o dia inteiro para percorrer a pequena distância que separa Paióis Velhos do rio Lindeiro entre Paraná e Santa Catarina. Ali na margem esquerda do arroio achava-se uma forte unidade da polícia do Paraná, comandada pelo major Benjamin Lages.

Durante o tempo de nossa permanência no Caçador, vendo que o comando nenhuma medida tomava concernentemente às explorações e serviço de segurança em estacionamento, comecei a movimentar-me, ora avançando por determinado caminho, durante a noite, ora excursionando pelas picadas desses incomparáveis pinhais e imbuías que caracterizam a Flora local.

Caçador é uma estação da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, na confluência do rio que lhe deu nome, no rio do Peixe. Em 1914, só havia ali a estação e mais duas casas de madeira, sombreadas pela mata virgem portentosa. Seria fácil, se o jagunço nessa época tivesse já a ousadia que mais tarde

demonstrou, surpreender-nos ali, a qualquer hora do dia ou da noite, visto ter garantida pela mata uma aproximação certa.

Não ousaram atacar-nos, mas não seria isso devido às precauções que eu mantinha, na minha qualidade de assistente? Vendo, porque eles tinham os cem de Argus, que a mobilidade da minha gente era notável, recearam ver cortada a sua retaguarda num caso de ataque ao nosso acampamento.

Devo dizer que nessas pequenas mas perigosas excursões fui sempre acompanhado por Caetano Munhos, Benjamin da Costa Ribeiro, Isaltino de Pinho, Octávio Franco e Leonidas Marques. A espontaneidade desses mostrou que tinham sangue na guelra, como dizem os catarinenses litorâneos ao se referirem a um valente ou brioso. Mostraram-se desejosos de ter contato com o jagunço.

Numa dessas expediçõeszinhas pela floresta, avançando até uma légua, enxergamos um rancho perdido num grande e lindo imbuial. Ordenei que o Sargento Geraldino voltasse ao acampamento com a sua gente e, com os citados oficiais e duas praças de cavalaria, dirigi-me à casa. Logo ao terreiro vimos, sobre grosso madeiro tombado, cerca de um minúsculo gramado, cinco caboclinhos, uma escadinha de fração de gente, filhos do proprietário. Esses pequenos, juntando as mãozinhas, deram-nos o Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo, saudação obrigatória dos caboclos. “Para sempre seja louvado”, respondemo-lhes. Pronunciaram seu pedido de bençãos como caboclos, que o proferem de maneira muito diferente do povo litorâneo. Comoveu-nos. Oferecendo-lhes uns dez mil réis, fomos convidados pela dona da casa para entrar, para saborear excelente leite dormido em guampa bem lavada e asseada, com farinha de milho do monjolo.

Sáímos da casa e prosseguimos na nossa marcha para o interior da mata. Em caminho, a provocarem instintos de caçador, estavam a pastar dois lindos veadinhos. Estabeleceu-se a dúvida: atiro, não atiro, se atirar nos descobrimos e alarmamos o acampamento, se não atirarmos fica-nos o tormento de não ter atirado. Prevaleceu o instinto do homem da caverna, atirei de Mauser, como teria feito o troglodita com suas pontas de sílex, mas, feridos ou não, foram-se a correr, e ficamos com o prazer de ter atirado, sem a mágua de matar o inofensivo ruminante.

Caminhando para a frente, deparamos um grande gramado onde estavam três casas entre butiás. Seriam de jagunços ou de refugiados? Estavam abandonadas. Ali fizemos alguns tiros ao alvo, e, quando nos dávamos a tal exercício, vimos a força de Geraldino, que vinha em acelerado, atraída pelos tiros dados nos veados. Eu sabia que isso sucederia, pois tinha inteira confiança no honrado Sargento Geraldino e nos homens que ele comandava.

Soubemos mais tarde que, cerca de meia légua da posição onde atiramos ao alvo, localizava-se forte trincheira em desfiladeiro difícil de transpor. O jagunço, julgando que a marcha de força fosse por ali, fortificara-se bem na serra, tocaiando-nos, pois a nossa ignorância sobre o que se passava nos arredores do acampamento fazia com que marchássemos com aquele desleixo bem característico de nossa raça.

Fechemos agora o nosso parênteses.

Na margem direita do Cachoeirinha, que nesse ponto, bem nas nascentes, é insignificante riacho, permanecemos meio dia e uma noite. À tarde foi lobrigado um vulto, mais ou menos a 800 metros do acampamento, no caminho que nos levaria no dia seguinte a Perdizes, e na bocaina formada por dois capões no alto da coxilha. Ponto tático de primeira ordem. Ao comandante parecia aquele vulto um esculca inimigo, o que era bem possível, mas fazendo uso do meu bom Goertz nº 8, vi que apenas estava ali, a retouçar a grama viçosa, pacífico e médio terneiro de meio ano, por cujo cérebro não passava senão a limpidez dos arroios e o verde dos gramados.

Quem anda aos porcos tudo lhe ronca, diz antigo rifão, e o comandante, que temia os porcos, duvidou que meu binóculo apresentasse no seu ângulo visual um terneiro onde ele queria que estivesse um homem armado, sem se lembrar que uma sentinela não estaria ali a descoberto, quando abrigada pela mata fazia melhor serviço.

Só achei uma solução: montar o primeiro cavalo que encontrasse ali perto e ir em pessoa enxotar o terneiro que pascia lá para ele tão gostosa grama, terneiro que o daltonismo de Gameiro transformava em homem armado, daltonismo da forma que não das cores. E foi o que fiz. Caminhava já a uns quatrocentos metros quando senti que me seguiam. Eram Munhos e Franco que mais uma vez espontaneamente me seguiam com quatro soldados de cavalaria.

Levamos o nosso reconhecimento até a casa da fazendeira D. Mariquinhas, proprietária do campo em que estávamos, e voltamos a comunicar ao comandante de não havermos visto sinais de jagunços. Durante a noite, apareceram relâmpagos no rumo de Perdizes, Sudeste da nossa posição. O comandante duvidou também das nuvens, o que me levou a postar-me com forte guarda a 700 metros do acampamento, para ver e ouvir, para receber a primeira bala do inimigo elétrico e para que meus companheiros dormissem em paz. Nada vi e nada ouvi além dos relâmpagos e roncar longínquo da trovoada estival.

O modo de ver, sentir e agir do novo comandante da coluna dava a perceber o medo que sentia. Uma coisa era ouvi-lo, outra vê-lo praticar. Ao ouvi-lo todos se convenciam de que tínhamos homem ao leme, ao vê-lo praticar quem não se convencia do seu medo e inépcia? Quando no acampamento aparecia algum caboclo esculca dos fanáticos, S.S. metia-se a conversar com ele democraticamente, tendo sempre a fazer as mesmas perguntas, que deixavam no ânimo do rústico a convicção de que o comandante era muito bom homem, mas...

Assistamos a uma interrogação do chefe feita ao caboclo, bastará para convencer o leitor que nada lucramos, militarmente encarada a questão, com a mudança de comando, porque se o primeiro era fraco, tinha ao menos bom senso. Eis a conversa ou interrogatório:

G - Diga-me, caboclo, quantas porcas tem?

C - Tenho só quatro.

G - Olhe bem, amigo, uma porca tem tantas tetas e pode deitar até dez leitões. V. engorda os leitões e vende o toucinho a 500 reais o quilo e... escute bem, lá por perto do reduto não haverá um morro alto, donde se possa ver o reduto todo e colocar ali a nossa artilharia para atirar nos jagunços?

Quando eu lhe aconselhava a prisão do caboclo que era um espião, S.S. dizia-me: "Já quer o Sr. irritar os jagunços", e assim, a preocupação do comandante que ia combater o caboclo era não irritá-lo.

Marchamos de Cachoeirinha para São Sebastião da Bela Vista de Perdizes, porém antes, no dia anterior, o Capitão Mattos Costa reclamara o comando da vanguarda, dizendo que esse serviço era de escala e que devia tocar a todos os oficiais, porque, sem dúvida, o Capitão Vieira da Rosa não era o único ofi-

cial valente. O comando relutou, mas, para evitar um conflito, aconselhei que dessem àquele oficial o comando reclamado logo que chegássemos a Perdizes.

Continuei, pois, fazendo a vanguarda até esse lugarejo sito às barbas da jagunçada.

Ao nos aproximarmos de Perdizes, palpitou-me deixar a estrada geral por um carreiro à esquerda, no vassoural e que ia passar na porta do velho Grannemann. Rompendo o vassoural que engrinalda o pinhal, vi desde logo que a região era apropriada para emboscadas, que o jagunço não deixaria de fazer, visto estar a par da nossa marcha. Entrei na povoação sob medonho aguaceiro. Perdizes estava totalmente abandonada, pois seus habitantes eram jagunços. Ao conversar com a esposa de um Sr. Trindade, moradora dos arredores e que, única, não abandonara a casa, porque ainda nessa época os jagunços mantinham absoluto respeito às famílias, vim a saber que um forte magote de jagunços, sob o comando de Venuto Baiano, passara por ali não havia uma hora, e estivera à nossa espera numa canhada, justamente nas proximidades da estrada que eu tomara de preferência à geral. Perguntei-lhe onde estariam agora. Respondeu-me em qualquer parte ali pelo vassoural.

Sem grande demora chegou o grosso da coluna e logo após a retaguarda. Marquei, como era meu dever, os pontos a ocupar pelas unidades, dei parte do que sabia e, no boletim desse mesmo dia, passei o comando da vanguarda ao Capitão Mattos Costa. Esse oficial que tanto reclamara aquele comando, perguntou-me: “Mas que tenho a fazer?” “Um reconhecimento imediato”, respondi-lhe, “para saber onde se localiza o jagunço, para organizar um croquis da estrada que a coluna tem de trilhar e escolher local para o posto de socorro médico. Eu fiz assim em Taquaruçu no mês passado.” “Mas, está a chover muito”, retrucou-me. “Tanto melhor”, afirmei-lhe, “porque com o barulho que as gotas fazem cair sobre as folhas mortas do chão da mata, torna-se muito fácil uma aproximação sem que o inimigo perceba. Pois não é dia de grande chuvarada que a onça prefere para pegar uma rês?”

Ouvimos, então, apesar da chuva, nitidamente, os vivas que os jagunços soltavam. Isso facilitava o reconhecimento, pois é pela voz do tucano que achamos a bagueira que ele frequenta. Não sei por que motivo o Capitão Mattos Costa não fez o reconhecimento. Medo? Não, ele era valente, mas penso que

não ligava importância ao serviço de campanha. A região era absolutamente estranha para nós, desconhecíamos a topografia circundante, carecendo de vaqueiros que nos conduzissem. Apareceram dois, o velho dinamarquês Brant e o jovem Trindade. Este último havia sido prisioneiro dos jagunços. Ambos inspiravam fé, mas divergiam quanto ao caminho a tomar. Mais tarde apareceu outro, filho de Paranaguá, de quem se suspeitou injustamente. Este dizia da existência de um atalho que, partindo da estrada de Curitiba, levava ao reduto. O comandante preferiu esta informação e marchamos para lá, deixando-se uma companhia do 4º de infantaria de proteção ao acampamento, auxiliando o meio esquadrão de Emílio Zaluar. Percorridos que foram dois quilômetros, soubemos que a coluna de ataque seguia transviada. Galopei até a ponta da vanguarda para fazê-la retroceder e, em ali chegando, avistei um grupo de amazonas que fugia. Disse ao comandante da ponta que atirasse sobre aquela gente, tendo-me respondido o Tenente Caldas que não o faria sobre mulheres. Mas se não são mulheres, senão homens disfarçados...

Ouviam-se já alguns tiros à nossa retaguarda. A coluna contramarchou e seguiu por um caminho vicinal que nos ficava pelo flanco direito, indo em algumas centenas de passos encontrar uma casa donde os jagunços nos espreitavam. Mattos Costa, em vez de continuar a marcha, meteu-se a varejar a referida casa, de modos que as colunas se uniram, perdendo o dispositivo de uma marcha de aproximação. Mais alguns tiros esparsos ouviam-se na direita, lá para o lado do acampamento. Nessa ocasião vi o Capitão Pinto e sua gente, que não obedecera à ordem de guardar a nossa base de operações, ou não a compreendera. Continuando o nosso caminho, caímos logo adiante, cerca de quinhentos metros na primeira emboscada muito bem feita, e sucedeu ali na frente de um inimigo oculto, o que acontecera na casa, reunião de todas as unidades numa só massa, num caminho ou picada estreita. A bala do jagunço que não acertasse nos primeiros homens da frente bem podia vitimar os que estavam no centro e retaguarda. Mattos Costa, ao receber os primeiros tiros, não deu um passo para a frente. Parou para distribuir munição aos soldados numa ladeira aberta voltada para o inimigo. Se o magote de jagunços que nos barrava a passagem fosse maior e bem armado, é quase certo que nenhum homem da vanguarda voltaria à lareira, quando em noite de inverno se usa na minha terra assar canas, pinhões e batatas, para comer com melado em festa de São João, e contar aos netinhos os episódios da sangrenta jornada de

Caraguatá. Mattos Costa, o malogrado capitão, bravo então, não sabia fazer o serviço e desconhecia a psicologia do caboclo. Para esses fanáticos responde-se só os primeiros tiros e grita-se à tropa: “A baioneta, rapazes”. Foi o meu procedimento em Taquaruçu e posteriormente, quando fiquei só no Contestado. A paralisação da vanguarda que distribuía munição ocasionou a da coluna toda e... pareceu ao fanático tibieza nossa.

Prosseguindo Mattos Costa, pôde o centro, comandado por Nestor, seguir também.

Nestor hoje, para mim, é pessoa que trato com indiferença, pois não merece que se lhe tenha afeição, tais os atos que mais tarde praticou, e que o inutilizaram na opinião geral do Exército. Mas, porque não sou amigo de Nestor, sinto-me por isso mesmo bem para dizer o que vi nesse segundo combate.

Vimos que no ataque de Taquaruçu esse oficial passou aos olhos de todos por covarde, nenhum dos oficiais que operaram deixou de falar do seu procedimento ali, uns, como eu e outros conterrâneos, lamentando que tal tivesse sido a conduta de um barriga-verde, outros porque, de si mesmos faladores, não lhe perdoavam aquilo que eles próprios estavam fazendo diariamente. Agora, no ataque de Caraguatá, na Canhada Funda, a conduta de Nestor e de sua tropa foi em tudo e por tudo digna do nome Barriga-Verde. Expôs-se a mais não poder às balas inimigas que vinham de bem perto, obedecendo-lhe seus soldados que eram dirigidos a toques de corneta, como se estivessem a manobrar no Campo do Manejo em sua terra natal.

Eu estava ali, comandando a força de infantaria de linha e de polícia encarregada de proteger a artilharia. A minha posição era, então, no centro da coluna, e da elevação em que me achava podia ver muito, notando um magote de jagunços que se denunciavam pelas bandeirolas brancas que sobressaíam no vassoural. Mandeí que se fizesse um tiro de *schrapnell* naquela direção e com a alça de 600 metros. O tiro partiu, mas o *schrapnell* arrebentou na metade do caminho. Fiz eu mesmo nova pontaria e o projétil foi estourar sobre o grupo emboscado. Avistei também uma casa de madeira à margem esquerda do riacho Canhada Funda e, guarnecendo-a, um regular número de homens armados. Nesse mesmo momento em que enxergávamos o inimigo, Mattos Costa veio a querer dar ordens ao criterioso e bravo Isaltino de Pinho, comandante das metralhadoras, que o repeliu. Ele nada tinha que ver com aquela arma, que não

pertencia à vanguarda. Tal procedimento convenceu-me da atrapalhão em que ele se achava. Vi-o sempre de um lado para outro, bem exposto ao fogo, o que prova não ser medroso, mas sem poder eficazmente os tiros do inimigo (sic.). Afinal, depois de muita munição gasta, pudemos atingir a margem direita do Canhada Funda. Ali, tendo visto a casa de um tal João dos Santos, tomei-a, e por não ser prudente deixá-la à nossa retaguarda, mandei que a incendiassem, o que foi feito. De volta à outra margem, ouvi forte tiroteio à nossa esquerda, em plena mata, e logo depois a notícia da morte de Belízio Leite, comandante de um pelotão do 54º que acompanhara o de Edgar Facó. Ali perderam vida o Primeiro-Tenente Belízio Leite, 4 sargentos e 18 soldados.

Os jagunços achavam-se ali emboscados porque sabiam que a missão da artilharia era procurar pela esquerda uma posição de onde pudesse bombardear o reduto.

Belízio era um homem de bem. Saído da fileira como sargento do 7º de Infantaria em 1894, abraçara a religião presbiteriana. Era um convicto, e tais eram suas convicções e a seriedade de seu proceder, como homem particular ou como homem público, que todos os camaradas evitavam proferir pornografias em sua presença. Prestava-se uma homenagem à virtude. Não era um homem culto, ou, por outra, não tivera o preparo necessário, mas a sua energia dava-lhe decisão, suas modéstia e bondade acarretavam-lhe a simpatia de todos.

Condoía-se com extremo da sorte desses deserdados da sociedade, que a imprudência do governo transformou em inimigos perigosos. E foi, dizem, justamente a sua comiseração a causa de sua morte. No combate, tendo visto um jagunço vestido de mulher, disse aos soldados: não façam mal àquela senhora, mas essa mesma senhora matou-o a golpes de facão.

Expliquemos por que estavam os jagunços de vestes femininas.

Havia na estação do rio Caçador, durante o mês que ali permanecemos, um caboclo muito simpático, que se empregava em diversos serviços prestados à tropa. Nunca nos passou pela mente que algum inconveniente, senão algum perigo, pudesse resultar do contato com essa gente que aparecia no acampamento. Nós somos naturalmente bondosos. O povo da cidade simpatiza muito com o sertanejo, gosta de seus modos e rusticidades, não vendo, no convívio com eles, mal algum. Somos também, e este é o principal característico do

brasileiro, extremamente confiantes, de uma boa-fé que toca as raias da tolice. Dessas nossas qualidades afetivas uma multidão de dissabores têm resultado. Depois da porta arrombada é que nos lembramos de pôr tranca de ferro. Esse caboclo, cujo nome ignorávamos então, acompanhou-nos até Perdizes. Ouviu a leitura do boletim, no qual se recomendava absoluto respeito pelas mulheres, velhos e crianças. Recomendação asnática e nociva, primeiro porque a portabilidade das armas de fogo atuais nivelou forças e portanto condições. Tanto pode apontar um Schmitt ou uma Winchester uma mulher como um velho ou menino. Para isso dispõe da mesma força de um velho guerreiro; segundo porque o nosso soldado, de natural bom, não comete atrocidades. A propósito digo: em Taquaruçu, dos quase mil homens que tínhamos, só um quis mostrar mau instinto, aconselhando aos camaradas que matassem uma velha louca que fizemos prisioneira.

O jagunço que no Caçador nos prestava os serviços citados era um hábil espião. Com a paciência bem da sua raça, dissimulação asiática, estava a par de tudo que se passava no acampamento. Ouvia as leituras dos boletins diários como se ele próprio fosse um soldado, e sem ignorar o que se passava. Ouviu a recomendação sobre mulheres e crianças. Naturalmente, espalhados pelos matos que cercavam Caçador, não faltariam outros jagunços para o serviço de comunicação com o reduto.

Achávamos grupados diversos oficiais na margem do Canhada Funda, completamente enfiados pelos fogos do alto da coxilha, quando um excelente atirador jagunço começou a alvejar-nos. Mais de um soldado morreu ali, atingidos pelos tiros do tal atirador, que mais tarde soubemos ser Guilherme Weber Paes de Faria, vulgo Guilherme Ventura, filho do célebre Chico Ventura. Conversávamos sobre as operações de guerra quando ouvimos cerrado tiroteio à nossa retaguarda, onde se localizava o posto médico. Imediatamente, apareceram solicitando o meu apoio Gustavo Schmidt e Otávio Franco, ajudante de ordens de Gameiro.

As praças na sua totalidade estavam desmoralizadas pela fome e pela carnificina que, dos 58 que compunham a força de proteção da artilharia, apenas dez me acompanharam. Chegamos a tempo, repelindo o assaltante. Encontrei ali o Tenente Januário Augusto de Abreu e Silva, armado de fuzil, o Dr. Cerqueira e o Dr. Ezequiel Antunes. As primeiras palavras que ouvi foram

proferidas por Januário: “Rosa, os covardes do 4º me abandonaram”. Achei quatro jagunços mortos, e um deles, o caboclo do acampamento, vestido de mulher. Cada qual trazia um vidro de cachaça com pólvora para dar coragem.

Um jagunço negro, depois de cortar a facão mais de um ferido, morreu com o crânio despedaçado por uma coronhada, mas abraçado com quatro fuzis que tomara aos feridos e mortos.

Os jagunços, parece-nos assim, depois de derrotarem a gente de Belízio e Facó, animados pela vitória, tentaram um audaz golpe de mão vindo atacar o posto médico, onde se achava uma companhia do 4º de Infantaria, sob o comando de Pinto, que tombou com uma bala.

Anunciara-se nesse momento a presença da nossa cavalaria, e os jagunços ouviram o Capitão Pinto dizer: “É a nossa cavalaria que aí vem”. Os fanáticos aproveitaram-se inteligentemente disso e repetiram: “É a nossa cavalaria que aí vem”, iludindo os soldados e aproximando-se dos feridos que jaziam deitados no chão da mata, atendidos pelo dois médicos. Tais desastres são sempre o resultado da incúria ou inépcia dos chefes. O posto de socorro não fora escolhido de véspera como fora o de Taquaruçu. Colocado ali na ocasião do combate, achava-se na primeira linha, sem que se tivesse um reconhecimento da mata circundante, porque se o fizessem, a simples prudência obrigaria a colocação de uma força de flanco de guarda além do valado que limitava o terreno, portanto único donde poderia o inimigo fazer um ataque de surpresa, como fez. Por ali vieram e só foram pressentidos a dez metros dos feridos. Feriram gravemente o Capitão Pinto e acabaram com alguns feridos, e se não fosse o belíssimo gesto de Antonio Alves de Cerqueira, capitão médico, de Ezequiel Antunes, tenente médico e Januário Augusto de Abreu e Silva, que de fuzil na mão defenderam os feridos, nenhum teria escapado da sanha dos nove ou dez bandidos que assaltaram.

Há coisas bem interessantes, que não discuto mas aceito e os fatos justificam. Uma delas é a crença popular nos pressentimentos. Há no combate de Caraguatá três casos notáveis.

Eu havia deixado por doentes no acampamento, ou se não estavam gravemente atacados pelo menos excessivamente nervosos, o músico Tito e o Terceiro Sargento Nunes. Esses homens jamais se haviam recusado a fazer qualquer serviço, e não me consta que até então tivessem mostrado sinais de

fraqueza de ânimo. Depois que saí do acampamento, o Capitão Galdino Tavares obrigou-os a marchar com a coluna e ambos morreram. O Tenente Belízio Leite havia recebido de presente, em Campo Novos, um Schmitt and Wesson cal. 38. Perdera-o antes de engajar-se o combate. Um sargento, sabendo-o desarmado, oferecera-lhe um revólver que ele recusou, levando como arma única uma espada, que não é mais arma. Nunca se dedicara à esgrima de sabre, de modo que a espada era na sua mão ainda menos arma. E mesmo que fosse um mestre como Parcas Rodrigues, Fabrício de Mattos ou Luiz Furtado, do que lhe serviria uma espada da ordenança no baralhamento de troncos, galhos, silvas e cipós, onde não havia um espaço para cair em guarda e muito menos a fundo? Correram desde logo diversas notícias praticadas. Quem as assistiu para poder narrá-las? Era a lenda que se formava no próprio teatro da luta. Disseram que Facó havia se defendido com a espada e morto muitos inimigos. Lenda que se formava por saberem-no esgrimista. Esse oficial, ao sair da mata onde se dera a tragédia, com quem falou primeiro foi comigo. Disse-me apenas: “Ah! Rosa, perdi quase todo o meu pelotão”. Não me tocou em luta a espada com nenhum jagunço, entretanto, se atacado a arma branca, em lugar limpo, por um homem de cada vez, mesmo que viessem dez ele mataria, pois conhecia bem a esgrima de sabre. “Cheguei a desembainhar a espada”, disse, e nada mais. Mas o fato de desembainhar a espada bastou para fazerem morrer muitos jagunços. Os credores dessas lendas seriam patrícios de Tartarin?

A notícia desse feito correu, os telegramas de felicitações foram expedidos ao comandante do 5º Regimento e, já agora, seria impossível desraigar dos crentes a ideia daquela *epopeia*.

Até hoje não se soube quem ordenou a marcha das duas unidades pela mata, se alguém a ordenou. Se foi dada por um chefe, esse não tinha critério. Mas, uma vez dada, devia ser a quem estivesse em condições de executá-la, um oficial capaz de dirigir a tropa no mato, e não como fizeram, se correspondendo a toques de corneta, denunciando a presença ao jagunço arteiro, robusto e valente. Era cair na emboscada certa e feita por quem, sobre ser fanático, tinha todos os hábitos e matreirices do tupi, seus antepassados. Na mata, o nosso soldado armado de armas longas, que ainda mais se alongava com o sabre punhal calado, não podia se defender vantajosamente de jagunços armados de terçados que cortam como navalha de barba e de têmpera capaz de cortar o arame das cercas.

Em Taquaruçu, foi tudo relativamente fácil. A única força a experimentar o fogo do jagunço foi a ponta da vanguarda, e porque tudo foi bem e atribuiu-se esse bem ao comandante da vanguarda, que soube oportunamente fazer o serviço, todos os soldados queriam ficar sob seu comando. Foi por isso aumentado o número de seus combatentes. Em Caraguatá, já o consignamos também, os serviços de reconhecimento não foram feitos e, por isso, o desastre do dia 9 de março. Digo desastre e não exagero. Desastre porque tivemos muitos mortos e feridos, desastre porque ficaram patentes a inépcia e a covardia do chefe, e é sempre um desastre saber que não se pode contar com o comandante. Desastre porque não se bivacou, como de fez em Taquaruçu, para tomar o reduto, e desastre porque a retirada da Canhada Funda para Perdizes parecia mais uma fuga. Havia quase o terror pânico.

O Comandante Gameiro, tão parlapatão antes, somente depois de duas horas de fogo foi até a frente, e isso mesmo quase arrastado pelo assistente, que o meteu em brios dizendo-lhe: “A tropa ainda não viu o comandante”.

Gameiro foi até onde se grupava, sofrendo os tiros de pontaria de Guilherme Ventura, a oficialidade do 54º, mas em ali chegando e dizendo-lhe Nestor que corria algum perigo, retrocedeu célere para a sua amada retaguarda, onde, pensava, estava ao abrigo das balas, quando nada impedia que o jagunço levasse um ataque à cauda da coluna pela mata envolvente. Gameiro passou pelo posto médico, sem reparar nos feridos, dois ou três minutos antes do assalto que a jagunçada fez àquela posição. Assim, por um milagre escapou de travar conhecimento pessoal com o ferro fanático. O pobre valetudinário tinha verdadeiro asco pelas balas e pelo aço de facões infeccionados.

Terminado o ataque, que Gameiro chamou de reconhecimento, quando não chegamos a ver nem as proximidades do reduto, apressadamente ordenou a retirada. De nada valeram os meus protestos secundados pelos de Antonio Joaquim de Souza, Gontram Pinheiro e de outros oficiais que, comigo, achavam mais razoável bivacar ali mesmo, para na manhã seguinte, refeita a força e remuniçada de boca e guerra, entrar no reduto e reduzi-la a escombros, como se praticara em Taquaruçu. Retiramos tristonhos, carregando os feridos e alguns mortos, e a retirada foi efetuada tão apressadamente que deixamos na Canhada Funda a polícia do estado e o 54º de Caçadores a enterrar os mortos. As descargas de funeral feitas quanto o Tenente Belízio e praças baixavam

à sepultura chegou-nos já longe aos ouvidos, fazendo descer pelas espinhas dorsais, como disse o inesquecível Taunay, o calafrio das grandes comoções.

A campanha do Contestado foi uma manifestação de inépcia desde seus primórdios até o último tiro da segunda parte da campanha. Saberemos adiante se as colunas de ataque que operaram no setor Sul merecem outro juízo.

Já declarei que estou escrevendo estas notas sem a preocupação de fazer um livro. Vou intercalando os episódios, e que me relevem tal anomalia, se o é.

Facó não pudera trazer para fora da mata os cadáveres. Eram doze valentes que ali estavam picados a facão ou atravessados pelas balas jagunças. Para removê-los, Carlos Trompowsky Taulois e Horácio Bittencourt Cotrim receberam ordem, dando-se-lhes apenas 18 homens para um serviço que requeria uma companhia para transporte e outra para sua proteção, pois ninguém sabia mais onde paravam os jagunços matreiros que tanto podiam estar longe como podiam estar emboscados no cerrado, alapardados atrás de qualquer cupim.

Esses dois oficiais catarinenses e catarinenses de elite fizeram o serviço sem protesto, sendo eles próprios carregadores de cadáveres que deixavam suas túnicas vermelhas de sangue.

Cotrim e Taulois viram bem o perigo que corriam em se dirigirem à mata com tão poucos soldados, para trazerem tantos cadáveres, mas, briosos e valentes, nada disseram e fizeram com felicidade o serviço. Entretanto, este verdadeiro ato de coragem não consta em suas fés de ofício, como não consta também na do assistente o socorro que levou ao hospital de sangue, salvando com sua presença os médicos e feridos.

Dá para pensar que Gameiro, com o fim de agradar ao comandante do distrito, não quis elogiar os oficiais catarinenses, pois que esse comandante de distrito era o General Alberto Ferreira de Abreu, digno em tudo, mas bairrista ferrenho, nada achava de bom nos catarinenses, apesar de ter dois filhos nascidos em Santa Catarina.

Arrastamo-nos dolorosamente e famintos até a base de operações ou acampamento. Soubemos então que o tiroteio por nós ouvido quando marchávamos para o ataque fora devido à diversão feita por um bando de jagunços que, sabendo o acampamento quase abandonado, pois que ali ficara apenas o

Tenente Intendente Maio Celso da Silveira e o meio esquadrão de cavalaria, tentou tomá-lo. E a audácia de Sanderberg, que à frente de oito cavalarios levou-os de roldão. Sanderberg salvou a situação, perdendo dois de seus homens.

Sem dúvida alguma, num exército bem organizado, uma sua fração, destinada a combater, não teria tido o procedimento de Gameiro. Impunha-se uma unidade forte para a proteção de nossos gêneros e munições. Imagine-se que dificuldades sofreríamos se o jagunço se apoderasse dos nossos recursos.

Os feridos trazidos da linha de fogo foram colocados na capelinha de São Sebastião, transformada em hospital. A noite que se seguiu foi de terrores, efeitos do combate sobre nervos combalidos, efeitos produzidos pelos gemidos, pelos *ais* dos desgraçados que se iam, e quantos se foram clamando pelos filhos, pelas mulheres, pelos amigos! E nós que os ouvíamos, nós que também possuíamos esses entes amados, pensávamos no amanhã que podia ser tão cru para nós, como o hoje era para eles. Dois médicos esforçaram-se por cumprir seus deveres profissionais e humanos, o meu atual inimigo Ezequiel Antunes e o ilustre baiano Antonio Alves de Cerqueira. O terceiro, Virgílio Ovídio, ah! Esse encostou-se comodamente sob as asas protetoras do comandante e nenhum serviço prestou de monta.

O sentimento de Humanidade impunha um descanso para a tropa, ou pelo menos para os feridos, alguns dos quais na manhã seguinte agonizavam. Não entendeu assim o comandante, que ordenou a retirada, e essa foi uma verdadeira procissão de finados.

Caminhando cabisbaixos, os oitocentos soldados da coluna e os duzentos muares do comboio ocupavam na picada estreita uma extensão de dois quilômetros. Notava-se o desânimo completo da soldadesca mal alimentada, completo o da oficialidade, não tanto pelo medo, mas pela convicção de que seu chefe não era capaz de um ato que levantasse o moral dos homens sob seu comando. Se por ocasião daquela marcha partisse do mato um tiro que vitimasse um homem, a debandada seria fatal, pois não a poderiam impedir os oficiais e soldados pundonorosos. É sempre superior o número dos nervosos e medrosos numa coluna em guerra, seja aqui, seja em que exército for. O homem, quando se deixa empolgar pelo pânico, está bem às portas da loucura furiosa. É um caso interessante neste bípede: fugir do perigo imaginário para afrontar

o real. Quantos não se suicidam com o medo de um combate! Engraçada esta Humanidade.

A fila inteira arrastava-se, triste, conduzindo em manta a laia de padiolas, os feridos de morte. Juntava-se ao sofrimento produzido pelo ferimento aquele que um Sol causticante, os solavancos, os mosquitos e mutucas ocasionavam. Tem sido assim sempre nas nossas guerras sul-americanas.

As cinco léguas que medeiam entre Perdizes e Cachoeirinha foram percorridas, assim, sob intenso terror. Cada qual supunha ser o atacado, a vítima, e do conjunto desses temores pessoais o terror coletivo. Em caminho morreu um dos feridos, um cabo de esquadra. A coluna fez um pequeno alto para enterrá-lo sob as primeiras árvores de um capão, continuando o pobre soldado a ser útil pela desintegração dos componentes de seu corpo, que iam adubar indiferentemente eufórbias ou violetas.

Prosseguindo a marcha, e já nas proximidades da fazenda de D. Mariquinha, vi que o pobre Capitão Pinto estava atacado de forte dispneia. Ao chegar ao acampamento, expirou.

Sem dúvida alguma, era muito grave o seu ferimento, pois que um projétil 44 varara-lhe os intestinos, mas, digamos sinceramente, não era um caso desesperado. Posteriormente, Zupiro Ouriques fora do mesmo modo ferido, estivera às portas da morte e salvara-se. O repouso de alguns dias em Perdizes, a dedicação comprovada de Ezequiel Antunes e Cerqueira unida à sua competência de médico e cirurgião, talvez tivessem evitado a morte.

Chegamos ao acampamento de Cachoeirinha ao cair da tarde. Os soldados que conduziam os feridos, sem piedade pelos sofrimentos de seus camaradas e cansadíssimos, atiraram as improvisadas macas ao chão. Foi preciso que eu os ameaçasse e fizesse ver o horror do seu procedimento, para conduzirem à minha barraca o cadáver do Capitão Pinto e o músico Tito agonizante.

Quando, e este fato mostra bem quem era Gameiro, achava-se na barraca tomando as providências indispensáveis, apareceu-me o comandante a palitar os dentes. Viera do jantar que o Major Benjamin Lages oferecera aos oficiais. Perguntando-me pelas novidades da marcha, e falando em tom que me irritou, respondi-lhe: “Morto o Capitão Pinto, agonizante o músico Tito”. Falhei-lhe de modo naturalmente especial, porque me retrucou: “Então eu não

posso comer?”. Sem dúvida alguma podia fazê-lo, mas depois que o seu último corneteiro o tivesse feito. Um chefe pode e deve ser superior a certas exigências que o homem rude não pode suportar. Calou-se prudentemente.

Pouco depois o ouvi dizer: “Com 50 soldados nordestinos eu teria tomado o reduto”. Tal afirmativa provocou a minha nervosidade, e, dirigindo-me a ele com pouco respeito, afirmei-lhe: “Mas o comandante acaba de retirar com 800 homens, dos quais 400 pelo menos eram nordestinos. Como tomaria o reduto com a décima parte?”. Depois, chamando ele o Sargento Geraldino, que pertencia ao meu destacamento da Carta Itinerária, queria enviá-lo com trinta homens ao reduto. Opus-me diretamente.

Gameiro não era um mau homem, acho até que muito bom de coração, mas um pobre diabo carregado de esteiras velhas. Sofrendo não sei de que mal, que o fazia perder fosfato, tinha um regime alimentar todo especial, vivendo de farinhas e leite. No dia da chegada ao acampamento de Cachoeirinha, pelo fato de haver raspado formidável susto em Caraguatá, meteu-se a comer boia de acampamento e, dizem, ele, que absolutamente não fazia, bebeu um reforçado cálice de vinho do porto. Não precisava mais para anormalizar qualquer sóbrio.

Claro está que, de temperamento medroso, cheio de fome e ainda com os nervos esticados pelo barulho do combate, o cálice de vinho atuou sobre esse velho organismo como meia dúzia de garrafas para um bebedor regular. Sem ligar nenhuma importância às pobres vítimas do dever, esticou-se na sua cama de campanha, sem nenhuma deliberação tomar e adormeceu. Os sonhos que teve não sei, mas lá pela madrugada acordei com o toque de alarme. Perguntei irritado: “Qual foi o burro que mandou fazer este toque?”. Ouvi, então, que Gameiro dizia: “Anula o toque, corneteiro”. O que me valia e o que valia a todos os oficiais era o medo do comandante, incapaz de uma reação. Nisso era ele muito abaixo do substituído, que sabia, pelo menos em casos idênticos, conservar a dignidade pessoal. Estávamos com o caso da velhinha de Siracusa. Antes tivéssemos ficado com o primeiro comandante.

O Capitão Pinto e o músico Tito repousam à margem esquerda do rio Lindeiro, hoje em território catarinense. Desse ponto, apressados em demasia, dirigimo-nos para Noroeste, a botar mais terreno de permeio, afastando-nos dos jagunços. Acampamos no Campo do Pardo, e ali, a oficialidade, enojada de um tal chefe, abandonou-o.

Procurem muito embora os amigos do atual general reformado José Capitulino Freire Gameiro defendê-lo. Não o conseguirão, porque está bem viva ainda na lembrança de todos os oficiais a sua ação no Contestado, a sua reconhecida pusilanimidade.

Não o acuso como desonesto e malvado porque seria clamorosa injustiça. Bom coração ele tinha, e quanto à sua honra privada nada ouvi que o desabone. Como chefe militar sim, acuso-o, como tenho feito, com justiça, mas note-se, não o censuro por ser medroso, pois ninguém o é por gosto. O ser valente ou medroso é uma questão de temperamento, questão de nervos frouxos ou esticados. Acuso e o farei sempre que me recorde do Contestado, pela ignorância demonstrada da arte militar, que os militares devem conhecer como o artífice a ferramenta que usa.

Um empregado público acaba sempre sabendo despachar uma parte na seção que dirige: um artífice sempre consegue, com maiores ou menores esforços, apropriar-se de sua arte, por isso não se compreende que o militar, que é o artífice da guerra, alcançando altos postos da hierarquia, desconheça os princípios mais comezinhos dos regulamentos de campanha.

Perdoam-se ao engenheiro ou ao agrimensor alguns erros, porque nalguns casos provêm de defeitos instrumentais, de construção, mas se não lhes perdoa uma falta, que é sempre resultante da desídia. Ora, o desconhecimento das regras estabelecidas nos regulamentos de campanha ou nos de serviço interno dos corpos não constitui erro, não pode constituir, mas é falta que denota relaxamento. E um chefe militar tem que ser miniatura de Leonardo da Vinci, saber ao menos pela rama tudo que se relacione com a sua profissão, que já exige conhecimentos científicos variados. O Sr. Gameiro cometeu faltas milimétricas, mas também quilométricas, e por isso, seu procedimento na emergência de Caraguatá não poder ser desculpada. Que me perdoem os interessados, se chegarem a ler isso que escrevo à pureza.

Faltava-lhe também energia moral, sem a qual não podem existir chefes que mereçam este nome. É sempre um caráter firme que prevalece e que se prefere. Não quero dizer com isso que o Sr. Gameiro fosse um homem preparado cientificamente, apesar de ostentar um anel de engenheiro geógrafo. Expendo apenas uma opinião. Não é só minha, é até bem velha, pois que desde muito se vem dizendo que vence na vida o homem de caráter. A retirada dos oficiais em

Pardos foi uma insubordinação de marca. Houve mesmo desrespeito ao chefe, esse teve uma araganzinha de energia, dizendo que mandaria força à estação para impedir o embarque dos oficiais. Os oficiais, entre os quais o mais exaltado era Edgard Facó, declararam que não obedeceriam. Eu nada tinha com a tropa. Era um francoatirador, podendo retirar-me quando quisesse. Naturalmente, eu não abandonaria o Sr. Gameiro se ele merecesse um pequeno sacrifício da minha parte, além disso, como já fiz ver, o meu compromisso ligava-me à coluna somente até Caraguatá.

Deixemos, porém, em paz o comandante Gameiro. Os meus ossos como os seus e os de todos que pelejaram no Contestado alvejarão um dia, ao tempo em que este trabalho for publicado, se o for. E não consta que os restos mortais guardem entre si os rancores desta existência só de misérias.

Retiramo-nos para Florianópolis Carlos Trompowsky Taulois, João da Costa Mesquita, Antenor Taulois de Mesquita e o Capitão José Vieira da Rosa. Atingimos São Francisco com uma viagem exaustiva, porque tivemos que ir de Calmon a Ponta Grossa e dessa cidade por Palmeiras e rio Negro descer ao Litoral. Faltou-nos em São Francisco um vapor da carreira que nos conduziu a Florianópolis, mas o prestimoso e bom poeta Ogê Mannebach, então guarda-mor da Alfândega, prontificou-se levar-nos na lancha *Lauro Muller*, revelando-se tão bom timoneiro e piloto como poeta primoroso.

É bastante ousadia, sem dúvida, percorrer em lancha a grande extensão que há entre a Capital e São Francisco, mas as saudades da terra, da mulher e dos filhos eram poderoso ímã que nos arrastava na direção Sul.

Meus camaradas voltaram mais tarde a reunirem-se às suas unidades, em Canoinhas e Timbó, mas eu fiquei a cuidar de meus afazeres da Carta Itinerária, que não eram poucos.

O que passou na luta travada na bacia do Canoinhas não sei, e as informações que me forneceram, mesmo que merecessem fé, não seriam aproveitadas neste trabalho, pois só desejo dizer algo sobre o que vi, porque a vista engana menos que o ouvido. Que escrevam com lealdade os que fizeram a campanha sob o comando do General Mesquita.

.....

Depois de outra grande demora houve os ataques do Poço Preto etc... lá para as bandas de Canoinhas. Não fiz, como já declarei, essa campanha. Vim a saber por informes de oficiais sérios que foi mais um desastre.

Depois de alguns encontros, o General Carlos Frederico de Mesquita, bravo rio-grandense de origem catarinense, deu por terminado o conflito, não porque ele o estivesse de fato e nem porque esse general o ignorasse, mas porque, por politicagem, forneceram somente 30 contos para despesas de campanha, ficando, afirmaram-me, o grande bolo no Paraná, desviado não sei para que obras. Depois desses encontros, a maior parte da oficialidade do 54º tratou de arranjar transferência para outros corpos que os livrassem da campanha. Saíram do batalhão Nestor Passos, por promoção, Cotrim, Carlos Taulois, Antenor Mesquita, Costa Mesquita e outros por transferência. Vagou, então, o comando da 1ª Companhia do 54º. Ninguém queria agora um comando dantes tão cobiçado. Pedi-o ao Ministro da Guerra que mo deu.

Entre os últimos combates do General Mesquita e o início da segunda fase da campanha mediou um espaço quase de seis meses em que se supunha haver adormecido o fogo da revolta. Eram brasas sob cinza, nunca fora extinto o fanatismo, antes pelo contrário, preparava-se para irromper mais forte. A retirada das relativamente grandes unidades do Exército convencia o jagunço da sua inexpugnabilidade, atribuídas aos milagres de José Maria.

Nesse ínterim, o Capitão Mattos Costa pretendeu provar que os jagunços eram pombas sem fel e amigos seus. Dizem que os procurava para conferenciar, chegando mesmo a conduzir dois ao Rio de Janeiro. Pagou pouco tempo depois sua boa-fé, vitimado por aqueles que ele apregoava uns entes inofensivos. Há muito que as balas jagunças o mataram. Que Deus receba sua alma.

O lutuoso acontecimento da estação de São João repercutiu dolorosamente, e nem podia ser por menos. O Governo, então, não pôde mais iludir-se e tratou de organizar forças capazes de acabar de vez com o fanatismo sertanejo. Foi nomeado para comandante da divisão provisória o General de Brigada Fernando Setembrino de Carvalho. S. Ex., que sempre serviu na arma de engenharia e em diversas secretarias, não era o chefe talhado para uma guerra de caboclos.

Começaram de novo as hostilidades.

O 54º de Caçadores recebeu ordem de seguir para Lajes, ainda sob o comando de Allilua.

O povo da cidade serrana, que nas duas primeiras expedições nos tratou com pouco caso, estava agora aflitíssimo pela aproximação dos fanáticos que, em grande número e em três grupos bem armados, percorriam a extensa e rica campanha.

Fizemos a marcha com a rapidez requerida. Mais rápida nenhuma infantaria do Mundo faria. Conosco seguia o ex-governador do Estado, Coronel Vidal Ramos.

Contrariamente ao que sucedera das outras vezes, fomos recebidos em Ponte Grande (três quilômetros de Lajes) por grande número de cidadãos, figurando a elite lajiana. A cidade estava sob armas. Cerca de seiscentos civis aí se achavam apoiados numa companhia do 54º que Januário comandava. Creio, porém, que a recepção fora feita a Vidal e não a nós, e tenho razões sérias para crer.

De chegada tratamos de estudar o perímetro da cidade e saber dos pontos defensáveis, e, escolhidos os pontos ameaçados, tocou-me o setor Sul, que olhava as estradas de Cerrito, Capão Alto, Baguais e Vacaria. Construí uma trincheira de terras que revesti de leivas, dominando bem o horizonte.

Vejamos o que era a cidade de Lajes em 1915, a sua topografia, seus recursos e a disposição do ânimo de seus habitantes. É uma digressão necessária para esclarecer os fatos.

Está situada em 27º46' de Latitude Sul e 50º20' de Longitude W. de Greenwich. São 270 quilômetros de caminhos, como já demonstramos no princípio deste trabalho. Predominam nessa região os campos. Não se julgue, porém, que seja uma vasta planície no alto da Serra Geral, coberta exclusivamente de gramíneas e que, na verdadeira acepção científica, mereça o nome de planalto que lha dão. Não é um planalto, tanto no português como no francês, porque nessas duas línguas se define: Planalto – uma região elevada pela altitude e pouco movimentada pelo relevo. Plateau – Plaine située dans un lieu élevé. Lajes não aceita tal definição, e mais merece que se chame de Escócia Catarinense, terras altas, cheias de acidentes. Nenhuma planície notável.

Galga-se a Serra Geral em Bom Retiro, no quilômetro 132, primeiro campo que se depara ao descer do Trombudo para o Sul. Era, ainda em 1915, pertencente ao município de Lajes.

É uma bacia de recepção das águas que vão ao Canoas pelo Santa Clara e outros afluentes. A Serra Geral forma, com altitudes de mil a dois mil metros, os rebordos orientais dessa bacia e, pelas alturas do Frade, desprende um ramal que separa a bacia referida dos campos de Sepultura e Figueiredo. Quer esse característico dizer que, já no começo do pseudoplanalto, encontramos um notável acidente, uma serra que vai morrer na margem direita do Canoas. Transposta tal serra no Morro de João Paulo, que limita ao Sul a Várzea do Matador, atinge-se o terreno ribeirinho do rio João Paulo, que se passa em sólida ponte. Da ponte para diante o terreno é dobradíssimo na Caneleira e no Chopim, subindo-se no Irapuã, a fim de chegar-se ao Canoas, servido também de boa ponte.

Chega-se à Serra Bocaina por um terreno dobrado das Piurras e Dois Irmãos, essa famigerada Bocaina que separa as águas dos dois rios acima citados. Até Lajes, pois já no chamado Planalto, a estrada transpôs três serras importantes e um sem-número de morros seus contrafortes. Ladeando a estrada vemos elevações importantes, tais como Tributos, Pedra Branca, Conta Dinheiro e centenas de outras elevações cobertas de pinhais ou de gramíneas dos campos nativos. Basta, para o nosso caso, saber que, se Lajes oferecia dificuldades à tropa pela distância em que se localiza, fora dos centros produtores do Litoral, maiores apresentava na sua topografia e na ausência de boas estradas carroçáveis.

A cidade está edificada num terreno, em rampa suave, que se desprende da vertente oriental das coxilhas Cruz de Malta e vão morrer na margem direita do rio Caraha a Este e no Caveiras ao Sul. Este declive até o Caveiras é mais áspero. Por ele se vai até os morros isolados Padre e Grande, este à direita de quem olha os campos altos do Guará, aquele à esquerda e ambos molhando seu sopé no grande rio das Caveiras. A cidade está inteiramente cercada de coxilhas que lhe ficam a cavaleiro. As do Sul, que limitam os campos de Afonso Ribeiro, são as mais altas, oferecendo o flanco que mira a cidade cheio de pedras, muito áspero, constituindo séria ameaça para a cidade, se não houver uma defesa bem organizada no Padre e no Grande, protetores naturais do Setor Sul, que era o meu.

Não era fácil organizar a defesa de uma cidade de cinco quilômetros de perímetro, uma bacia como é, somente com um pequeno batalhão de caçadores sem artilharia. Em todo o caso, como a missão do exército era evitar o ataque da cidade, por agora pelo menos, escolhemos as posições e as guarnecemos com o que tínhamos.

As notícias correntes na cidade davam os jagunços como senhores da campanha sul do município, talando as fazendas de Coxilha Rica e Campo Belo, uma vasta superfície povoadíssima de gados vários, em número de trezentas mil cabeças vacuns, sessenta mil muares e mais ou menos o mesmo número de cavalos. Tinham, portanto, os fanáticos onde churrasquear à farta, sem haver fazendeiro que os incomodasse.

Depois de algumas noites de vigílias, fiz alguns reconhecimentos pelos arredores não levando meu raio de ação além de nove quilômetros, e numa dessas vezes já os fanáticos se aproximavam de Cruz de Malta, às portas da cidade. Vi-os fora do alcance dos fuzis, e levei-os além do Caveiras, na estrada Capão Alto.

No dia 16, ao cair da tarde, quando o Sol já se escondera por detrás das coxilhas do Capão Alto, recebia o Coronel Emiliano Ramos uma carta do chefe Castelhana, intimando o batalhão a abandonar a cidade e ameaçando penetrá-la na manhã seguinte, porque, dizia lá na sua algaravia, esta cidade não pertence aos amarelos do governo, referindo-se à cor cáqui dos uniformes.

Na porta da Intendência Municipal, que então servia de quartel-general, propus atacar com a minha companhia, no correr da noite, os jagunços acantonados nas casas da Fazenda Cruz de Malta, propriedade da família Alves de Brito. A minha proposta foi recebida como loucura e... descrendo de tal gente, dirigi-me à trincheira, junto ao convento de franciscanos, para fazer alguma coisa. Ordenei que metade da minha gente (40 homens) dormisse até meia-noite e, ali pelas quatro da madrugada, tirando um grupo de combate ou esquadra daquele tempo, fui fazer um reconhecimento, iniciativa minha, para saber onde estava, o que fazia e pretendia o inimigo.

Entre o capão da entrada de Cruz de Malta e a cidade há três quilômetros, sendo que a dois terços dessa distância fica o cemitério público. Há junto aos seus muros uma cerca de palanques, onde mandei que os soldados (16) enfiassem seus capotes e quepes. Mais além, já no primeiro socalco, há um ter-

reno donde tiraram tabatinga, e aí nessa mancha esbranquiçada dispus minha gente para o que desse e viesse. Nada aparecendo nas cercanias, ordenei que o Cabo Leopoldino subisse a coxilha da esquerda, que examinassem bem os arredores e, caso visse o inimigo, fizesse fogo sobre ele e fingisse que retirava em debandada. Eu sabia bem o que queria e o que fazia nessa emergência. Seguiu o cabo. Mandei que o restante ficasse bem atento para a outra coxilha defronte, porque seria natural que o inimigo, vendo a retirada do cabo, procurasse cortar volta, como eles dizem, e fuzilá-lo de emboscada. Ao chegar ao alto que eu lhe apontara, sem demora fez sinal semafórico de inimigo à vista, rompendo o fogo e correndo em retirada, conforme lhe fora ordenado. Mandei apontar para a outra coxilha, e sem demora vi a coroada de jagunços que, recebidos por uma descarga que não esperavam, debandaram por sua vez. Resolvi então, com pequena demora, continuar meu reconhecimento, porém não mais com a pouca gente que trouxera, mas com a companhia toda, a valente primeira que, ouvindo na trincheira as descargas, abandonou-a para correr em meu socorro. Guapa rapaziada. Vinha nascendo o Sol. Entrei com os meus 80 bravos no campo Cruz de Malta, enxergando logo a posição dos fanáticos.

Forte esquadrão localizava-se na minha frente esquerda, com veleidades de cercar-me, uma linha de atiradores na coxilha fronteira à casa da fazenda e um grande comboio de bois e cavalos que levavam rumo Serrito. Ataquei-os com descargas benfeitas e sustentei-me até meio-dia, quando nem mais sinal existia do inimigo, entretanto, apesar das seis horas de trabalho, de caminhada que equivale a vinte quilômetros, não fui reforçado nem remuniado. Os jagunços seriam quatrocentos, o quántuplo da minha gente, mas não se tratava de um ataque de emboscada, atrás do pau, e sim de um combatezinho em campo aberto, único em toda a campanha do Contestado.

Ao chegar na cidade, a minha gente, depois de tanto esforço, marchava em ordem, com o corneteiro à frente. Muitos cumprimentos, muitos abraços dos camaradas e dos civis. Entretanto, soube-o depois, esses mesmos que me chamavam de herói agora, o faziam de maluco, de imprudente e sei lá que mais palavras afetuosas que se usa em casos tais.

Do dia 17 data a paz nos lares lajianos, sendo esse fato a minha única glória, o meu prazer. Cooperei para que desaparecessem os sustos justificados das mulheres e o medo incompreensível dos marmanjos.

Constando que lá para os lados de Cajuru homiziavam-se jagunços na fazenda do velho Ramiro de Andrada, que também o era, mandaram-me fazer um reconhecimento, durante a noite. Fui lá ter. Saindo da cidade às oito horas da noite, cheguei às 4 da madrugada, apanhando uma forte geada que nos entangueceu. Assaz sofremos, porque, sendo noite de verão, ninguém contava com tal descida de temperatura, que não é rara ali. Nada conseguimos. Voltamos à cidade, lucrando apenas o meu gosto corográfico. Fiquei conhecendo o local da primitiva cidade de Lajes, e a região das melhores maçãs e peras, talvez do Brasil.

Tocava-me agora descansar um pouco, mas a meu modo, deixando um serviço por outro serviço, pois estou convencido que, depois de grande labor, a cama não dá descanso ao corpo, mas que a continuidade do esforço em assunto variado o produz. Deitado, o corpo fica mais mole e a alma mais fraca, porque, *mens sana in corpore sano*. Trabalhando temos o reforçamento dos músculos que fortifica o espírito.

Lembrei-me, então, que ainda era chefe da comissão da Carta Itinerária do estado e que devia aproveitar a oportunidade que se me antolhava de achar-me numa região que convinha e devia reconhecer, fazendo o levantamento das estradas que me levassem ao limite rio-grandense, pelo Capão do Pasto e Pelotinhas, para voltar pela Coxilha Rica. Cento e poucos quilômetros a correr numa zona rica e bela, habitada por um povo hospitaleiro e obsequente.

A campanha estava tranquila já. Não se falava mais em jagunços e surgiram os valentes. Ia bem renhida a luta lá para os lados de Canoinhas e Perdizes, no célebre reduto de Santa Maria.

A 4 de abril de 1915, por telegrama especial do comandante da divisão provisória, segui para Curitiba com a minha companhia, a fim de tomar parte no assalto que se ia levar ao reduto. Percorri as doze léguas rapidamente, mas, ao chegar à Vila de Curitiba, as notícias telegráficas davam o reduto como conquistado, sendo o herói da jornada Tertuliano Potiguara, que não passou de fiteiro mentiroso, pois que todos os mortos pela sua gente gozavam boa saúde no Paiol dos Santos.

Não sendo mais necessária a minha companhia para o assalto, recebi ordem para ficar na Vila, juntando-se à minha companhia a de Costa Mesquita, que ali já se achava.

Causa estranheza não ter seguido de preferência Costa Mesquita para o assalto, quando estava na metade do caminho que eu devia percorrer.

Os fanáticos tinham abandonado Santa Maria pelo Paiol dos Santos, um verdadeiro beco sem saída, formado por duas serras quase a pique. Propus ao general um ataque àquela posição, certo de que acabaria de vez com o fanatismo. Negou a ordem e obrigou-me a permanecer na Vila, da qual não podia sair.

Os fanáticos, agora inteiramente senhores do sertão, irritados pelos ataques sofridos, espalharam-se, atacando ora Corisco ao Norte, ora ameaçando Curitiba ao Sul. Já em maio seus bandos traziam amedrontada a população, e só em outubro tive a permissão pedida.

Sete meses parado, na Vila, foram sete meses perdidos para o resultado da luta. Não seria tarde a minha ofensiva? Não teria sido muito mais fácil o ataque do Paiol dos Santos, onde estavam juntos, podendo abatê-los de um só golpe? Não seria muito mais difícil bater os numerosos bandos, cada um de per si, demorando a campanha muitos meses mais?

Tudo isso estava bem patente, mas parece que na alta administração dos estados e da República há um prazerzinho especial em criar dificuldades, para depois, tardiamente, com o arrependimento, pedirem socorro aos que contrariaram com suas negativas. Não fora a recusa do comandante para eu tomar a ofensiva em maio, desde junho, segundo meus cálculos, estaria o ex-contestado perfeitamente em paz, evitando-se a carnificina que todos os dias se faria. Mas... devido aos que deviam ter mais interesse em terminar o conflito somente em janeiro pôde terminar a desgraça que havia três anos infelicitava o sertão.

Eu dispunha de duas companhias do 54^o e cerca de 500 civis bem armados. Marchei para a confluência do rio dos Patos com o Correntes, irradiando daí os meus destacamentos para diversos pontos do sertão.

Constou-nos que Taquaruçu estava de novo ocupado por um magote de fanáticos, e essa localidade não ficava muito distante do meu acampamento. Resolvi fazer uma entrada até Butiá Verde, distante três léguas, mas, não me convindo deixar o flanco esquerdo ameaçado, mandei que o Tenente Rupp, com um pelotão e alguns vaqueanos, fossem por Taquaruçu, Liberata, Avencal e Campo da Dúvida tocando os jagunços para o Norte, a encontrar-se comigo na fazenda de Zacharias de Paula. Ele percorreria um arco de seis léguas, ao

passo que eu seguiria pela corda de três léguas desse arco. Ele teria que fazer a marcha no dobro ou no triplo do tempo que eu gastasse, o que sucedeu.

A região é coberta de butiazais, elegantes e úteis palmeiras que ocupam extensa zona dos municípios de Lajes, Campos Novos, Curitibaanos e Cruzeiro. Somente os butiazais de Campos Novos e Curitibaanos ocupam vinte léguas de arco.

Escolhi a barra do rio dos Patos para a minha primeira base de operações, porque ficava equidistantemente colocado dos pontos mais frequentados pelos fanáticos.

A marcha para Butiá Verde fez-me encontrar jagunços no lugar Deus ou Passo dos Deus (nome do proprietário), no primeiro dia, e foi assim: numa bifurcação de caminhos que se encontra antes da fazenda Deus, temendo que os ardilosos e valentes me atacassem pela retaguarda, destaquei o vaqueano Chicão e uma esquadra que fosse até Passo Ruim, seguindo eu com 50 homens para Butiá Verde.

Ao sair de um capão, entrei num gramado cheio de butiás, e mal o fizera, ao olhar uma tapera fronteira, deparei um grupo de jagunços. Dei uma descarga e mandei carregar, mas sem fazer vítimas. Já dentro da tapera, ouvi forte tiroteio na mata onde devia achar-se Chicão e a esquadra. Cerca de meia hora depois chegavam aqueles combatentes conduzindo uma vaca e dois cavalos que tinham tomado aos jagunços, morrendo um deles.

Chegando ao Butiá Verde, na fazenda de Zacharias de Paula, acampe num alto, próximo ao chão da casa que os jagunços tinham queimado, e notando algumas rodas de arame farpado nos escombros, utilizei-me delas para proteger o meu acampamento, pois em guerra irregular como aquela, todo o cuidado é pouco. O Tenente Rup não me chegou nesse dia, nem podia fazê-lo, e se erro houve foi meu, por ter acelerado a marcha.

Na manhã seguinte, fui fazer, com oito homens, um reconhecimento em direção ao Campo da Dúvida, mandando que uma esquadra, com Chicão e mais três vaqueanos, fosse para rumo oposto, convergindo para a esquerda depois de algumas horas, procurando encontrar-me.

Na noite anterior, mais ou menos onze horas, fui acordado por Chicão, chamando a minha atenção para o horizonte de Oeste todo em fogo. Era o

Campo da Dúvida que ardia, naturalmente por artes dos jagunços. Reparei que Chicão fizera a cama com três telhas de zinco da casa queimada, mas colocou-as de maneira que parecia um caixão de defunto. Não me impressionou, mas reparei na forma bem esquisita da cama de campanha do valente amigo.

Na marcha do dia seguinte, notei que Chicão, sempre tão valente e disposto, estava meio indeciso se seguiria ou não a fazer o reconhecimento, indisposição passageira, talvez, e quem é que pode livrar-se delas levando a vida que tínhamos no campo?

Era meu costume, sempre que fazia reconhecimentos, instruir os soldados nas coisas do mato, que eu conhecia bem, por ser um fiel discípulo de Anhangá¹¹.

Ao penetrar na azinhaga que me devia levar ao sertão, notei, bem surpreso, pegadas de um cavalo ferrado, coisa rara senão impossível de encontrar na Serra. Mostrei aos soldados e, no butiazal que ficava entre um banhado e um morro, outros rastros apareceram de bois, cavalos e carneiros, alguns dos quais, como bem se via, arrastavam uma sogá.

Estou passando a limpo o que escrevi em julho de 1934. Lá se vão 19 anos. Tenho bem na memória os fatos desenrolados naquela campanha, coisas horrendas, que o ano de 1915 assistiu.

Certos de que, de um momento para outro, por detrás de um butiazeiro, de um pinheiro, ou de uma imbuia partiria um tiro de Winchester, marchávamos a passo de lobo, dedo na tecla do gatilho, e como lobos dispostos a morder. O coração era sempre apressado nessas ocasiões. E assim fomos até encontrar o rio Verde, sempre sobre os rastros dos animais conduzidos por não poucos homens. As águas cristalinas do arroio não denunciavam a passagem no vão, mas, seguindo pela mata ribeirinha para o montante, deparamos ponte de madeira que estava envernizada pela passagem contínua de gados. Passada a ponte, o caminho seguia para as cabeceiras do rio, sempre paralelamente a ele, descendo também para jusante. Convinha emboscar-me ali por algum tempo, porque parecia indubitável a obrigatoriedade de passar por ali, mas, antes de decorridos cinco minutos, ouviu-se um tiro de pólvora negra não muito longe da nossa posição, e como o uso dessa pólvora, então, era exclusivo do

11 Divindade indígena protetora dos animais contra a ação dos caçadores que abusassem do pendor da caça. Foi identificada pelos primeiros jesuítas na Colônia a um espírito malfazejo, provavelmente como ferramenta de catequese

jagunço, desci com minha gente em busca do atirador que se denunciava tão estrondosamente.

Desci com os meus oito homens, guardando o maior silêncio, e sempre pela mata marginal, e quando menos esperava, terminava a mata e aparecia-nos um gramado. Ali encontrei uma costela de carneiro ou de porco ainda molhada pela saliva, devendo estar muito próxima a pessoa ou o cão que a deixou, porque, apesar do Sol quente, ainda não secara. Mostrava-a aos soldados como indício seguro da presença do inimigo quando, olhando para a orla do mato fronteiro, enxerguei um grupo de homens. Levei a Mauser à cara para atirar, quando me lembrei de que podia ser a gente de Chicão. Retirei a arma. O jagunço, certo de que a bandeira sacudida mataria tantos pés-redondos quantas vezes a inclinasse para a direita ou para a esquerda, pôs-se a abanar. Rápido visei e fiz fogo, gritando aos soldados o grito de costume: “À baioneta, rapazes”.

Perseguimos o grupo, tomando-lhes machados e mantimentos até sair de novo no limpo no alto de uma coxilha de onde avistava Januária, estando sua gente nos caminhos fundos do acampamento, por ter ouvido os tiros que demos. Rompeu fogo cerrado na nossa frente não muito longe, na mata, fogo de armas de guerra entremeados com tiros de Winchester e revólver. Temendo que meus soldados, que não conheciam o terreno, não pudessem num caso de desastre atinar com o caminho de volta, prendi fogo na macega, e o fumo denso, não tendo vento para desviá-lo, subiu verticalmente, tornando-se boa baliza para uma marcha de volta. De chegada ao acampamento, sem demora começaram a chegar os companheiros de Chicão dizendo que o bom e bravo rapaz morrera em combate. E o caso se dera do seguinte modo: seguindo sempre pelo cerrado vassoural, caminhavam em silêncio, mas sem grande preocupação, quando esbarraram com um grupo de jagunços chefes, coisa de vinte metros, que de penas trançadas nas cabeças de prateados lombilhos conferenciavam em segredo. Uma descarga de nove fuzis matou sete cavalos e cinco jagunços, porém, nas proximidades, uns cento e tantos do bando romperam fogo sobre os atacantes, procurando envolvê-los. O sangue-frio e a coragem do Cabo Severino salvaram a situação. Ele gritava: “Tantos homens para ali, uma metralhadora para acolá. Viva o seu Capitão Rosa, sustenta fogo, rapaziada”. As vantagens e desvantagens da guerra do mato estão precisamente nisso: não se saber nunca o número do inimigo e a sua posição exata. A guerra do mato os jagunços conheciam bem, mas não podiam ter certeza sobre o número de

soldados. Daí o frouxarem um tanto o tiroteio e deixarem escapar os poucos soldados de uma esquadra.

Segundo afirmou-me um soldado que assistira à morte de Chicão, foi do seguinte modo que a desgraça se consumou: vira o bravo um jagunço negro que se escondia por trás de um pinheiro e alvejou-o. Acabada a munição da Winchester automática que eu lhe emprestara, sacou da cinta o revólver e levou-o em pontaria. Nesse momento, o jagunço negro atirou de Mauser, indo a bala varar o coração do valente Chicão.

Na tarde desse dia, chegou o Tenente Rup com sua gente e, então, lançando mão de dois terços do seu efetivo, mandei buscar o cadáver de Chicão, para dar-lhe sepultura digna de soldado valente. Enterrei-o junto ao meu acampamento, em cova profunda e coberta de madeira, para evitar que os guaraxains devorassem seu cadáver. Na ocasião de baixar ao túmulo, mandei que as três descargas fossem feitas, não com as armas em funeral, mas com a alça de 600 metros, para a orla de um capão fronteiro, onde me parecera lobrigar qualquer movimento. Assim, prestando as honras fúnebres, talvez fizesse algumas baixas no jagunço audaz que nos espionava.

Tendo estudado bem a posição de Butiá Verde, que seria a nossa segunda base de operações, voltei ao acampamento do rio dos Patos, a preparar a mudança da base.

A essa bela fazenda de Butiá Verde vêm ter seis caminhos que conduzem ao Patos, Fazenda, Campina Velha, Perdizinhas, Barra, Trombudo, Campo da Dúvida, Avencal, Liberata, Taquaruçu, Faxinal das Águas, Timbó, Santa Cecília e desses lugares se dirigem para todos os pontos, quer do litoral, quer do interior. Dali de Butiá Verde se vai à estação do Caçador com seis léguas, ao rio das Antas e rio das Pedras (hoje estação de Perdizes) com cinco.

Vê-se que o lugar era conveniente para uma base de operações, e desde que houvesse bastante mobilidade nas forças que ocupassem aquele ponto, os jagunços amargariam um pouco e, sem recursos, acabariam por se render.

Antes de efetuar a mudança para aquele ponto, determinei que um piquete de civis do comando de Maximínio de Moraes estacionasse ali, ficando eu a apressar os preparativos da mudança.

Eu resolvera ir mudando a base casa vez mais para o interior, à proporção que fossem ficando limpa de inimigos as cercanias da base anterior. Taquaruçu e seu sertão estavam limpos, urgindo, por isso, embrenhar-me ainda mais, deixando menos espaço entre minha gente e o reduto de Tamanduá, o último formado no município de Canoinhas.

Nunca marchei, porém, sem ter com avanço de um dia os paióis ou barracas abarrotados de gêneros de primeira necessidade e cento e cinquenta cabeças de gado, gêneros e gado que chegavam para mais de um mês. Minha gente vivia bem alegre, certa de que, nos acampamentos onde os oficiais comiam o mesmo que os soldados, não lhe faltaria alimento, e se nas excursões pela mata acontecia faltar um pouco de boia, o seu comandante sentia as mesmas cólicas de estômago dos seus soldados. Valiam-nos então os palmitos de butiá, que já era o alimento quase exclusivo do jagunço, que o comia com mel de abelhas.

Pronto de um tudo, como se diz na gíria sertaneja, transferi-me para Butiá Verde, onde recebi um reforço de mais cento e cinquenta homens de diversos corpos da Região Militar, homens que, segundo se afirmou, com poucas exceções, tinham sido tirados das prisões. Ficava a gente do exército sob meu comando elevada a 447 combatentes, e como os diferentes piquetes esparsos somavam 500 homens, a força que eu comandava era de 900, com três tenentes apenas e apenas um médico sem farmácia e sem farmacêutico. Ambulância foi coisa que jamais vimos naqueles ermos, mas, felizmente, os males que tanto afligiram outras forças não nos apareceu, talvez porque não tínhamos médico nem farmácias.

Chegando ao meu conhecimento que os jagunços agora se espalhavam desde Campo do Areão (limite de Canoinhas), até Butiazinho, no município de Campos Novos, num arco de 110 quilômetros, distribuí piquetes que guarnecessem Passo da Roseira, no Marombas, extremo sul do Passo do rio dos Patos, Corisco e Campo do Areão, fazendo excursões entre esses postos os piquetes de Chico Lino, Fidêncio Ribeiro, João Dias e outros. Eram os postos de trinta homens, e os piquetes, embora numerosos, nunca excederam este número, porque era de toda vantagem rapidez de movimentos, o que só se poderia obter com pouca gente e bons cavalos.

Os piquetes tinham liberdade de operar como também a tinham os sargentos comandantes dos postos, mas também, em dois dias certos, combinados

na linha toda, havia um movimento de penetração que impressionou fortemente o jagunço que, acostumado a ver antigas colunas estacionadas por muito tempo, não podiam compreender como os guaraxains, como nos chamavam, podiam se transformar em onça matreira. Coitados dos caboclos, avaliavam o número pelo movimento, de maneira que lá na cachola deles devíamos ser milhares, visto surgirem, num dia certo, num arco de vinte léguas, soldados e piquetes civis, bem alimentados, bem armados, bem fardados e alegres, pouco se lhes dando que viessem balas e facões, que nunca faltaram na verdade.

Eu já era um amigo do caboclo, talvez por ser caçador e pescador, o que eu era e sou também, mas depois de bem estudá-lo na luta sertaneja, convenci-me de que, no caso de uma luta com inimigo externo ali naqueles pagos, nossa gente seria invencível, se bem dirigida.

Os nossos homens, com uma coragem que se pode dizer hereditária do português mesclado com tupi e negro, coragem demonstrada por essa mesma mescla na luta contra o holandês em Pernambuco e posteriormente em todas as nossas brigas internas e externas, tem a superioridade, além disso, da sobriedade árabe que o caracteriza, e também dessa raça que já foi dominadora, a resignação que parece fanatismo. Passando a palmitos ou rapaduras com farinha de mandioca, fica estoicamente numa tocaia, não o desalojando balas inimigas e aguardando a peleia a facão, que eles apreciam sobretudo. Eu os vi assim, entusiastas sempre que depois da primeira descarga lhes gritava: “À baioneta, rapazes”.

Baseado no que vi é que avancei a proposição acima: bem dirigidos são invencíveis.

Ficamos em Butiá Verde um mês.

Não faz mal que intercalemos de vez em quando algum episódiozinho que nada vale historicamente, mas que, para mim, que os gosto de recordar (e um velho vive de reminiscências), tem um saborzinho especial, que ora faz rir, ora faz-nos quase chorar.

O meu acampamento ocupava o chão da casa queimada pelos jagunços. Era um espaço horizontal de talvez um hectare, tendo pela retaguarda coxilhas com butiás e pinheiros. Lugar encantador para um poeta bucólico. Na frente, depois de uma rampazinha e além da taipa divisória, uma várzea de uns 400

metros de comprido por cem de maior largura, limitava-se à esquerda e em frente pelo rio Verde, e pela direita por um arroio seu afluente. Pode-se dizer que era um triângulo isósceles, com um dos vértices no salto magnífico do rio Verde, onde íamos tomar nossos banhos. O jagunço podia aparecer-nos por qualquer setor, por isso, usando os arames farpados encontrados, protegi com ele e algumas trincheiras o acampamento, ficando no lado que olhava para a várzea uma rede, aliás, bem feita, e tão bem feita que, mesmo com cuidado ninguém entrava sem arranhar-se nas puas aceradas. Pois bem, numa manhã, sem ninguém poder explicar como se deu o fato, apareceu dentro da rede, onde se achava calmamente, um dos nossos muares do comboio. Como teria entrado sem arranhar-se? Ninguém poderá explicá-lo, mas para retirá-lo dali tivemos que desfazer parte da rede. Não seria a sabedoria calma do burro que o livrou de ferimentos que podiam ser bem graves, se fogoso como um cavalo bem tratado se pusesse a corcovear?

Pois bem, é de crer-se que também um homem, por mais aflitivo que seja o transe, poderá salvar-se se dispuser do sangue-frio necessário para estudar sua situação. O burro nos dava uma lição de mestre, que muita gente talvez aproveitou, e não se diga depois que um quadrúpede não foi professor de um bípede sem rabo.

Outro fato, e este nada para rir, deu-se poucos dias depois. Era meu costume, cotidianamente, fazer passeios pelos passos e matas com uma esquadra de homens escolhidos. Numa dessas vezes, fui fazer uma tocaia no Passo Ruim, ponto de passagem de bandos jagunços. Em ali chegando, botei e metade da minha gente em outro passo mais para baixo, e fiquei a esperar o que viesse. Não decorreu um quarto de hora e já o valente Anspeçada José Teixeira de Brito vinha correndo chamar-me para ver uma coisa horrenda. Fui. À margem de um arroio limpíssimo estavam doze mulheres mortas a facão, e que golpes, santo Deus, de tirar o occipital inteiro. Os abutres e os guaraxains já haviam limpado de toda a carne aqueles pobres corpos que há um mês ainda vagueavam rezando ao José Maria suas bizarras orações. Entre aqueles crânios um soldado viu um pedaço de occipital que devia ter pertencido a uma criança de oito anos no máximo, como deixava ver a trancinha de cabelos castanhos que ainda se prendia nele. Olhou-me o bravo e... compreendi que ele pensava: o seu comandante nos disse que poupasse os jagunços feridos e os protegesse, mas

vendo o que estamos vendo, quem poderá ter mais compaixão com bandidos que chacinam desta maneira seus próprios correligionários?

Por esse tempo ainda estava conosco um médico, e esse, desejoso de guardar alguns daqueles crânios, foi comigo até o local, escolheu os que estavam em melhores condições, colocou-os na mala de garupa e voltamos, mas ao passar um arroio que corria entre duas rampas gramadas, não se sabe por que caiu da garupa a mala, e menos se sabe por que um crânio saiu a rolar. Um soldado gritou: “Dr., a caveira ressuscitou”. Ninguém ligou importância ao caso, mas o médico, parece incrível, que devia ter relações íntimas com crânios e esqueletos, ficou num nervosismo tal que preferiu não tomar mais banho no salto do Verde, e nem saía da barraca. Mas... isso é lá com ele, um homem que não podia ser tachado de covarde porque, como vimos em Taquaruçu, com o Dr. Cerqueira teve um gesto magnífico, senão de valentia, ao menos dedicação.

Durante o mês de Butiá Verde foram estes os fatos sucedidos, apesar de termos bicho-carpinteiro.

Vendo a retaguarda de nossas forças livre do inimigo que era impelido para Tamanduá, onde se aglomerava, uma vez livre Taquaruçu, limpo Caapiá, Campo da Dúvida e outros lugares que palmilhávamos, tratei de mudar a base para Perdizinhas, cerca de uma légua mais para o Norte.

Ocupamos a tapera do falecido Schumacher, uma vinha bem tratada e colmeias sem conta, o que demonstra a abundância existente ali antes do aparecimento do jagunço.

Começou em Perdizinhas a fase trabalhosa, pois bastava transpor a Serra da Esperança e descer pela vertente oposta para termos contato sério com o grosso dos jagunços. Justamente por isso, não poupávamos esforços, todo o santo dia trabalhando em expedições pelas matas, catando um jagunço aqui, outro ali, mais um acolá e, com franqueza, amedrontando o inimigo pela nossa assiduidade e robustecendo nosso ânimo e nosso psico. E penso até que para ter tudo isso que diz respeito à nossa carcaça em bom estado, não há como os jejuns indesejáveis que tínhamos muitas vezes. A abstinência nossa era às vezes bem completa, especialmente nas batalhas de Vênus, pois que ali não se aspirava a posse de Dalilas. Creio mesmo que não havia naqueles ermos uma só mulher que não fosse jagunça das mais fanatizadas. E

uma jagunça fanatizada era bem capaz de proceder como um andirá, chupar o sangue e abanar para refrescar.

Resolvera fazer o assalto de Tamanduá porque estava certo de que nenhum bando talava mais as fazendas, achando-se todos os combatentes reunidos para a defesa suprema em Tamanduá. Para executar esse movimento, tinha ordenado que os piquetes todos e os postos convergissem para o Gramado da Esperança e para Perdizinhas, quando vim a saber que um espião já havia prevenido Henrique de Almeida e esse, como bom chefe que era, mandara já pelos jagunços para que estivessem prevenidos também.

Usando um estratagema que não poderia deixar de dar bom resultado, marquei simuladamente o ataque para primeiro do mês entrante, quando, de fato, levá-lo-ia a 24 do corrente. Estava tudo pronto e o ânimo da tropa bem elevado, já as forças de Corisco sob o comando do bravo Sargento Geraldino se achava no ponto marcado, quando chegou a notícia de que Lau Fernandes, com os seus caboclos de Canoinhas, tinha atacado pela retaguarda e dispersado o grupo de fanáticos. Os telegramas anunciaram a heroicidade de Euclides de Castro, tido como atacante, quando esse capitão da polícia estadual, lealmente, em carta que me escreveu, disse que não tomara parte no ataque e que nem podia fazê-lo porque, sendo do meu comando, só a mim devia obediência, mas que as ordens de Ulysses Costa eram fortes e... mandara que Lau Fernandes atacasse.

Desde então, comecei aprisionando jagunços, mulheres, velhos impré-
táveis, combatentes e, coisa curiosa, nem uma Winchester, nem um revólver,
nem um facão. Somente foices roçadeiras e machados, que serviam para roubar
o mel às abelhas e tirar o palmito de butiá, alimentos únicos no fim da luta.
Pelos prisioneiros vim a saber da verdade, especialmente por Claudiano Rocha,
secretário sem escrita do maior bandido que a história da criminalidade registra.

Foram duas mil as pessoas que passaram pelo meu acampamento, que
alimentei, que pretendi curar, mas curar era só pretensão minha. Muitos feridos,
expostos às varejeiras, às mutucas e outras moscas, nem por isso se apresenta-
ram com infecções graves. A fome era para eles o flagelo principal, como era
o tifo que vitimara 11 mil pessoas durante os três anos de luta.

Essa gente, descendentes todos ou quase todos de tupis, de uma resis-
tência física inconcebível, apresentava a calma herdada de seus ancestrais.

Mansos no falar, sóbrios de expressões, incapazes de proferir uma pornografia, impressionavam bem.

Meus soldados, com três anos de campanha, nordestinos e catarinenses, portaram-se altruisticamente, dando ao jagunço comida e roupa, e tomando sob sua proteção os pequenos órfãos. E por que não rememorar episódios? Faço-o sem medo que me critiquem.

Lembro-me bem de uma cena simplíssima, mas altamente comovente, impressionante. Fez-nos verter lágrimas sentidas, lágrimas em olhos de soldados cansados de uma luta cheia de horrores.

Um dia, passando em revista cento e quarenta jagunços aprisionados, perguntando-lhes os nomes e as moradas para despachá-los, municiados de boca proporcionalmente à caminhada a fazer, um robusto caboclo, saindo de forma, pediu-me com voz trêmula: “Seu comandante, me deixa voltar para procurar meu filhinho que perdi ao sair do reduto?”. Consenti, e já quando o homem saía, ouvimos todos uma vozinha que dizia: “Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo, papai”. E aquele homem, trêmulo, curvava-se para uma criança de seis anos, que se lhe agarrava aos joelhos, e esse homem que, semanas antes era um feroz combatente, deixava correr pelas faces bronzeadas aljofares a fio, que iam molhar o farto bigode de um bravo.

Eu, Januário e todos que presenciávamos tal cena, também tínhamos filhos lá ao longe, naquela Ilha maravilhosa e boa e... choramos também. Oh! A lágrima é também um sinal de nobreza da alma, porque a nós homens dignos só vem por um caso comovente ou por uma afronta violenta.

Como ter-se-ia salvo nas selvas, sem alimento, sem proteção de homens, aquele inocente? Sabe o Deus, e só Deus poderia livrá-la de onças, cobras e fome.

Vimos horrores. Um caboclo, com o peito varado por bala, movia-se no acampamento com o desembaraço de um homem de saúde. Uma mulher que assistia à carneação, não podendo mais suportar a fome, lança mão de uma guampinha, enche-a de sangue fumegante da rês recém-sangrada e emborca de um fôlego o líquido que julgava salvador. Sem muito tardar caía em convulsões para morrer em pouco tempo. Uma mulher negra e moça a quem faltava já a farinha de jerivá, farinha feita da parte mais tenra do caule, devorava três filhos de tico-tico ainda implumes. Uma criança nua e de tal maneira magra que se

podia estudar bem seu esqueleto, quando via distribuir qualquer favor dizia: “Só a mim ninguém quer”, mas queriam-na, porque um sargento encarregou-se dela, e assim ouvindo tudo, vendo tudo e tudo sofrendo, demos por finda a campanha de três anos, agora finda de fato e não como das outras vezes.

Fiquemos aqui quanto ao Contestado. Não analisemos qualitativamente as misérias daquela época, as imoralidades praticadas. Quisesse descer a detalhes e encheria resmas.

AS REVOLUÇÕES

Achava-me no comando da Quinta Brigada de Infantaria, em Santa Maria da Boca do Monte, quando teve início a propaganda das candidaturas Nilo Peçanha e Arthur Bernardes.

Avesso a essas coisas de politicagem, soldado de raça e de índole, achava que o Exército andaria mais certo não se imiscuindo nessas coisas, para a qual ninguém na minha classe tinha jeito. Surge, porém, a questão da carta que alguns atribuíam a Bernardes e outros a um falsário adremente preparado para desbancá-lo. O Clube Militar tomou a peito e estava ou estaria no seu direito, se de fato ele representasse os mil e quinhentos sócios, mas já que Bernardes negou ser autor daquelas ofensas, era preferível deixar a coisa como estava, não levá-la adiante, a não ser que contasse com o apoio das classes armadas e da Nação. Mas... o Clube não podia contar com a totalidade de seus sócios, porque os que estavam fora do Rio de Janeiro só sabiam do caso por ouvir dizer, e muitos, tanto na capital como nos estados, tinham mais simpatia por Bernardes do que por Nilo.

Por essa ocasião, achava-se em inspeção dos corpos de cavalaria do Rio Grande do Sul o meu conterrâneo e amigo General Luiz Barbedo, e porque ele não tivesse caixas encouradas, dizendo sem rebuços o que pensava sobre candidaturas, dentro de pouco tempo foi tido como chefe do movimento reacionário.

Um general ilustre, dedicado propagandista e um dos proclamadores da República, Augusto Estrela Ximeno Villeroy, apareceu-nos em Cruz Alta em

franca propaganda revolucionária, como outros o fizeram, mas sem o ardor, sem as convicções do erudito soldado.

Desde essa época comecei a sofrer decepções, e já nas manobras gerais de Saycan, no comando da quinta brigada, fui denunciado ao ministro Calogeras, por ter levado com a minha tropa munição de guerra. Outros a levaram também, mas o denunciado fui eu. O 15º de Caçadores e as metralhadoras o estavam à farta.

De volta à sede do comando, recrudescia a campanha eleitoral, prometendo renhida eleição como de fato foi, mas com vitória brilhante de Nilo. Apesar de tudo, foi reconhecido Bernardes, e não querendo o Rio Grande sujeitar-se à derrota, apareceu a ideia, partida de palácio, de passar-me um telegrama ao Congresso Nacional, pedindo um tribunal de honra para solucionar o caso.

Nesse tempo eram instrutores da polícia militar do Rio Grande do Sul os então Tenentes Emílio Lúcio Esteves, Canabarro e Travassos, que lançaram um manifesto concitando o Exército a rebelar-se contra o reconhecimento de Bernardes, e a ideia foi aceita, dizem que com exceção de duas unidades de cavalaria. No 8º Regimento somente dois oficiais, Mello Satellite e Parintins, discordavam.

Achava-se acampado para manobras o 8º RI, no lugar denominado Lagoão, fazenda do Tenente Jocelino Franco, quando chegou a notícia de que a carta havia sido reconhecida pelo perito como da autoria de Bernardes. Os oficiais perguntaram-me: “E agora comandante?”.

Respondi-lhes que, já que estava provado que os insultos partiam de Bernardes, tínhamos que telegrafar ao Clube Militar, hipotecando o nosso apoio em qualquer terreno. E assim se fez. Redigi eu mesmo o telegrama. Depois disso, faltava-nos recolher ao acampamento o General Barbedo, que diziam ter sido preso, combinar com os outros corpos a nossa ação e fazer partir de Cruz Alta o movimento, logo que chegasse a deixa.

Pouco tempo depois nos veio às mãos o rascunho do telegrama que devíamos passar ao Congresso, mas, convocada a oficialidade que antes era tão exaltada, recusou-se a assinar o telegrama que se anunciava como escrito do próprio punho de Borges de Medeiros. E porque visse eu nessa recusa uma covardia ou uma subordinação subserviente, passei sozinho um telegrama

oficial, certíssimo de ser pelo menos repreendido pelo Ministro da Guerra, o que sucedeu logo.

O procedimento da oficialidade do 8º ou antes da quinta brigada de infantaria enfarou-me tanto que, à comissão de oficiais que me foi levar a notícia da recusa, declarei que eles deviam trocar suas calças vermelhas pelas saias das mulheres, pois não era de homens procedimento tão avacalhado.

Sei que fui grosseiro, mas... quem não o seria, depois de ter relutado para o regimento não se meter nessa alhada, aceitar enfim a mesma ideia que animava a oficialidade entusiasta, e vê-la abandonar tudo porque, eles lá sabiam e eu não, o Sr. Borges de Medeiros havia começado sua retirada estratégica. Que eu ficasse mal, nada tinham que ver com isso. Pois se eu não era rio-grandense... nem borgista, por ter sempre pertencido ao partido federalista desde sua formação.

Diz-se logo, não sei se com verdade, que o recuo do regimento foi devido à influência do Major Eneas Pompilho Pires, que nunca foi revolucionário nem podia sê-lo, por ser serventuário incondicional do Sr. Borges, como eram 90% dos oficiais das duas divisões.

Não me convindo permanecer num corpo que começava a trair, solicitei transferência para qualquer batalhão que estivesse fora do Rio Grande. Colocaram-me no comando do 9º Regimento, na cidade do Rio Grande, onde já se achava o Tenente Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, então meu protegido por ser um perseguido, revolucionário da gema e que, mal se pegou no poleiro, fez como todos os políticos têm feito: esquecer benefícios recebidos dos amigos para chamar a si inimigos de ontem, que desejam catequizar.

O 9º estava no mesmo desaguizado do 8º e do 7º. Politicamente, ninguém se entendia.

O comandante da 6ª Brigada de Infantaria, General Alexandre Vieira Leal, licenciou-se e seguiu para o Rio de Janeiro, assumindo o comando o Coronel Cyriaco Lopes Pereira, que permaneceu pouco tempo ali, seguindo para Pernambuco onde ia servir. Assumi, então, o comando da brigada, que se compunha do 9º Regimento, 9º de Caçadores, 7º de Caçadores e 6º de Caçadores, uma bela unidade, mas distribuída por Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre e São Leopoldo.

No comando em Porto Alegre, entrei desde logo a conspirar com os coronéis José Ricardo de Abreu Salgado, Argolo Mendes, Paulo de Oliveira, Marechal Mesquita e outros muitos oficiais superiores e subalternos.

A ideia revolucionária não era somente do exército, não, era do povo, e parece mesmo que nunca houve tanta harmonia de vista como nessa emergência. Parecia até que os partidos políticos do Rio Grande tinham desaparecido, para que aparecesse somente o nome rio-grandense, que era olhado de todo o Brasil como o Salvador necessário.

E o que se pretendia fazer era de molde a dar a hegemonia política eterna ao Rio Grande, mas não a quis o papa verde dos pampas, esse gavião carrapateiro a que chamam chimango. E não a quis, talvez receoso que a nova República fizesse aparecer novos homens, o que não podia convir aos de sua escola.

O ato heroico dos de Copacabana e Escola Militar foi o pretexto esperado pelo Sr. Borges para trair. E quantas vezes traiu esse homem?

Que o digam os fatos desenrolados enquanto estive na Capital gaúcha.

S. Ex., segundo afirmavam o marechal Mesquita, Argolo Mendes e outros que viviam a par da situação, voltara a conspirar, ou a dizer que conspirava, animando os revolucionários sinceros, mas na verdade preparando mais uma traição.

Numa reunião que fizemos na Rua Jerônimo Coelho, no apartamento do atual Abrilino Pinto Bandeira, ficou resolvido que cada encarregado do trabalho se dirigisse ao seu setor, e que se ia solicitar do Sr. Borges de Medeiros passes permanentes para fazer-se a ligação necessária entre as diferentes unidades espalhadas pelo Rio Grande.

Nessa ocasião, eu declarei que o meu serviço estava quase pronto e que havia conseguido a remessa de mais seiscentos fuzis e um milhão de cartuchos para os corpos da cidade do Rio Grande e de Pelotas, mas, se o Dr. Borges negasse os permanentes para fazer a ligação indispensável, era porque recuava mais uma vez, cometendo mais uma traição. E fui profeta, deu-se a recusa e o homem desapareceu da arena. É verdade que aí nunca enfrentou leões ou tigres, pois estava invisível pela cerração política.

Nada foi possível fazer e, mais uma vez desiludido, pedi nova transferência. Não mandaram porque fui promovido a coronel e a classificação me colocava em Vitória ou antes em Vila Velha. Coincidiu tudo isso com a nova lei de reforma de quarenta anos com os vencimentos integrais do posto imediato. Convinha-me ganhar como general de brigada e, vigiado no Rio de Janeiro por espíões de toda a espécie, pedi a minha reforma e voltei para Florianópolis a tratar das árvores frutíferas do meu pomar. Sabia que na antiga Roma os generais trocavam o gládio pelo arado, portanto nada havia de escandaloso nem de original no meu caso.

Cuidar de frutas e de horta numa terra cujo clima permite o cultivo de tudo que há nos climas temperados e também muitas e muitas espécies de climas subtropicais. Havia ali 38 espécies de frutas com suas variedades, parecendo ver o globo todo representado na minha chacinha pelos filhos de Pomona.

E estava contente, bem contente, podendo cuidar do que me parecesse melhor, pescar, caçar, pintar, estudar.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, fui visitado pelos generais Odílio Bacelar e Barbedo além de alguns oficiais de marinha, todos revolucionários, e porque andassem eles espiados pela polícia de Bernardes, passei também a ser acompanhado para qualquer lugar que fosse.

Pacificamente vivia na aprazível Florianópolis, sempre de podão ou de canivete, para enxertia ou poda, quando me apareceu numa certa manhã o coronel comandante do 13º de Caçadores que, sem mais preâmbulos, entrou a dizer-me que desistisse de qualquer ideia de revolução, porque, dizia, o Major Bertoldo Klinger escrevera uma carta aos camaradas, dissuadindo-os disso. Cri no que dizia e achei até muito natural, porque com o que vira nos corpos do Sul não se podia esperar nada de bom. Esse mesmo coronel, de nome Octavio Valga Neves, nesse mesmo dia, declarava ao Dr. Henrique Rupp que ia arrebentar um movimento revolucionário, e que ele, Valga, era o escolhido por quem fosse o chefe, para dirigir as coisas de Santa Catarina. Concluiu-se que, dando-me tal notícia, tinha por escopo afastar um concorrente.

Poucos dias depois, seguia minha senhora para o Rio e, ali falando com o nosso filho Paulo, ouviu dele que Valga, pelo que se sabia, devia estar já operando em Mato Grosso. Minha senhora desmentiu tal nova, e Joaquim Távora

voltou a Florianópolis a falar-me, e não me encontrando em casa, porque nessa ocasião eu estava fazendo uma medição de terras do Sr. Colombo Sabino e só voltava à noite, retrocedeu, deixando com alguém um recado que nunca esse alguém me transmitiu, e que nunca vim a saber do que se tratava.

Rebentou o movimento de São Paulo, com o General Isidoro Dias Lopes à frente e, mais um emissário chegou a Florianópolis, Lourenço Moreira Lima, expressamente para falar-me a mando de Isidoro, mas esse, como o primeiro, foi tolhido por um parente seu, um desembargador que se dizia revolucionário, não deixando que Moreira Lima me falasse, porque podia ser preso pela ativa polícia do Sr. Pereira de Oliveira. Lourenço Moreira Lima voltou e eu continuei na ignorância do que se passava.

A luta estava acesa em São Paulo e ali brigava-se deveras, mas não era fruto sazonado. Apesar da heroicidade dos poucos combatentes que afrontavam 15 generais de Bernardes, tiveram que retirar da capital paulistana e se foram pelos sertões, não para depredar, mas para dar tempo que o resto do Exército e da Nação criassem a vergonha necessária.

O tempo corria bem depressa, e corre sempre muito acelerado para os homens velhos. Um dia apareceu-me o Capitão Matheus Evangelista Pereira de Carvalho, que era um dos mais sinceros revolucionários de Curitiba, convidando-me em nome da oficialidade de diversos corpos para assumir o comando de grande parte das forças em operação de guerra. Acedi, e sabendo o que há de verdade no *The time is money* dos ingleses, na manhã seguinte seguia de automóvel para Lajes, para atingir Curitiba e dali chegar ao Porto União incógnito. Acompanharam-me Mustapha Guarany da Silva, Antonio Fleury Barbosa, José Procópio de Mello, Azeredo, Costa, Petrarcha Calado, Porfírio Gonçalves, aspirante Arruda, e mais dois ou três cujos nomes já não lembro.

Devíamos evitar Lajes, mas como os rapazes estavam com apetite, chegamos àquela cidade onde, logo na entrada, o telegrafista João Gualberto da Silva dizia-me que o Coronel Vidal Ramos mandava dizer que chegasse até sua casa, ao que respondi que não o faria, porque se aquele coronel da guarda nacional tinha alguma coisa a tratar comigo, fosse onde estivesse almoçando. Disse mais: que a excelência dele era somente enquanto durasse o mandato de senador, ao passo que eu tinha esse tratamento por um direito adquirido pelo posto militar, e durante toda a vida.

Enquanto eu almoçava, esse homem, que se dizia revolucionário, estivera conversando com o condutor do carro em que eu viajava, mas sobre que assunto não podia saber, mas podia admirar a todos presenciar o orgulhoso lajiano descer dos seus altos coturnos para palestrar com um pobre diabo como era o condutor.

Almoçamos e seguimos viagem, mas ao chegar a Corrêa Pinto fui cuspidado do carro como um fardo, tomando uma queda que me deixou sem vida 19 dias.

O desastre parecia coisa encomendada. Reteve-me no leito do hospital 57 dias, fazendo despesas superiores às minhas posses, e, quando no décimo dia abri os olhos, soube que estava cercado por uma força do exército e outra da polícia, aquela comandada pelo Tenente Pedro Sebastião Carpes, do 14º; esta comandada por um inimigo meu, meu antigo primeiro-sargento, que não me procurou fazer mal algum, o que mostra certa nobreza de caráter. Era o Tenente Francisco Barnabé de Brito.

Mesmo inutilizado fisicamente e por muito tempo, pois a queda me fraturou o crânio, declarei ao Tenente Carpes que um general de divisão, embora da reserva de primeira linha, não se entregava a um tenente, se bem que não pudesse opor-me a um ato de violência.

À dedicação de minhas queridas esposa e cunhada Margarida, assim como ao bom trato das freiras que servem aquela hospital, devo o achar-me com vida.

Tive o oferecimento de muitos lajianos para convalescer em suas fazendas, o que não podia aceitar, primeiro porque os que me assediavam não consentiriam, segundo porque seria comprometé-los, expô-los ao ódio de Bernardes e seus criados Santa Cruz, Potiguara e tantos outros.

Sabia que me aguardava uma enxovia, bem merecida, aliás, pois eu ia reforçar a coluna revolucionária, mas não sabia que, sem estado de sítio, um coronel e um comissionado se animassem a prender um general de divisão.

A viagem que fiz, de 270 quilômetros, de Lajes a Florianópolis, no estado de fraqueza em que me achava, podia ter-me sido fatal. Saindo da cidade serrana às 4 da madrugada, cheguei a Florianópolis às 9 da noite. Dezessete horas de viagem aos trambolhões, amparado pelas duas dedicadas senhoras

a quem tanto devo, e não me surpreende tanto a minha resistência apesar do estado mórbido, pois que sempre fui duro, como me admira da fortaleza física e extraordinária força moral que elas apresentaram.

Nunca tive em minha terra nem nas terras dos outros qualquer recepção festiva, dessas que se faziam e se fazem aos chefetes políticos de volta de qualquer esparecimento a que eles chamam estação de descanso, mas tive a honra de ver em cada esquina de Florianópolis soldados aos pares, armados e municados para fazer-me uma recepção digna.

No dia seguinte, fui procurado pelo Tenente Mario Celso da Silveira, que convidava a ir com ele para o Quartel, onde ficaria preso. Disse-lhe o que um oficial superior ou general devia e podia dizer em tal caso: “Não me deixo prender por tenentes, existindo mais de um general na cidade”. Apareceu-me também o Capitão Archias Rômulo Colônia, e eu lhe disse do mesmo modo: “Não posso ser preso e conduzido por um capitão”. Foi quando surgiu um forte pelotão de infantaria, 43 homens a 120 balas cada um, invadindo, antes de decretado o estado de sítio, uma casa de família de que era chefe um general de divisão em cuja patente se garantia o respeito e as honras inerentes ao posto.

Era comandante daquela força o Coronel Comandante do 14º BC, Octavio Valga Neves, tendo como tenente o comissionado seu filho, Hernani Martins Neves.

E esse coronel que se dizia revolucionário, que chegou a assinar documentos de solidariedade ao movimento que se projetava contra Bernardes, não duvidou dobrar a cerviz ao chicote palaciano, vendendo alma e corpo ao nefasto mineiro de Viçosa. Sabe-se que, a pedido dos políticos da terra e devido ao procedimento intolerável que ele e filhos tinham em Joinville, foi transferido de corpo e chamado ao Rio, mas ninguém ignora também que, depois do entendimento que tivera com Azeredo, Setembrino e o próprio Bernardes, voltara a Joinville para aguardar a vaga que mais lhe agradasse e... Oh! Vergonha das vergonhas, com uma diária de 15 mil reis além dos vencimentos integrais. Estava bem patente a venda que fez do seu corpo, que não valia a diária, e a denúncia que deu dos preparativos feitos para retirar do palácio das águias o abutre de Viçosa.

Um parênteses aqui não faz mal. Conta-se que o sábio imperador que tivemos, passando de uma feita pelo Catete e olhando o palacete do Barão de Nova Friburgo, deparou na frontaria as três iniciais B. N. F. e S. M. jocosamente traduziu: Barão de Notas Falsas.

Não sei se o homem que edificou róseo mármore palácio adquiriu as pelegas fabricando-as em casa, mas S. M. disse e D. Pedro não diria leviandades. Ora, talvez uma questão de contágio, talvez não tivessem caído as paredes como medida de higiene, e por isso nunca mais houve naquele palácio moralidade absoluta, e Bernardes habitava-o.

Também não vai mal um pouco de cabotinismo, pois é da época e eu tenho que me amoldar aos seus usos e costumes. Disse acima que minha casa havia sido invadida por 43 soldados municidados a 120 balas. Pensei então cá com o meu bestunto: valho muito, porque se tratassem de caçar uma onça, um tigre, um leão ou outra qualquer grande fera, bastaria um caçador e uma bala, mas como me prendem ou pretendem abater com 43 soldados municidados a 120 balas, devo estar equiparado, pelo perigo que ofereço, a 43 vezes cento e vinte, ou seja, cinco mil cento e sessenta onças, tigres ou leões. Caramba, já é valer alguma coisa.

O Coronel Octavio Valga Neves, ocupando todas as dependências de minha casa com uma força armada, não encontrando um cadáver, mas um homem que o brio ressuscitava, pouco se importou que houvesse ou não desrespeito pelas pessoas de minha família. Três vezes deu a voz de fogo a que os soldados não obedeceram, soldados que suspenderam e descansaram as armas, exceção feita do bagageiro cozinheiro desse coronel, que talvez tivesse sido preparado especialmente para liquidar-me. Vendo que era impossível reagir, não só por ser único homem como por estar fraquíssimo, dirigi-me ao meu quarto para tomar a túnica, vesti-la e entregar-me à prisão. Mas justamente quando pretendia vestir-me fui agredido pela retaguarda. Chamando-me de general revoltoso e desmoralizado, tentou jogar-me ao chão, porque naturalmente sabia que um baque forte que eu tomasse na cabeça seria seguido de morte. Minha filha mais velha, vendo-me assim nas unhas de uma besta fera, segurou-o pelos cabelos, e de tal modo o fez que ele não pôde sacar a parábélum como pretendia. Operou-se uma reação em meus nervos e, segurando o bandido pela garganta, fi-lo ter a língua de fora, quando Augusto Livramento

o salvou. Minha cunhada Margarida disse ao bandido: “Largue-o, que está muito doente”, e ele usando de palavras dirigiu-se a essa senhora para agredi-la, mas foi seguro pela garganta por ela e ficou impossibilitado, o covarde, de fazer maiores males. Fui conduzido, arrastado para um automóvel onde me atiraram, proibindo que minha filha me acompanhasse. O coronel não queria consenti-lo, mas um sargento disse: “Embarque, senhora, vá com seu pai”. Avalia-se agora pelos fatos narrados o que viria a ser o governo de Bernardes.

De chegada ao quartel, fraco a ponto de não poder caminhar, um soldado dirigiu-se-me para amparar-me, mas julgando-o um agressor, repeli-o com energia, depois, preso no cassino dos oficiais com muitas sentinelas à vista, disse tudo que quis dizer das misérias desses títeres trágicos e de seus altos patrões do Rio de Janeiro. Era meu intento provocá-los a matar-me, pois ficaria livre de sua nojenta presença e não assistiria às desgraças futuras. E lembro bem que desejava tal desfecho, pois numa ocasião que minha senhora quis me visitar, achando-se impedida de entrar pela sentinela, vendo-a desviar a baioneta cruzada e penetrar na minha prisão, dirigi-me arrastando-me até a porta, onde proferi os maiores insultos aos carcereiros, e isso defronte a uma forte guarda de armas embaladas, que a uma simples voz de comando podia mandar-me *ad patres*. Não me sucedeu coisa de maior, mas tive a surpresa de ver o sargento comandante da força dar um passo em frente e dizer: “MUITO BEM, SR. GENERAL”. Parece-me que não haveria melhor sinal para levantar aquela gente. Ah! que se eu estivesse mais forte...

Poucos dias permaneci em contato com aquela nojeira toda, pois que ali, entre tantos oficiais que haviam sido meus comandados e a quem não regateei obséquios, só dois, justamente os que não tinham sido, me procuraram para conversar e animar-me. Eram os Tenentes Mourão e Risoletto Barata.

Com meu amigo e parente Capitão Carlos Trompowsky Taulois, que me servia de guarda, fui conduzido preso para Curitiba, cidade que eu não visitava desde 1897, e onde não podia contar com a proteção de ninguém, por ser um ilustre desconhecido, não só da população, mas do regimento a que me destinaram. O 9º de AM, onde devia ficar até que o Bernardes ou os seus prepostos resolvessem a respeito.

De chegada, na estação de Curitiba, aguardava-me um ajudante de ordens do General João Nepomuceno Costa, comandante da Região. Esse

ajudante, de nome Maciel Monteiro, disse-me que por ordem do general ali se achava com o carro da Região para levar-me ao quartel do 9º. Agradei de modo grosseiro, porque me repugnava aceitar qualquer favor de gente vendida. Fui a pé até o quartel do 9º, onde, ilustre desconhecido, devia passar onze meses de prisão. Isso se dava ao escurecer e, se pude comer alguma coisa, foi porque o meu conterrâneo Antonio Taulois de Mesquita mandou vir de sua casa uma bandeja de comida.

No dia seguinte, a maioria da oficialidade e sargentos me visitavam.

Os visitantes civis também não se fizeram esperar, de modo que, visitado diariamente, por gente de representação e acompanhado pelos camaradas do 9º, poderia passar o tempo da prisão menos mal. Nenhum oficial de infantaria, com exceção de Antenor Taulois de Mesquita, que me visitou duas vezes, me procurou. Soube mais tarde que o célebre Napoleão Poeta da Fontoura, comandante do 15º de Caçadores, tinha proibido que seus oficiais me procurassem. Prisioneiro político com sentinela à vista, o que comia era à minha custa, entretanto, segundo se afirma, havia na Delegacia Fiscal verba para prisioneiros políticos. Naturalmente, as folhas seriam organizadas e recebido o quantitativo, mas... para que ter bolsos tão amplos o novo uniforme de intendente?

Fui recolhido à prisão sem nota de culpa, sem um inquérito, e tudo isso sem estado de sítio. Belezas bernardescas que me deixaram um ano na cadeia, para melhorar dos ferimentos recebidos. Também podia ser que fosse para fazer economias e recuperar os quatorze contos que gastei, todas as minhas economias de muitos anos, pela causa da revolução. Ah! Quem pudesse adivinhar o que hoje sucede! Nenhum de nós teria cometido o crime de revoltar-nos, para ver que em 1930, logo de início a República Nova negava os serviços prestados pelos movimentos de 22 e 24, precursores da vitória. Negou-se-nos tudo e, da brilhante plêiade de revolucionários do Exército, somente João Alberto, Juarez Távora, Magalhães Barata e Cascardo foram aproveitados, e assim mesmo com a má vontade que o bacharel nunca deixou de votar ao militar.

Muitíssimo visitado pelo elemento civil da bela Capital, muito procurado pela oficialidade, especialmente pelo Capitão Catulo Piá de Andrade, Osório Amorety, Bussi, Nóbrega e outros, estava entre amigos e correligionários, porque o 9º todo, com exceção do Capitão Brandão, era francamente revolucionário. Comungavam com os oficiais os sargentos e praças.

Na prisão ofereceu-se-me oportunidade para fazer um levante, e íamos fazê-lo quando depois de tudo combinado soubemos que um traidor nos denunciara. Escrevia-se, então, em letras de ouro, a epopeia de Catandubas, onde um punhado de bravos revolucionários mantinha por seis meses um exército de 12 mil homens em distância, e se o nosso movimento não tivesse morrido no nascedouro, Rondon, atacado pela retaguarda, como era nosso plano fazê-lo, só tinha o recurso de dar às de Vila-Diogo. A queda de Catandubas deixava-nos agora completamente isolados, não convindo fazer um movimento que só traria o mal, porque, dentro de Curitiba e podendo ser atacados por todos os lados, ficaríamos como ilha que os vagalhões das lestadadas vão fazendo desintegrar os elementos da rocha.

O General Comandante da Região, João Nepomuceno da Costa, visitando o quartel, procurou-me, palestrou bastante tempo comigo, disse-me que resolvera mudar a minha prisão de Florianópolis para Curitiba para evitar que, no estado em que estava, doente ainda, estivesse a ver caras que necessariamente me seriam antipáticas, e mais, para impedir que me levassem ao Rio, onde seria atirado nalguma geladeira. Tenho que ser grato ao General Nepomuceno pela visita que me fez e sobretudo pelo interesse que mostrou pela minha liberdade, pois foi por interferência sua que tive a cidade por menagem e mais tarde e permissão de voltar para Florianópolis.

Há em tudo isso uma nota que julgo cômica. O telegrama em que o ministro da guerra autorizava dar-me a cidade por menagem estava redigido assim: “Podeis dar ao General José Vieira da Rosa o estado do Paraná por menagem, com a condição de não se envolver nas lutas locais”. Mais tarde, permitindo que voltasse para Santa Catarina, repetia: “Podeis permitir a volta do General José Vieira da Rosa para Florianópolis com a condição de não se envolver nas lutas locais”. E assim, por ordem do ministro, podia meter-me nas lutas gerais.

Voltando ao Estado de Santa Catarina, pus-me a viver alheio das coisas públicas, procurando esquecer o passado com suas misérias, para desprezar o presente, mas porque o povo de Curitiba não deixasse de conspirar, veio até Florianópolis o esforçado Dr. Raul Péricles, em automóvel de sua propriedade, e conduziu-me à capital paranaense, onde o movimento preparado por Costa Leite, Cunha, Uchoa, Sampson, Décio Fonseca, Estilac e outros elementos

locais, devia estourar logo que eu ali chegasse. Foi mais um fracasso. Houve um traidor que dizem ser conhecido, mas agora, sendo dos de 1930, tem preferência em tudo.

Havia em Curitiba revolucionários de valor como os Doutores Francisco Teixeira de Carvalho, Octavio Silveira, Parigot, David Carneiro, David Camargo, médicos militares, engenheiros, bacharéis e industriais, aqueles que formavam a caravana da morte.

Passado o tempo de espera, cerca de um mês, vendo que nada mais surgiria, voltei aos meus pagos, alimentando ainda uma secreta esperança de que um dia talvez próximo soprasse ventania forte que fizesse o barco correr em poupa.

Os tempos foram correndo aparentemente pacíficos, mas a brasa estava sob cinzas. Precisava de minuano desabrido para fazer sair a chama sagrada de que carecíamos.

Por esse tempo começaram a se formar partidos políticos. Eu não pertenci nunca a nenhum porque sabia bem o que eles valiam, e convidado pelo Bacharel Nereu Ramos para fazer parte do partido liberal, disse-lhe que não, que me mantinha somente na minha posição de revolucionário. Começou desde então a solapar a minha reputação, e eu não percebia. Também o rochedo não percebe a desintegração de seus elementos pela ação química das águas e da atmosfera, senão quando, sem base, rola pela montanha, obedecendo somente às leis da gravidade.

Num dia de março de 1930, fui surpreendido pela chegada do ex-aluno da Escola Militar do Rio, um daqueles desligados pelo levante de 22, Otto Unger Pereira de Carvalho. Perguntou-me se podia marcar uma entrevista a João Alberto Lins de Barros em qualquer ponto da estrada do Norte, e eu lhe respondi que, em vez disso, era melhor que ele viesse até minha casa porque, estando bem à vista, estava mais escondida. Um automóvel parado em qualquer encruzilhada chama a atenção dos transeuntes, que veem nele um mistério qualquer.

João Alberto veio, e de pronto perguntou-me se seu estava resolvido meter-me num movimento revolucionário que se preparava, movimento sério, feito por elemento novo. Respondi que sim, desde que fosse coisa de vulto,

pois não embarcaria em canoa furada como da outra vez. Respondeu-me que ele também não embarcaria, mas que agora se tratava de uma coisa realmente muito séria, e tanto assim que, se Aranha continuasse no Governo do Rio Grande, o movimento seria para já, mas se o Getúlio reassumisse o Governo, a coisa iria demorar porque, disse e agora naturalmente negará, que Getúlio criaria dificuldades porque era uma figura de proa. Disse-me mais: “O general trabalhará mascarando seu trabalho, porque se colocar a bateria no cimo da coxilha, a aviação inimiga a desmontará”. Esse mascaramento era o manter relações com a gente do governo e escrever alguns artigos na imprensa local. Pediu-me que não desse crédito a emissários que me aparecessem, salvo aquele que me entregasse um pedaço de papel onde escreveria a palavra Nelson.

Garantiu-me que o meu papel seria o de flanco guarda direito porque eu conhecia todas as estradas de penetração. Devia combinar meu movimento com o das forças que marchavam pela Serra para o Paraná, que devia seguir até Lapa e ali permanecer até ulterior deliberação.

No dia seguinte, embarcou num avião da Panair e foi para Porto Alegre, e sem demora, porque Getúlio reassumisse o governo, teve que fugir para a Argentina, onde publicou um manifesto em que se via a descrença muito acentuada.

Aceitei o convite e aguardei a ligação prometida, ligação que nunca chegou, seja porque não mais precisassem de meu concurso, seja porque se esquecessem. Pode-se ainda admitir a hipótese de ter sido expedido um emissário que tivesse sido desviado por um motivo qualquer.

Mascarei mais que pude as minhas baterias, o que me era fácilimo, visto ter relações com todos os políticos, e, para ainda mais mascarada ficar, publiquei um artigo em que declarava nada querer saber de política e de eleições, por não ter jeito para isso, tanto mais que era sabido de todos que o corpo de engenharia da política dispunha de bom material para construção de pontes, pontilhões e bueiros, tanto mais entre duas cabeças de ponte tão perto uma da outra, ou pelo menos com a proximidade que há entre a letra G e a letra J.

De vez em quando, Nereu e Rupp iam até Porto Alegre, e sempre que voltavam vinham sem notícias de valor. Nereu mesmo declarou que o Rio Grande não cogitava de revolução. Bem sabia o que se tramava, mas para

iludir-me tudo negava. Já o meu artigo estava na mão dos rio-grandenses que o leram e naturalmente raivaram. A todas essas nenhum emissário chegava, o que me fez crer um pouco nas mentiras de Nereu.

Corriam vagas notícias em Florianópolis de certos rebuliços lá para Cruzeiro e Chapecó, notícias que o governo não desmentia, mas que dizia ser briga entre posseiros. De fato havia lá questões de terras entre os Maia e Fidêncio Mello, e como aquilo é o nosso *far west* sem pôr nem tirar, tudo se resolvia a bala e a facão, por ser mais expedito e prático; mas o governo trazia o povo engabelado, encobrindo a verdade. O que havia lá em cima era o início do movimento que devia estourar no Brasil todo, porque o Brasil todo desejava melhorar.

O artigo que escrevi, aquele ao qual acima me referi, hoje eu o sei, foi a arma de que se serviu junto aos próceres do Rio Grande o célebre Nereu Ramos, para afastar-me da luta. Sei que esse indivíduo anunciou que eu não podia merecer confiança porque a fratura do crânio que sofri em serviço da revolução de 24 me tinha deixado atacado de alienação mental.

Já em 1924, quando foi da minha ida para assumir o comando das forças que desejavam se revoltar em Porto União, esse bacharel (...) foi, segundo afirmou o automobilista Beraldo, quem o levou a denunciar-me, e esse Beraldo que, para não conduzir-nos pretextou um desarranjo no automóvel, prestou-se gostosamente a isso. Também se atribui a Vidal Ramos, pai de Nereu, o desastre que sofri nessa mesma ocasião, tendo falado ao condutor, em Lajes, para demorar a viagem de qualquer modo, a fim de dar tempo para chegar até o ponto em que se desse o desarranjo a escolta que me devia prender. É possível que não tivesse querido a minha morte, mas desejava imenso estar bem com Bernardes e, para saciar a sede de sangue que esse filóstomo de Viçosa tinha, qualquer notícia má servia. Além disso, que vale um homem na opinião de um pseudoplutocrata?

(...) Não quis crer que esses homens fossem capazes dessas misérias, mas agora, ante o procedimento miserável de todos eles, fico certo de que me disseram a verdade.

Para bem se poder avaliar o caráter de Nereu Ramos, basta dizer que, sendo venerável da loja maçônica a que eu pertencia, proibiu que me visitassem

quando preso e não mandou sequestrar uma prancha para as lojas de Curitiba. E esse bacharel se inculcava de revolucionário.

Sei de muito mais, mesmo de muito mais.

Agora, sei com certeza absoluta que a ligação prometida por João Alberto foi mandada fazer, mas foi encarregado disso um primo coirmão do referido bacharel, um agrônomo de nome Astrogildo Ramos, mas esse indivíduo, mancomunado com seu parente Nereu, não me trouxe a embaixada prometida, traíndo assim a Revolução que se ia desencadear e traíndo a mim, traíndo a revolução porque ficava o flanco direito da invasão a descoberto e, se o governo dispusesse de forças fiéis, poderia cortá-la por São Joaquim, por Lajes e Curitiba, o que não seria difícil. Mas os traidores da revolução manobravam bem. A ligação não se fez, eu e meus amigos nada sabíamos e, naturalmente, achariam os Ramos um meio de se justificarem. Eu é que ficaria mal na opinião dos novos revolucionários, como fiquei, para meu descanso, para meu bem, pois que nenhuma responsabilidade me cabe nos desmandos cometidos.

Há versículo bíblico que diz: *Nada há em oculto que não se venha a descobrir*. E é tão certo isso. Eu continuo com o nome que tinha e tenho a consciência tranquila. Os miseráveis que me procuraram ferir podem aparentar calma, mas uma voz terrível, que até nos irracionais influi, quantas vezes não os terá já arguido pelas infâmias praticadas?

A traição aproveitou-os, não há dúvida, pois vemos Nereu na Constituinte e Aristiliano com Interventor, mas aquele foi eleito pela traição feita à Maçonaria, pois todo o mundo em Santa Catarina sabe que ele comungou, chegou-se aos padres, abjurando a Maçonaria, para ter os votos masculinos e femininos dos católicos romanos. Aristiliano chegou ao lugar que ocupa por ser apenas um preposto dos rio-grandenses e sócio de Flores da Cunha. O Sr. Getúlio não pensou, decerto, no mal que ia fazer ao estado de Santa Catarina, criando a oligarquia dos Ramos, oligarquia que o presidente acaba de firmar, consentindo no escandaloso empréstimo de vinte mil contos para pagar trinta e sete mil, quase cento por cento, feito pela Caixa Econômica.

Em Florianópolis, só tivemos certeza de que havia revolução quando vimos os seis navios de guerra tomarem posição para o bombardeio do litoral, e mesmo assim ignorávamos completamente o que se passava no Brasil

todo, por isso que, estando nas mãos do Governador Aducci, nas do General Nepomuceno Costa e nas do Almirante Belfort os telégrafos nacionais, rádio e western, só se dava publicidade ao que convinha ao Governo, ou mentindo descaradamente para fazer crer na fortaleza de Washington Luiz.

EM FLORIANÓPOLIS

A vinda dos *destroyers* sob pretexto de manobras, a princípio, não surpreendeu, porque as baías de Florianópolis têm valor tático e, como ponto de arribada, creio que nenhuma outra exista na costa brasileira do Sul. E uma prova de que nada se esperava de grave ali é que viviam a receber festas esses oficiais que os comandavam, esses marinheiros que os tripulavam. Numa população de origem açorita e madeirense, é sempre grato o contato com marinheiros, porque no sangue dessa gente das ilhas há muito dos lobos do mar.

Um dia, deixaram de baixar a terra os rapazes marinheiros, de galões e sem galões. Foi quando correu a notícia da tomada do Sul catarinense por forças vindas do Rio Grande, aliada ao pessoal de Lacombe e Pompílio Bento, do Araranguá e Tubarão.

Eu dispunha de elementos para fazer um movimento dentro de Florianópolis nos últimos três dias, mas preferi não fazê-lo e mostrarei por quê.

A selvageria com que os navios da esquadra bombardeavam o litoral do continente, desde Barra do Sul até Biguaçu, em mais de 40 quilômetros de costa, ou ampliando até Imbituba e elevando o seu raio de ação a cem quilômetros, mostrou-me que seria uma loucura atrair seus fogos para dentro da Capital, que ficaria reduzida a escombros e cobrir-se-ia de luto. Além disso, sabendo que se aproximava uma grande unidade revolucionária ou que já acampava por trás dos morros de Coqueiros, e conhecendo a vitória da revolução em 18 estados, era só uma questão de mais dois ou três dias de espera, para ver correr das nossas águas os obsoletos buques de guerra que se desonravam ali.

Se fizesse o movimento dentro da Capital, os quatro canhões krup 75 que ali existem bastariam de sobra para afastar os velhos *destroyers* da costa, mas os canhões Armstrong calibre 120 de que estavam armados podiam jogar seus

projéteis de além Ratonas, livres do alcance dos sete e meio que tínhamos. Pode ser também que tivesse alguma lutazinha pequena na própria tropa com que contávamos, pois que nela havia um ou outro desbriado escravo de Vazantão.

Se a força que invadia Santa Catarina dispusesse de artilharia, desde Imbituba teria hostilizado com vantagem os navios da esquadra, e nem esses se animariam a enfrentar os canhões calibre 10 da nossa artilharia pesada, mas não tinha uma peça, e mesmo era formada de paisanos armados, mui próprios para usar o lenço vermelho em pescoço alheio, mas incapazes de fazer uma pontaria com artilharia.

Nada se pode dizer quanto ao procedimento das forças que entraram na Capital, tanto oficiais como soldados da polícia militar de Rio Grande. Tampouco se pode dizer da legião Aranha, composta de doutores e mais gente de elite. Eles procederam de maneira a captar simpatias, pelo menos até o dia 8 de novembro, data em que abandonei para sempre minha querida terra.

No dia da chegada de Ptolomeu de Assis Brasil, o conhecido Capa Touros no Rio Grande do Sul, cumprindo um dever de camarada, fardei-me e fui esperá-lo em Palácio, onde encontrei já o General Octavio Valga Neves, que até 24 horas do dia anterior comandava as forças da fronteira do Sul, subordinado ao General João Nepomuceno da Costa, e que às 10 horas do dia seguinte já se apresentava como revolucionário legítimo; o capitão do porto de Florianópolis, um tal Melchiades, que teve a ousadia de apresentar à sociedade florianopolitana uma meretriz como esposa legítima, e mais o General Acastro de Campos, os três a quem foi passado o governo do estado pelo presidente em fuga.

Naturalmente, esse encontro nada indicava de bom para o futuro da República Nova, pois começava aproveitando elementos da ordem moral da trindade acima mencionada, mas que fazer?

Aparecendo ali o Dr. Henrique Rupp, convidou-me para chegar até uma saleta onde se achava Assis Brasil, e, acompanhando-o, fiquei altamente surpreendido ao encontrar sentados ao lado de Assis Brasil Valga Neves e Nereu. Tratava-se de fazer com que Assis Brasil aceitasse o lugar de interventor, porque era uma medida de prudência evitar que o supremo mando do estado caísse em mão de qualquer político local, que aproveitaria a oportunidade para prática de muitos atos que tínhamos por princípio de honra não consentir.

Assis Brasil, ali na minha e na presença de Rupp, teceu rasgados elogios a Valga Neves como bom revolucionário e prestimoso catarinense. Entrou logo em considerações sobre a ação política revolucionária de Nereu, fez um elogiozinho a Rupp, olhou-me meio de esguelha e calou-se. Tive ímpetos de confundir aqueles dois no mesmo instante, mas achei que seria melhor aguardar outra ocasião, porque um escandalozinho entre quatro não surte o efeito do grande escândalo entre a multidão. E a oportunidade não demorou.

No momento em que o magnata gabrielense voltava com sua *entourage* lá de um recôndito ou escuso palácio, pedi-lhe um momento de atenção. “Estou com pressa”, respondeu-me como quem responde a um posteiro dos seus campos. Procurei não me exaltar, coisa difícil para quem tem um temperamento como o meu, mas vitória esplêndida que alcancei sobre mim mesmo, e disse: “O general ainda pouco faltou-me com a devida consideração, elogiou na minha presença serviços de Rupp e Nereu e, pulando por sobre todas as conveniências, chamou de camarada e revolucionário um traidor de três revoluções. Traidor em 24, traidor outra vez no mesmo ano e traidor agora; em 24 traidor duas vezes aos camaradas com quem se tinha comprometido e ficando ao lado de Bernardes; traidor agora ao Governo de Washington Luiz, a quem serviu até ontem à meia-noite.

Eu sou, disse-lhe, um revolucionário de 22, de 24 e de sempre enquanto não separarmos completamente o joio do trigo nesta Pátria infeliz, um companheiro de Isidoro Dias Lopes, de Villeroy, de Manoel Rabello, de João Alberto, de Prestes e de toda essa multidão de homens briosos que não se vendem por lantejoulas.

Tenho na minha fé de ofício uma mancha, bem negra aliás, a assinatura de Arthur Bernardes, o bandido de ontem prestigiado hoje pelos que das revoluções só desejam os encargos políticos e lucrativos.

“Agora ouça: esta multidão que nos rodeia com lenços, lençóis e até cobertores vermelhos no pescoço, ainda ontem juravam aos seus deuses – Pecúnia – que morreriam pelo governo constituído”.

Disse, falei sempre com as mãos nas coronhas de dois revólveres, não fiz acionados, e... calmamente, retirei-me esperando que me prendessem mais uma vez.

Hoje, naturalmente, se interrogarmos uns dos que assistiram àquela cena, dirão de nada lembrar, mesmo porque está na curul governamental do estado um representante da oligarquia neraica.

O Sr. Assis Brasil foi muito delicado ou não passou de um covarde, pois, ante as ofensas que proferi, devia tomar uma medida qualquer enérgica que salvasse sua reputação de homem. Não o fez, por isso...

Hoje está explicado o caso. Dias depois, dois ou três, não lembro, S. Ex. convidava-me a ir falar-lhe e fui.

Perguntou-me de abrupto: “Conhece o Coronel Vidal Ramos?”. “Sim, conheço-o.” “E o que me diz a seu respeito?”. “Que é um homem honrado, foi um probo governador, é meu inimigo.”

“E conhece também Nereu?” “Do mesmo modo, homem sem vícios, bom e inteligente advogado, mas (...) perseguidor. E também meu inimigo.”

“Por que deseja S. Ex. saber a minha opinião sobre dois indivíduos a quem só devia desgostos? Pretenderia o Sr. Assis Brasil experimentar-me?”

A intenção de Nereu (...) foi afastar um concorrente. Teve medo de que eu fosse escolhido para interventor, entretanto, nunca me tinha passado pela mente subir a um lugar que só me traria desgosto, porque, sem alimentar vaidades, sem ser um cabotino, sabia que os cargos públicos políticos, no nosso país pelo menos, só serviram, servem e servirão para amargurar uma existência honrada, e fazer inflar os ladrões de sempre, que subsistirão por serem ladrões.

